

GAZETA DO POVO



# ÍNDICE

## PARTE 1

**006** – *Capítulo 1*

**044** – *Capítulo 2*

**063** – *Capítulo 3*

**081** – *Capítulo 4*

**104** – *Capítulo 5*

**136** – *Capítulo 6*

**149** – *Capítulo 7*

**174** – *Capítulo 8*



# PARTE 2

**221 - Capítulo 1**

**247 - Capítulo 2**

**269 - Capítulo 3**

**291 - Capítulo 4**

**314 - Capítulo 5**

**334 - Capítulo 6**

**341 - Capítulo 7**

**357 - Capítulo 8**

**387 - Capítulo 9**



# PARTE 3

**480 - Capítulo 1**

**511 - Capítulo 2**

**557 - Capítulo 3**

**586 - Capítulo 4**

**604 - Capítulo 5**

**615 - Capítulo 6**





# capítulo 1



**E**ra um dia claro e frio de abril e os relógios marcavam treze horas. Winston Smith, seu queixo abaixado de encontro ao peito numa tentativa de escapar do vento infame, passou rápido pelas portas de vidro das Mansões da Vitória, ainda que não rápido o suficiente para evitar que um montinho de poeira fina entrasse junto com ele.

O hall de entrada tinha cheiro de repolho cozido e tapetes velhos de retalhos. Um cartaz grande demais para ser exposto internamente estava fixado em uma das extremidades. Mostrava simplesmente um rosto enorme, mais de um metro de largura: o rosto de um homem de cerca de 45 anos, com um bigode preto farto e traços acidentalmente bonitos. Winston alcançou as escadas. Não adiantava chamar o elevador. Raramente estava funcionando, mesmo em momentos melhores, e atualmente a energia elétrica ficava desligada durante o dia. Isso era parte de um esforço econômico em preparação para a Semana do Ódio. O apartamento ficava no sétimo andar e Winston, que tinha 39 anos de idade e uma úlcera varicosa logo acima

[voltar para o índice](#)

do tornozelo direito, subiu devagar, fazendo várias pausas durante o caminho. Em cada andar, na parede do lado oposto ao poço do elevador, o pôster com o rosto enorme encarava quem passasse. Era uma dessas imagens que dão a impressão de que os olhos continuavam seguindo você depois que você passa. O GRANDE IRMÃO ESTÁ VENDENDO VOCÊ, lia-se a legenda.

Dentro do apartamento, uma voz doce estava lendo uma lista de números que tinham algo a ver com a produção de ferro. A voz vinha de uma placa metálica longa parecida com um espelho opaco que fazia parte da superfície da parede da direita. Winston girou um interruptor e a voz abaixou um pouco, embora as palavras ainda fossem distinguíveis. O instrumento (a teletela, como era chamado) podia ser escurecido, mas não era possível desligá-lo completamente. Winston foi até a janela: tinha uma aparência pequena e frágil, a magreza de seu corpo era enfatizada pelo macacão azul que era o uniforme oficial do partido. Seu cabelo era muito claro, seu rosto naturalmente sanguíneo, sua pele

[voltar para o índice](#)

áspera por conta do sabão grosso e das lâminas de barbear cegas e do frio do inverno que tinha acabado de terminar.

Lá fora, mesmo através do vidro da janela fechada, o mundo parecia frio. Na rua, pequenos redemoinhos de vento levantavam o pó e os papéis rasgados, e, embora o sol brilhasse e o céu fosse azul vivo, nada parecia ter cor, exceto os cartazes que estavam colados em todos os lugares. O bigode negro ficava vigiando todos em cada esquina. Havia um na fachada da casa oposta. O GRANDE IRMÃO ESTÁ VENDENDO VOCÊ, dizia a legenda, enquanto os olhos escuros olhavam profundamente para os olhos do próprio Winston. Ao nível da rua, outro cartaz, rasgado em uma esquina e sendo dobrado pelo vento, cobrindo e descobrindo alternadamente uma única palavra: SOCING. Ao longe, um helicóptero vigiava os telhados, ficando parado por um instante como uma mosca, e retomando o voo com uma curva. Era a patrulha policial, bisbilhotando as janelas das pessoas. As patrulhas, porém, não importavam. A única coisa que

[voltar para o índice](#)

importava era a Polícia do Pensamento.

Nas costas de Winston, a voz da teletela ainda balbuciava sobre o ferro e o sucesso exacerbado do Nono Plano de Três Anos. A teletela recebia e transmitia ao mesmo tempo. Qualquer som que Winston fizesse acima do nível de um sussurro seria captado por ela. Além disso, enquanto ele permanecesse dentro do campo de visão da placa metálica, ele também poderia ser visto. Claro que não havia como saber se alguém estava sendo observado em um dado momento. Saber a frequência, ou com qual sistema, a Polícia do Pensamento se conectava a uma determinada escuta era pura adivinhação. Era até possível conceber que eles observavam a todos o tempo todo. Mas, de qualquer forma, eles podiam se conectar à sua escuta sempre que quisessem. Você tinha que viver – e vivia, com um hábito que se tornou instinto – na suposição de que todo som que fazia era ouvido, e, exceto na escuridão, todo movimento era escrutinado.

[voltar para o índice](#)

Winston manteve suas costas voltadas para a tela. Era mais seguro mas, como ele bem sabia, até mesmo as costas podem ser reveladoras. A um quilômetro de distância, o Ministério da Verdade, onde trabalhava, se erguia grande e branco sobre a paisagem sombria. Esta, ele pensava com uma certa aversão – esta era Londres, cidade chefe da Primeira Faixa Aérea, ela mesma a terceira cidade mais populosa das províncias da Oceania. Ele tentou puxar alguma memória de infância que deveria lhe confirmar se Londres sempre fora assim. Será que estas vistas de casas do século XIX apodrecidas, com os lados escorados por barrotes de madeira, janelas remendadas com papelão e telhados com ferro enrugado, com as paredes dos jardins se inclinando em todas as direções, sempre existiram? E os locais bombardeados, onde o pó de gesso girava no ar e o salgueiro se agarrava aos montes de escombros; e os lugares onde as bombas haviam destruído um pedaço maior e haviam surgido colônias sórdidas de moradias de madeira como se fossem galinheiros? Mas não adiantava, ele não conseguia se lembrar: nada restava de sua

[voltar para o índice](#)

infância, exceto uma série de painéis iluminados e sem fundo e, na maioria das vezes, ininteligíveis.

O Ministério da Verdade – Minivero, em Novalíngua – era surpreendentemente diferente de qualquer outro objeto à vista. Era uma enorme estrutura piramidal de concreto branco cintilante, que se elevava, terraço após terraço, 300 metros no céu. De onde Winston estava, ainda era possível ler, destacados da fachada branca com uma fonte elegante, os três slogans do Partido:

**GUERRA É PAZ**

**LIBERDADE É ESCRAVIDÃO**

**IGNORÂNCIA É FORÇA**

O Ministério da Verdade continha, assim se dizia, três mil salas acima do nível do solo, e as ramificações correspondentes abaixo. Espalhados por Londres, havia apenas três outros edifícios de aparência e tamanho similares. A arquitetura circundante era tão mais baixa que do telhado das Mansões da Vitória se podia ver os quatro prédios

[voltar para o índice](#)

simultaneamente. Eram as casas dos quatro Ministérios entre os quais todo o aparato do governo estava dividido. O Ministério da Verdade, que se preocupava com notícias, entretenimento, educação e artes plásticas. O Ministério da Paz, que se preocupava com a guerra. O Ministério do Amor, que mantinha a lei e a ordem. E o Ministério de Abundância, que se ocupava dos assuntos econômicos. Seus nomes em Novalíngua eram: Minivero, Minipax, Miniamo, e Minibun.

O Ministério do Amor era o mais assustador. Não havia nenhuma janela nele. Winston nunca havia estado dentro do Ministério do Amor, nem a menos de meio quilômetro dele. Era um lugar impossível de entrar a não ser em negócios oficiais, e mesmo então só através de um labirinto emaranhado de arame farpado, portas de aço e covis secretos de metralhadoras. Até mesmo as ruas que levavam às suas barreiras externas eram percorridas por guardas com cara de gorila em uniformes pretos, armados com porretes articulados.

[voltar para o índice](#)

Winston se virou de repente. Ele tinha preparado suas expressões para mostrar um otimismo calmo, cujo uso era recomendado ao se encarar a tela. Ele atravessou a sala em direção à pequena cozinha. Ao deixar o Ministério nesta hora do dia, ele havia sacrificado seu almoço na cantina, e estava ciente de que não havia comida na cozinha, exceto um pedaço de pão de cor escura que tinha que ser guardado para o café da manhã de amanhã. Ele tirou da prateleira uma garrafa de líquido incolor com um rótulo branco simples com a marca GIN DA VITÓRIA. A bebida emitia um cheiro adocicado e oleoso, como da bebida chinesa de arroz. Winston quase encheu uma xícara de chá, se preparou para um choque e engoliu tudo de uma vez, como se fosse um remédio.

Instantaneamente, seu rosto ficou vermelho e lágrimas correram de seus olhos. A substância era tipo ácido nítrico e, além disso, ao engoli-la se tinha a sensação de ser atingido na parte de trás da cabeça com um taco. No momento seguinte, porém, a queimadura em sua barriga morreu e o

[voltar para o índice](#)

mundo começou a parecer mais alegre. Ele pegou um cigarro de um maço amassado marcado com CIGARROS DA VITÓRIA e o segurou descuidadamente na vertical, fazendo o tabaco cair no chão. Com o próximo, ele teve mais sucesso. Ele voltou para a sala de estar e sentou-se em uma pequena mesa que ficava à esquerda da teletela. Da gaveta da mesa ele tirou um estojo de canetas, uma garrafa de tinta e um livro espesso, em branco, do tamanho de um quarto, com um fundo vermelho e uma capa marmorizada.

Por alguma razão, a teletela da sala de estar estava em uma posição incomum. Em vez de ser colocada, como era normal, na parede do fundo, onde poderia comandar toda a sala, estava na parede mais longa, em frente à janela. De um lado dela havia uma alcova estreita, na qual Winston estava agora sentado, e que, quando os apartamentos foram construídos, provavelmente se destinavam a segurar estantes de livros. Ao sentar-se na alcova, e mantendo-se bem ao seu fundo, Winston conseguia permanecer fora do alcance do teletela,

[voltar para o índice](#)

ao menos em termos de visão. Ele podia ser ouvido, é claro, mas enquanto permanecesse em sua posição atual, não poderia ser visto. Foi em parte a geografia incomum da sala que lhe sugeriu o que ele estava prestes a fazer agora.

Mas o livro que tinha acabado de tirar da gaveta também tinha culpa. Era um livro de uma beleza peculiar. Seu papel cremoso suave, um pouco amarelado pela idade, era de um tipo que não era fabricado há pelo menos quarenta anos. Ele podia adivinhar, havia entanto, que o livro era muito mais antigo que isso. Ele o tinha visto deitado na janela de uma pequena loja de sucata, em um bairro da favela da cidade (ele não se lembrava exatamente qual bairro agora) e tinha sido imediatamente abalado por um desejo avassalador de possuí-lo. Os membros do Partido não deveriam entrar em lojas comuns (“negociar no mercado livre”, era assim que isso se chamava), mas a regra não era mantida rigorosamente, porque havia várias coisas, como cadarços de sapatos e lâminas de barbear, que eram impossíveis de se ter de

[voltar para o índice](#)

outra forma. Ele tinha dado uma olhada rápida para os dois lados da rua e depois tinha entrado e comprado o livro por dois dólares e cinquenta. Na época, ele não estava consciente do propósito para o qual queria o livro. Ele o havia levado com culpa para casa em sua maleta. Mesmo sem ter nada escrito nele, era um bem comprometedor.

A coisa que ele estava prestes a fazer era começar um diário. Isto não era ilegal (nada era ilegal, já que não havia mais leis), mas se fosse detectado era razoavelmente certo que seria punido com a morte, ou pelo menos com vinte e cinco anos em um campo de trabalho forçado. Winston encaixou a ponta da pena no cabo e sugou para tirar os resíduos. A pena era um instrumento arcaico, usada raramente até mesmo para assinaturas, e ele havia adquirido uma, furtivamente e com alguma dificuldade, simplesmente por causa da sensação de que o belo papel cremoso merecia ser riscado por uma pena real e não uma caneta qualquer. Na verdade, ele não estava acostumado a escrever à mão. Com

[voltar para o índice](#)

exceção de anotações muito curtas, era mais usual ditar tudo na escrita falada, o que era, obviamente, impossível para seu propósito atual. Ele mergulhou a caneta na tinta e depois vacilou por apenas um segundo. Um tremor havia passado por suas entranhas. Marcar o papel foi o ato decisivo. Com letras pequenas e desajeitadas, ele escreveu:

### ***04 de abril de 1984***

Ele se inclinou para trás. Uma sensação de impotência completa havia descido sobre ele. Para começar, ele não tinha certeza nenhuma de que era 1984. Deve ser em torno dessa data, pois ele tinha bastante certeza de que tinha 39 anos de idade, e acreditava ter nascido em 1944 ou 1945; mas hoje em dia era impossível precisar uma data dentro do intervalo de um ou dois anos.

Para quem, de repente lhe ocorreu perguntar, ele estava escrevendo este diário? Para o futuro, para os que ainda não nasceram. Sua mente se perdeu em devaneios em torno da data duvidosa na pá-

[voltar para o índice](#)

gina, e depois se deparou com a palavra da Novalíngua “*duplopensar*”. Pela primeira vez, se deu conta da magnitude do que ele estava empreendendo. Como poderia se comunicar com o futuro? Era impossível por natureza. Ou o futuro se assemelharia ao presente e, nesse caso, não o ouviria; ou seria diferente e sua situação não faria sentido.

Durante algum tempo, ficou olhando estupidamente para o papel. A teletela começara a tocar uma música militar estridente. Era curioso que parecesse que ele não apenas tinha perdido o poder de se expressar, mas também esquecido o que tinha a intenção de dizer originalmente. Ele se preparava para este momento há semanas, e nunca lhe passou pela cabeça que necessitava de outra coisa exceto coragem. A escrita propriamente dita seria fácil. Tudo o que ele tinha que fazer era transferir para o papel o interminável monólogo inquieto que estava acontecendo dentro de sua cabeça, literalmente por anos. Neste momento, no entanto, até mesmo o monólogo havia se calado. Além disso, sua úlcera varicosa havia começado a coçar

[voltar para o índice](#)

de maneira insuportável. Ele não ousava arranhá-la porque, se o fizesse, ela inflamaria. Os segundos estavam passando. Ele não estava consciente de nada, exceto do vazio da página à sua frente, a coceira da pele acima do tornozelo, o barulho da música, e uma leve tontura causada pelo gin.

De repente, ele começou a escrever em pânico, consciente apenas em parte do que estava passando para a página. Sua caligrafia pequena, mas infantil, foi se arrastando, derramando primeiro suas letras maiúsculas e, finalmente, até mesmo seus pontos finais:

*04 de abril de 1984. Ontem à noite para o cinema. Todos os filmes de guerra. Um muito bom de um navio cheio de refugiados sendo bombardeado em algum lugar do Mediterrâneo. O público se divertiu muito com os tiros de um homem gordo grande e enorme tentando nadar com um helicóptero atrás dele, primeiro dava para ver ele chafurdando na água como um tonto, depois através dos tiros dos helicópteros, depois*

[voltar para o índice](#)

*ele estava cheio de buracos e o mar à sua volta ficou rosado e ele afundou como se os buracos tivessem deixado entrar na água, o público gritando de tanto rir quando ele afundou. depois tinha um bote salva-vidas cheio de crianças com um helicóptero pairando sobre ele. tinha uma mulher de meia idade que poderia ter sido uma judia sentada no arco com um menino de aproximadamente três anos de idade em seus braços. menino gritando de susto e escondendo sua cabeça entre seus seios como se estivesse tentando se enterrar nela e a mulher colocando seus braços em volta dele e o confortando embora ela mesma estivesse branca de susto o tempo todo cobrindo-o o máximo possível como se ela achasse que seus braços poderiam manter as balas longe dele. Então o helicóptero mandou uma bomba de 20 quilos entre eles um tremendo flash e o barco virou todo palito de fósforo. então houve uma tomada maravilhosa do braço de uma criança subindo pelo ar um helicóptero com uma câmera no nariz deve ter seguido ele para cima e teve muitos aplausos dos*

[voltar para o índice](#)

*assentos do partido mas uma mulher na parte da prole de repente começou a chutar para cima um alvoroço e gritos que eles não deviam ter mostrado não na frente das crianças não o fizeram direito não na frente das crianças não o fizeram até que a polícia tirou tirou ela para fora eu não imagino que tenham feito algo com ela ninguém se importa com o que os proles dizem, típica reação da prole eles nunca –*

Winston parou de escrever. Em parte porque estava sofrendo de câibras. Ele não sabia o que o tinha feito derramar este fluxo de lixo. Mas o curioso era que enquanto o fazia, uma memória totalmente diferente tinha se esclarecido em sua mente, ao ponto de quase se sentir à altura de escrevê-la. Foi por causa deste outro incidente que ele decidiu de repente voltar para casa e começar o diário hoje.

Tinha acontecido naquela manhã no Ministério, se é que **“acontecer”** é a palavra que se usa para algo tão nebuloso.

[voltar para o índice](#)

Eram quase onze centenas e, no Departamento de Registros, onde Winston trabalhava, todos arrastavam as cadeiras para fora dos cubículos e as agrupavam no centro do salão em frente à grande teletela, em preparação para o Ódio de Dois Minutos. Winston estava tomando seu lugar em uma das fileiras do meio quando duas pessoas que ele conhecia de vista, mas com quem nunca tinha falado, entraram inesperadamente na sala. Uma delas era uma garota com quem ele cruzava com frequência nos corredores. Ele não sabia o nome dela, mas sabia que ela trabalhava no Departamento de Ficção. Presumivelmente – já que ele a tinha visto às vezes com as mãos oleosas e carregando uma chave inglesa, ela tinha algum trabalho mecânico em uma das máquinas de escrever romances. Ela era uma garota de aparência ousada, de cerca de vinte e sete anos, com cabelo grosso, rosto com sardas e movimentos rápidos e atléticos. Uma faixa escarlate estreita, emblema da Liga Júnior Antissexo, estava enrolada várias vezes na cintura de seu macacão, apertada apenas o suficiente para realçar a forma de seus quadris. Winston não

[voltar para o índice](#)

gostou dela desde o primeiro momento em que a viu. Ele sabia por quê. Foi por causa da atmosfera de campos de hóquei e banhos frios e caminhadas comunitárias e da mente limpa em geral que ela conseguia levar consigo. Ele não gostava da maioria das mulheres, especialmente das jovens e bonitas. Sempre foram as mulheres, e sobretudo as jovens, as adeptas mais fanáticas do Partido, as que engoliam slogans, as espiãs amadoras e dedos-duros da falta de ortodoxia. Mas esta menina em particular lhe deu a impressão de ser mais perigosa do que a maioria. Uma vez, quando eles se cruzaram no corredor, ela olhou para ele rapidamente com o canto dos olhos, e seu olhar parecia o trespassar em cheio. Por um momento, ele se encheu de terror. A ideia de que ela poderia ser uma agente da Polícia do Pensamento chegou a passar por sua mente. Isso, na verdade, era muito improvável. Mesmo assim, ele continuava a sentir um mal-estar peculiar, de medo misturado com hostilidade, sempre que ela estava perto dele.

[voltar para o índice](#)

A outra pessoa era um homem chamado O'Brien, um membro do Partido Interno que ocupava algum cargo importante e remoto, sobre o qual Wilson tinha apenas uma vaga ideia. Um burburinho momentâneo passou pelo grupo de pessoas ao redor das cadeiras quando elas viram os macacões pretos de um membro do Partido Interno se aproximando. O'Brien era um homem largo, corpulento com um pescoço grosso e um rosto grosseiro, engraçado e bruto. Apesar de sua aparência formidável, sua maneira tinha um certo charme. Ele tinha um jeito de ajeitar seus óculos no nariz que era curiosamente desarmante – de alguma forma indefinível, curiosamente civilizado. Era um gesto que, se alguém ainda tivesse pensado em tais termos, poderia ter lembrado um nobre do século XVIII oferecendo sua caixa de rapé. Winston tinha visto O'Brien talvez uma dúzia de vezes em um número parecido de anos. Ele se sentia profundamente atraído por ele, e não apenas porque estava intrigado com o contraste entre a maneira urbana de O'Brien e seu físico de lutador. Muito mais por causa de uma crença mantida secreta-

[voltar para o índice](#)

mente – ou talvez nem mesmo uma crença, apenas uma esperança – de que a ortodoxia política de O’Brien não fosse perfeita. Algo em seu rosto sugeria isso de forma irresistível. E novamente, talvez nem sequer fosse uma ortodoxia que estivesse escrita em seu rosto, mas simplesmente inteligência. Mas de qualquer forma ele tinha a aparência de ser uma pessoa com quem se podia falar se de alguma forma se pudesse enganar a teletela e encontrá-lo sozinho. Winston nunca havia feito o menor esforço para verificar este palpite: de fato, não havia como fazer isso. Neste momento O’Brien olhou para seu relógio de pulso, viu que eram quase onze centenas e evidentemente decidiu ficar no Departamento de Registros até que o ódio de dois minutos tivesse terminado. Ele pegou uma cadeira na mesma fila que Winston, a alguns lugares de distância. Uma mulher pequena, de cabelos arenosos, que trabalhava no cubículo ao lado de Winston, estava entre eles. A garota de cabelos escuros estava sentada imediatamente atrás.

[voltar para o índice](#)

No momento seguinte, um discurso horrível, como se fosse uma máquina monstruosa funcionando sem óleo, explodiu da grande teletela no final da sala. Foi um barulho que fazia os dentes rangerem e arrepiava os cabelos na parte de trás do pescoço. O Ódio tinha começado.

Como sempre, o rosto de Emmanuel Goldstein, o Inimigo do Povo, havia piscado na tela. Havia assobios aqui e ali entre a plateia. A pequena mulher de cabelos arenosos deu um guincho que misturava medo e repugnância. Goldstein era o renegado e abdicado que uma vez, há muito tempo (há quanto tempo, ninguém se lembrava), havia sido uma das figuras principais do Partido, quase no mesmo nível do próprio Grande Irmão, e depois havia se envolvido em atividades contrarrevolucionárias, havia sido condenado à morte, e havia escapado misteriosamente e desaparecido. Os programas do Ódio de Dois Minutos variavam de dia para dia, mas não havia nenhum em que Goldstein não fosse a figura principal. Ele era o traidor primordial, o mais antigo defraudador da pureza

[voltar para o índice](#)

do Partido. Todos os crimes subsequentes contra o Partido, todas as traições, atos de sabotagem, heresias, desvios, brotaram diretamente de seu ensinamento. Em algum lugar ou outro ele ainda estava vivo e chocando conspirações: talvez em algum lugar além do mar, sob a proteção de seus financiadores estrangeiros, talvez até mesmo – ao menos esses eram os rumores – escondido em algum lugar na própria Oceania.

Winston sentiu uma grande pressão no diafragma. Ele não conseguia ver o rosto de Goldstein sem sentir uma mistura dolorosa de emoções. Era um rosto judeu magro, com uma auréola grande e felpuda de cabelos brancos e uma pequena barbi-cha – um rosto inteligente, mas de alguma forma inerentemente desprezível, com uma espécie de tolice senil no nariz fino e longo, um par de óculos empoleirado em sua ponta. Parecia o rosto de uma ovelha, e a voz, também, tinha um jeito de ovelha. Goldstein estava entregando seu habitual ataque venenoso às doutrinas do Partido – um ataque tão exagerado e perverso que até uma criança seria

[voltar para o índice](#)

capaz de entender, e ainda assim plausível o suficiente para encher qualquer um com a sensação alarmante de que outras pessoas, menos educadas que si mesmas, poderiam ser levadas por ele. Ele estava abusando do Grande Irmão, ele estava denunciando a ditadura do Partido, ele estava exigindo o fim imediato da paz com a Eurásia, ele estava defendendo a liberdade de expressão, liberdade de imprensa, liberdade de reunião, liberdade de pensamento, ele estava chorando histericamente que a revolução tinha sido traída – e tudo isso em um rápido discurso polissilábico que era uma espécie de paródia do estilo habitual dos oradores do Partido, e até mesmo continha palavras na Nova Língua: na realidade, mais palavras na Nova Língua do que qualquer membro do Partido normalmente usaria na vida real. E durante todo o tempo, para que não se tenha dúvidas quanto à realidade sobre a qual a verborragia ilusória de Goldstein falava, marchavam atrás de sua cabeça na teletela as colunas intermináveis do exército eurasiático – fila após fila de homens de aparência robusta com traços asiáticos sem ex-

[voltar para o índice](#)

pressão, que se aproximava da superfície da tela e desapareciam para serem substituídos por outros exatamente semelhantes. A marcha rítmica e monótona das botas dos soldados formava o pano de fundo para a voz lamuriosa de Goldstein.

Antes mesmo que o Ódio tivesse alcançado trinta segundos, exclamações incontrolláveis de raiva estavam surgindo em metade das pessoas na sala. O rosto de ovelha satisfeita na tela e o poder aterrorizante do exército eurasiático por trás dele eram demais para se suportar: além disso, ver ou até mesmo pensar em Goldstein produzia medo e raiva automaticamente. Ele era um objeto de ódio mais constante que Eurásia ou Lestásia, pois quando a Oceania estava em guerra com uma destas potências, geralmente estava em paz com a outra. Mas o que era estranho era que embora Goldstein fosse odiado e desprezado por todos, embora suas teorias fossem refutadas, esmagadas, ridicularizadas, reprimidas e levadas para o lixo pelo menos umas mil vezes todos os dias em palanques, na teletela, nos jornais e nos livros,

[voltar para o índice](#)

sua influência não parecia diminuir. Sempre havia mais pessoas esperando para serem seduzidas por ele. Não passou nenhum dia sem que algum espião ou sabotador agindo sob suas ordens não fosse desmascarado pela Polícia do Pensamento. Ele era o comandante de um vasto exército sombrio, uma rede subterrânea de conspiradores dedicados à derrubada do Estado. A Irmandade, dizem que é assim que se chama. Também existiam rumores que Goldstein escreveu um livro terrível, uma antologia de heresias, que circulava clandestinamente aqui e ali. Era um livro sem título. As pessoas se referiam a ele, se é que se referiam, simplesmente como o livro. Mas só se sabia disso por rumores muito obscuros. Nem a Irmandade nem o livro eram assuntos que qualquer membro comum do Partido mencionaria se houvesse uma maneira de evitar.

Em seu segundo minuto, o Ódio subia a um frenesi. As pessoas pulavam para cima e para baixo em seus lugares e gritavam do alto de suas vozes, num esforço para abafar a voz louca que saía da

[voltar para o índice](#)

tela. O rosto da pequena mulher de cabelos arenosos tinha ficado rosa vivo, e sua boca estava se abrindo e fechando como a de um peixe fora d'água. Até mesmo a cara pesada de O'Brien estava avermelhada. Ele estava sentado muito ereto em sua cadeira, seu poderoso peito inchando e tremendo como se estivesse enfrentando a força de uma onda. A menina de cabelos escuros atrás de Winston tinha começado a gritar **“Porco! Porco! Porco!”** e, de repente, ela pegou um dicionário pesado de Novalíngua e o atirou em direção à tela. O livro bateu no nariz de Goldstein e voltou; a voz continuou inexoravelmente. Num momento lúcido, Winston descobriu que estava gritando com os outros e chutando seu calcanhar violentamente contra sua cadeira. A parte mais horrível dos Dois Minutos de Ódio não era que as pessoas fossem obrigadas a participar mas, pelo contrário, que era impossível não participar. Depois de trinta segundos, qualquer fingimento era sempre desnecessário. Um êxtase horrível de medo e vingança, um desejo de matar, de torturar, de esmagar rostos com um martelo, parecia fluir através

[voltar para o índice](#)

de todo o grupo de pessoas como uma corrente elétrica, transformando qualquer pessoa, mesmo contra a sua vontade, em um lunático gritante e irritante. E, ainda assim, a raiva que se sentia era uma emoção abstrata, não dirigida, que podia ser trocada de um objeto para outro como a chama de um lampião. Assim, em certo momento, o ódio de Winston não se voltou contra Goldstein, mas, ao contrário, contra o Grande Irmão, o Partido e a Polícia do Pensamento; e em tais momentos, seu pensamento ia para o herege solitário e ridicularizado na teletela, o único guardião da verdade e da sanidade em um mundo de mentiras. E, no instante seguinte, ele concordava com as pessoas a respeito de Goldstein, e tudo o que se dizia sobre ele parecia ser verdade. Naqueles momentos, sua aversão secreta ao Grande Irmão transformava-se em adoração, e o Grande Irmão parecia elevar-se, um protetor invencível e destemido, de pé como uma rocha contra as hordas da Ásia, e Goldstein, apesar de seu isolamento, sua impotência e a dúvida que pairava sobre sua própria existência, parecia um feiticeiro sinistro, capaz pelo

[voltar para o índice](#)

simples poder de sua voz de destruir a estrutura da civilização.

Era até possível, em alguns momentos, trocar o ódio de um jeito ou de outro através de um ato voluntário. De repente, pelo tipo de esforço violento com o qual se afasta a cabeça do travesseiro num pesadelo, Winston conseguiu transferir seu ódio do rosto na tela para a garota de cabelos escuros atrás dele. Alucinações vívidas e belas passaram por sua mente. Ele a açoitaria até a morte com um cassetete de borracha. Ele a amarraria nua a uma estaca e a atingiria com flechas como São Sebastião. Ele a pegaria e cortaria sua garganta no momento do clímax. Além disso, mais do que antes, ele percebeu porque a odiava. A odiava porque ela era jovem, bonita e não se interessava por sexo, porque ele queria ir para a cama com ela e nunca conseguiria, porque ao redor de sua doce cintura flexível, que parecia pedir-lhe que a circundasse com seu braço, havia apenas a odiosa faixa escarlate, símbolo agressivo da castidade.

[voltar para o índice](#)

O Ódio chegou ao clímax. A voz de Goldstein havia se tornado um verdadeiro balido, e por um instante seu rosto se transformou em uma ovelha. Então o rosto de ovelha derreteu na figura de um soldado eurasiiano que parecia estar avançando, enorme e terrível, sua submetralhadora rugindo. Ele parecia brotar da superfície da tela, de modo que algumas das pessoas da fila da frente realmente recuavam para trás em seus assentos. Mas, no mesmo instante, com um suspiro profundo de alívio de todos, a figura hostil se transformou no rosto do Grande Irmão, de cabelos pretos e bigode negro, cheio de poder e calma misteriosa, e tão vasto que quase encheu a tela. Ninguém ouviu o que o Grande Irmão estava dizendo. Eram apenas algumas palavras de encorajamento, o tipo de palavras que são pronunciadas no alvoroço da batalha, não distinguíveis individualmente, mas só de serem ditas restauravam a confiança. Então o rosto do Grande Irmão desapareceu novamente, e os três slogans do Partido se destacaram na tela:

[voltar para o índice](#)

**GUERRA É PAZ**

**LIBERDADE É ESCRAVIDÃO**

**IGNORÂNCIA É FORÇA**

Mas o rosto do Grande Irmão parecia persistir por vários segundos na tela, como se o impacto que tinha causado nos olhos de todos fosse muito vívido para se desgastar imediatamente. A pequena mulher de cabelos arenosos tinha se atirado para frente sobre as costas da cadeira na sua frente. Com um murmúrio trêmulo que soava como **“Meu Salvador!”**, ela estendeu os braços em direção à tela. Então ela enterrou seu rosto em suas mãos. Era evidente que ela estava fazendo uma oração.

Neste momento, todo o grupo de pessoas entrou em um canto profundo, lento e rítmico de **“G-I!... G-I!”** – repetido, muito lentamente, com uma longa pausa entre o **“G”** e o **“I”** – um som pesado e murmurado, curiosamente um tanto selvagem, no fundo do qual se parecia ouvir a batida dos pés nus e o palpar dos tambores. O canto foi mantido durante cerca de trinta segundos. Era um re-

[voltar para o índice](#)

frão que muitas vezes era ouvido em momentos de emoção avassaladora. Era em parte uma espécie de hino à sabedoria e majestade do Grande Irmão, mas mais ainda um ato de auto-hipnose, um apagamento deliberado da consciência por meio de ruído rítmico. Um calafrio passava pelas entranhas de Winston. No Ódio de Dois Minuto, ele não conseguia evitar compartilhar o delírio geral, mas este canto sub-humano de **“G-I!... G-I!”** sempre o enchia de horror. É claro que ele cantava com os outros: era impossível não cantar. Dissimular seus sentimentos, controlar seu rosto, fazer o que todos os outros estavam fazendo, era uma reação instintiva. Mas havia um espaço de alguns segundos durante o qual a expressão de seus olhos poderia traí-lo. E foi exatamente nesse momento que a coisa significativa aconteceu – se é que, de fato, aconteceu.

Seus olhos encontraram o olhar de O’Brien por um breve momento. O’Brien tinha se levantado. Ele havia tirado seus óculos e estava recolocando-os em seu nariz com seu gesto característico. Mas

[voltar para o índice](#)

houve uma fração de segundo em que seus olhos se encontraram e, enquanto isso aconteceu, Winston soube – sim, ele soube! – que O’Brien estava pensando a mesma coisa que ele. Uma mensagem inconfundível havia sido passada. Era como se suas duas mentes tivessem se aberto e os pensamentos fluído de um para o outro através de seus olhos. **“Eu estou com você”**, O’Brien parecia ter dito a ele. **“Sei exatamente o que você está sentindo. Sei tudo sobre seu escárnio, seu ódio, sua repugnância. Mas não se preocupe, eu estou do seu lado”**. E então o lampejo da inteligência se foi, e o rosto de O’Brien se tornou tão inescrutável quanto o de todos os outros.

Isso era tudo, e ele nem tinha certeza se isso tinha de fato acontecido. Tais incidentes nunca tiveram nenhuma sequência. Tudo o que faziam era manter viva nele a crença, ou a esperança, de que existiam outros inimigos do Partido além dele. Talvez os rumores de vastas conspirações clandestinas fossem verdadeiros afinal de contas – talvez a Irmandade realmente existisse! Era impossível,

[voltar para o índice](#)

apesar das intermináveis prisões, confissões e execuções, ter certeza de que a Irmandade não era apenas um mito. Alguns dias ele acreditava nisso, outros não. Não havia provas, apenas vislumbres fugazes que poderiam significar qualquer coisa ou até mesmo nada: trechos de uma conversa ouvida por acaso, rabiscos fracos nas paredes do lavatório – uma vez, até mesmo, quando dois estranhos se encontraram, um pequeno movimento da mão que parecia ser um sinal de reconhecimento. Isso tudo era pura adivinhação: era possível que ele tivesse imaginado tudo isso. Ele tinha voltado ao seu cubículo sem olhar novamente para O'Brien. A ideia de acompanhar seu contato momentâneo nem sequer lhe passou pela cabeça. Teria sido inconcebivelmente perigoso, mesmo que ele soubesse como começar a fazer isso. Por um segundo, dois segundos, eles tinham trocado um olhar ambivalente, e isso foi o fim da história. Mas mesmo isso era um evento memorável na solidão trançada em que se tinha que viver.

[voltar para o índice](#)

Winston despertou e ajeitou na cadeira. Ele arrotou. O gin estava subindo de seu estômago.

Seus olhos se reorientaram na página. Ele descobriu que enquanto ficou sentado sem fazer nada, ele também estava escrevendo, como se fosse uma ação automática. E não era mais a mesma caligrafia apertada e constrangida de antes. Sua caneta havia deslizado voluptuosamente sobre o papel liso, imprimindo em letras maiúsculas grandes e arrumadas –

**FORA GRANDE IRMÃO**

várias vezes, preenchendo metade de uma página inteira.

Ele não pôde deixar de sentir uma pontada de pânico. Isso era um absurdo, já que a escrita dessas palavras específicas não era mais perigosa do que

[voltar para o índice](#)

o próprio ato de começar um diário, mas por um momento ele foi tentado a arrancar as páginas danificadas e abandonar completamente o empreendimento.

No entanto, ele não o fez, porque sabia que era inútil. Se ele escreveu FORA GRANDE IRMÃO, ou se ele se absteve de escrevê-lo, não fazia diferença. Se ele continuasse com o diário, ou se ele não continuasse com ele, não fazia diferença. A Polícia do Pensamento o pegaria da mesma forma. Ele tinha cometido – e teria cometido, mesmo que nunca tivesse colocado caneta no papel – o crime essencial que continha todos os outros em si mesmo. Um crime de pensamento, como era conhecido. Um crime de pensamento não era uma coisa que pudesse ser ocultada para sempre. Você conseguiria escapar por algum tempo, até mesmo por anos, mas mais cedo ou mais tarde era certo que eles o pegariam.

Era sempre à noite – as prisões aconteciam invariavelmente à noite. A saída repentina do sono

[voltar para o índice](#)

com uma sacudida, a mão áspera o pegando pelo ombro, as luzes brilhando nos olhos, o círculo de rostos duros ao redor da cama. Na grande maioria dos casos, não havia julgamento, não havia relatório de prisão. As pessoas simplesmente desapareciam, sempre durante a noite. Seu nome era retirado dos cadastros, todos os registros de tudo o que você já havia feito eram apagados, sua existência era negada e depois esquecida. Você era abolido, aniquilado: vaporizado era a palavra de costume.

Por um momento, ele foi tomado por uma espécie de histeria. Ele começou a escrever num rascunho desordenado e apressado:

eles vão atirar em mim eu não me importo eles vão atirar em mim na parte de trás do pescoço eu não me importo fora grande irmão eles sempre atiram em você na parte de trás do pescoço eu não me importo fora grande irmão –

[voltar para o índice](#)

Ele se inclinou na cadeira, ligeiramente envergonhado, e baixou a caneta. No momento seguinte, ele levantou com violência. Houve uma batida na porta.

Já! Ele se sentou imóvel como um rato, na esperança fútil de que quem quer que fosse pudesse ir embora após uma única tentativa. Mas não, a batida foi repetida. Demorar seria ainda pior. Seu coração estava batendo como um tambor, mas seu rosto, depois de ser seu hábito por tanto tempo, provavelmente não tinha expressão. Ele se levantou e se moveu com pesar em direção à porta.

[voltar para o índice](#)

# capítulo 2



**A**ssim que colocou a mão na maçaneta da porta, Winston percebeu que havia deixado o diário aberto sobre a mesa. FORA GRANDE IRMÃO estava escrito por toda parte, em letras grandes o suficiente para serem legíveis de qualquer canto da sala. Foi uma coisa inconcebivelmente estúpida de se fazer. Mas, ele percebeu que, mesmo em pânico, não queria fechar o caderno – não queria manchar o papel liso enquanto a tinta ainda estava molhada.

Ele respirou fundo e abriu a porta. Instantaneamente, uma onda quente de alívio fluiu através dele. Uma mulher pálida e de aparência arrasada, com cabelos ondulados e o rosto enrugado, estava do lado de fora.

**“Ah, camarada”**, ela começou com uma voz sombria e chorosa, **“Achei mesmo ter ouvido você entrar. Você acha que poderia passar lá em casa e dar uma olhada na pia da nossa cozinha? Ela entupiu e...”**

[voltar para o índice](#)

Era a sra. Parsons, esposa de um vizinho no mesmo andar (“*sra.*” era uma palavra um tanto descontinuada pelo Partido – você deveria chamar todos de “*camarada*” – mas era instintivo usar o tratamento com algumas mulheres). Ela era uma mulher de cerca de trinta anos, mas parecia muito mais velha. Winston tinha a impressão de que havia poeira nas dobras de seu rosto. Winston a seguiu pelo corredor. Estes trabalhos amadores de reparo eram uma irritação quase diária. As Mansões da Vitória eram apartamentos antigos, construídos em 1930 ou por aí, e estavam caindo aos pedaços. O gesso se soltava em flocos constantemente dos tetos e paredes, os canos estouravam a cada inverno, o telhado pingava sempre que havia neve, o sistema de aquecimento normalmente funcionava com metade da capacidade – isso quando não estava totalmente fechado por motivos de economia. Os reparos, exceto os que você podia fazer por si mesmo, tinham que ser sancionados por comitês remotos que eram capazes de atrasar até mesmo o conserto de um painel de janela por dois anos.

[voltar para o índice](#)

*“Claro, isso só porque Tom não está em casa”*, disse a Sra. Parsons vagamente.

O apartamento dos Parsons era maior que o de Winston, e encardido de uma maneira diferente. Tudo tinha um ar gasto e pisoteado, como se o lugar tivesse acabado de ser visitado por algum animal grande e violento. Equipamentos esportivos – tacos de hóquei, luvas de boxe, uma bola de futebol murcha, um par de shorts suados virados do avesso – estavam espalhados pelo chão, e sobre a mesa havia uma bagunça de pratos sujos e livros didáticos com as páginas curvadas as pontas. Nas paredes havia faixas escarlate da Liga da Juventude e dos Espiões, e um cartaz em tamanho real do Grande Irmão. Havia o habitual cheiro de repolho cozido, típico do prédio inteiro, mas ali ele era atravessado por um cheiro mais agudo de suor, o que se percebia na primeira inspiração, embora fosse difícil dizer como era o suor de alguma pessoa que não estava presente no momento. Em outra sala, alguém com um pente e um pedaço de papel higiênico estava tentando manter a sinto-

[voltar para o índice](#)

nia com a música militar que ainda era transmitida pela teletela.

**“São as crianças”,** disse a sra. Parsons, lançando um olhar semi-apreensivo para a porta. **“Elas não saíram hoje. E, é claro...”**

Ela tinha o hábito de interromper suas sentenças no meio. A pia da cozinha estava cheia até a borda com uma água esverdeada imunda que tinha um cheiro de repolho pior do que nunca. Winston ajoelhou-se e examinou a junta angular do tubo. Ele odiava usar as mãos e odiava se curvar, o que normalmente o fazia tossir. A sra. Parsons olhou desamparada.

**“É claro que se Tom estivesse em casa, ele arrumaria tudo em um instante”,** disse ela. **“Ele adora fazer coisas assim. Ele é sempre tão bom com as mãos, o Tom”.**

Parsons era colega de Winston no Ministério da Verdade. Ele era um homem gordo mas ativo, de

[voltar para o índice](#)

uma estupidez paralisante, uma massa de entusiasmo imbecil – um daqueles burros de carga dedicados e acríticos dos quais, ainda mais que a Polícia do Pensamento, o Partido dependia. Aos trinta e cinco anos, ele tinha acabado de ser expulso da Liga da Juventude, e antes de se formar na Liga da Juventude, ele tinha conseguido permanecer nos Espiões por um ano além da idade legal. No Ministério, ele tinha um emprego em algum posto subordinado para o qual não era necessária inteligência, mas por outro lado ele era uma figura de destaque no Comitê Esportivo e em todos os outros comitês envolvidos na organização de caminhadas comunitárias, demonstrações espontâneas, campanhas de poupança e atividades voluntárias em geral. Ele o informava com orgulho discreto, enquanto fumava seu cachimbo, que ele tinha aparecido no Centro Comunitário todas as noites nos últimos quatro anos. Um cheiro avassalador de suor, uma espécie de testemunho inconsciente do cansaço de sua vida, o seguia por onde quer que ele fosse, e ficava atrás dele mesmo depois que ele tivesse saído.

[voltar para o índice](#)

**“Você tem uma chave de porcas?”**, disse Winston, mexendo com a porca na articulação angular.

**“Uma chave de porcas...”**, disse a Sra. Parsons, tornando-se imediatamente invertebrada. **“Não sei, tenho certeza. Talvez as crianças...”**.

Houve um pisoteio de botas e outra explosão no pente enquanto as crianças irromperam da sala de estar. A sra. Parsons trouxe a chave. Winston soltou a água e removeu com repugnância o coágulo de cabelo humano que havia bloqueado o cano. Ele limpou seus dedos o melhor que pôde na água fria da torneira e voltou para a outra sala.

**“Mãos para o alto!”**, gritou uma voz selvagem.

Um garoto bonito e com aparência de durão de nove anos apareceu por trás da mesa e o ameaçava com uma pistola automática de brinquedo, enquanto sua irmãzinha, cerca de dois anos mais nova, fazia o mesmo gesto com um fragmento de madeira. Ambos estavam vestidos com o unifor-

[voltar para o índice](#)

me dos espiões: calções azuis, camisas cinzas e lenços vermelhos. Winston levantou as mãos acima da cabeça, mas com uma sensação inquieta, dada a perversidade do comportamento do rapaz, de que isto não se tratava de um jogo.

**“Você é um traidor!”**, gritou o garoto. **“Você é um criminoso do pensamento! Você é um espião eurasiático! Vou atirar em você, vou vaporizar você, vou mandar você para as minas de sal”!**

De repente, ambos estavam pulando em volta dele, gritando **“Traidor!”** e **“Criminoso do Pensamento!”**, a menina imitando seu irmão em cada movimento. Foi um pouco assustador, como os saltos dos filhotes de tigre que logo vão se transformar em caçadores de homens. Havia uma espécie de ferocidade calculista no olho do menino, um desejo bastante evidente de bater ou chutar Winston e uma consciência de quase ser grande o suficiente para fazê-lo. Era uma coisa boa que ele não estivesse segurando uma pistola de verdade, pensou Winston.

[voltar para o índice](#)

Os olhos da sra. Parsons foram nervosamente de Winston para as crianças, e de volta novamente. Na luz mais clara da sala de estar, ele notou com interesse que realmente havia poeira nas dobras do rosto dela.

*“Eles estão tão barulhentos”, disse ela. “Estão desapontados porque não podem ir ver a execução, essa que é a verdade. Estou muito ocupada para levá-los e Tom não vai voltar do trabalho a tempo”.*

*“Por que não podemos ir ver a execução?”, rugia o garoto com toda a sua voz.*

*“Quer ver a execução! Quer ver a execução!”, cantou a garotinha, ainda dando voltas pela sala.*

Alguns prisioneiros eurasiáticos, culpados de crimes de guerra, deveriam ser enforcados no Parque naquela noite, Winston se lembrou. Isto acontecia cerca de uma vez por mês, e era um espetáculo popular. As crianças sempre imploravam para ir. Ele se despediu da Sra. Parsons e foi para a porta. Mas

[voltar para o índice](#)

ele ainda não tinha se afastado nem seis passos quando algo bateu na parte de trás de seu pescoço com um golpe doloroso e agonizante. Era como se um fio de arame quente tivesse sido espetado nele. Ele se virou bem a tempo de ver a sra. Parsons arrastando seu filho de volta para a porta enquanto o garoto guardava um estilingue no bolso.

**“Goldstein!”**, gritou o garoto enquanto a porta se fechava sobre ele. Mas o que mais impressionou Winston em toda a cena foi o olhar de susto indefeso no rosto acinzentado da mulher.

De volta ao apartamento, ele passou rapidamente pela teletela e sentou-se à mesa novamente, ainda esfregando o pescoço. A música havia parado. Em seu lugar, uma voz militar seca estava lendo, com uma espécie de brutal prazer, uma descrição dos armamentos da nova Fortaleza Flutuante que acabara de ser ancorada entre a Islândia e as Ilhas Faroé.

Com aquelas crianças, pensou ele, aquela mulher miserável deve levar uma vida de terror. Mais um

[voltar para o índice](#)

ou dois anos e eles estariam observando-a noite e dia em busca de sinais não ortodoxos. Quase todas as crianças de hoje em dia eram horríveis. O pior de tudo era que por meio de organizações como os Espiões eles eram sistematicamente transformados em pequenos selvagens ingovernáveis, e nem mesmo isso produzia neles alguma tendência a se rebelar contra a disciplina do Partido. Pelo contrário, eles adoravam o Partido e tudo o que estava ligado a ele. As canções, as procissões, as bandeiras, as caminhadas, os exercícios com armas de mentirinha, a repetição dos slogans em gritos, o culto ao Grande Irmão – tudo isso era uma espécie de jogo glorioso para eles. Toda a ferocidade deles era voltada para fora, contra os inimigos do Estado, contra os estrangeiros, traidores, sabotadores, criminosos do pensamento. Era quase normal que as pessoas com mais de trinta anos tivessem medo de seus próprios filhos. E com razão, já que não passava uma semana sem que o jornal The Times publicasse um parágrafo descrevendo como um bisbilhoteiro – a frase que normalmente se usava era **“herói mirim”** – tinha ouvido al-

[voltar para o índice](#)

guma observação comprometedor e denunciado seus pais à Polícia do Pensamento.

A picada da bala do estilingue estava passando. Ele pegou sua caneta dividido, perguntando-se se ainda teria mais alguma coisa para escrever no diário. De repente, ele começou a pensar em O'Brien de novo.

Anos atrás – há quanto tempo? Deve ter sido sete anos – ele havia sonhado que estava caminhando por uma sala escura. E alguém sentado a um lado dele havia dito ao passar: “Vamos nos encontrar no lugar onde não há escuridão”. Isso foi dito muito silenciosamente, quase casualmente – uma declaração, não um comando. Ele havia continuado a andar sem parar. O que era curioso era que na época, no sonho, as palavras não tinham surtido um efeito muito grande nele. Foi só mais tarde e aos poucos que elas pareceram assumir um significado. Agora ele não conseguia se lembrar se foi antes ou depois de ter o sonho que ele tinha visto O'Brien pela primeira vez, nem se lembra-

[voltar para o índice](#)

va quando tinha identificado a voz como sendo de O'Brien pela primeira vez. Mas, de qualquer forma, a identificação existia. Era O'Brien que tinha falado com ele de fora da escuridão.

Winston nunca tinha conseguido ter certeza – mesmo depois do flash dos olhos desta manhã, ainda era impossível ter certeza se O'Brien era um amigo ou um inimigo. Isso tampouco parecia ter grande importância. Havia um elo de entendimento entre eles, mais importante do que o afeto ou o partidatismo. **“Vamos nos encontrar no lugar onde não há escuridão”**, ele dissera. Winston não sabia o que isso significava, apenas que de uma forma ou de outra se tornaria realidade.

A voz da teletela silenciou. Uma trombeta, clara e bela, pairou pelo ar estagnado. A voz continuava estridente:

**“Atenção! Sua atenção, por favor! Uma notícia de última hora chegou do front de Malabar. Nossas forças no sul da Índia conquistaram uma vitória**

[voltar para o índice](#)

*gloriosa. Estou autorizado a dizer que a ação que estamos relatando agora pode muito bem trazer a guerra a uma distância mensurável de seu fim. Aqui está a notícia...”*

Más notícias logo, pensou Winston. E, como era de se esperar, depois de uma descrição sangrenta da aniquilação de um exército eurasiático, com um número estupendo de mortos e prisioneiros, veio o anúncio de que, a partir da próxima semana, a ração de chocolate seria reduzida de trinta para vinte gramas.

Winston arrotou novamente. O efeito do gin estava passando, deixando uma sensação de vazio. A tela – talvez para celebrar a vitória, talvez para afogar a memória do chocolate perdido – entrou com *“Oceania, glória a ti”*. Supostamente, deveria se levantar em respeito. No entanto, em sua posição atual, ele era invisível.

*“Oceania, glória a ti”* deu lugar a músicas mais leves. Winston caminhou até a janela, mantendo as

[voltar para o índice](#)

costas para a teletela. O dia ainda estava frio e claro. Em algum lugar distante, uma bomba explodiu com um rugido tedioso e reverberante. Cerca de vinte ou trinta delas caíam sobre Londres por semana no momento.

Na rua, o vento bateu o cartaz rasgado de um lado para o outro e a palavra Socing apareceu e desapareceu. Socing. Os princípios sagrados da Socing. Novalíngua, duplopensar, a mutabilidade do passado. Ele se sentiu como se estivesse vagando nas florestas do fundo do mar, perdido em um mundo monstruoso onde ele próprio era o monstro. Ele estava sozinho. O passado estava morto, o futuro era inimaginável. Que certeza ele poderia ter de que uma única criatura humana viva neste momento estava do seu lado? E como poderia saber se o domínio do Partido não perduraria para sempre? Como resposta, os três slogans sobre a fachada branca do Ministério da Verdade voltaram para ele:

[voltar para o índice](#)

**GUERRA É PAZ**

**LIBERDADE É ESCRAVIDÃO**

**IGNORÂNCIA É FORÇA**

Tirou do bolso uma moeda de vinte e cinco centavos. Ali, em letras minúsculas e claras, também foram inscritos os mesmos slogans, e na outra face da moeda a cabeça do Grande Irmão. Mesmo da moeda, os olhos o perseguiram. Em moedas, em selos, nas capas dos livros, em faixas, em cartazes e nas embalagens de um maço de cigarros – em todos os lugares. Os olhos sempre o observavam e a voz sempre o envolvia. Adormecido ou acordado, trabalhando ou comendo, do lado de dentro ou do lado de fora, no banho ou na cama – não havia escapatória. Nada era seu, exceto os poucos centímetros cúbicos dentro do seu crânio.

O sol tinha se deslocado ao redor, e as inúmeras janelas do Ministério da Verdade, sem a luz brilhando sobre si, pareciam as brechas de uma fortaleza. Seu coração tremia diante da enorme forma piramidal. Era muito forte, não podia ser invadido. Mil

[voltar para o índice](#)

bombas não o derrubariam. Winston se perguntava novamente para quem estava escrevendo o diário. Para o futuro, para o passado – para uma época que poderia muito bem ser imaginária. E à sua frente não havia só a morte, mas a aniquilação. O diário seria reduzido a cinzas e ele próprio a vapor. Somente a Polícia do Pensamento leria o que ele havia escrito, antes de apagá-lo da existência e da memória. Como você poderia apelar para o futuro quando nem um traço de você, nem mesmo uma palavra anônima rabiscada em um pedaço de papel, poderia sobreviver fisicamente?

A teletela marcou catorze horas. Ele tinha que sair em dez minutos. Ele precisava estar de volta ao trabalho às catorze e meia.

Curiosamente, o badalar das horas havia lhe dado um novo ânimo. Ele era um fantasma solitário proferindo uma verdade que ninguém jamais ouviria. Mas enquanto ele a proferia, de alguma maneira obscura, a continuidade não era quebrada. Não era fazendo-se ouvir, mas permanecendo são, que se

[voltar para o índice](#)

carrega a herança da humanidade. Ele voltou para a mesa, mergulhou sua caneta no tinteiro e escreveu:

Para o futuro ou para o passado, para uma época em que o pensamento é livre, em que os homens são diferentes uns dos outros e não vivem sozinhos – para uma época em que a verdade existe e o que é feito não pode ser desfeito: da era da uniformidade, da era da solidão, da era do Grande Irmão, da era do duplopensar – saudações!

Ele já estava morto, refletiu. Parecia-lhe que só agora, quando tinha começado a formular seus pensamentos, é que ele tinha dado um passo decisivo. As consequências de cada ato estão incluídas no próprio ato. Ele escreveu:

Crime de pensamento não implica em morte: crime de pensamento É morte.

Agora que ele havia se reconhecido como um homem morto, tornou-se importante permanecer

[voltar para o índice](#)

vivo o máximo de tempo possível. Dois dedos de sua mão direita estavam manchados de tinta. Era exatamente o tipo de detalhe que poderia traí-lo. Algum fanático intrometido do Ministério (uma mulher, provavelmente: alguém como a pequena mulher de cabelo arenoso ou a menina de cabelo escuro do Departamento de Ficção) poderia começar a se perguntar por que ele tinha escrito durante o intervalo do almoço, por que ele tinha usado uma caneta antiquada, o que ele tinha escrito – e então deixar uma dica no quartel apropriado. Ele foi ao banheiro e esfregou cuidadosamente a tinta com o sabão marrom-escuro que raspou sua pele como lixa e, portanto, foi bem adequado para este fim.

Ele guardou o diário na gaveta. Era inútil pensar em escondê-lo, mas ele podia ao menos garantir se sua existência havia sido descoberta ou não. Um cabelo colocado nas extremidades das páginas era óbvio demais. Com a ponta do dedo, ele pegou um grão identificável de pó esbranquiçado e o depositou no canto da capa, de onde cairia se o livro fosse movido.

[voltar para o índice](#)

# capítulo 3



**W**inston estava sonhando com sua mãe.

Ele devia ter, pensou, dez ou onze anos de idade quando sua mãe desapareceu. Ela era uma mulher alta, escultural, bastante silenciosa, com movimentos lentos e cabelos lisos e magníficos. Não se lembrava tanto do pai, apenas tinha uma imagem vaga de um homem escuro e magro que vestia sempre roupas escuras (Winston se lembrava especialmente das solas muito finas dos sapatos dele) e usava óculos. Os dois devem evidentemente ter sido tragados por uma das primeiras grandes purgas dos anos cinquenta.

Neste momento, sua mãe estava sentada em algum lugar bem mais ao fundo dele, com sua irmãzinha nos braços. Ele não se lembrava muita coisa de sua irmã, exceto que era um bebê pequeno e fraco, sempre em silêncio, com olhos grandes e vigilantes. Ambas olhavam para ele. Estavam em um espaço subterrâneo – o fundo de um poço, por exemplo, ou uma cova muito profunda – mas era um lugar que, mesmo já muito abaixo dele, es-

[voltar para o índice](#)

tava descendo ainda mais. Elas estavam no salão de um navio afundando, olhando para ele através da água escura. Ainda havia ar no salão, elas ainda podiam vê-lo e ele a elas, mas durante todo o tempo eles estavam afundando, nas águas verdes que em outro momento irão escondê-las da vista para sempre. Ele estava fora, na luz e no ar, enquanto elas estavam sendo sugadas até a morte, e elas estavam lá embaixo porque ele estava aqui em cima. Ele sabia e elas sabiam, e ele reconhecia essa consciência em seus rostos. Não havia reprovação nem em seus rostos nem em seus corações, apenas a consciência de que elas deviam morrer para que ele pudesse permanecer vivo, e que isto fazia parte da ordem inevitável das coisas.

Ele não conseguia se lembrar do que havia acontecido, mas em seu sonho ele sabia que de alguma forma a vida de sua mãe e de sua irmã havia sido sacrificadas pela sua própria. Era um daqueles sonhos que, embora mantendo o cenário típico de um sonho, são uma continuação da vida intelectual, e no qual se toma consciência de fatos e ideias

[voltar para o índice](#)

que ainda parecem novos e valiosos depois que se acorda. O que de repente atingiu Winston foi o fato de que a morte de sua mãe, há quase trinta anos, havia sido trágica e dolorosa de uma forma que não era mais possível agora. A tragédia, ele percebeu, pertencia à época antiga, uma época em que ainda havia privacidade, amor e amizade, e quando os membros de uma família ficavam uns ao lado dos outros sem precisar saber a razão. A memória de sua mãe rasgou seu coração porque ela havia morrido amando-o quando ele era muito jovem e egoísta para amá-la de volta e porque, de alguma forma que ele não se lembrava, ela havia se sacrificado a uma concepção de lealdade que era privada e imutável. Tais coisas, ele via, não podiam mais acontecer hoje. Hoje havia medo, ódio e dor, mas nenhuma dignidade de emoção, nenhuma tristeza profunda ou complexa. Ele parecia ver tudo isso nos grandes olhos de sua mãe e de sua irmã, enquanto olhavam para cima através da água verde, centenas de metros abaixo e afundando cada vez mais.

[voltar para o índice](#)

De repente, ele estava de pé em um gramado bem verde, em uma noite de verão, quando os raios de sol oblíquos douraram o chão. Essa paisagem se repetia com tanta frequência em seus sonhos que ele não tinha certeza se a tinha visto ou não no mundo real. Quando estava acordado, chamava o campo de País de Ouro. Era um pasto velho, infestado de coelhos, cortado por uma trilha e com alguns montinhos de terra aqui e ali. Na sebe irregular do lado oposto do campo, os ramos dos olmos balançavam lentamente sob a brisa, suas folhas se agitando em massas densas como os cabelos de uma mulher. Em algum lugar próximo, embora fora de vista, havia um riacho claro e manso, onde peixes nadavam sob os salgueiros.

A garota de cabelos escuros estava vindo em direção a eles através do campo. Com o que parecia um único movimento, ela rasgou suas roupas e as jogou desdenhosamente de lado. Seu corpo era branco e liso, mas não despertou nenhum desejo nele, na verdade ele mal olhou. O que o oprimiu naquele instante foi a admiração pelo gesto com

[voltar para o índice](#)

o qual ela havia jogado suas roupas de lado. Com sua graça e descuido, parecia aniquilar toda uma cultura, todo um sistema de pensamento, como se o Grande Irmão e o Partido e a Polícia do Pensamento pudessem ser varridos para o nada por um único e esplêndido movimento do braço. Esse também era um gesto pertencente aos tempos antigos. Winston acordou com a palavra “Shakespeare” em seus lábios.

A teletela estava emitindo um apito estridente que continuou na mesma nota por trinta segundos. Era nada mais do que sete e quinze, hora dos funcionários dos escritórios acordarem. Winston arrancou seu corpo da cama – nu, pois um membro do Partido Externo recebia apenas três mil cupons de roupas por ano e um traje de pijama custava 600 – e logo apanhou uma camiseta encardida e um shorts que estavam em cima de uma cadeira. As atividades físicas começariam em três minutos. No momento seguinte, ele seria atingido por um violento ataque de tosse que quase sempre o atacava logo após o despertar. Ele esvaziava seus

[voltar para o índice](#)

pulmões tão completamente que só conseguia começar a respirar novamente deitado de costas depois de uma série de arfadas profundas. Suas veias haviam inchado com o esforço da tosse, e a úlcera varicosa havia começado a coçar.

**“Grupo dos trinta aos quarenta!”**, gritou uma voz feminina penetrante. **“Grupo dos trinta aos quarenta! A postos, por favor. Dos trinta aos quarenta!”**!

Winston se pôs de pé em frente à teletela, na qual a imagem de uma mulher jovem, magricela porém musculosa, vestida com uma túnica e sapatos de ginástica, já havia aparecido.

**“Braços dobrando e esticando!”**, ela começou. **“Pegue o ritmo comigo. Um, dois, três, quatro! Um, dois, três, quatro! Vamos lá, camaradas, ponham um pouco de vida nisso! Um, dois, três, quatro! Um, dois, três, quatro!”**.

A dor do ataque de tosse não havia apagado completamente da mente de Winston o efeito de seu

[voltar para o índice](#)

sonho, e os movimentos rítmicos do exercício o restabeleceram um pouco. Enquanto ele atirava mecanicamente seus braços para frente e para trás, mostrando em seu rosto o olhar de prazer sombrio que era considerado apropriado durante os exercícios físicos, estava lutando para se lembrar do período escuro de sua primeira infância. Era extraordinariamente difícil. Além do final dos anos 50, tudo se desvaneceu. Quando não havia registros externos aos quais pudesse se referir, até mesmo o contorno de sua própria vida perdia a nitidez. Você se lembrava de grandes eventos que provavelmente não tinham acontecido, lembrava-se de detalhes de incidentes sem poder recapturar sua atmosfera, e havia longos períodos em branco aos quais você não podia atribuir nada. Tudo tinha sido diferente naquela época. Mesmo os nomes dos países e suas formas no mapa haviam sido diferentes. A Primeira Faixa Aérea, por exemplo, não tinha esse nome antes: se chamava Inglaterra ou Grã-Bretanha, embora Londres, ele tinha certeza, sempre tinha sido chamada de Londres.

[voltar para o índice](#)

Winston definitivamente não se lembrava de uma época em que seu país não havia estado em guerra, mas era evidente que havia um intervalo de paz bastante longo durante sua infância, porque uma de suas primeiras lembranças era de um ataque aéreo que parecia ter apanhado a todos de surpresa. Talvez fosse o tempo em que a bomba atômica havia caído sobre Colchester. Ele não se lembrava do ataque em si, mas se lembrava da mão de seu pai agarrando-se à sua enquanto eles desciam apressadamente, descendo, para algum lugar no fundo da terra, dando voltas e voltas em uma escada em espiral que vibrava debaixo dos pés e que causou tanta dor em suas pernas que começou a choramingar e eles tiveram que parar e descansar. Sua mãe, com seu jeito lento e sonhador, estava seguindo um longo caminho atrás deles. Ela estava carregando sua irmãzinha – ou talvez fosse apenas um monte de cobertores que ela carregava: ele não tinha certeza se sua irmã havia nascido naquela época. Finalmente eles tinham chegado em lugar barulhento e cheio de gente, que ele tinha percebido como sendo uma estação de trem.

[voltar para o índice](#)

Havia pessoas sentadas por todo o piso de pedra, e outras pessoas, bem amontoadas, estavam sentadas em beliches de metal, uma acima da outra. Winston e sua mãe e seu pai encontraram um lugar no chão, e perto deles, em um beliche, estavam sentados lado a lado um homem e uma mulher velhos. O homem vestia um terno escuro decente e um chapéu de pano preto que empurrava para trás seus cabelos muito brancos: seu rosto era escarlate e seus olhos azuis estavam cheios de lágrimas. Ele cheirava a gin. O cheiro parecia sair da sua pele no lugar do suor, e dava para imaginar que as lágrimas que brotavam de seus olhos eram puro gin. Mas, embora ligeiramente bêbado, seu sofrimento realmente parecia genuíno e insuportável. À sua maneira infantil, Winston compreendeu que algo terrível, algo que estava além do perdão e que nunca poderia ser remediado, tinha acabado de acontecer. Também lhe pareceu que sabia o que era. Alguém que o velho amava – talvez uma netinha, tivesse sido morta. A cada poucos minutos, o velho repetia:

[voltar para o índice](#)

*“Nós não devíamos ter confiado neles. Eu disse isso, mãe, não disse? Isso que dá confiar neles. Eu disse isso o tempo todo. Não devíamos ter confiado naqueles canalhas”.*

Mas em quais canalhas eles não deveriam ter confiado Winston não conseguia mais se lembrar.

Desde aquela época, a guerra tinha sido literalmente contínua, embora a rigor não tivesse sido sempre a mesma guerra. Durante vários meses, durante sua infância, houve combates atrapalhados nas ruas de Londres, e ele ainda tinha lembranças vívidas de alguns. Mas traçar a história de todo o período, dizer quem estava lutando contra quem em um dado momento, teria sido totalmente impossível, já que nenhum registro escrito, e nenhuma palavra falada, jamais fazia menção a qualquer outro alinhamento que não fosse o atual. Neste momento, por exemplo, em 1984 (se é que de fato era 1984), a Oceania estava em guerra com a Eurásia e em aliança com a Lestásia. Em nenhuma declaração pública ou privada se admitia que

[voltar para o índice](#)

as três potências tivessem sido agrupadas em algum momento de acordo com linhas diferentes. Na verdade, como Winston bem sabia, a Oceania estava em guerra com a Eurásia e em aliança com a Lestásia há apenas quatro anos. Mas isso era apenas um pedaço de conhecimento furtivo que ele por acaso possuía porque sua memória não estava satisfatoriamente sob controle. Oficialmente, a mudança de parceiros nunca havia acontecido. A Oceania estava em guerra com a Eurásia: portanto, a Oceania sempre estivera em guerra com a Eurásia. O inimigo do momento sempre representou o mal absoluto, e a consequência disso era que qualquer acordo com ele, passado ou futuro, era impossível.

O assustador, ele refletiu pela décima milésima vez ao forçar seus ombros dolorosamente para trás (com as mãos sobre os quadris, eles estavam girando seus corpos a partir da cintura, um exercício que deveria ser bom para os músculos das costas) – o assustador era que tudo isso poderia ser verdade. Se o Partido pudesse colocar a mão no

[voltar para o índice](#)

passado e dizer que este ou aquele evento nunca aconteceram – isso era certamente mais aterrorizante do que a mera tortura e morte?

O Partido disse que a Oceania nunca havia estado em aliança com a Eurásia. Ele, Winston Smith, sabia que a Oceania tinha uma aliança com a Eurásia há apenas quatro anos. Mas onde estava esse conhecimento? Somente em sua própria consciência, que em qualquer caso provavelmente seria aniquilada em breve. E se todos os outros aceitaram a mentira que o Partido impôs – se todos os registros contassem a mesma história – então a mentira entrou para a história e se tornou verdade. **“Quem controla o passado”**, dizia o slogan do Partido, **“controla o futuro: quem controla o presente controla o passado”**. E ainda assim o passado, apesar de sua natureza alterável, nunca havia sido alterado. O que quer que fosse verdade agora, era verdade de eternidade a eternidade. Era bastante simples. Tudo o que era necessário era uma série interminável de vitórias sobre sua própria memória. **“Controle da realidade”**, eles o chama-

[voltar para o índice](#)

vam: em Nova Língua, *“duplopensar”*.

*“Agora de pé, devagar!”*, ladrava a instrutora, um pouco mais amigável.

Winston afundou seus braços para os lados e lentamente reabasteceu seus pulmões com ar. Sua mente deslizou para o mundo labiríntico do duplopensar. Saber e não saber, estar consciente da veracidade completa enquanto contava mentiras cuidadosamente construídas, manter simultaneamente duas opiniões que se anulavam, saber que eram contraditórias e acreditar em ambas, usar lógica contra lógica, repudiar a moralidade enquanto a reclamava para si mesmo, acreditar que a democracia era impossível e que o Partido era o guardião da democracia, esquecer o que fosse necessário para esquecer, depois, trazê-lo de volta à memória no momento em que era necessário, e depois, prontamente, esquecê-lo novamente: e acima de tudo, aplicar o mesmo processo ao próprio processo. Essa foi a última sutileza: induzir conscientemente a inconsciência, e depois, mais

[voltar para o índice](#)

uma vez, ficar inconsciente do ato de hipnose que você acabava de realizar. Entender a palavra **“duplopensar”** já envolvia o uso do duplopensar.

A instrutora os havia chamado novamente à atenção. **“E agora vamos ver quais de nós conseguem tocar os dedos dos pés”**, disse ela com entusiasmo. **“Por cima dos quadris, por favor, camaradas. Um, dois! Um, dois! ...”**

Winston detestou este exercício, que enviava ondas de dor dos calcanhares até as nádegas e muitas vezes acabava provocando outro ataque de tosse. A característica meio agradável saiu de suas meditações. O passado, refletiu ele, não tinha sido simplesmente alterado, tinha sido realmente destruído. Pois como você poderia estabelecer até mesmo o fato mais óbvio quando não existia nenhum registro fora de sua própria memória? Ele tentou se lembrar em que ano tinha ouvido falar pela primeira vez do Grande Irmão. Ele pensou que deveria ter sido em algum momento nos anos sessenta, mas era impossível ter certeza. Na história do

[voltar para o índice](#)

Partido, é claro, o Grande Irmão figurava como o líder e guardião da Revolução desde os seus primeiros dias. Suas façanhas tinham sido gradualmente empurradas para trás no tempo até que já se estendiam ao fabuloso mundo dos anos quarenta e dos anos trinta, quando os capitalistas em seus estranhos chapéus cilíndricos ainda cavalgavam pelas ruas de Londres em grandes carros ou carruagens de cavalos brilhantes com laterais de vidro. Não se sabia o quanto desta lenda era verdadeira e o quanto era inventada. Winston não conseguia nem se lembrar em que data o próprio Partido havia surgido. Ele não acreditava ter jamais ouvido a palavra Socing antes de 1960, mas era possível que em sua forma antiga – ou seja, **“Socialismo Inglês”** – ela já existisse antes. Tudo derreteu em névoa. Às vezes era possível, de fato, colocar o dedo em uma mentira definitiva. Não era verdade, por exemplo, como foi afirmado nos livros de história do Partido, que o Partido tinha inventado os aviões. Ele se lembrava que existiam aviões em sua primeira infância. Mas você não conseguia provar nada. Nunca houve nenhuma prova. Em toda sua

[voltar para o índice](#)

vida, ele tivera em mãos provas documentais inconfundíveis da falsificação de um fato histórico apenas uma vez. E naquela ocasião...

***“Smith!”***, gritou a voz perversa da teletela. ***“6079, Smith W.! Sim, você! Dobre-se mais, por favor! Você pode fazer melhor do que isso. Você não está tentando. Dobre-se mais, por favor! Assim está melhor, camarada. Agora levantem, o esquadrão inteiro, e olhem para mim”***.

Um súbito suor quente havia se espalhado por todo o corpo de Winston. Seu rosto permanecia completamente impenetrável. Nunca mostre consternação! Nunca mostre ressentimento! Um simples piscar de olhos seria capaz de denunciar alguém. Ele ficou olhando enquanto a instrutora levantava os braços acima da cabeça – não se podia dizer graciosamente, mas com notável esmero e eficiência –, inclinou-se e encaixou a primeira articulação dos dedos da mão debaixo dos dedos dos pés.

[voltar para o índice](#)

*“Aí, camaradas! É isso que eu quero ver vocês fazendo. Vejam novamente. Tenho trinta e nove anos e já tive quatro filhos. Agora olhem”*. Ela se curvou de novo. *“Vocês estão vendo que meus joelhos não estão dobrados. Todos vocês podem fazer isso se quiserem”*, ela acrescentou enquanto se endireitava. *“Qualquer pessoa com menos de quarenta e cinco anos de idade é perfeitamente capaz de tocar os dedos dos pés. Nem todos temos o privilégio de lutar na linha de frente, mas pelo menos podemos manter a forma. Lembrem-se dos nossos garotos na frente de Malabar! E os marinheiros nas Fortalezas Flutuantes! Basta pensar no que eles têm de suportar. Agora tentem de novo. Melhorou, camarada, melhorou muito”*, acrescentou ela, encorajadora, pois Winston, com uma guinada violenta, conseguiu tocar seus os dedos do pé sem dobrar, pela primeira vez em vários anos, os joelhos.

[voltar para o índice](#)

# capítulo 4



Com um suspiro profundo e inconsciente que não foi inibido nem mesmo pela proximidade com a teletela no começo do dia de trabalho, Winston puxou o ditaescritor na sua direção, assoprou a poeira do bocal do aparelho e colocou seus óculos. Em seguida, desenrolou e encaixou quatro cilindros pequenos de papel que já haviam caído do tubo pneumático do lado direito de sua mesa.

Havia três orifícios nas paredes do seu cubículo. À direita do ditaescritor, um pequeno tubo pneumático para mensagens escritas, à esquerda, um maior para jornais; e na parede lateral, ao alcance fácil do braço de Winston, uma grande fenda comprida protegida por uma grade de arame. Esta última era para o descarte de resíduos de papel. Existiam milhares, senão dezenas de milhares, de fendas similares em todo o edifício, não apenas em cada sala, mas em curtos intervalos nos corredores. Por alguma razão, foram apelidadas de buracos de memória. Quando se sabia que qualquer documento deveria ser destruído, ou até mesmo quando se via um pedaço de papel velho largado,

[voltar para o índice](#)

era uma ação automática levantar a aba do buraco de memória mais próximo e jogá-lo lá, onde seria levado por uma corrente de ar quente até os enormes fornos que estavam escondidos em algum lugar do edifício.

Winston examinou as quatro folhas de papel que ele havia desenrolado. Cada uma continha uma mensagem de apenas uma ou duas linhas, no jargão abreviado – não Novalíngua per se, mas consistindo em grande parte de palavras na Nova-língua – que era usada no Ministério para fins internos. Elas diziam:

***times 17.03.84 retificar discurso g.i. mal relatado áfrica***

***times 19.12.83 previsões 3 pa 40***

***trimestre 83 erros de impressão verificar edição atual***

[voltar para o índice](#)

***times 14.02.84 abundância de chocolate  
mal cotada retificar***

***times 03.12.83 relatório g.i. ordem  
do dia abomduasvezes ref não  
pessoas reescrever totalmente  
autsup antearquivo***

Com um sentimento leve de satisfação, Winston deixou de lado a quarta mensagem. Era um trabalho intrincado e responsável e seria melhor deixá-lo por último. As outras três eram assuntos rotineiros, embora a segunda provavelmente exigiria o trabalho tedioso de olhar listas de dados.

Winston discou “***edições anteriores***” na teletela e solicitou as edições apropriadas do The Times, que deslizaram para fora do tubo após alguns minutos. As mensagens que ele tinha recebido se referiam a artigos ou notícias que, por uma razão ou outra, precisavam ser alteradas ou, segundo o discurso oficial, retificadas. Por exemplo, o The Times de 17 de março dizia que o Grande Irmão, em seu dis-

[voltar para o índice](#)

curso do dia anterior, havia previsto que a frente do Sul da Índia permaneceria quieta, mas que uma ofensiva eurasiática seria lançada em breve no norte da África. Mas no fim, o Comando Superior eurasiático havia lançado sua ofensiva no Sul da Índia e deixado o Norte da África quieto. Era necessário, portanto, reescrever um parágrafo do discurso do Grande Irmão, de modo a fazê-lo prever o que realmente havia acontecido. Ou ainda: o *The Times* de 19 de dezembro havia publicado as previsões oficiais da produção de várias classes de bens de consumo no quarto trimestre de 1983, que era também o sexto trimestre do Nono Plano Trienal. A edição de hoje continha uma declaração da produção real, a partir da qual parecia que as previsões estavam em todos os casos grosseiramente erradas. O trabalho de Winston era retificar os números originais, fazendo-os concordar com os recentes. Quanto à terceira mensagem, ela se referia a um erro muito simples que poderia ser corrigido em alguns minutos. Há pouco tempo, em fevereiro, o Ministério da Abundância havia emitido uma promessa (uma **“promessa categórica”** eram

[voltar para o índice](#)

as palavras oficiais) de que não haveria redução da ração de chocolate durante 1984. Na verdade, como Winston sabia, a ração de chocolate deveria ser reduzida de trinta gramas para vinte no final da semana corrente. Tudo o que era necessário era substituir a promessa original por um aviso de que provavelmente seria necessário reduzir a ração em algum momento do mês de abril.

Assim que Winston lidava com cada uma das mensagens, ele anexava suas correções escritas com o ditaescritor na cópia apropriada do *The Times* e as empurrava para dentro do tubo. Então, com um movimento que estava o mais próximo possível do inconsciente, ele amassava a mensagem original e quaisquer notas que ele mesmo havia feito durante o processo e as jogava no buraco de memória para serem devoradas pelas chamas.

Ele não sabia em detalhes o que acontecia no labirinto invisível para o qual os tubos pneumáticos levavam. Mas sabia em termos gerais. Assim que

[voltar para o índice](#)

todas as correções necessárias em qualquer número particular de The Times tivessem sido montadas e coletadas, esse número seria reimpresso, a cópia original destruída e a cópia corrigida colocada em seu lugar nos arquivos. Este processo de alteração contínua foi aplicado não apenas a jornais, mas a livros, periódicos, panfletos, cartazes, panfletos, filmes, trilhas sonoras, desenhos animados, fotografias – a todo tipo de literatura ou documentação que pudesse conter algum significado político ou ideológico. Dia após dia e quase minuto após minuto, o passado era atualizado. Desta forma, cada previsão feita pelo Partido poderia ser comprovada como correta depois de pesquisa nessas fontes, e nenhuma notícia ou opinião que entrasse em conflito com as necessidades do momento ficariam registradas. Toda a história era um palimpsesto, raspada, limpa e reescrita com a frequência com que fosse necessário. Depois que a correção tivesse sido feita, teria sido impossível provar que a falsificação tivesse acontecido. A maior seção do Departamento de Registros, muito maior do que aquela em que Winston trabalhava,

[voltar para o índice](#)

consistia simplesmente em pessoas cujo dever era rastrear e coletar todas as cópias de livros, jornais e outros documentos que haviam sido substituídos e que deveriam ser destruídos. Uma edição do The Times que, por conta de mudanças no alinhamento político ou previsões malfeitas do Grande Irmão, poderia ser reescrita uma dúzia de vezes e ainda assim constar nos arquivos com sua data original, sem nenhuma cópia que pudesse contradizê-la. Livros também eram recolhidos e reescritos várias vezes, e eram invariavelmente republicados sem nenhuma indicação de que qualquer alteração tivesse sido feita. Mesmo as instruções escritas recebidas por Winston, que eram destruídas assim que possível, nunca declaravam ou mesmo insinuavam que um ato de falsificação deveria ser cometido: sempre se referiam a lapsos, erros, problemas de impressão ou citações errôneas que deveriam ser corrigidas pelo bem da exatidão.

Mas, quando reajustava os números do Ministério da Abundância, ele pensou que na verdade isso não se tratava de uma falsificação. Era apenas a

[voltar para o índice](#)

substituição de um disparate por outro. A maioria do material com o qual se lidava não tinha ligação nenhuma com nada no mundo real, nem mesmo o tipo de ligação que está contida em uma mentira direta. As estatísticas eram uma fantasia tanto em sua versão original quanto em sua versão retificada. Em muitas vezes se esperava que você as inventasse da sua própria cabeça. Por exemplo, a previsão do Ministério da Abundância tinha estimado a produção de botas para o trimestre em cento e quarenta e cinco milhões de pares. A produção real foi dada como sessenta e dois milhões. Winston, no entanto, ao reescrever a previsão, marcou o número para cinquenta e sete milhões, de modo a permitir a habitual alegação de que a cota havia sido preenchida em excesso. De qualquer forma, sessenta e dois milhões não estavam mais próximos da verdade do que cinquenta e sete milhões, assim como cento e quarenta e cinco milhões não estava. Existia uma boa chance de nenhuma bota ter sido produzida. Mais provável ainda era que ninguém soubesse quantas botas tinham sido produzidas, muito menos importadas. Tudo o que se

[voltar para o índice](#)

sabia era que a cada trimestre se produzia um número astronômico de botas em teoria, por mais que talvez a metade da população da Oceania estivesse descalça. E assim era com cada classe de fatos registrados, grandes ou pequenos. Tudo se desvaneceu em um mundo de sombra no qual, finalmente, até mesmo a data do ano havia se tornado incerta.

Winston olhou para o outro lado do salão. No cubículo correspondente do outro lado, um homem pequeno, de aparência precisa, de queixo escuro, chamado Tillotson, estava trabalhando firmemente longe, com um jornal dobrado no joelho e sua boca muito perto do auto-falante do ditador. Parecia que queria manter o que dizia para a teletela em segredo. Ele olhou para cima, e seus óculos direcionaram uma olhadela hostil na direção de Winston.

Winston mal conhecia Tillotson, e não tinha ideia qual era seu cargo. As pessoas do Departamento de Registros não falavam facilmente sobre seus em-

[voltar para o índice](#)

pregos. Na sala longa e sem janelas, com sua fila dupla de cubículos e sua interminável confusão de papéis e zumbido de vozes murmurando nos ditadores, havia uma dúzia de pessoas que Winston nem sequer conhecia pelo nome, embora ele as visse diariamente correndo para os corredores ou gesticulando nos dois minutos de ódio. Ele sabia que no cubículo ao seu lado a pequena mulher de cabelos arenosos trabalhava dia após dia, simplesmente rastreando e apagando da imprensa os nomes de pessoas que haviam sido vaporizadas e que, portanto, eram consideradas como nunca tendo existido. Havia uma certa aptidão nisto, já que seu próprio marido havia sido vaporizado há alguns anos. E a alguns cubículos de distância uma criatura suave, ineficaz e sonhadora chamada Ampleforth, com orelhas muito peludas e um surpreendente talento para fazer malabarismos com rimas e metros, estava engajada em produzir versões deturpadas – chamadas de textos definitivos – de poemas que se haviam tornado ideologicamente ofensivos, mas que por uma razão ou outra deveriam ser mantidos nas antologias. E

[voltar para o índice](#)

esta sala, com seus cerca de cinquenta trabalhadores, era apenas uma subseção, uma única célula, por assim dizer, na enorme complexidade do Departamento de Registros. Adiante, acima e abaixo estavam outros enxames de trabalhadores engajados em uma quantidade inimaginável de trabalhos. Havia as enormes gráficas com seus subeditores, seus especialistas em tipografia e seus estúdios elaborados para a falsificação de fotografias. Havia a seção de teleprogramas com seus engenheiros, seus produtores e suas equipes de atores especialmente escolhidos por sua habilidade em imitar vozes. Havia os exércitos de escriturários de referência cujo trabalho era simplesmente elaborar listas de livros e periódicos que deveriam ser retirados. Havia os vastos repositórios onde os documentos corrigidos eram armazenados, e os fornos escondidos onde as cópias originais eram destruídas. E, em algum lugar, havia as mentes diretoras, bastante anônimas até, que coordenavam todo o esforço e determinavam as linhas políticas que faziam com que fosse necessário preservar, falsificar ou apagar um determinado fragmento do passado.

[voltar para o índice](#)

E o Departamento de Registros, no fim das contas, era apenas um ramo do Ministério da Verdade, cujo trabalho principal não era reconstruir o passado, mas fornecer aos cidadãos da Oceania jornais, filmes, livros didáticos, programas de telenovela, peças de teatro, romances – ou seja, todo tipo de informação, instrução ou entretenimento concebível, de uma estátua a um slogan, de um poema lírico a um tratado biológico, e de um livro de ortografia infantil a um dicionário da Novalíngua. E o Ministério não só tinha que suprir as necessidades multifacetadas do Partido, mas também repetir toda a operação em um nível inferior em benefício do proletariado. Havia toda uma cadeia de departamentos separados que lidavam com literatura, música, teatro e entretenimento proletário em geral. Aqui eram produzidos jornais sensacionalistas contendo quase nada, exceto esporte, crime e astrologia, ou ainda novelinhas sensacionais de cinco centavos, filmes que transpiravam sexo e canções sentimentais que eram compostas inteiramente por meios mecânicos em um tipo especial de caleidoscópio conhecido como versi-

[voltar para o índice](#)

ficador. Havia até mesmo uma subseção inteira – chamada Pornosec em Novalíngua – envolvida na produção do tipo mais baixo de pornografia, que era enviada em pacotes selados e que nenhum membro do Partido, a não ser aqueles que trabalhavam nisso, tinha permissão para ver.

Outras três mensagens haviam deslizado do tubo pneumático enquanto Winston estava trabalhando, mas eram assuntos simples, e ele as havia resolvido antes que o ódio de dois minutos o interrompesse. Quando o ódio acabou, ele voltou ao seu cubículo, tirou o dicionário de Novalíngua da prateleira, empurrou o ditaescritor para um lado, limpou seus óculos e se acomodou para a principal tarefa da manhã.

O maior prazer da vida de Winston estava em seu trabalho. A maior parte era uma rotina entediante, mas também incluía trabalhos tão difíceis e intrincados que era possível se perder neles como em um problema matemático – peças delicadas de falsificação nas quais você não tinha nada para

[voltar para o índice](#)

guiá-lo, exceto seu conhecimento dos princípios da Soving e sua expectativa do que o Partido queria que você dissesse. Winston era bom nesse tipo de coisa. Na ocasião, ele tinha até sido encarregado da retificação dos artigos principais do The Times, que foram escritos inteiramente na Novalíngua. Ele desenrolou a mensagem que havia deixado de lado antes. Ela dizia:

***times 03.12.83 relatório g.i. ordem do dia  
abomduasvezes ref não pessoas reescrever  
totalmente autsup antearquivo.***

Em velhalíngua (ou inglês padrão), isto poderia dizer:

***O relatório da Ordem do Dia do Grande Irmão no The Times de 3 de dezembro de 1983 é extremamente insatisfatório e faz referências a pessoas inexistentes. Reescreva-o na íntegra e submeta seu rascunho à autoridade superior antes de arquivá-lo.***

[voltar para o índice](#)

Winston leu o artigo problemático na íntegra. A Ordem do Grande Irmão para o Dia, ao que parece, tinha sido dedicada principalmente a elogiar o trabalho de uma organização conhecida como FFCC, que fornecia cigarros e outros confortos aos marinheiros das Fortalezas Flutuantes. Um certo camarada Withers, membro proeminente do Partido Interno, havia sido destacado para menção especial e premiado com uma condecoração, a Ordem do Mérito Conspícuo, Segunda Classe.

Três meses depois, a FFCC foi dissolvida repentinamente, sem que nenhuma razão tivesse sido informada. Era possível supor que Withers e seus associados estavam agora em desgraça, mas não tinha havido nenhum relato sobre o assunto na imprensa ou na teletela. Isso era de se esperar, já que era incomum que os infratores políticos fossem levados a julgamento ou mesmo denunciados publicamente. As grandes purgas envolvendo milhares de pessoas, com julgamentos públicos de traidores e criminosos do pensamento que fizeram uma confissão abjeta de seus crimes e foram depois

[voltar para o índice](#)

executados, eram peças especiais de exibição que não ocorriam com mais frequência do que uma vez a cada dois anos. O mais comum era que pessoas que haviam desagradado o Partido simplesmente desaparecessem e nunca mais fossem ouvidas de novo. Nunca se tinha a menor ideia do que acontecia com elas. Em alguns casos, elas poderiam até nem estar mortas. Talvez trinta pessoas conhecidas pessoalmente por Winston, sem contar seus pais, tivessem desaparecido em uma ou outra ocasião.

Winston coçou seu nariz suavemente com um clipe de papel. No cubículo do outro lado, o camarada Tillotson ainda estava curvado em segredo sobre seu ditaescritor. Ele levantou a cabeça por um momento: novamente o espetáculo da olhadela hostil. Winston se perguntava se o camarada Tillotson estava envolvido no mesmo trabalho que ele. Era perfeitamente possível. Era tão complicado que dificilmente seria confiada a uma pessoa só: por outro lado, entregá-lo a um comitê seria admitir abertamente que um ato de falsificação estava ocorrendo. Muito provavelmente,

[voltar para o índice](#)

até uma dúzia de pessoas estavam agora trabalhando em versões diferentes do que o Grande Irmão tinha realmente dito. E atualmente algum cérebro mestre do Partido Interno selecionaria esta versão ou aquela, faria uma reedição e colocaria em movimento os complexos processos de referências cruzadas que seriam necessários, e então a mentira escolhida passaria para os registros permanentes e se tornaria verdade.

Winston não sabia por que Withers havia perdido sua honra. Talvez fosse por corrupção ou incompetência. Talvez o Grande Irmão estivesse apenas se livrando de um subordinado muito popular. Talvez Withers ou alguém próximo a ele tivesse sido suspeito de tendências heréticas. Ou talvez – o que era mais provável – a coisa tivesse simplesmente acontecido porque purgas e vaporizações eram uma parte necessária da mecânica do governo. A única pista real estava nas palavras **“ref não pessoas”**, que indicavam que Withers já estava morto. Não se podia invariavelmente supor que este era o caso quando as pessoas eram presas. Às vezes,

[voltar para o índice](#)

elas eram libertadas e autorizadas a permanecer em liberdade por até um ano ou dois anos antes de serem executadas. Muito ocasionalmente, alguma pessoa que você acreditava estar morta há muito tempo fazia uma reaparição fantasmagórica em algum julgamento público onde implicaria centenas de outras pelo seu testemunho antes de desaparecer, desta vez para sempre. Withers, no entanto, já era uma pessoa sem personalidade. Ele não existia: nunca havia existido. Winston decidiu que não seria suficiente simplesmente reverter a tendência do discurso do Grande Irmão. Era melhor mudar completamente de tema.

Ele pode transformar o discurso na denúncia habitual de traidores e criminosos do pensamento, mas isso foi um pouco óbvio demais, enquanto que inventar uma vitória na frente, ou algum triunfo de superprodução no Nono Plano Trienal, pode complicar demais os registros. O que era necessário era um pedaço de pura fantasia. De repente, surgiu em sua mente, quase pronta, a imagem de um certo camarada Ogilvy, que havia morrido re-

[voltar para o índice](#)

centemente em batalha, em circunstâncias heróicas. Houve ocasiões em que o Grande Irmão dedicou sua Ordem do Dia para comemorar um humilde membro do Partido, cuja vida e morte eram apresentadas como um exemplo digno de ser seguido. Hoje, ele deveria comemorar o camarada Ogilvy. Era verdade que não existia tal pessoa como o camarada Ogilvy, mas algumas linhas de impressão e algumas fotografias falsas logo o trariam à existência.

Winston pensou por um momento, depois puxou a fala para ele e começou a ditar no estilo familiar do Grande Irmão: um estilo ao mesmo tempo militar e pedante, e, por causa de um truque de fazer perguntas e depois respondê-las prontamente (*“Que lição aprendemos com este fato, camaradas? A lição – que é também um dos princípios fundamentais do Socing – que etc.”*), fácil de imitar.

Aos três anos de idade, o camarada Ogilvy havia recusado todos os brinquedos, exceto um tambor, uma submetralhadora e um modelo de helicóptero. Aos seis anos – um ano antes, por conta

[voltar para o índice](#)

de relaxamento especial das regras – ele havia se juntado aos espiões, aos nove anos ele havia sido líder de uma tropa. Aos onze anos, ele havia denunciado seu tio à Polícia do Pensamento após ter ouvido uma conversa que lhe pareceu ter tendências criminosas. Aos dezessete anos, ele havia sido um organizador distrital da Liga Júnior Anti-Sexo. Aos dezenove anos, ele havia projetado uma granada de mão que havia sido adotada pelo Ministério da Paz e que, em seu primeiro teste, havia matado trinta e um prisioneiros eurásianos de uma só vez. Aos vinte e três anos, ele havia perecido em ação. Perseguido por aviões a jato inimigos enquanto sobrevoava o Oceano Índico com despachos importantes, ele deixou seu corpo mais pesado com sua metralhadora e saltou do helicóptero para águas profundas levando os despachos e tudo – um fim, disse o Grande Irmão, impossível de se contemplar sem sentimentos de inveja. O Grande Irmão acrescentou algumas observações sobre a pureza e a solidez de espírito da vida do camarada Ogilvy. Ele era um abstêmio total e não-fumante, não tinha recreações, exceto uma hora

[voltar para o índice](#)

diária no ginásio, e tinha feito um voto de celibato, acreditando que o casamento e o cuidado de uma família eram incompatíveis com uma devoção de vinte e quatro horas por dia ao dever. Ele não tinha assuntos de conversa, exceto os princípios do Socing, e nenhum objetivo na vida, exceto a derrota do inimigo eurasiático e a perseguição de espões, sabotadores, criminosos do pensamento e traidores em geral.

Winston debateu consigo mesmo se deveria conceder ao camarada Ogilvy a Ordem do Mérito Conspícuo: no final, ele decidiu contra ela por causa da desnecessária referência cruzada que ela implicaria.

Mais uma vez, ele olhou para seu rival no cubículo oposto. Algo parecia dizer-lhe que com certeza Tillotson estava ocupado com o mesmo trabalho que ele. Não havia como saber qual versão seria eventualmente adotada, mas ele sentiu uma profunda convicção de que seria seu próprio trabalho. O camarada Ogilvy, inimaginável há uma hora, era

[voltar para o índice](#)

agora um fato. Pareceu-lhe curioso que você pudes-  
se criar homens mortos, mas não vivos. O camarada  
Ogilvy, que nunca havia existido no presente, agora  
existia no passado e, quando o ato de falsificação es-  
tivesse esquecido, ele existiria tão autenticamente,  
e com o mesmo tipo de prova, do que Carlos Magno  
ou Júlio César.

[voltar para o índice](#)

# capítulo 5



**N**a cantina de pé direito baixo, bem no subsolo, a fila do almoço andava lentamente. A sala já estava muito cheia e com um barulho ensurdecedor. Da grelha no balcão vinha o vapor do cozido, com um cheiro azedo metálico que não cobria bem os vapores do Gin da Vitória. Do outro lado da sala havia um pequeno bar, que não passava de um mero buraco na parede, onde um trago de gin podia ser comprado a dez centavos.

*“Justo o homem que eu estava procurando”*, disse uma voz atrás de Winston.

Ele se virou. Era seu amigo Syme, que trabalhava no Departamento de Pesquisa. Talvez *“amigo”* não fosse exatamente a palavra certa. Não se tinha amigos hoje em dia, tinha camaradas: mas havia alguns camaradas cuja companhia era mais agradável do que a de outros. Syme era um filólogo, especialista em Novalíngua. Na verdade, ele fazia parte de uma das enormes equipes de especialistas agora engajados na compilação da Décima Primeira Edição do Dicionário de Novalíngua. Ele era uma criatura minúscula, menor que Winston,

[voltar para o índice](#)

com cabelo escuro e olhos grandes e protuberantes, ao mesmo tempo lúgubre e zombeteiro, que parecia procurar seu rosto de perto enquanto falava com você.

**“Eu queria lhe perguntar se você tem alguma lâmina de barbear”,** disse ele.

**“Nenhuma!”**, disse Winston com uma espécie de pressa culpada. **“Eu procurei em todos os lugares. Elas não existem mais”**.

Todo mundo continuava lhe pedindo lâminas de barbear. Na verdade, ele tinha duas não usadas que estava guardando. Tinha havido uma escassez delas meses antes. A qualquer momento havia algum artigo de necessidade básica que as lojas do Partido não conseguiam fornecer. Às vezes eram botões, às vezes era lã de cerzir, às vezes eram cadarços; no momento eram lâminas de barbear. Só era possível obtê-las, isso quando era possível, procurando de maneira mais ou menos furtiva no mercado **“livre”**.

[voltar para o índice](#)

**“Estou usando a mesma lâmina há seis semanas”**, acrescentou falsamente.

A fila andou um pouco mais. Quando eles paravam, ele se virou e encarou Syme novamente. Cada um pegou uma bandeja gordurosa de metal de uma pilha na ponta do balcão.

**“Você foi ver o enforcamento dos prisioneiros ontem?”**, perguntou Syme.

**“Eu estava trabalhando”**, disse Winston indifferente. **“Mas devo ver no cinema”**.

**“Um substituto muito inadequado”**, disse Syme.

Seus olhos zombeteiros varreram o rosto de Winston. **“Eu o conheço”**, os olhos pareciam dizer, **“Eu não me deixo enganar por você. Sei muito bem por que você não foi ver o enforcamento”**. De forma intelectual, Syme era de uma ortodoxia venenosa. Ele falava com uma satisfação desagradável dos ataques de helicóptero às aldeias inimigas, dos

[voltar para o índice](#)

juízos e confissões de criminosos do pensamento, das execuções nos porões do Ministério do Amor. Falar com ele era em grande parte uma questão de afastá-lo de tais assuntos e enredá-lo, se possível, nos aspectos mais técnicos da Nova-língua, na qual ele era autoritário e interessante. Winston virou sua cabeça um pouco de lado para evitar o escrutínio dos grandes olhos escuros.

**“Foi um bom enforcamento”,** lembrou Syme. **“Acho que estragam tudo quando amarram os pés juntos. Gosto de vê-los chutando. E, acima de tudo, no final, a língua saindo, e um azul bastante brilhante. Esses detalhes que me atraem”.**

**“Próximo, por favor!”**, gritou o trabalhador de avental branco que segurava a concha.

Winston e Syme empurraram suas bandejas para baixo da grelha. Em cada um deles foi servido rapidamente o almoço regulamentado – um cozido cinza-rosado dentro de um recipiente metálico, um pedaço de pão, um cubo de queijo, uma cane-

[voltar para o índice](#)

ca de Café da Vitória sem leite, e uma pastilha de sacarina.

**“Há uma mesa ali, debaixo daquela teletela”**, disse Syme. **“Vamos pegar um gin no caminho”**.

O gin foi-lhes servido em canecas de porcelana sem cabo. Eles andaram pela sala lotada e baixaram suas bandejas na mesa de metal, em um canto no qual alguém tinha deixado uma piscina de cozido, uma bagunça líquida e imunda que tinha a aparência de vômito. Winston pegou sua caneca de gin, fez uma pausa por um instante para juntar coragem e engoliu a substância com sabor de combustível. Quando sentiu seus olhos lacrimejando, de repente descobriu que estava com fome. Ele começou a engolir colheradas do cozido, que, junto com a gosma geral, tinha cubos de material rosado e esponjoso que provavelmente era um preparado de carne. Nenhum deles voltou a falar até ter esvaziado os recipientes. Alguém falava de forma rápida e contínua da mesa à esquerda de Winston, um pouco atrás de suas costas. Uma ta-

[voltar para o índice](#)

garelice dura quase como o grasnar de um pato, que perfurava o alvoroço geral da sala.

**“Como está indo o Dicionário?”**, perguntou Winston, levantando sua voz para ser ouvido mesmo com o barulho.

**“Devagar”**, disse Syme. **“Estou nos adjetivos. É fascinante”**.

Ele tinha se iluminado imediatamente com a menção da Novalíngua. Ele empurrou o potinho para o lado, pegou o pedaço de pão com uma de suas mãos delicadas e o queijo com a outra, e se inclinou sobre a mesa para poder falar sem gritar.

**“A décima primeira edição é a edição definitiva”**, disse ele. **“Estamos deixando a língua em sua forma final – a forma que ela terá quando ninguém falar mais outras línguas. Quando tivermos terminado, pessoas como você terão que aprender tudo de novo. Você pensa, ousa dizer, que nosso trabalho principal é inventar novas palavras. Mas não se**

[voltar para o índice](#)

*trata disso! Estamos destruindo palavras – dezenas delas, centenas delas, todos os dias. Estamos cortando a linguagem até o osso. A Décima Primeira Edição não conterà uma única palavra que se tornará obsoleta antes do ano 2050”.*

Ele mordeu o pão com fome e engoliu algumas vezes, depois continuou falando, com uma espécie de paixão de pedante. Seu fino rosto escuro estava animado, seus olhos haviam perdido a expressão zombeteira e se tornado quase sonhadores.

*“É uma coisa linda, a destruição das palavras. Claro que o grande desperdício está nos verbos e adjetivos, mas há centenas de substantivos que também podem ser eliminados. Não são apenas os sinônimos; há também os antônimos. Afinal, que justificativa existe para uma palavra que é simplesmente o oposto de uma outra palavra? Uma palavra contém seu oposto em si mesma. Tomemos o termo ‘bom’ como exemplo. Se você tem uma palavra como ‘bom’, que necessidade existe para uma palavra como ‘mau’? ‘Abom’ já funciona – e é até melhor, porque é exa-*

[voltar para o índice](#)

*tamente o oposto de ‘bom’, o que não é o caso de ‘mau’. Ou ainda, se você quiser uma versão mais forte de ‘bom’, que sentido há em ter todo um conjunto de palavras vagas e inúteis como ‘excelente’ e ‘esplêndido’ e todas as outras? ‘Maisbom’ cobre o significado, ou ‘diplomaisbom’, se você quiser algo ainda mais forte. Claro que já usamos essas formas, mas na versão final da Novalíngua não haverá mais nenhuma dessas outras. No final, toda a noção de bondade e maldade será coberta por apenas seis palavras – na realidade, apenas uma palavra. Você não vê a beleza disso, Winston? A ideia original é do G.I., claro”, acrescentou posteriormente.*

Uma espécie de ansiedade passageira podia ser flagrada no rosto de Winston sob a menção do Grande Irmão. No entanto, Syme detectou imediatamente uma certa falta de entusiasmo.

*“Você não aprecia realmente a Novalíngua, Winston”, disse quase tristemente. “Mesmo quando você escreve, você ainda está pensando em Velhalíngua. Eu li alguns desses textos que você escreve no The*

[voltar para o índice](#)

*Times ocasionalmente. Elas são boas o suficiente, mas são traduções. Em seu coração você prefere se ater à Velhalíngua, com toda sua imprecisão e suas sombras inúteis de significado. Você não compreende a beleza da destruição das palavras. Você sabe que o Novalíngua é a única língua do mundo cujo vocabulário fica menor a cada ano”?*

Winston sabia disso, é claro. Ele sorriu, esperava que de forma simpática, não confiando em si mesmo para falar. Syme mordeu outro pedaço do pão de cor escura, mastigou-o brevemente, e continuou:

*“Você não vê que todo o objetivo da Novalíngua é reduzir o alcance do pensamento? No final, tornaremos literalmente impossível o crime do pensamento, porque não haverá palavras para expressá-lo. Todo conceito que possa ser necessário será expresso por uma única palavra, com seu significado rigidamente definido e todos os seus significados subsidiários apagados e esquecidos. Agora, na décima primeira edição, não estamos longe desse ponto. Mas o pro-*

[voltar para o índice](#)

*cesso ainda vai continuar muito tempo depois que você e eu estivermos mortos. A cada ano teremos menos palavras, e o alcance da consciência sempre se torna um pouco menor. Mesmo agora, é claro, não há razão ou desculpa para cometer crimes de pensamento. É apenas uma questão de autodisciplina, de controle da realidade. Mas no final não haverá nenhuma necessidade nem mesmo disso. A Revolução estará completa quando a linguagem for perfeita. Novalíngua é Socing e Socing é Novalíngua*”, acrescentou ele com uma espécie de satisfação mística. *“Já lhe ocorreu, Winston, que até o ano 2050, no máximo, não haverá nem um único ser humano vivo que possa entender uma conversa como a que estamos tendo agora”?*

*“Exceto...”*, começou Winston duvidosamente, e então parou.

Estava pronto para dizer *“Exceto os proles”*, mas ele se segurou, não se sentindo totalmente seguro de que esta observação não era de alguma forma pouco ortodoxa. Syme, entretanto, tinha adivinhado o que ele estava prestes a dizer.

[voltar para o índice](#)

*“Os proles não são seres humanos”, disse ele des-  
cuidadamente. “Em 2050, ou até antes, provavel-  
mente – todo o conhecimento real da Velhalíngua  
terá desaparecido. Toda a literatura do passado  
terá sido destruída. Chaucer, Shakespeare, Milton,  
Byron – eles existirão apenas nas versões da Nova-  
língua, não se transformando apenas em algo di-  
ferente, mas até contraditório do que costumavam  
ser. Até mesmo a literatura do Partido mudará. Até  
mesmo os slogans mudarão. Como você poderia ter  
um slogan como ‘liberdade é escravidão’, quando o  
conceito de liberdade foi abolido? Todo o clima de  
pensamento será diferente. Na verdade, não haverá  
pensamento, não da maneira como o entendemos  
agora. Ortodoxia significa não pensar – não preci-  
sar pensar. Ortodoxia é inconsciência”.*

Um desses dias, pensava Winston com súbita  
convicção profunda, Syme será vaporizado. Ele  
é muito inteligente. Ele vê com muita clareza e  
fala com muita franqueza. O Partido não gosta  
dessas pessoas. Um dia, ele desaparecerá. Está  
escrito em seu rosto.

[voltar para o índice](#)

Winston havia terminado seu pão e queijo. Ele se virou um pouco de lado em sua cadeira para beber sua caneca de café. Na mesa à sua esquerda, o homem com a voz estridente ainda falava por todos os cantos sem remorsos. Uma jovem mulher, que talvez fosse sua secretária e que estava sentada de costas para Winston, estava ouvindo-o e parecia estar concordando avidamente com tudo o que ele dizia. De tempos em tempos Winston apanhava alguns comentários como **“Acho que você está tão certo, eu concordo com você”**, proferidos com uma voz feminina jovem e bastante boba. Mas a outra voz nunca parou por um instante, nem mesmo quando a moça estava falando. Winston conhecia o homem de vista, embora ele não soubesse mais sobre ele além do fato de que ocupava algum cargo importante no Departamento de Ficção. Ele era um homem de cerca de trinta anos, com uma garganta musculosa e uma boca grande e flexível. Sua cabeça estava um pouco inclinada para trás e, devido ao ângulo em que estava sentado, seus óculos refletiam a luz e apresentavam a Winston dois discos em branco ao invés de olhos. E era li-

[voltar para o índice](#)

geiramente horrível que era quase impossível distinguir uma única palavra da corrente de som que jorrava de sua boca. Winston foi capaz de entender apenas uma frase – **“*eliminação completa e final do Goldsteinismo*”** – que jorrou dele rapidamente e, ao que parecia, de uma só vez, como a linha sólida de ferro fundido. Porque o resto era apenas um ruído, um blá-blá-blá. E ainda assim, embora não fosse possível realmente ouvir o que o homem estava dizendo, não se podia ter nenhuma dúvida sobre sua natureza geral. Ele poderia estar denunciando Goldstein e exigindo medidas estéreis contra os criminosos do pensamento e sabotadores, ele poderia estar fulminando contra as atrocidades do exército eurasiático, ele poderia estar elogiando o Grande Irmão ou os heróis na frente de Malabar – isso era o de menos. Fosse o que fosse, você poderia estar certo de que cada palavra era pura ortodoxia, pura Socing. Enquanto observava o rosto sem olhos com a mandíbula se movendo rapidamente para cima e para baixo, Winston tinha a curiosa sensação de que este não era um ser humano de verdade, mas uma espécie de boneco. Não

[voltar para o índice](#)

era o cérebro do homem que estava falando, era sua laringe. As coisas que saíam dele consistiam de palavras, mas não era discurso no verdadeiro sentido: era um barulho pronunciado de forma inconsciente, como o grasnar de um pato.

Syme tinha ficado em silêncio por um momento, e com o cabo de sua colher estava traçando padrões na poça do cozido. A voz da outra mesa se agitava rapidamente, facilmente audível, apesar do barulho ao redor.

***“Há uma palavra na Novalíngua”, disse Syme. “Não sei se você conhece: palar, que é grasnar como um pato. É uma daquelas palavras interessantes que têm dois significados contraditórios. Aplicado a um adversário, é uma ofensa, aplicado a alguém com quem você concorda, é um elogio”.***

Syme será vaporizado sem dúvida alguma, pensou Winston novamente. Pensou com uma leve tristeza, embora soubesse que Syme o desprezava e não gostava muito dele, e seria completamen-

[voltar para o índice](#)

te capaz de denunciá-lo como um criminoso do pensamento se visse alguma razão para isso. Havia algo sutilmente errado com Syme. Havia algo que lhe faltava: discrição, distanciamento, uma espécie de estupidez redentora. Não se podia dizer que ele era pouco ortodoxo. Ele acreditava nos princípios do Socing, venerava o Grande Irmão, rejubilava com as vitórias, odiava os hereges, não apenas com sinceridade, mas com uma espécie de zelo inquietante, uma espécie de atualidade de informação, da qual o membro comum do Partido não se aproximava. No entanto, havia sempre um leve ar de descrédito nele. Ele dizia coisas que era melhor não dizer, tinha lido muitos livros, frequentava o Café Chestnut Tree, cheio de pintores e músicos. Não havia nenhuma lei, nem mesmo uma lei não escrita, contra frequentar o Café Chestnut Tree, mas o lugar era uma forma de mau presságio. Os velhos e desacreditados líderes do Partido se reuniam ali antes de serem finalmente purgados. Dizia-se que o próprio Goldstein tinha sido visto algumas vezes lá, há anos e décadas. O destino de Syme não era difícil de prever. E

[voltar para o índice](#)

ainda assim, era um fato que se Syme compreendesse, mesmo que apenas por alguns instantes, a natureza das opiniões secretas de Winston, ele o trairia instantaneamente para a Polícia do Pensamento. Assim como qualquer outra pessoa, aliás: mas Syme mais do que a maioria. O zelo não era suficiente. A ortodoxia era inconsciência.

Syme olhou para cima. **“Aí vem Parsons”**, disse ele.

Algo no tom de sua voz parecia acrescentar, **“aquele tolo idiota”**. Parsons, o companheiro de Winston nas Mansões da Vitória, estava de fato atravessando a sala – um homem de tamanho médio, com cabelo louro e cara de sapo. Aos trinta e cinco anos ele já estava acumulando rolos de gordura no pescoço e na cintura, mas seus movimentos eram rápidos e de rapaz. Toda sua aparência era a de um garotinho que cresceu tanto que, embora estivesse usando o macacão oficial, era quase impossível não pensar nele vestido com os calções azuis, camisa cinza e o lenço vermelho dos espiões. Ao visualizá-lo, via-se sempre uma imagem de joelhos

[voltar para o índice](#)

roliços com covinhas e mangas enroladas nos antebraços rechonchudos. Parsons, de fato, invariavelmente voltava a usar calções quando uma caminhada comunitária ou qualquer outra atividade física lhe dava uma desculpa para fazer isso. Ele saudou os dois com um alegre **“Oi, oi!”** e sentou-se à mesa, emitindo um intenso cheiro de suor. Gotas de umidade se destacavam em todo o seu rosto rosado. Seus poderes de suar eram extraordinários. No Centro Comunitário sempre se podia dizer quando ele estava jogando tênis de mesa pela umidade do cabo do taco. Syme tinha produzido uma tira de papel na qual havia uma longa coluna de palavras, e estava estudando-a com um lápis de tinta entre seus dedos.

**“Olha só para ele trabalhando na hora do almoço”**, disse Parsons, dando uma cutucada em Winston. **“Que disposição, hein? O que você tem aí, meu velho? Algo inteligente demais para mim, eu imagino. Smith, meu velho, vou te dizer por que estou te procurando. É aquela sub que você se esqueceu de me dar”**.

[voltar para o índice](#)

*“Que sub é essa?”*, disse Winston, sentindo automaticamente que se tratava de dinheiro. Cerca de um quarto do salário de uma pessoa tinha que ser reservado para subscrições voluntárias, que eram tão numerosas que era difícil acompanhá-las.

*“Para a Semana do Ódio. Você sabe – o fundo casa por casa. Eu sou tesoureiro do nosso bloco. Estamos fazendo um grande esforço – vamos organizar um tremendo espetáculo. Eu lhes digo, não será minha culpa se as velhas Mansões da Vitória não tiverem o maior conjunto de bandeiras de toda a rua. Você me prometeu dois dólares”!*

Winston encontrou e lhe entregou duas notas amarrotadas e imundas, que Parsons registrou em um pequeno caderno, com a caligrafia floreada dos semianalfabetos.

*“A propósito, meu velho”, disse ele. “Ouvi dizer que aquele meu pequeno pirralho acertou você com um estilingue ontem. Pode deixar que já cuidei disso. Na verdade, eu disse que pegaria o estilingue se ele fizesse isso de novo”.*

[voltar para o índice](#)

*“Acho que ele estava um pouco chateado por não ir à execução”, disse Winston.*

*“Ah, bem – o que eu quero dizer, mostra o espírito certo, não é mesmo? São ambos uns pirralhos malvados, mas olha quanta disposição! Só pensam nos espões e na guerra, é claro. Sabe o que a minha filha fez no sábado passado, quando a tropa dela estava em uma caminhada pela Berkhamsted? Ela convenceu duas garotas, escapou da caminhada e passou a tarde inteira seguindo um homem estranho. Elas se mantiveram atrás dele por duas horas, bem no meio da floresta, e depois, quando entraram em Amersham, o entregaram às patrulhas”.*

*“Por que elas fizeram isso?”* disse Winston, um pouco surpreso. Parsons continuou triunfantemente:

*“Minha filha se certificou de que ele era algum tipo de agente inimigo – poderia ter sido largado de paraquedas, por exemplo. Mas a questão é a seguinte, meu velho. O que você acha que fez com que ela*

[voltar para o índice](#)

*quisesse persegui-lo? Ela viu que ele estava usando um tipo diferente de sapato – disse que nunca tinha visto ninguém usando sapatos como esse antes. Então ele deveria ser um estrangeiro. Muito esperto para uma criança de sete anos, não é”?*

*“O que aconteceu com o homem?”*, perguntou Winston.

*“Ah, isso eu não saberia dizer, é claro. Mas eu não ficaria totalmente surpreso se –”* Parsons fez o movimento de apontar um fuzil e fez um estalo com a língua como se fosse uma explosão.

*“Bom”*, disse Syme abstraído, sem tirar os olhos de sua tira de papel.

*“É claro que não podemos nos dar ao luxo de arriscar”*, concordou Winston com todo o respeito.

*“O que eu quero dizer é que há uma guerra”*, disse Parsons.

[voltar para o índice](#)

Como se confirmasse isso, uma trombeta flutuou da teletela logo acima de suas cabeças. Entretanto, desta vez não foi a proclamação de uma vitória militar, mas um mero anúncio do Ministério da Abundância.

**“Camaradas!”**, gritou uma voz jovem e ansiosa. **“Atenção, camaradas! Temos notícias gloriosas para vocês. Ganhamos a batalha pela produção! Os retornos agora concluídos da produção de todas as classes de bens de consumo mostram que o padrão de vida aumentou em nada menos que 20% durante o ano passado. Esta manhã houve por toda a Oceania manifestações espontâneas irreprimíveis quando trabalhadores marcharam para fora das fábricas e escritórios e desfilaram pelas ruas com bandeiras expressando sua gratidão ao Grande Irmão e pela vida nova e feliz que sua sábia liderança nos proporcionou. Aqui estão alguns dos números completos. Alimentos...”**

A frase **“vida nova e feliz”** foi repetida várias vezes. Era uma das favoritas dos últimos tempos com o

[voltar para o índice](#)

Ministério da Abundância. Parsons, sua atenção atraída pelo chamado da trombeta, sentou-se escutando com uma espécie de solenidade escancarada, uma espécie de tédio edificante. Ele não conseguia acompanhar os números, mas estava ciente de que eles eram, de alguma forma, um motivo de satisfação. Ele tinha arrancado um enorme e imundo cachimbo que já estava meio cheio de tabaco queimado. Com a ração de tabaco a 100 gramas por semana, raramente era possível encher um cachimbo até o topo. Winston estava fumando um Cigarro da Vitória que ele segurava cuidadosamente na horizontal. A nova ração não começaria até amanhã e ele só tinha quatro cigarros. No momento, ele tinha fechado os ouvidos para os ruídos remotos e estava escutando as coisas que saíam da teletela. Parecia até ter havido manifestações para agradecer ao Grande Irmão por elevar a ração de chocolate para vinte gramas por semana. E ainda ontem, refletiu ele, havia sido anunciado que a ração seria reduzida para vinte gramas por semana. Era possível que eles pudessem engolir isso, depois de apenas vinte e quatro horas? Sim,

[voltar para o índice](#)

eles engoliam. Parsons a engoliu facilmente, com a estupidez de um animal. A criatura sem olhos na outra mesa engoliu a notícia fanaticamente, apaixonadamente, com um desejo furioso de rastrear, denunciar e vaporizar qualquer um que sugerisse que na semana passada a ração tinha sido de trinta gramas. Syme, também – de uma forma mais complexa, envolvendo um duplopensar, Syme a engoliu. Será que ele estava, então, sozinho na posse de uma memória?

As estatísticas fabulosas continuaram a sair da tela. Em comparação com o ano passado, havia mais comida, mais roupas, mais casas, mais móveis, mais panelas, mais combustível, mais navios, mais helicópteros, mais livros, mais bebês – mais de tudo, exceto doenças, crime e insanidade. Ano a ano e minuto a minuto, todo mundo e tudo estava chicoteando rapidamente para cima. Como Syme havia feito antes, Winston havia pegado sua colher e estava se agarrando ao molho de cor pálida que perfurava a mesa, traçando um padrão em tudo isso. Ele meditou com ressentimento so-

[voltar para o índice](#)

bre a textura física da vida. Teria sido sempre assim? A comida sempre teve este gosto? Ele olhou ao redor da cantina. Uma sala de pé direito baixo, apinhada de gente, com suas paredes encardidas pelo contato de inúmeros corpos; mesas e cadeiras de metal batido, colocadas tão próximas umas das outras que você se sentava com os cotovelos tocando com os demais; colheres dobradas, bandejas amassadas, canecas brancas grosseiras; todas as superfícies gordurosas, sujas em cada buraco; e um cheiro azedo composto de gin ruim e café ruim e cozido azedo e roupas sujas. Sempre tinha uma sensação de protesto em seu estômago e em sua pele, uma sensação de que você tinha sido enganado em relação a algo a que tinha direito. Era verdade que ele não tinha lembranças de uma vida muito diferente. Em qualquer tempo que ele pudesse se lembrar com exatidão, nunca havia o suficiente para comer, nunca se tinha tido meias ou roupas de baixo que não estivessem cheias de buracos, os móveis sempre tinham sido velhos e fracos, as salas subaquecidas, os trens lotados, as casas caindo aos pedaços, o pão de cor escura, o

[voltar para o índice](#)

chá uma raridade, o café de sabor imundo, os cigarros insuficientes – nada era barato e abundante, exceto o gin artificial. E embora, é claro, tenha piorado com o envelhecimento do corpo, não era um sinal de que esta não era a ordem natural das coisas, se o coração adoecia com o desconforto e a sujeira e a escassez, os invernos intermináveis, a aderência das meias, os elevadores que nunca funcionaram, a água fria, o sabonete arenoso, os cigarros que se desfaziam, a comida com seus estranhos gostos malignos? Por que se deve sentir que é intolerável, a menos que se tenha algum tipo de memória ancestral de que as coisas já foram diferentes?

Ele olhou em torno da cantina de novo. Quase todos eram feios, e continuariam feios mesmo que vestissem outra coisa que não fosse com o uniforme de macacão azul. Do outro lado da sala, sentado sozinho em uma mesa, um homem pequeno e curiosamente parecido com um besouro bebia uma xícara de café, seus olhinhos se desviando de olhares suspeitos de um lado para o outro. Como

[voltar para o índice](#)

era fácil, pensou Winston, se você não olhasse muito, acreditar que o tipo físico criado pelo Partido como um ideal – jovens musculosos e moças de peitos fartos, cabelos loiros, vitais, queimados pelo sol, despreocupados – existia e até predominava. Na verdade, até onde ele podia julgar, a maioria das pessoas em Primeira Faixa Aérea eram pequenas, encardidas e adoentadas. Era curioso como esse tipo de pessoas que se assemelham aos besouros proliferava nos Ministérios: homens pequenos e burros, crescendo robustos muito cedo na vida, com pernas curtas, movimentos rápidos e rostos gordos e impenetráveis com olhos muito pequenos. Era o tipo que parecia florescer melhor sob o domínio do Partido.

O anúncio do Ministério de Abundância terminou com mais um toque de trombeta e deu lugar a uma música metálica. Parsons, agitado com um entusiasmo vago pelo bombardeio de números, tirou seu cachimbo da boca.

***“O Ministério da Abundância certamente fez um bom trabalho este ano”***, disse ele com um conheci-

[voltar para o índice](#)

do abanão de cabeça. *“A propósito, meu velho Smith, suponho que você não tenha nenhuma lâmina de barbear que possa me dar”*.

*“Nenhuma”*, disse Winston. *“Eu mesmo tenho usado a mesma lâmina há seis semanas”*.

*“Ah, bem... pensei em perguntar-lhe, meu velho”*.

*“Desculpe”*, disse Winston.

A voz de pato da mesa ao lado, temporariamente silenciada durante o anúncio do Ministério, tinha recomeçado, tão alta como sempre. Por alguma razão, Winston de repente se viu pensando na Sra. Parsons, com seus cabelos ondulados e a poeira nos vincos do rosto. Dentro de dois anos aquelas crianças estariam denunciando-a à Polícia do Pensamento. A Sra. Parsons seria vaporizada. Syme seria vaporizado. Winston seria vaporizado. O'Brien seria vaporizado. Parsons, por outro lado, nunca seria vaporizado. A criatura sem olhos com a voz de charlatão nunca seria vaporizada. Os homem-

[voltar para o índice](#)

zinhos que se afundam tão agilmente pelos corredores labirínticos dos Ministérios, eles também nunca seriam vaporizados. E a garota de cabelo escuro, a garota do Departamento de Ficção – ela também nunca seria vaporizada. Parecia-lhe que sabia instintivamente quem sobreviveria e quem pereceria: embora o que exatamente se fazia para sobreviver não era fácil de identificar.

Neste momento, ele foi arrastado para fora de seu devaneio com uma sacudida violenta. A garota da mesa ao lado havia se virado parcialmente e estava olhando para ele. Era a garota de cabelos escuros. Ela estava olhando para ele de uma maneira distante, mas com uma intensidade curiosa. No instante em que ela chamou a atenção dele, ela desviou o olhar novamente.

O suor começou a sair pela espinha dorsal de Winston. Uma horrível onda de terror passou por ele. Ela se foi quase de uma vez, mas deixou uma espécie de inquietação incômoda para trás. Por que ela estava de olho nele? Por que ela continuava a

[voltar para o índice](#)

segui-lo? Infelizmente ele não conseguia se lembrar se ela já estava à mesa quando ele chegou, ou se tinha ido lá depois. Mas ontem, de qualquer forma, durante os Dois Minutos do Ódio, ela havia se sentado imediatamente atrás dele quando não havia necessidade aparente de fazê-lo. É bem provável que seu verdadeiro objetivo tivesse sido ouvi-lo e ter certeza de que ele estava gritando alto o suficiente.

Seu pensamento anterior voltou para ele: era provável que ela não fosse realmente um membro da Polícia do Pensamento, mas os espiões amadores eram o maior perigo de todos. Ele não sabia há quanto tempo ela estava olhando para ele, mas talvez por até cinco minutos, e era possível que suas características não estivessem perfeitamente sob controle. Era terrivelmente perigoso deixar seus pensamentos vaguearem quando você estava em qualquer lugar público ou dentro do alcance de uma teletela. Qualquer coisa boba poderia lhe denunciar. Um tique nervoso, um olhar inconsciente de ansiedade, um hábito de murmurar para si mesmo – qualquer coisa que carregas-

[voltar para o índice](#)

se consigo a sugestão de anormalidade, de ter algo a esconder. Em qualquer caso, usar uma expressão imprópria em seu rosto (parecer incrédulo quando uma vitória foi anunciada, por exemplo) era, em si mesmo, uma ofensa punível. Havia até mesmo uma palavra para isso na Novalíngua: se chamava crime de face.

A garota tinha voltado as costas para ele novamente. Talvez, afinal de contas, ela não o estivesse realmente seguindo, talvez fosse coincidência que ela tivesse se sentado tão perto dele dois dias seguidos. Seu cigarro tinha se apagado, e ele o colocou cuidadosamente na borda da mesa. Ele terminaria de fumá-lo depois do trabalho, se pudesse manter o tabaco intacto. Muito provavelmente a pessoa na mesa ao lado era um espião da Polícia do Pensamento, e muito provavelmente ele estaria nos porões do Ministério do Amor dentro de três dias, mas uma ponta de cigarro não deveria ser desperdiçada. Syme dobrou sua tira de papel e a guardou em seu bolso. Parsons tinha começado a falar novamente.

[voltar para o índice](#)

*“Já lhe contei, meu velho”, disse ele, rindo em torno da piteira do seu cachimbo, “sobre a época em que aqueles meus dois pestinhas incendiaram a saia da velha mulher do mercado porque a viram embrulhando sal-sichas em um cartaz do G.I.? Se esgueiraram atrás dela e atearam fogo com uma caixa de fósforos. As queimaduras foram fortes, creio eu. Pequenos pestinhas, não é? Tão fortes quanto mostarda! Esse é o treinamento de primeira classe que lhes dão nos Espiões hoje em dia – melhor até do que nos meus dias. O que você acha que deram para eles por último? Trombetas para ouvir através de buracos de fechadura! Minha filhinha trouxe uma para casa na outra noite – experimentou na porta de nossa sala de estar, e contou que podia ouvir duas vezes mais do que com o ouvido para o buraco. Claro que é apenas um brinquedo, lembre-se. Ainda assim, dá-lhes a ideia certa, não é”?*

Neste momento, a teletela soltou um apito penetrante. Era o sinal para voltar ao trabalho. Os três homens saltaram aos seus pés para juntar-se à luta ao redor dos elevadores, e o tabaco restante caiu do cigarro de Winston.

[voltar para o índice](#)

# capítulo 6



**W**inston estava escrevendo em seu diário:

Foi há três anos. Era em uma noite escura, em uma rua lateral estreita perto de uma das grandes estações ferroviárias. Ela estava de pé perto de uma porta na parede, sob um poste de luz que mal iluminava a rua. Ela tinha um rosto jovem e usava muita maquiagem. De fato, era a pintura o que mais me atraía, a brancura, como uma máscara, e os lábios vermelhos brilhantes. As mulheres do Partido nunca pintam seus rostos. Não havia mais ninguém na rua, e não havia tele-telas. Ela disse dois dólares. Eu –

Era muito difícil continuar no momento. Ele fechou os olhos e pressionou os dedos contra eles, tentando espremer a visão que não parava de se repetir. Ele tinha a tentação quase esmagadora de gritar uma sequência de palavras imundas a toda voz. Ou bater sua cabeça contra a parede, ou virar a mesa com um chute e jogar o tinteiro pela janela – qualquer ato violento, ruidoso ou doloroso que pudesse apagar a memória que o atormentava.

[voltar para o índice](#)

Seu pior inimigo, ele refletiu, era seu próprio sistema nervoso. A qualquer momento, a tensão interna poderia se traduzir em algum sintoma visível. Ele pensou em um homem que havia passado na rua há algumas semanas; um homem de aparência bastante comum, um membro do Partido, de trinta e cinco a quarenta anos, alto e magro, carregando uma pasta. Eles estavam a alguns metros de distância quando o lado esquerdo do rosto do homem foi subitamente contorcido por uma espécie de espasmo. Aconteceu novamente quando eles estavam passando um pelo outro: foi apenas um tremor, um espasmo, tão rápido como um clique de um obturador de câmera, mas obviamente habitual. Ele se lembrou de ter pensado na época: Aquele pobre diabo está acabado. E o assustador era que a ação provavelmente era inconsciente. O perigo mais mortal de todos era falar durante o sono. Não havia como se precaver contra isso, até onde ele soubesse.

[voltar para o índice](#)

Ele respirou fundo e continuou a escrever:

Eu entrei com ela pela porta e atravessei um quintal até uma cozinha de porão. Havia uma cama contra a parede, e um abajur com uma luz muito baixa sobre a mesa. Ela...

Seus dentes foram levados ao limite. Ele gostaria de ter cuspidido. Ao mesmo tempo que pensava na mulher na cozinha do porão, ele pensou em Katharine, sua esposa. Winston era casado – tinha sido casado, de qualquer forma: provavelmente ele ainda era casado, até onde ele sabia que sua esposa não havia morrido. Ele parecia respirar novamente o odor quente e abafado da cozinha do porão, um odor composto de insetos e roupas sujas e um cheiro vil e barato, mas mesmo assim sedutor, porque nenhuma mulher do Partido jamais usava perfume nem se imaginaria fazendo isso. Somente os proles usavam o cheiro. Em sua mente, o cheiro estava inextricavelmente misturado com fornicação.

[voltar para o índice](#)

Quando ele aceitou entrar no quarto com aquela mulher, foi seu primeiro lapso em dois anos ou por aí. Associar-se com prostitutas era proibido, é claro, mas era uma daquelas regras que ocasionalmente se podia atrever quebrar. Era perigoso, mas não era uma questão de vida ou morte. Ser pego com uma prostituta poderia significar cinco anos em um campo de trabalho forçado: não mais, caso você não tivesse cometido outra ofensa. E era algo suficientemente fácil de se fazer, desde que você pudesse evitar ser pego em flagrante. Os aposentos mais pobres estavam repletos de mulheres que estavam prontas para se venderem. Algumas até podiam ser compradas por uma garrafa de gin, que os proles não tinham permissão de beber. Tacitamente, o Partido estava até inclinado a encorajar a prostituição, como uma saída para instintos que não podiam ser totalmente suprimidos. A devassidão em si não importava muito, desde que fosse furtiva e sem alegria e envolvesse apenas as mulheres de uma classe submersa e desprezada. O crime imperdoável era a promiscuidade entre os membros do Partido. Mas – embora este fosse

[voltar para o índice](#)

um dos crimes que os acusados nas grandes purgas invariavelmente confessavam – era difícil imaginar que algo assim acontecesse de fato.

O objetivo do Partido não era apenas impedir que homens e mulheres formassem lealdades que pudessem não ser controladas. Seu objetivo real, não declarado, era remover todo prazer do ato sexual. O inimigo era muito mais o erotismo do que o amor, tanto dentro quanto fora do casamento. Todos os casamentos entre membros do Partido tinham que ser aprovados por um comitê nomeado para esse fim, e – embora o princípio nunca tenha sido claramente declarado – a permissão era sempre recusada se o casal em questão desse a impressão de estar fisicamente atraído um pelo outro. O único objetivo reconhecido do casamento era gerar filhos para o serviço do Partido. A relação sexual devia ser vista como uma operação menor um pouco nojenta, como fazer um enema. Isso nunca era posto em palavras diretas, mas era esfregado de forma indireta em cada membro do Partido desde a infância. Havia até mesmo orga-

[voltar para o índice](#)

nizações como a Liga Júnior Antissexo, que defendiam o celibato completo para ambos os sexos. Todas as crianças deveriam ser geradas por inseminação artificial (inseart, como era chamada em Novalíngua) e educadas em instituições públicas. Isto, Winston estava ciente, não era uma intenção totalmente séria, mas de alguma forma se enquadrava bem na ideologia geral do Partido. O Partido estava tentando matar o instinto sexual. Se não pudesse ser morto, que ao menos fosse distorcido e sujado. Ele não sabia o porque disso, mas parecia natural que fosse assim. E, no que diz respeito às mulheres, os esforços do Partido foram amplamente bem-sucedidos.

Ele pensou novamente em Katharine. Devem ter passado nove, dez – quase onze anos desde que eles se separaram. Era curioso como ele raramente pensava nela. Era capaz de esquecer que já fora casado durante dias de cada vez. Eles só ficaram juntos por cerca de quinze meses. O Partido não permitia o divórcio, mas incentivava a separação nos casos em que não houvesse filhos.

[voltar para o índice](#)

Katharine era uma garota alta, de cabelos lisos, muito reta, com movimentos esplêndidos. Ela tinha um rosto ousado, aquilino, um rosto que se poderia chamar de nobre até que se descobrisse que não havia quase nada por trás dele. Logo no começo de sua vida de casado, ele havia decidido – embora talvez fosse apenas por conhecê-la mais intimamente do que conhecia a maioria das pessoas – que ela tinha sem exceção a mente mais estúpida, vulgar e vazia que ele já havia encontrado. Ela não tinha na cabeça um pensamento que não fosse um slogan, e não havia absolutamente nenhuma imbecilidade que o Partido lhe entregasse que ela não fosse capaz de engolir. **“A trilha sonora humana”** era o apelido que dera a ela em sua própria mente. No entanto, ele poderia ter suportado viver com ela se não fosse apenas por uma coisa: sexo.

Assim que ele a tocou, ela pareceu se encolher e endurecer. Abraçá-la era como abraçar uma imagem de madeira articulada. E o que era estranho era que, mesmo quando ela se apertava contra ele,

[voltar para o índice](#)

ele tinha a sensação de que ela o empurrava simultaneamente com todas as suas forças. A rigidez de seus músculos passava essa impressão. Ela ficava ali deitada com os olhos fechados, sem resistir nem cooperar, mas submetendo-se. Era extraordinariamente constrangedor e, depois de um tempo, horrível. Mas mesmo assim, ele poderia ter suportado viver com ela se tivesse sido acordado que eles deveriam permanecer celibatários. Mas, curiosamente, foi Katharine quem recusou isto. Eles devem, disse ela, produzir uma criança se pudessem. Assim, o desempenho continuava a acontecer, uma vez por semana, com bastante regularidade, sempre que não era impossível. Ela até o lembrava pela manhã, como algo que tinha que ser feito naquela noite e que não deveria ser esquecido. Ela tinha dois nomes para isso. Um era **“fazer um bebê”** e o outro era **“nosso dever para com o Partido”** (sim, ela tinha realmente usado essa frase). Ele logo começou a desenvolver um sentimento de terror positivo quando o dia marcado chegava. Mas felizmente nenhuma criança apareceu, e no final ela concordou em desistir de

[voltar para o índice](#)

tentar, e logo em seguida eles se separaram.

Winston suspirou de forma inaudível. Ele pegou sua caneta novamente e escreveu:

***Ela se jogou na cama, e imediatamente, sem qualquer tipo de preliminares e da maneira mais grosseira e horrível que se possa imaginar, puxou a saia para cima.***  
***Eu –***

Ele se viu ali de pé, sob a luz pálida do abajur e com o cheiro de insetos e perfume barato em suas narinas, e em seu coração um sentimento de derrota e ressentimento que mesmo naquele momento estava misturado com o pensamento do corpo branco de Katharine, congelado para sempre pelo poder hipnótico do Partido. Por que sempre teve que ser assim? Por que ele não podia ter uma mulher própria em vez destas algazarras imundas em intervalos de alguns anos? Mas um caso verdadeiro de amor era um acontecimento quase impen-sável. As mulheres do Partido eram todas pareci-

[voltar para o índice](#)

das. A castidade estava tão profundamente enraizada nelas quanto a lealdade ao Partido. O sentimento natural havia sido expulso delas pelo cuidadoso condicionamento precoce, pelos jogos e pela água fria, pelo lixo que lhes era dado na escola e nos Espiões e na Liga Jovem, por palestras, desfiles, canções, slogans e pela música marcial. Sua razão lhe dizia que deveria haver exceções, mas seu coração não acreditava nisso. Elas eram todas inexpugnáveis, como o Partido pretendia que fossem. E o que ele queria, mais ainda que ser amado, era derrubar aquele muro da virtude, mesmo que fosse apenas uma vez em toda sua vida. O ato sexual, realizado com sucesso, era uma rebelião. O desejo era um crime de pensamento. Mesmo se tivesse despertado algo assim em Katharine, se ele tivesse conseguido algo assim, teria sido como uma sedução, embora ela fosse sua esposa.

Mas o resto da história tinha que ser escrita. Ele escreveu:

***Aumentei a luz da lâmpada. Quando eu a vi na luz –***

[voltar para o índice](#)

Depois da escuridão, a luz fraca da lâmpada de parafina parecia muito brilhante. Pela primeira vez, ele pôde ver a mulher completamente. Ele havia dado um passo em direção a ela e depois parou, cheio de luxúria e terror. Ele estava dolorosamente consciente do risco que havia assumido ao vir para cá. Era perfeitamente possível que as patrulhas o apanhassem na saída: elas poderiam muito bem estar esperando do lado de fora da porta neste momento. Se ele fosse embora sem sequer fazer o que tinha vindo aqui fazer – !

Tinha que ser escrito, tinha que ser confessado. O que ele tinha visto quando aumentou a luz era que a mulher era velha. A tinta estava tão espessa em seu rosto que parecia que poderia rachar como uma máscara de papelão. Havia mechas brancas em seu cabelo; mas o detalhe verdadeiramente terrível era que sua boca, que tinha ficado um pouco aberta, revelava nada, exceto uma escuridão cavernosa. Ela não tinha nenhum dente.

[voltar para o índice](#)

Escreveu apressadamente, com uma caligrafia confusa:

***Quando eu a vi na luz, ela era uma mulher bastante velha, com pelo menos cinquenta anos. Mas eu fui em frente e o fiz mesmo assim.***

Ele pressionou os dedos contra as pálpebras novamente. Ele finalmente a havia escrito, mas isso não fez diferença. A terapia não tinha funcionado. A vontade de gritar palavras imundas no alto de sua voz era mais forte do que nunca.

[voltar para o índice](#)

# capítulo 7



**S**e há esperança, escreveu Winston, ela está nos proles.

Se houvesse esperança, ela deveria estar nos proles, porque somente naquela massa aglomerada desconsiderada, 85% da população da Oceania, poderia ser gerada a força para destruir o Partido. O Partido não poderia ser derrubado de dentro. Seus inimigos, se é que algum inimigo existisse, não teriam como se unir ou mesmo se identificar mutuamente. Mesmo que a lendária Irmandade existisse, como é bem possível, era inconcebível que seus membros pudessem se reunir em maior número do que dois ou três. Rebelião significava um olhar nos olhos, uma inflexão da voz, no máximo, uma palavra ocasional sussurrada. Mas os proles, se ao menos pudessem de alguma forma tornar-se conscientes de sua própria força, não teriam necessidade de conspirar. Eles precisavam apenas se levantar e se agitar como um cavalo sacudindo as moscas. Se eles escolhessem, poderiam fazer o Partido em pedaços amanhã de manhã. Certamente, mais cedo ou mais tarde deve ocorrer a eles fazê-lo. E ainda assim – !

[voltar para o índice](#)

Ele se lembrou de uma vez em que estava caminhando por uma rua cheia de gente quando um grito de centenas de vozes de mulheres havia explodido de uma rua lateral um pouco mais adiante. Era um grito grande e formidável de raiva e desespero, um **“Oh-o-o-o-oh!”** profundo e barulhento que continuava a cantarolar como a reverberação de um sino. Seu coração havia saltado. Começou! ele havia pensado. Um motim! Os proles estão se libertando finalmente! Quando ele chegou ao local, foi para ver uma multidão de duzentas ou trezentas mulheres se aglomerando nas barracas de um mercado de rua, com rostos tão trágicos como se tivessem sido os passageiros condenados em um navio afundando. Mas neste momento, o desespero geral se dividiu em uma multidão de brigas individuais. Parecia que uma das bancas estava vendendo panelas de lata. Eram coisas terríveis, frágeis, mas era sempre difícil conseguir panelas de qualquer tipo. Agora o fornecimento tinha inesperadamente acabado. As mulheres bem-sucedidas, esbarradas e empurradas pelo resto, tentavam fugir com suas panelas, enquanto dezenas

[voltar para o índice](#)

de outras clamavam em volta da banca, acusando o vendedor de favoritismo e de ter mais panelas estocadas em algum lugar reserva. Houve uma nova explosão de gritos. Duas mulheres inchadas, uma delas com o penteado se desfazendo, tinham pegado a mesma panela e estavam tentando arrancá-la das mãos uma da outra. Por um momento, ambas estavam puxando, e então o cabo se soltou. Winston as observou com repugnância. E ainda assim, por um momento, que poder quase assustador soou naquele grito de apenas algumas centenas de gargantas! Por que elas nunca gritaram assim sobre nada que importasse?

Ele escreveu:

***Até que se tornem conscientes,  
eles nunca se rebelarão, e até que  
tenham se rebelado, eles não podem  
se tornar conscientes.***

Isso, refletiu ele, poderia ter sido quase uma transcrição de um dos livros didáticos do Partido. O

[voltar para o índice](#)

Partido alegou, é claro, ter liberado os proles da escravidão. Antes da Revolução eles tinham sido horripelantemente oprimidos pelos capitalistas, tinham sido esfomeados e açoitados, as mulheres tinham sido forçadas a trabalhar nas minas de carvão (as mulheres ainda trabalhavam nas minas de carvão, de fato), as crianças tinham sido vendidas para as fábricas aos seis anos de idade. Mas, simultaneamente, fiel aos Princípios do Duplopensar, o Partido ensinou que os proles eram naturalmente inferiores e devem ser mantidos em sujeição, como os animais, pela aplicação de algumas regras simples. Na realidade, se sabia muito pouco sobre os proles. Não era necessário saber muito. Enquanto eles continuassem a trabalhar e a procriar, suas outras atividades não tinham importância. Deixados a si mesmos, como o gado se soltava sobre as planícies da Argentina, tinham voltado a um estilo de vida que lhes parecia ser natural, uma espécie de padrão ancestral. Nasciam, cresciam nas sarjetas, iam trabalhar aos doze anos, passavam por um breve período de floração de beleza e desejo sexual, casavam-se aos vinte anos, estavam

[voltar para o índice](#)

na meia-idade aos trinta anos, morriam, em sua maioria, aos sessenta anos. O trabalho físico pesado, o cuidado do lar e das crianças, as pequenas brigas com os vizinhos, os filmes, futebol, cerveja e, sobretudo, o jogo, enchiam o horizonte de suas mentes. Não era difícil mantê-los sob controle. Alguns agentes da Polícia do Pensamento sempre se moviam entre eles, espalhando falsos rumores e marcando e eliminando os poucos indivíduos julgados capazes de se tornarem perigosos; mas nenhuma tentativa foi feita para doutriná-los com a ideologia do Partido. Não era desejável que os proles tivessem sentimentos políticos fortes. Tudo o que lhes era exigido era um patriotismo primitivo ao qual se recorria sempre que fosse necessário fazê-los aceitar horários de trabalho mais longos ou rações mais curtas. E mesmo quando ficavam descontentes, como às vezes ficavam, seu descontentamento não levava a lugar algum, pois não tendo ideias gerais, só podiam focalizar o descontentamento em pequenos ressentimentos específicos. Os males maiores invariavelmente escapavam de sua atenção. A grande maioria dos proles

[voltar para o índice](#)

não tinha nem mesmo teletelas em suas casas. Mesmo a polícia civil interferia muito pouco com eles. Os índices de criminalidade de Londres eram altos, era um mundo inteiro de ladrões, bandidos, prostitutas, traficantes de drogas e chantagistas de todos os tipos; mas como tudo isso acontecia entre os próprios proles, não tinha importância. Em todas as questões de moral, era permitido que seguissem seu próprio código ancestral. O puritanismo sexual do Partido não era imposto a eles. A promiscuidade era impune, o divórcio era permitido. Por esse motivo, até mesmo a adoração religiosa teria sido permitida se os proles tivessem mostrado qualquer sinal de necessidade ou desejo. Eles estavam abaixo de qualquer suspeita. Como o slogan do Partido dizia: **“Proles e animais são livres”**.

Winston se abaixou e arranhou cautelosamente sua úlcera varicosa. Estava coçando novamente. O que acontecia invariavelmente era a impossibilidade de realmente saber como era a vida antes da Revolução. Ele tirou da gaveta uma cópia de

[voltar para o índice](#)

um livro infantil de história que havia pedido emprestado à Sra. Parsons, e começou a copiar uma passagem para o diário:

Antigamente, antes da gloriosa Revolução, Londres não era a bela cidade que conhecemos hoje. Era um lugar escuro, sujo e miserável, onde quase ninguém tinha o suficiente para comer e onde centenas e milhares de pessoas pobres não tinham botas nos pés e nem mesmo um teto para dormir. Crianças não mais velhas do que você tinham que trabalhar doze horas por dia para mestres cruéis que as açoitavam com chicotes se trabalhassem muito devagar e as alimentavam com nada além de migalhas de pão e água.

Mas em meio a toda esta pobreza terrível havia apenas algumas casas grandes e belas que eram habitadas por homens ricos que tinham até trinta criados. Estes homens ricos eram chamados de capitalistas. Eram homens gordos e feios com rostos malvados, como o que está na foto na página oposta. Você pode ver que ele estava vestido com

[voltar para o índice](#)

um longo casaco preto, que era chamado de sobre-casaca, e um chapéu esquisito e brilhante em forma de fogareiro, que era chamado de cartola. Este era o uniforme dos capitalistas, e ninguém mais estava autorizado a usá-lo. Os capitalistas eram donos de tudo no mundo, e todos os outros eram seus escravos. Eles possuíam todas as terras, todas as casas, todas as fábricas, e todo o dinheiro. Se alguém os desobedecesse, eles poderiam jogá-lo na prisão, ou poderiam tirar-lhe o emprego e matá-lo de fome. Quando qualquer pessoa comum falava com um capitalista, ele tinha que se encolher e se curvar diante dele, tirar seu boné e se dirigir a ele como **“Senhor”**. O chefe de todos os capitalistas era chamado de Rei, e –

Mas ele conhecia o resto do catálogo. Haveria menção aos bispos e suas mangas soltas, aos juízes em suas vestes de arminho, ao pelourinho, aos estoques, à esteira das fábricas, ao chicote de várias cordas, ao banquete do Senhor Prefeito e à prática de beijar o dedo do pé do Papa. Havia também algo

[voltar para o índice](#)

chamado *jus primae noctis*, que provavelmente não seria mencionado em um livro didático para crianças. Era a lei que dava direito aos capitalistas de dormir com qualquer mulher que trabalhasse em uma de suas fábricas.

Como seria possível saber o que disso era mentira? Talvez seja verdade que o ser humano médio estava melhor agora do que estava antes da Revolução. A única evidência do contrário era o protesto mudo em seus próprios ossos, o sentimento instintivo de que as condições em que vivia eram intoleráveis e que em algum outro momento deveriam ter sido diferentes. O que lhe chamou a atenção é que o que realmente caracterizava a vida moderna não era sua crueldade e insegurança, mas simplesmente sua nudez, sua mesquinhez, sua indiferença. A vida, se você olhasse à sua volta, não tinha nenhuma semelhança não só com as mentiras que brotavam das teletelas, mas até mesmo com os ideais que o Partido estava tentando alcançar. Grandes áreas dela, mesmo para um membro do Partido, eram neutras e apolíticas, uma questão de traba-

[voltar para o índice](#)

lho em empregos monótonos, lutar por um lugar no Tubo, remendar uma meia desgastada, racionalizar uma pastilha de sacarina, guardar a ponta de um cigarro. O ideal criado pelo Partido era algo enorme, terrível e brilhante – um mundo de aço e concreto, de máquinas monstruosas e armas terríveis – uma nação de guerreiros e fanáticos, marchando em perfeita unidade, todos pensando os mesmos pensamentos e gritando os mesmos slogans, trabalhando perpetuamente, lutando, triunfando, perseguindo – trezentos milhões de pessoas com a mesma cara. A realidade era decadente, cidades sujas onde pessoas subnutridas se embaralhavam usando sapatos furados, em casas remendadas do século XIX que cheiravam sempre a repolho e banheiros ruins. Ele parecia ver uma visão de Londres, vasta e ruínosa, cidade de um milhão de lixeiras, e misturada com ela estava uma foto da Sra. Parsons, uma mulher de rosto enrugado e cabelo fino, lidando desamparada com um cano entupido.

Ele se abaixou e arranhou novamente o tornozelo. As teletelas feriam seus ouvidos dia e noite com

[voltar para o índice](#)

estatísticas provando que as pessoas de hoje tinham mais comida, mais roupas, casas melhores, recreações melhores – que viviam mais tempo, trabalhavam menos horas, eram maiores, mais saudáveis, mais fortes, mais felizes, mais inteligentes, melhor educadas, do que as pessoas de cinquenta anos atrás. Nem uma palavra disso poderia ser provada ou desmentida. O Partido alegou, por exemplo, que hoje 40% dos proles adultos eram alfabetizados: antes da Revolução, foi dito, o número era de apenas 15%. O Partido alegou que a taxa de mortalidade infantil era agora de apenas 160 a cada mil, enquanto antes da Revolução era de 300 – e assim continuou. Era como uma única equação com duas incógnitas. Poderia muito bem ser que literalmente cada palavra nos livros de história, mesmo as coisas que se aceitavam sem questionar, fosse pura fantasia. Pelo que ele sabia, uma lei como a *jus primae noctis* pode muito bem nunca ter existido, assim como qualquer criatura como os capitalistas ou uma peça de vestuário como a cartola.

[voltar para o índice](#)

Tudo se desvanecia em névoa. O passado foi apagado, a rasura foi esquecida, a mentira se tornou verdade. Somente uma vez em sua vida ele teve provas concretas e inconfundíveis de um ato de falsificação depois do evento, que era o que contava. Ele a manteve entre seus dedos por até trinta segundos. Isso deve ter sido em 1973 – de qualquer forma, foi por volta do momento em que ele e Katharine se separaram. Mas a data realmente relevante foi sete ou oito anos antes.

A história realmente começou em meados dos anos sessenta, no período das grandes purgas em que os líderes originais da Revolução foram exterminados de uma vez por todas. Por volta de 1970, nenhum deles restara, exceto o próprio Grande Irmão. Todo o resto já havia sido exposto como traidores e contrarrevolucionários. Goldstein tinha fugido e estava escondendo sem que ninguém soubesse onde. Alguns dos outros tinham simplesmente desaparecido, enquanto a maioria tinha sido executada após espetaculares julgamentos públicos nos quais eles fizeram confissão de seus crimes.

[voltar para o índice](#)

Entre os últimos sobreviventes estavam três homens chamados Jones, Aaronson e Rutherford. Estes três devem ter sido presos em 1965. Como muitas vezes acontecia, eles tinham desaparecido por um ano ou mais, de modo que não se sabia se estavam vivos ou mortos, e então, de repente, tinham sido levados a se incriminar da maneira habitual. Eles haviam confessado serem espiões do inimigo (naquele momento, o inimigo também era Eurásia), desviar de fundos públicos, assassinar vários membros de confiança do Partido, fazer intrigas contra a liderança do Grande Irmão que haviam começado muito antes de acontecer a Revolução, causar e atos de sabotagem causando a morte de centenas de milhares de pessoas. Depois de confessar estas coisas, eles foram perdoados, reintegrados no Partido e colocados em postos que na verdade eram moleza, mas que pareciam importantes. Todos os três haviam escrito longos e abjetos artigos no *The Times*, analisando as razões de sua deserção e prometendo fazer reparações.

[voltar para o índice](#)

Algum tempo depois da soltura deles, Winston tinha visto os três no Café Chestnut Tree. Ele se lembrou do tipo de fascínio aterrorizado com o qual os havia observado pelo canto do olho. Eram homens muito mais velhos que ele, relíquias do mundo antigo, quase as últimas grandes figuras remanescentes dos dias heróicos do Partido. O glamour da luta clandestina e da guerra civil ainda se agarrava a eles. Ele tinha a sensação, embora já naquela época os fatos e as datas estivessem se tornando cada vez mais tênues, de que ele ouvira seus nomes anos antes de ouvir falar sobre o Grande Irmão. Mas também eram foras da lei, inimigos, intocáveis, condenados com absoluta certeza à extinção dentro de um ano ou dois. Ninguém que tivesse caído nas mãos da Polícia do Pensamento escapava no final. Eram cadáveres à espera de uma sepultura.

Não havia ninguém em nenhuma das mesas mais próximas a eles. Não era prudente nem mesmo ser visto nas proximidades de tais pessoas. Eles estavam sentados em silêncio diante de copos de gin aroma-

[voltar para o índice](#)

tizados com cravos-da-índia, que era a especialidade do café. Dos três, a aparência de Rutherford era a que mais havia impressionado Winston. Rutherford já havia sido um famoso caricaturista, cujos desenhos animados brutais haviam ajudado a inflamar a opinião popular antes e durante a Revolução. Mesmo agora, em longos intervalos, seus desenhos estavam aparecendo no *The Times*. Eles eram simplesmente uma imitação de seu jeito anterior, e curiosamente sem vida e pouco convincentes. Sempre foram uma reformulação dos temas antigos – favelas, crianças famintas, batalhas de rua, capitalistas de chapéus altos – mesmo nas barricadas, os capitalistas ainda pareciam se agarrar aos seus chapéus, como um esforço sem fim e sem esperança de voltar ao passado. Ele era um homem monstruoso, com uma crina de cabelos grisalhos e gordurosos, seu rosto marcado por bolsas e emendas, com lábios negroides grossos. Em algum momento, ele deve ter sido imensamente forte; agora seu grande corpo estava flácido, torto, abaulado, caindo em todas as direções. Ele parecia estar se desfazendo diante dos olhos, como uma montanha se desmoronando.

[voltar para o índice](#)

Era a hora solitária das três da tarde. Winston não conseguia se lembrar agora como ele tinha chegado a estar no café em tal momento. O lugar estava quase vazio. Uma música metálica saía das teletelas. Os três homens estavam sentados no seu canto quase sem movimento, nunca falando. Sem comando, o garçom trouxe copos frescos de gin. Havia um tabuleiro de xadrez sobre a mesa ao lado deles, com as peças dispostas, mas nenhum jogo começou. E então, por talvez meio minuto ao todo, algo aconteceu com as teletelas. A música que elas estavam tocando mudou, e o tom da música mudou também. Foi isso – mas foi algo difícil de descrever. Era uma nota estranha, rachada, zurrada, zombeteira: em sua mente, Winston a chamou de nota amarela. E então uma voz cantava:

***Debaixo na grande castanheira  
Eu te vendi e você me vendeu  
Aqui estamos nós, aqui na beira  
Debaixo da grande castanheira***

[voltar para o índice](#)

Os três homens não se moveram. Mas quando Winston olhou novamente para o rosto arruinado de Rutherford, ele viu que seus olhos estavam cheios de lágrimas. E pela primeira vez ele notou, com uma espécie de estremeção interno, sem saber ainda do que estremeceu, que tanto Aaronson quanto Rutherford tinham narizes quebrados.

Um pouco mais tarde, todos os três voltaram a ser presos. Parecia que eles tinham se engajado em novas conspirações desde o momento de sua libertação. Em seu segundo julgamento eles confessaram todos os seus crimes antigos novamente, com toda uma série de crimes recentes. Eles foram executados, e seu destino foi registrado nas histórias do Partido como um aviso à posteridade. Cerca de cinco anos depois disso, em 1973, Winston estava desenrolando um maço de documentos que tinha acabado de sair do tubo pneumático em sua mesa quando se deparou com um fragmento de papel que evidentemente tinha sido colocado entre os outros e esquecido. No instante em que ele o tinha alisado, entendeu seu significado. Era uma meia pá-

[voltar para o índice](#)

gina arrancada do The Times de cerca de dez anos antes – a metade superior da página, que incluía a data – e continha uma fotografia dos delegados em alguma função do Partido em Nova York. Destacam-se no meio do grupo Jones, Aaronson e Rutherford. Não havia como não identificá-los, em todo caso seus nomes estavam na legenda na parte inferior.

A questão era que em ambos os julgamentos os três homens haviam confessado que naquela data haviam estado em solo eurasiático. Eles haviam voado de um aeródromo secreto no Canadá para um encontro em algum lugar da Sibéria, e haviam se encontrado com membros do Estado-Maior Eurasiático, a quem haviam traído importantes segredos militares. A data tinha ficado na memória de Winston porque era um dia de verão; mas toda a história deve estar registrada em inúmeros outros lugares também. Havia apenas uma conclusão possível: as confissões eram mentiras.

[voltar para o índice](#)

É claro que isto não foi em si uma descoberta. Mesmo naquela época Winston não tinha imaginado que as pessoas que foram dizimadas nas purgas tivessem realmente cometido os crimes de que foram acusadas. Mas isto era uma evidência concreta; era um fragmento do passado abolido, como um osso fóssil que aparece no estrato errado e destrói uma teoria geológica. Esse fragmento bastava para explodir o Partido em átomos, se de alguma forma ele pudesse ter sido publicado e seu significado se tornasse conhecido.

Ele tinha continuado a trabalhar. Assim que ele viu o que era a fotografia, e o que significava, ele a cobriu com outra folha de papel. Por sorte, quando a desenrolou, ela estava de cabeça para baixo do ponto de vista da teletela.

Ele apoiou seu bloco de notas no joelho e empurrou sua cadeira para trás a fim de se afastar o máximo possível da teletela. Manter seu rosto sem nenhuma expressão não foi difícil, e até mesmo

[voltar para o índice](#)

sua respiração podia ser controlada, com um certo esforço: mas você não podia controlar o batimento do coração, e a teletela era delicada o suficiente para perceber isso. Ele deixou passar o que julgou ser dez minutos, atormentado o tempo todo pelo medo de que algum acidente – uma súbita corrente de ar soprando sobre sua mesa, por exemplo – pudesse traí-lo. Então, sem descobri-lo novamente, ele deixou cair a fotografia no buraco da memória, junto com alguns outros papéis desperdiçados. Em mais um minuto, talvez, ela teria se desintegrado em cinzas.

Isso foi há dez, onze anos. Hoje, provavelmente, ele teria guardado essa fotografia. Era curioso que o fato de tê-la mantido em seus dedos lhe parecesse fazer a diferença mesmo agora, quando a própria fotografia, bem como o evento que ela registrou, era apenas memória. Será que o poder do Partido sobre o passado era menos forte, ele se perguntava, porque existia uma evidência de algo que não existia mais?

[voltar para o índice](#)

Mas hoje, supondo que pudesse ser de alguma forma ressuscitado de suas cinzas, a fotografia poderia nem mesmo ser uma evidência. Já na época em que ele fez sua descoberta, a Oceania não estava mais em guerra com a Eurásia, e deve ter sido aos agentes da Lestásia que os três mortos haviam traído seu país. Desde então, houve outras mudanças – duas, três... ele já não se lembrava quantas. Muito provavelmente as confissões tinham sido escritas e reescritas até que os fatos e datas originais não tinham mais o menor significado. O passado não só mudava, mas mudava continuamente. O que mais o afligia, como uma sensação de pesadelo, era que ele nunca havia entendido claramente por que a enorme impostura era empreendida. As vantagens imediatas de falsificar o passado eram óbvias, mas o motivo final era misterioso. Ele pegou sua caneta novamente e escreveu:

***Eu entendo COMO.***

***Eu não entendo POR QUÊ.***

[voltar para o índice](#)

Ele se perguntava, como já havia se perguntado muitas vezes, se ele mesmo era um lunático. Talvez um lunático fosse simplesmente uma minoria composta de uma pessoa. Em algum momento foi um sinal de loucura acreditar que a terra gira em torno do sol; hoje em dia, loucura é acreditar que o passado é inalterável. Ele poderia estar mantendo esta crença sozinho, e se estivesse sozinho, então era um lunático. Mas a ideia de ser um lunático não o incomodava muito: o horror era que ele também pudesse estar errado.

Ele pegou o livro de história infantil e olhou para o retrato do Grande Irmão na capa. Os olhos hipnóticos olhavam para os seus. Era como se alguma força enorme estivesse pressionando você – algo que penetrava dentro de seu crânio, batendo contra seu cérebro, assustando você de suas crenças, persuadindo-o, quase, a negar a evidência de seus sentidos. No final, o Partido anunciaria que dois mais dois são cinco, e você teria que acreditar nisso. Era inevitável que eles fizessem essa afirmação mais cedo ou mais tarde: a lógica de sua posição o

[voltar para o índice](#)

exigia. Não apenas a validade da experiência, mas a própria existência da realidade externa, foi tacitamente negada por sua filosofia. A heresia das heresias era de senso comum. E o que era aterrador não era que eles o matariam por pensar de outra forma, mas que poderiam estar certos. Pois, afinal de contas, como sabemos que dois mais dois são quatro? Ou que a força da gravidade funciona? Ou que o passado é imutável? Se tanto o passado quanto o mundo externo existem apenas na mente, e se a própria mente é controlável, então o que?

Mas não! Sua coragem parecia de repente endurecer por sua própria vontade. A face de O'Brien flutuava em sua mente sem ser trazida por nenhuma conexão óbvia. Ele sabia, com mais certeza do que antes, que O'Brien estava do seu lado. Ele estava escrevendo o diário pelo O'Brien – para O'Brien: era como uma carta interminável que ninguém jamais leria, mas que era endereçada a uma pessoa em particular e se justificava por isso.

[voltar para o índice](#)

O Partido lhe disse para rejeitar a evidência de seus olhos e ouvidos. Era seu comando final, o mais essencial. Seu coração afundou ao pensar no enorme conjunto de poderes contra ele, a facilidade com que qualquer intelectual do Partido o derrubaria no debate, os argumentos sutis que ele não seria capaz de entender, muito menos de responder. E mesmo assim, ele estava no direito! Eles estavam errados e ele estava certo. O óbvio, o bobo e o verdadeiro tinham que ser defendidos. Os truísmos são verdadeiros, agarrem-se a isso! O mundo sólido existe, suas leis não mudam. As pedras são duras, a água é molhada, objetos sem suporte caem em direção ao centro da terra. Com a sensação de que ele estava falando com O'Brien, e também que ele estava estabelecendo um axioma importante, ele escreveu:

***A liberdade é a liberdade de dizer que dois mais dois são quatro. Se isso for garantido, tudo o mais vem em seguida.***

[voltar para o índice](#)

# capítulo 8



**D**e algum lugar no fundo de uma passagem, o cheiro do café torrado – café de verdade, não Café da Vitória – veio flutuando para a rua. Winston fez uma pausa involuntária. Durante cerca de dois segundos ele voltara ao mundo meio esquecido de sua infância. Então uma porta bateu, parecendo cortar o cheiro tão abruptamente como se tivesse sido um som.

Ele havia caminhado vários quilômetros sobre os pavimentos e sua úlcera varicosa estava latejante. Esta foi a segunda vez em três semanas que ele perdia uma noite no Centro Comunitário: um ato precipitado, já que com certeza o número de presenças no Centro era cuidadosamente verificado. Em princípio, um membro do Partido não tinha tempo livre, e nunca estava sozinho, exceto na cama. Presumia-se que, quando ele não estivesse trabalhando, comendo ou dormindo, estaria participando de algum tipo de recreação comunitária: fazer qualquer coisa que sugerisse o gosto pela solidão, mesmo caminhar sozinho, era sempre um pouco perigoso. Havia uma palavra para

[voltar para o índice](#)

isso na Novalíngua: vida própria, era chamada assim, significando individualismo e excentricidade. Mas esta noite, quando ele saiu do Ministério, o ar ameno do mês de abril o havia tentado. O céu era de um azul mais quente do que ele havia visto naquele ano, e de repente a longa e barulhenta noite no Centro, os jogos chatos e exaustivos, as palestras e a camaradagem rangente regada de gin pareciam intoleráveis. Por impulso, ele havia se afastado da parada de ônibus e se desviado para o labirinto de Londres, primeiro ao sul, depois ao leste, depois ao norte novamente, perdendo-se entre ruas desconhecidas e dificilmente se preocupando em que direção ele estava indo.

**“Se há esperança”**, ele havia escrito no diário, **“ela está nos proles”**. As palavras, declaração de uma verdade mística e de um absurdo palpável, continuavam voltando para ele. Ele estava em algum lugar nas favelas vagas, de cor marrom ao norte e ao leste do que outrora fora a Estação Saint Pancras. Ele estava andando por uma rua de paralelepípedos, cercada por pequenas casas de dois

[voltar para o índice](#)

andares com portas surradas que davam direto no pavimento e que de alguma forma eram curiosamente parecidas com ninhos de ratos. Havia poças de água suja aqui e ali entre as calçadas. Dentro e fora das portas escuras, e por vielas estreitas que se ramificavam de ambos os lados, as pessoas se aglomeravam em números surpreendentes – meninas em plena floração, com bocas pintadas com batom tosco, e jovens que perseguiam as meninas, e mulheres inchadas que se agitavam, que mostravam como seriam as meninas daqui a dez anos, e velhas criaturas curvadas se arrastando por aí com os pés esticados, e crianças descalças, vestindo trapos, brincando nas poças e depois se espalhavam aos gritos irados de suas mães. Talvez um quarto das janelas da rua estivessem quebradas e cobertas por tábuas. A maioria das pessoas não prestou atenção a Winston; alguns o olharam com uma espécie de curiosidade reservada. Duas mulheres monstruosas, com antebraços vermelhos como tijolos dobrados sobre os aventais, estavam falando do lado de fora de uma porta. Winston pegou pedaços de conversa enquanto se aproximava.

[voltar para o índice](#)

*“Sim’, eu digo para ela, ‘tá tudo muito bem’, digo. ‘Mas se cê tivesse no meu lugar cê teria feito a mesma coisa qu’eu. É fácil criticar’, digo, ‘mas cê não não tem os mesmos problemas qu’eu’”*.

*“Ah”, disse a outra. “É isso mesmo. É isso mesmo”*.

As vozes estridentes pararam abruptamente. As mulheres o estudaram em silêncio hostil enquanto ele passava. Mas não foi exatamente hostilidade; foi apenas uma espécie de cuidado, um enrijecimento momentâneo, como na passagem de algum animal desconhecido. O macacão azul do Partido não podia ser uma visão comum em uma rua como esta. De fato, não era sensato ser visto em tais lugares, a menos que fosse resolver problemas específicos por ali. As patrulhas poderiam detê-lo se por acaso você se deparasse com eles. *“Posso ver seus documentos, camarada? O que você está fazendo aqui? A que horas você saiu do trabalho? Este é seu caminho habitual para casa?”* – e assim por diante. Não que houvesse alguma regra contra voltar para casa

[voltar para o índice](#)

por um caminho incomum: mas era suficiente para chamar a atenção para si mesmo se a Polícia do Pensamento soubesse disso.

De repente, a rua inteira estava em alvoroço. Havia gritos de alerta de todos os lados. As pessoas estavam entrando nas portas como coelhos. Uma jovem saltou de uma porta um pouco à frente de Winston, agarrou uma criança pequena brincando em uma poça, chicoteou seu avental em volta dela, e saltou de volta, tudo em um só movimento. No mesmo instante, um homem de terno preto parecido com uma harmônica, que havia saído de um beco lateral, correu em direção a Winston, apontando agitado para o céu.

**“Vapor!”**, gritou. **“Cuidado, chefe! Batida na cabeça! Deita logo!”**.

**“Vapor”** era um apelido que, por alguma razão, os proles davam às bombas de foguete. Winston prontamente se atirou no chão com o rosto para baixo. Os proles estavam quase sempre certos quando lhe de-

[voltar para o índice](#)

ram um aviso deste tipo. Eles pareciam possuir algum tipo de instinto que lhes dizia com vários segundos de antecedência quando um foguete estava chegando, embora os foguetes supostamente viajassem mais rápido que o som. Winston apertou seus antebraços acima de sua cabeça. Havia um rugido que parecia fazer a pavimentação se agitar; uma chuva de objetos leves se espalhou sobre suas costas. Quando ele se levantou, descobriu que estava coberto com fragmentos de vidro da janela mais próxima.

Ele continuou andando. A bomba havia demolido um grupo de casas 200 metros acima da rua. Uma nuvem negra de fumaça estava pendurada no céu, e abaixo dela havia uma nuvem de pó de gesso na qual já se formava uma multidão ao redor das ruínas. Havia uma pequena pilha de gesso amontoadada no pavimento à sua frente, e no meio dela ele podia ver uma risca vermelha brilhante. Quando se aproximou, viu que era uma mão humana arrancada pelo pulso. Além do coto sangrento, a mão estava completamente branqueada a ponto de se assemelhar a um molde de gesso.

[voltar para o índice](#)

Ele chutou a coisa para a sarjeta e depois, para evitar a multidão, entrou à direita em uma rua lateral. Em três ou quatro minutos ele estava fora da área que a bomba havia afetado, e a sórdida movimentação da vida nas ruas estava acontecendo como se nada tivesse acontecido. Eram quase vinte horas, e as lojas de bebidas que os proles frequentavam (eles as chamavam de “*pubs*”) estavam entupidas de clientes. De suas portas basculantes sujas, que abriam e fechavam sem parar, saía um cheiro de urina, serragem e cerveja azeda. Em um ângulo formado por uma frente de casa saliente, três homens estavam muito próximos um do outro, o do meio segurando um jornal dobrado que os outros dois estavam estudando por cima de seu ombro. Mesmo antes que ele estivesse suficientemente perto para ver a expressão em seus rostos, Winston podia ver a absorção em cada linha de seus corpos. Era obviamente uma notícia séria que eles estavam lendo. Ele estava a alguns passos deles quando de repente o grupo se separou e dois dos homens estavam brigando. Por um momento, eles pareciam prestes a começar os golpes.

[voltar para o índice](#)

*“Você não está ouvindo direito o que estou te dizendo? Estou dizendo que nenhum número que termine em sete foi sorteado há mais de quatorze meses”.*

*“Foi sim!”*

*“Não, não foi! Lá em casa tenho todos eles, tudo anotadinho num pedaço de papel. Eu anoto que nem um relóginho. E tô te dizendo, nenhum número que termina em sete—”*

*“Mas um sete ganhou! Eu quase consigo te dizer a porra do número. Quatro zero sete, era esse o fim. Foi em fevereiro – segunda semana de fevereiro”.*

*“Fevereiro é sua mãe! Eu tenho tudo preto no branco. E to dizendo, nenhum número...”*

*“Oh, parem com isso!”*, disse o terceiro homem.

Eles estavam falando sobre a loteria. Winston olhou para trás quando já estava trinta metros a frente. Eles ainda estavam discutindo, com ex-

[voltar para o índice](#)

pressões vívidas e passionais. A Loteria, com seu pagamento semanal de enormes prêmios, era o único evento público ao qual os proles prestavam bastante atenção. Era provável que houvesse alguns milhões de proles para os quais a Loteria era o principal, se não o único motivo para permanecerem vivos. Era o seu deleite, sua loucura, seu paliativo, seu estimulante intelectual. No que diz respeito à Loteria, mesmo as pessoas que mal sabiam ler e escrever pareciam capazes de cálculos intrincados e proezas espantosas de memória. Havia uma tribo inteira de homens que ganhavam a vida simplesmente vendendo sistemas, previsões e amuletos da sorte. Winston não tinha nada a ver com o funcionamento da loteria, que era administrada pelo Ministério da Abundância, mas ele estava ciente (na verdade todos no Partido estavam cientes) de que os prêmios eram em grande parte imaginários. Apenas pequenas somas eram realmente pagas, sendo que os ganhadores dos grandes prêmios eram pessoas inexistentes. Na ausência de qualquer intercomunicação real entre uma parte da Oceania e outra, isto não era difícil de conseguir.

[voltar para o índice](#)

Mas se havia esperança, ela estava nos proles. Era necessário se agarrar a isso. Quando você colocava em palavras, parecia razoável: mas quando olhava para os seres humanos passando por você na calçada, se tornava um ato de fé. A rua em que ele havia se transformado desceu. Ele tinha a sensação de já ter estado neste bairro antes, e que havia uma rua principal não muito distante. De algum lugar adiante, veio um barulho de vozes altas. A rua deu uma curva brusca e depois terminou em um lance de degraus que o levou a um beco fundo onde alguns guardas estavam vendendo vegetais de aparência cansada. Neste momento Winston lembrou-se onde ele estava. A viela levava até a rua principal, e na curva seguinte, não a cinco minutos, estava a lojinha de parafernália onde ele havia comprado o livro em branco que agora era seu diário. E em uma pequena papelaria não muito distante, ele havia comprado seu porta-lápis e seu pote de tinta.

Ele parou por um momento na parte superior dos degraus. No lado oposto do beco havia um barzinho sujo cujas janelas pareciam ser foscas, mas

[voltar para o índice](#)

na realidade estavam apenas cobertas de poeira. Um homem muito velho, curvado, mas ativo, com bigodes brancos que se movimentavam para frente como os de um camarão, empurrou a porta e entrou. Enquanto Winston observava, ocorreu-lhe que o velho, que deve ter no mínimo oitenta anos, já estava na meia-idade quando a Revolução aconteceu. Ele e alguns outros como ele eram os últimos laços que existiam agora com o mundo desaparecido do capitalismo. No próprio Partido não restavam muitas pessoas cujas ideias haviam sido formadas antes da Revolução. A geração mais velha havia sido dizimada em sua maioria nas grandes purgas dos anos cinquenta e sessenta, e os poucos que sobreviveram há muito tempo haviam ficado aterrorizados com a completa rendição intelectual. Se ainda houvesse alguém vivo que pudesse dar um relato verdadeiro das condições no início do século, só poderia ser um prole. De repente, a passagem do livro de história que ele havia copiado em seu diário voltou à mente de Winston, e um impulso lunático tomou conta dele. Ele entraria no pub, se familiarizaria com aque-

[voltar para o índice](#)

le velho e o questionaria. Ele lhe diria: **“Conte-me sobre sua vida quando você era um garoto. Como era naquela época? As coisas eram melhores do que são agora, ou eram piores”?**

Apressadamente, para que ele não tivesse tempo de ficar com medo, ele desceu os degraus e atravessou a rua estreita. Era uma loucura, é claro. Como sempre, não havia nenhuma regra definitiva contra falar com os proles e frequentar seus bares, mas era uma ação muito incomum para passar despercebida. Se as patrulhas aparecessem, ele poderia alegar um ataque de fraqueza, mas não era provável que acreditassem nele. Ele empurrou a porta e um cheiro horrível de cerveja azeda o atingiu no rosto. Ao entrar no recinto, o barulho das vozes caiu pela metade. Atrás de suas costas, ele podia sentir todos olhando para seu macacão azul. Um jogo de dardos que acontecia no outro extremo da sala se interrompeu por talvez até trinta segundos. O velho que ele havia seguido estava de pé no bar, tendo algum tipo de briga com o barman, um jovem grande, robusto, com um nariz em formato

[voltar para o índice](#)

de gancho, com enormes antebraços. Um grupo, de pé e com copos na mão, observava a cena.

*“Eu pedi direitinho, não pedi?”*, disse o velho, endireitando os ombros agressivamente. *“Cê tá me dizendo que não tem um pint de cerveja nessa porra?”*

*“E que porra é um pint?”*, disse o barman, inclinándose para frente com as pontas dos dedos no balcão.

*“Ô só pr’ele! Diz que é um barman mas não sabe o que é um pint? Um pint é metade de um quarto, e tem quatro quartos no galão. Tenho que te ensinar o abc também?”*

*“Nunca ouvi falar disso”*, disse o barman. *“Litro e meio litro. É isso que servimos. Os copos estão na prateleira na sua frente”*.

*“Mas eu queria um pint”*, insistiu o velho. *“Você poderia fácil servir um pint para mim. A gente não tinha essa porra de litros quando eu era jovem”*.

[voltar para o índice](#)

**“Quando você era jovem, vivíamos no alto das árvores”**, disse o barman lançando um olhar para os outros clientes.

Houve um riso estrondoso, e o mal-estar causado pela entrada de Winston parecia estar desaparecendo. O rosto do velho tinha ficado cor-de-rosa. Ele se virou, murmurando para si mesmo, e esbarrou em Winston. Winston o pegou gentilmente pelo braço.

**“Posso oferecer-lhe uma bebida?”**, disse ele.

**“Você é um cavalheiro”**, disse o outro, endireitando os ombros novamente. Ele parecia não ter notado o macacão azul de Winston. **“Um pint”**, ele acrescentou agressivamente ao barman. **“Um pint de wallop!”**.

O barman encheu dois copos grossos, que ele tinha lavado em um balde embaixo do balcão, com dois meios litros de cerveja marrom-escura. A cerveja era a única bebida que se podia obter em bares

[voltar para o índice](#)

da prole. Os proles não tinham permissão de beber gin, embora na prática eles conseguissem se apoderar dele facilmente. O jogo de dardos estava novamente em pleno andamento, e o grupo de homens no bar tinha começado a falar de bilhetes de loteria. A presença de Winston foi esquecida por um momento. Havia uma mesa discreta debaixo da janela onde ele e o velho podiam conversar sem medo de serem ouvidos. Era horrivelmente perigoso, mas de qualquer forma não havia nenhuma teletela na sala, um ponto que Winston tinha conferido assim que entrou no lugar.

**“Ele podia ter servido um pint”,** resmungou o velho enquanto se assentava atrás do copo. **“Meio litro não é suficiente. Não satisfaz. E um litro é demais. Ataca minha bexiga. Sem contar o preço”.**

**“Você deve ter visto grandes mudanças desde que era um jovem”,** tentou Winston.

Os olhos azuis pálidos do velho se moveram do tabuleiro de dardos para o bar, e do bar para a porta do

[voltar para o índice](#)

banheiro, como se fosse na sala do bar que ele esperava que as mudanças tivessem ocorrido.

*“A cerveja era melhor”, disse ele finalmente. “E mais barata! Quando eu era jovem, a cerveja suave – chamada de ‘wallop’ – era quatro centavos por litro. Isso foi antes da guerra, é claro”.*

*“Que guerra era essa mesmo?”*, disse Winston.

*“É tudo guerra”*, disse o velho vagamente. Ele pegou seu copo e endireitou novamente os ombros.

*“Um brinde a sua saúde”!*

Era possível ver seu pomo de Adão, bem pontiagudo na garganta magra, fazendo um movimento surpreendentemente rápido para cima e para baixo enquanto a cerveja desaparecia. Winston foi para o bar e voltou com mais dois meio litros. O velho parecia ter esquecido seu preconceito contra beber um litro inteiro.

[voltar para o índice](#)

*“Você é muito mais velho do que eu”, disse Winston. “Você deve ter sido um homem adulto antes de eu nascer. Você pode se lembrar como era nos velhos tempos, antes da Revolução. As pessoas da minha idade não sabem realmente nada sobre esses tempos. Só podemos ler sobre eles em livros, e o que está escrito nos livros pode não ser verdade. Gostaria de saber sua opinião sobre isso. Os livros de história dizem que a vida antes da Revolução era completamente diferente do que é agora. Havia a mais terrível opressão, injustiça, pobreza pior do que qualquer coisa que possamos imaginar. Aqui em Londres, a grande massa do povo nunca teve o suficiente para comer desde o nascimento até a morte. Metade deles não tinha nem mesmo botas nos pés. Eles trabalhavam doze horas por dia, saíam da escola às nove, dormiam dez em uma sala. E ao mesmo tempo havia um grupo pequeno de pessoas, composto por apenas alguns milhares – os capitalistas, eram chamados – que eram ricos e poderosos. Eles eram donos de tudo o que havia para possuir. Viviam em grandes casas belíssimas com trinta criados, andavam em carruagens com quatro cavalos, bebiam champanhe, usavam cartolas...”*

[voltar para o índice](#)

O homem ficou animado de repente.

*“Cartolas!”, disse ele. “Engraçado você falar de cartolas. Pensei nisso ainda ontem, nem sei o porquê. Eu estava brincando que faz anos que não vejo uma cartola. Desapareceram, elas. A última vez que usei um foi no funeral da minha cunhada. E isso foi – bem, não seria nem capaz de te dar uma data, mas deve ter sido há cinquenta anos. Claro que foi apenas emprestado para a ocasião, você sabe”.*

*“Mas as cartolas não são o mais importante”, disse Winston pacientemente. “A questão é que estes capitalistas – eles e alguns advogados e padres e assim por diante, que viviam às custas deles – eram os senhores da terra. Tudo existia para seu benefício. Vocês – o povo comum, os trabalhadores – eram seus escravos. Eles podiam fazer o que quisessem com vocês. Eles podiam enviar você para o Canadá como gado. Eles podiam dormir com suas filhas, se quisessem. Podiam ordenar que você fosse açoitado com algo chamado ‘chicote’. Você tinha que tirar seu chapéu quando eles passavam. Todo capitalista andava com um bando de lacaios que...”*

[voltar para o índice](#)

O homem voltou a se animar.

*“Lacaios!”, disse ele. “Agora taí uma palavra que eu não ouço desde muito tempo. Lacaios! Isso me leva de volta, isso sim. Eu me lembro, oh, muitos anos atrás – eu costumava às vezes ir no parque no domingo de tarde para ouvir os discursos dos caras. Exército da Salvação, católicos romanos, judeus, indianos – tinha de tudo que é tipo de gente. E tinha um cara – bem, eu não podia lhe dar um nome, mas um orador realmente poderoso era. E ele não fazia nem metade do que podia. ‘Lacaios!’, ele disse, ‘lacaios da burguesia! Criados da classe dominante!’ Parasitas – essa era outra – e hienas, ele definitivamente os chamou de hienas. É claro que se referia ao Partido Trabalhista, você entendeu”.*

Winston tinha a sensação de que eles não estavam se entendendo muito.

*“Mas o que eu realmente queria saber é”, disse ele, “se você sente que tem mais liberdade agora do que tinha naquela época? Você é tratado mais como um*

[voltar para o índice](#)

*ser humano? Antigamente, as pessoas ricas, as pessoas no topo...”*

*“A casa dos senhores”, disse o velhote com um tom nostálgico.*

*“A casa dos senhores, é claro. O que eu pergunto é: essas pessoas eram capazes de tratá-lo como um inferior, simplesmente porque eles eram ricos e você era pobre? É verdade que você tinha que tratá-los de ‘senhor’ e tirar o chapéu quando passavam”?*

O velho parecia pensar profundamente. Ele bebeu cerca de um quarto de sua cerveja antes de responder.

*“Sim”, disse ele. “Eles gostaram que você tocasse seu chapéu para eles. Demonstrava respeito, tipo. Eu não concordava com isso, mas fiz com bastante frequência. Tinha que fazer, você poderia dizer”.*

*“E era normal – estou apenas citando o que li nos livros de história – era normal que essas pessoas e*

[voltar para o índice](#)

*seus criados o empurrassem da calçada para dentro da sarjeta”?*

*“Um deles me empurrou uma vez”, disse o velho. “Eu me lembro como se fosse ontem. Era a noite da Corrida de Barco – eles ficavam uns arruaceiros na noite de Corrida de Barco – e eu me deparo com um jovem na avenida Shaftesbury. Um cavalheiro, ele – com camisa, cartola, casaca preta. E estava andando em zigue-zague pelo pavimento, e a gente se esbarra por acidente. E ele diz: ‘Por que você não olha para onde está indo?’, ele diz. Eu digo, ‘Cê acha que você pagou a porra da rua’? Aí ele diz, ‘vou explodir sua cabeça se você começar a brincar comigo’. Eu digo: ‘Você está bêbado. Vou chamar a polícia’, eu digo. E se você acreditar em mim, não é que ele pôs a mão no meu peito e me empurrou quase para debaixo das rodas de um ônibus? Bem, eu era jovem nesses dias, e ia dar uma nele também, mas...”*

Uma sensação de desamparo tomou conta de Winston. A memória do velho não era nada além de um monte de detalhes. Podia questioná-lo o dia todo

[voltar para o índice](#)

sem obter nenhuma informação real. As histórias do Partido ainda podem ser verdadeiras, de certa maneira: podem muito bem ser completamente verdadeiras. Ele fez uma última tentativa.

*“Talvez eu não tenha me feito entender”, disse ele.*

*“O que eu estou tentando dizer é o seguinte. Você está vivo há muito tempo; você viveu metade de sua vida antes da Revolução. Em 1925, por exemplo, você já era adulto. Você diria, pelo que consegue se lembrar, que a vida em 1925 era melhor do que é agora, ou pior? Se você pudesse escolher, você preferiria viver naquela época ou agora”?*

O velho olhou meditativamente para o quadro de dardos. Ele terminou sua cerveja, mais lentamente do que antes. Quando ele falou foi com um ar filosófico tolerante, como se a cerveja o tivesse amadurecido.

*“Eu sei o que você espera que eu diga”, disse ele.*

*“Você espera que eu diga como se eu fosse mais jovem novamente. A maioria das pessoas diria que*

[voltar para o índice](#)

*mais cedo seriam jovens, se você fosse jovem. Você tem saúde e força quando você é jovem. Quando você chega ao meu tempo de vida, você nunca está bem. Eu sofro algo perverso nos meus pés, e minha bexiga é uma piada terrível. Seis ou sete vezes por noite, é como se eu dormisse fora da cama. Por outro lado, há grandes vantagens em ser um homem velho. Você não tem as mesmas preocupações. Nenhum problema com mulheres, e isso é uma coisa ótima. Faz trinta anos que não fico com uma mulher, pode acreditar. E nem quis, ainda por cima”.*

Winston sentou-se de costas contra o parapeito da janela. Não adiantava continuar assim. Ele estava prestes a comprar mais cerveja quando o velho se levantou de repente e entrou rapidamente no urinol fedorento ao lado da sala. O meio litro a mais já estava trabalhando nele. Winston sentou-se por um ou dois minutos olhando para seu copo vazio, e mal notou quando seus pés o levaram para a rua novamente. Dentro de vinte anos, no máximo, ele refletiu, a enorme e simples pergunta: **“A vida era melhor antes da Revolução do que é agora...”**

[voltar para o índice](#)

não poderia mais ser respondida. Mas, na verdade, ainda hoje ela era incontestável, já que os poucos sobreviventes dispersos do mundo antigo eram incapazes de comparar uma idade com outra. Eles se lembravam de um milhão de coisas inúteis, uma briga com um colega de trabalho, uma caça a uma bomba de bicicleta perdida, a expressão no rosto de uma irmã há muito morta, os redemoinhos de poeira em uma manhã ventosa há setenta anos: mas todos os fatos relevantes estavam fora do alcance de sua visão. Eles eram como a formiga, que pode ver objetos pequenos, mas não grandes. E quando a memória falhasse e os registros escritos fossem falsificados – quando isso acontecesse, a alegação do Partido de ter melhorado as condições da vida humana teria que ser aceita, porque não existia, e nunca mais poderia existir, qualquer parâmetro contra o qual pudesse ser comparada.

Neste momento, seu pensamento parou abruptamente. Ele parou e olhou para cima. Ele estava em uma rua estreita, com algumas lojinhas escuras, intercaladas entre as casas. Imediatamente aci-

[voltar para o índice](#)

ma de sua cabeça, penduraram três bolas de metal descoloridas que pareciam ter sido douradas uma vez. Ele parecia conhecer o lugar. É claro! Ele estava do lado de fora da loja de sucata onde havia comprado o diário.

Uma pontinha de medo passou por ele. Para começo de conversa, comprar o livro já tinha sido um ato suficientemente precipitado, e ele tinha jurado nunca mais se aproximar do lugar. E no instante em que ele permitiu que seus pensamentos vagassem, seus pés o haviam trazido de volta para cá por vontade própria. Era precisamente contra impulsos suicidas deste tipo que ele esperava se proteger começando um diário. Ao mesmo tempo, ele notou que, apesar de serem quase vinte e uma horas, a loja ainda estava aberta. Com a sensação de que ele seria menos visível do lado de dentro do que de fora, ele pisou pela porta. Se questionado, ele poderia plausivelmente dizer que estava tentando comprar lâminas de barbear.

[voltar para o índice](#)

O proprietário tinha acabado de acender uma lâmparina de óleo que emitia um cheiro impuro, mas amigável. Ele era um homem de talvez sessenta anos, frágil e curvado, com um nariz longo e benevolente e olhos suaves distorcidos por lentes grossas. Seu cabelo era quase branco, mas suas sobrancelhas eram cheias e ainda negras. Seus óculos, seus movimentos suaves e agitados, e o fato de estar usando uma jaqueta envelhecida de veludo preto, davam-lhe um ar vago de intelectualidade, como se ele tivesse sido uma espécie de homem literário, ou talvez um músico. Sua voz era suave, como se estivesse desbotada, e seu sotaque menos rebaixado do que o da maioria dos proles.

***“Eu o reconheci da calçada”***, disse ele imediatamente. ***“Você é o cavalheiro que comprou o álbum de recordações da jovem senhora. Era um belo pedaço de papel. Papel vergé, costumava ser chamado. Não fazem mais papel assim há... oh, ousou dizer, cinquenta anos”***. Ele espreitava Winston por cima de seus óculos. ***“Há algo especial que eu possa fazer por você? Ou você só queria dar uma olhada?”***.

[voltar para o índice](#)

*“Eu estava passando”, disse Winston vagamente. “Eu só olhei para dentro. Eu não quero nada em particular”.*

*“Ainda bem”, disse o outro, “porque eu suponho que não poderia satisfazê-lo”. Ele fez um gesto apologético com sua mão suave. “Você consegue ver; é uma loja vazia, você poderia dizer. Cá entre nós, o comércio de antiguidades está quase terminado. Não há mais demanda, e também não há estoque. Móveis, porcelanas, vidros, tudo foi quebrado aos poucos. E, claro, o metal foi derretido em sua maioria. Não vejo um castiçal de latão há anos”.*

O minúsculo interior da loja estava de fato desconfortavelmente cheio, mas não havia quase nada nele de valor. O espaço no chão era muito restrito, porque todas as paredes estavam empilhadas com inúmeras molduras empoeiradas. Na janela havia bandejas de porcas e parafusos, formões gastos, canivetes com lâminas quebradas, relógios manchados que nem sequer fingiam funcionar e outras porcarias diversas. Apenas em uma pequena

[voltar para o índice](#)

mesa no canto havia uma ninhada de miudezas – caixas de rapé lacadas, broches de ágata e similares – que pareciam incluir algo interessante. Enquanto Winston caminhava em direção à mesa, seu olhar foi pego por uma coisa redonda e suave que brilhava suavemente sob a luz do lampião, e ele a pegou.

Era um pedaço pesado de vidro, curvo de um lado, plano do outro, fazendo quase um hemisfério. Havia uma suavidade peculiar, como a da água da chuva, tanto na cor quanto na textura do vidro. No seu centro, ampliado pela superfície curva, havia um objeto estranho, rosado, convoluto, que lembrava uma rosa ou uma anêmona marinha.

**“O que é isso?”** disse Winston, fascinado.

**“Isto é coral, é”,** disse o velho. **“Deve ter vindo do Oceano Índico. Costumavam incorporá-lo ao vidro.**

[voltar para o índice](#)

*Isso não foi feito há menos de cem anos. Talvez até mais, pelo aspecto dele”.*

*“É uma coisa linda”,* disse Winston.

*“É uma coisa linda”,* o outro disse agradecido.

*“Mas não há muitos que digam isso hoje em dia”. Ele tossiu. “Agora, caso você quisesse comprá-lo, isso lhe custaria quatro dólares. Lembro-me quando uma coisa assim teria custado oito libras, e oito libras eram – bem, não posso calcular bem, mas era muito dinheiro. Mas quem se importa com as antiguidades genuínas hoje em dia, mesmo as poucas que restam”?*

Winston pagou imediatamente os quatro dólares e enfiou o cobiçado objeto em seu bolso. O que o atraía não era tanto sua beleza, mas o ar que parecia possuir de pertencer a uma época bem diferente da atual. O vidro macio como água da chuva não era como nenhum vidro que ele jamais havia visto. A coisa era duplamente atraente por causa de

[voltar para o índice](#)

sua aparente inutilidade, embora ele pudesse adivinhar que uma vez deve ter sido concebido como um peso para papéis. Era muito pesado no bolso, mas, felizmente, não fazia muito volume. Era uma coisa estranha, até mesmo uma coisa comprometedora, para um membro do Partido ter em sua posse. Qualquer coisa antiga, e por isso mesmo qualquer coisa bonita, era sempre vagamente suspeita. O velho tinha ficado visivelmente mais alegre depois de receber os quatro dólares. Winston percebeu que teria aceitado três ou até dois.

*“Há outra sala lá em cima, caso você talvez queira dar uma olhada”, disse ele. “Não há muito nela. Apenas algumas peças. Precisamos de uma luz se formos lá para cima”.*

Ele acendeu outra lâmpada e, com as costas curvadas, subiu lentamente as escadas íngremes e desgastadas e ao longo de uma pequena passagem, para uma sala que não dava para a rua, mas olhava para fora em um quintal pavimentado e uma floresta de chaminés. Winston notou que os móveis ainda

[voltar para o índice](#)

estavam dispostos como se o quarto fosse habitado. Havia uma faixa de tapete no chão, uma ou duas imagens nas paredes e uma cadeira de braços profunda que levava até a lareira. Um relógio de vidro antiquado, de doze horas, fazia tique-taque sob a lareira. Sob a janela, e ocupando quase um quarto do quarto, estava uma cama enorme com o colchão ainda sobre ela.

***“Vivemos aqui até a morte de minha esposa”***, disse o velho meio apologético. ***“Estou vendendo os móveis pouco a pouco. Essa é uma linda cama de mogno, ou pelo menos seria se você conseguisse tirar os insetos dela. Mas ousou dizer que você a acharia um pouco incômoda”***.

Ele estava segurando a lâmpada bem alto, de modo a iluminar toda a sala, e na luz quente e fraca o lugar parecia curiosamente convidativo. Passou pela cabeça de Winston que provavelmente seria muito fácil alugar o quarto por alguns dólares por semana, se ele se atrevesse a correr o risco. Era uma noção selvagem, impossível, que precisava ser abandonada assim que

[voltar para o índice](#)

surgiu; mas o quarto despertou nele uma espécie de nostalgia, uma espécie de memória ancestral. Parecia-lhe que ele sabia exatamente como era sentar-se em uma sala como esta, em uma cadeira de braços ao lado de uma fogueira com os pés no suporte e uma chaleira no fogão; totalmente sozinho, totalmente seguro, sem ninguém lhe observando, sem nenhuma voz lhe perseguindo, sem nenhum som a não ser o canto da chaleira e o tique-taque amigável do relógio.

**“Não tem uma teletela”**, ele murmurou sem conseguir evitar.

**“Ah”**, disse o velho, **“eu nunca tive uma dessas coisas. Muito caro. E eu nunca senti a necessidade disso, de alguma forma. Aquela ali é uma bela mesa dobrável no canto. Embora, é claro, você teria que colocar novas dobradiças nela se quisesse usar as abas”**.

Havia uma pequena estante no outro canto, e Winston já havia gravitado em direção a ela. Não continha nada além de lixo. A caça e a destruição dos livros tinham sido feitas com a mesma minú-

[voltar para o índice](#)

cia nos bairros populares como em qualquer outro lugar. Era muito improvável que existisse em qualquer lugar da Oceania uma cópia de um livro impresso antes de 1960. O velho, ainda carregando a lâmpada, estava de pé diante de um quadro em uma moldura de pau-rosa que estava pendurado do outro lado da lareira, em frente à cama.

**“Agora, se por acaso você estiver interessado em gravuras antigas”**, ele começou delicadamente.

Winston cruzou o quarto para examinar o quadro. Era uma gravura no aço de um edifício oval com janelas retangulares, e uma pequena torre na frente. Havia uma grade em volta do edifício e, na extremidade posterior, havia o que parecia ser uma estátua. Winston olhou para ela por alguns momentos. Parecia vagamente familiar, embora ele não se lembrasse da estátua.

**“A moldura está fixada na parede”**, disse o velho, **“mas eu poderia desaparafusá-la para você, ousou dizer”**.

[voltar para o índice](#)

*“Eu conheço aquele prédio”, disse Winston, finalmente. “Agora é uma ruína. Está no meio da rua do lado de fora do Palácio da Justiça”.*

*“É isso mesmo. Fora dos Tribunais de Justiça. Foi bombardeado em – oh, há muitos anos. Foi uma igreja, São Clemente dos Dinamarqueses, era seu nome”. Ele sorriu apologético, como se estivesse consciente de dizer algo um pouco ridículo, e acrescentou: “Sempre e geralmente, dizem os sinos de São Clemente”!*

*“O que?”, disse Winston.*

*“Ah, ‘sempre e geralmente, dizem os sinos de São Clemente’. Essa era uma rima que tínhamos quando eu era menino. Não me lembro continuava, mas sei que o fim era: ‘Aí vem uma vela para até a cama te levar, aí vem um helicóptero para a sua cabeça cortar’. Era uma espécie de dança. Eles estendiam seus braços para você passar por baixo, e quando chegaram em ‘aí vem um helicóptero para a sua cabeça cortar eles baixaram seus bra-*

[voltar para o índice](#)

*ços e o pegavam. Eram apenas nomes de igrejas. Todas as igrejas de Londres estavam nela – todas as principais, pelo menos”.*

Winston se perguntava vagamente a que século a igreja pertencia. Sempre foi difícil determinar a idade de um edifício londrino. Qualquer coisa grande e impressionante, se era razoavelmente nova na aparência, era automaticamente reivindicada como tendo sido construída desde a Revolução, enquanto qualquer coisa que fosse obviamente de data anterior era atribuída a algum período obscuro chamado Idade Média. Os séculos de capitalismo foram considerados como não tendo produzido nada de valor algum. Não se podia aprender história com a arquitetura, assim como não se podia aprender com os livros. Estátuas, inscrições, pedras memoriais, os nomes das ruas – qualquer coisa que pudesse lançar luz sobre o passado tinha sido sistematicamente alterado.

*“Eu nunca soube que tinha sido uma igreja”, disse ele.*

[voltar para o índice](#)

*“Na verdade, ainda há muitas delas”, disse o velho, “embora tenham sido colocadas para outros usos. Agora, como era mesmo a rima? Ah! Já sei”!*

*“Sempre e geralmente, dizem os sinos de São Clemente*

*De seda e linho, dizem os sinos de São Martinho...”*

*“E lá, agora, isso é o mais longe que eu posso chegar. Seda e linho eram tecidos muito finos”.*

*“Onde ficava São Martinho?”, perguntou Winston.*

*“São Martinho? Ainda está de pé. Está na Praça da Vitória, ao lado da galeria de imagens. Um prédio com uma espécie de varanda triangular e pilares na frente, e um grande lance de degraus”.*

Winston conhecia bem o lugar. Era um museu usado para exposições de propaganda de vários tipos – modelos em escala de bombas de foguetes e Fortalezas Flutuantes, mesas de trabalho em cera ilustrando atrocidades inimigas, e coisas assim.

[voltar para o índice](#)

*“Costumava ser chamada de São Martinho dos campos”, completou o velho, “embora eu não me lembre de nenhum campo em nenhuma dessas partes”.*

Winston não comprou o quadro. Teria sido uma posse ainda mais incongruente do que o peso de papéis de vidro, e impossível de levar para casa, a menos que fosse retirado de sua moldura. Mas ele demorou mais alguns minutos, conversando com o velho, cujo nome, ele descobriu, não era Weeks – como se poderia ter percebido pela inscrição na frente da loja – mas Charrington. O Sr. Charrington, ao que parece, era um viúvo de sessenta e três anos de idade e habitou esta loja por trinta anos. Durante todo esse tempo, ele tinha a intenção de alterar o nome em cima da vitrine, mas nunca chegou ao ponto de fazê-lo. Durante todo esse tempo em que estavam falando, a rima meio lembrada continuava a passar pela cabeça de Winston. Sempre e geralmente, dizem os sinos de São Clemente, De seda e linho, dizem os sinos de São Martinho! Era curioso, mas quando você disse isso a si mesmo, você tinha a ilusão de realmente ouvir os sinos, os sinos de uma

[voltar para o índice](#)

Londres perdida que ainda existia em algum lugar ou outro, disfarçados e esquecidos. De um campanário fantasmagórico atrás do outro, ele parecia escutá-los tocando. No entanto, até onde ele se lembrava, nunca na vida real havia ouvido os sinos da igreja tocando.

Ele se afastou do Sr. Charrington e desceu as escadas sozinho, de modo a não deixar que o velho o visse fazendo um reconhecimento da rua antes de sair pela porta. Ele já havia decidido que após um intervalo adequado – um mês, digamos – ele correria o risco de visitar a loja novamente. Talvez não fosse mais perigoso do que se esquivar durante uma noite pelo Centro. A grande loucura tinha sido voltar aqui em primeiro lugar, depois de comprar o diário e sem saber se o proprietário da loja poderia ser confiável. No entanto...!

***“Sim, ele pensou novamente, ele voltaria. Ele compraria mais pedaços de belas porcarias. Ele compraria a gravura de São Clemente dos Dinamarqueses, a tiraria de sua moldura e a levaria para casa escondida sob a jaqueta de seu macacão. Ele arran-***

[voltar para o índice](#)

*caria o resto deste poema para fora da memória do Sr. Charrington. Mesmo o projeto lunático de alugar o quarto lá em cima brilhou em sua mente por um momento. Durante uns cinco segundos a exaltação o deixou descuidado, e ele saiu para a calçada sem sequer um olhar preliminar através da janela. Ele tinha até mesmo começado a cantarolar com uma melodia improvisada”.*

Sempre e geralmente, dizem os sinos de São Clemente,

*De seda e linho, dizem os –*

De repente, seu coração parecia transformar-se em gelo e suas entranhas em água. Uma figura de macacão azul estava descendo a calçada, a não mais do que dez metros de distância. Era a garota do Departamento de Ficção, a garota de cabelo escuro. A luz estava falhando, mas ele não tinha dificuldade em reconhecê-la. Ela o olhou diretamente no rosto, depois caminhou rapidamente como se não o tivesse visto.

[voltar para o índice](#)

Por alguns segundos, Winston ficou paralisado demais para se mover. Então ele se virou para a direita e se afastou fortemente, não percebendo por enquanto que ele estava indo na direção errada. Em todo caso, uma questão foi resolvida. Não havia mais dúvidas de que a garota o estava espionando. Ela deve tê-lo seguido aqui, porque não era crível que por puro acaso ela estivesse caminhando na mesma noite pela mesma rua obscura, a quilômetros de distância de qualquer bairro em que viviam os membros do Partido. Era uma coincidência muito grande. Se ela era realmente uma agente da Polícia do Pensamento, ou simplesmente uma espiã amadora inspirada oficialmente, pouco importava. Já era suficiente que ela o estivesse observando. Provavelmente ela também o tinha visto entrar no pub.

Caminhar foi um esforço. O pedaço de vidro em seu bolso batia contra sua coxa a cada passo, e ele já estava quase decidido a tirá-lo e jogá-lo fora. A pior coisa era a dor na barriga. Durante alguns minutos ele teve a sensação de que morreria se não chegasse logo a um banheiro. Mas

[voltar para o índice](#)

não havia banheiros públicos em uma região como esta. Então o espasmo passou, deixando uma dor chata para trás.

A rua era um beco sem saída. Winston parou, ficou de pé por vários segundos se perguntando vagamente o que fazer, depois deu a volta e começou a refazer seus passos. Quando ele virou, ocorreu-lhe que a garota só tinha passado por ele há três minutos e que, correndo, ele provavelmente poderia alcançá-la. Ele podia continuar no caminho com ela até que eles estivessem em algum lugar tranquilo, e então esmagar seu crânio com uma pedra de paralelepípedo. O pedaço de vidro em seu bolso seria pesado o suficiente para o trabalho. Mas ele abandonou a ideia imediatamente, porque até mesmo a ideia de fazer qualquer esforço físico era insuportável. Ele não podia correr, não podia dar um golpe. Além disso, era jovem e se defenderia. Ele pensou também em correr para o Centro Comunitário e ficar lá até o local fechar, a fim de estabelecer um álibi parcial para a noite. Mas isso também era impossível. Uma lassidão mortífera tinha tomado conta dele. Tudo o que

[voltar para o índice](#)

ele queria era chegar rapidamente em casa e depois sentar-se e ficar quieto.

Já passava das vinte e duas horas quando chegou no apartamento. As luzes eram desligadas na central às vinte e três e meia. Ele foi para a cozinha e engoliu quase uma xícara de chá cheia de Gin de Vitória. Então ele foi para a mesa na alcova, sentou-se e tirou o diário da gaveta. Mas ele não o abriu de uma vez. Da teletela, uma voz feminina atrevida gritava uma canção patriótica. Ele sentou-se olhando fixamente a capa marmoreada do livro, tentando sem sucesso desligar a voz de sua consciência.

Era de noite que eles vinham buscá-lo, sempre de noite. A coisa certa era matar-se antes que eles o pegassem. Sem dúvida, algumas pessoas o faziam. Muitos dos desaparecimentos eram na verdade suicídios. Mas era preciso uma certa coragem desesperada para se matar em um mundo onde as armas de fogo, ou qualquer veneno rápido e certo, eram impossíveis de serem encontradas. Ele pensou com uma espécie de espanto a inutilidade

[voltar para o índice](#)

biológica da dor e do medo, a traição do corpo humano que sempre congela em inércia exatamente no momento em que um esforço especial é necessário. Ele poderia ter silenciado a menina de cabelos escuros se tivesse agido suficientemente rápido: mas precisamente por causa da extremidade de seu perigo, ele tinha perdido o poder de agir. Ele percebeu que em momentos de crise nunca se está lutando contra um inimigo externo, mas sempre contra o próprio corpo. Mesmo agora, apesar do gin, a dor chata na barriga tornava impossível o pensamento consecutivo. É o mesmo, ele percebeu, em todas as situações aparentemente heroicas ou trágicas. No campo de batalha, na câmara de tortura, em um navio afundado, as questões pelas quais se luta são sempre esquecidas, porque o corpo incha até encher o universo, e mesmo quando não se está paralisado por medo ou gritos de dor, a vida é uma luta momento a momento contra a fome ou o frio ou a insônia, contra um estômago com azia ou um dente dolorido.

Ele abriu o diário. Era importante anotar algo. A mulher da teletela tinha começado uma nova can-

[voltar para o índice](#)

ção. Sua voz parecia grudar em seu cérebro como lascas de vidro. Ele tentou pensar em O'Brien, para quem o diário era escrito, mas em vez disso começou a pensar nas coisas que aconteceriam com ele depois que a Polícia do Pensamento o levasse embora. Não importaria se eles o matassem de imediato. Ser morto era o que você esperava. Mas antes da morte (ninguém falava de tais coisas, mas todos sabiam delas) havia a obrigatória rotina da confissão: rastejar no chão e gritar por misericórdia, o rachar dos ossos quebrados, os dentes quebrados e os coágulos sangrentos no cabelo.

Por que você tinha que suportar isso, já que o fim era sempre o mesmo? Por que não era possível cortar alguns dias ou semanas de sua vida? Ninguém jamais escapava da detecção, e ninguém jamais deixou de confessar. Depois de você ter sucumbido ao crime de pensamento, era certo que em uma determinada data você estaria morto. Por que então esse horror, que não mudava nada, teve que ficar embutido no tempo futuro?

[voltar para o índice](#)

Ele tentou, com um pouco mais de sucesso do que antes, invocar a imagem de O'Brien. “Vamos nos encontrar no lugar onde não há escuridão”, O'Brien havia dito a ele. Ele sabia o que isso significava, ou pensava que sabia. O lugar onde não há escuridão era o futuro imaginado, que nunca se veria, mas que, de antemão, se poderia compartilhar misticamente. Mas, com a voz da teletela incomodando seus ouvidos, ele não podia seguir adiante a sua linha de pensamento. Ele colocou um cigarro em sua boca. Metade do tabaco caiu prontamente sobre sua língua, um pó amargo que era difícil de cuspir novamente. O rosto do Grande Irmão nadou em sua mente, deslocando o de O'Brien. Assim como havia feito alguns dias antes, ele tirou uma moeda do bolso e olhou para ela. O rosto olhava para ele, pesado, calmo, protetor: mas que tipo de sorriso estava escondido sob o bigode escuro? Como um nó de chumbo, as palavras voltaram para ele:

**GUERRA É PAZ**

**LIBERDADE É ESCRAVIDÃO**

**IGNORÂNCIA É FORÇA**

[voltar para o índice](#)

**PARTIE**



# capítulo 1



**E**ra o meio da manhã, e Winston havia deixado o cubículo para ir ao banheiro.

Uma figura solitária estava vindo em sua direção do outro extremo do longo corredor iluminado. Era a garota de cabelos escuros. Tinham passado quatro dias desde a noite em que ele a avistara fora da loja de sucata. Quando ela chegou mais perto, ele viu que seu braço direito estava protegido por uma tipóia, não perceptível à distância porque era da mesma cor que o macacão. Ela provavelmente havia esmagado sua mão enquanto manejava um dos grandes caleidoscópios nos quais as tramas dos romances eram **“delineadas”**. Era um acidente comum no Departamento de Ficção.

Eles estavam a cerca de quatro metros de distância um do outro quando a garota tropeçou e caiu de cara no chão, emitindo um grito forte de dor. Ela deve ter caído bem em cima do braço ferido. Winston estava indo em sua direção, mas desistiu. A garota tinha se ajoelhado. O rosto dela tinha vi-

[voltar para o índice](#)

rado uma cor amarelo-leitosa contra a qual sua boca se destacava, mais avermelhada do que nunca. Seus olhos estavam fixos nos dele, com uma expressão apelativa que parecia mais medo do que dor.

Uma emoção curiosa despertou no coração de Winston. Na sua frente estava um inimigo que tentava matá-lo; na sua frente, também, estava uma criatura humana, com dor e talvez com um osso quebrado. Instintivamente, ele já havia começado a avançar para ajudá-la. No momento em que a viu cair em cima do braço enfaixado, foi como se ele tivesse sentido a dor em seu próprio corpo.

***“Você se machucou?”***, disse.

***“Não é nada. Só meu braço. Já vai ficar tudo bem”***.

Ela falou como se seu coração estivesse agitado. Toda a cor tinha saído do seu rosto.

[voltar para o índice](#)

*“Você não quebrou nada”?*

*“Não, estou bem. Só doeu na hora”.*

Ela estendeu sua mão livre para ele, e ele a ajudou a levantar. Ela tinha recuperado um pouco de sua cor, e parecia muito melhor.

*“Não é nada”,* ela repetiu. *“Só estalei meu pulso. Obrigada, camarada”!*

E com isso ela caminhou na direção em que estava indo, tão rapidamente como se realmente não tivesse sido nada. O incidente inteiro não tinha demorado nem meio minuto. Não deixar os sentimentos aparecerem no rosto era um hábito que havia adquirido o status de instinto e, de qualquer forma, eles estavam em frente a um telescópio quando a coisa aconteceu. No entanto, tinha sido muito difícil não demonstrar uma surpresa momentânea, pois nos dois ou três segundos em que ele a ajudava, a garota tinha colocado algo em sua mão. Não havia dúvidas de que ela havia feito

[voltar para o índice](#)

isso intencionalmente. Era algo pequeno e plano. Ao passar pela porta do lavatório, ele a transferiu para seu bolso e a sentiu com as pontas dos dedos. Era um pedaço de papel dobrado em forma de quadrado.

Enquanto estava no urinol, ele conseguiu, com alguns movimentos da mão, desdobrá-lo. Obviamente, deve haver uma mensagem escrita nele. Por um momento, ele foi tentado a ir para um dos compartimentos e ler a mensagem imediatamente. Mas isso seria uma loucura escandalosa, ele bem sabia. Não se podia ter mais certeza de ser vigiado continuamente pelas teletelas em nenhum outro lugar além das cabines dos banheiros.

Ele voltou para seu cubículo, sentou-se, jogou o fragmento de papel casualmente entre os outros papéis sobre a mesa, colocou seus óculos e puxou o ditaescritor na sua direção. **“Cinco minutos”**, disse para si mesmo, **“pelo menos cinco minutos”**! Seu coração batia em seu peito com um som assustador. Felizmente, o trabalho que ele estava fazendo

[voltar para o índice](#)

era apenas rotina, a retificação de uma longa lista de dados, e não precisava de muita atenção.

O que quer que estivesse escrito no papel, devia ter algum tipo de significado político. Até onde ele pôde ver, havia duas possibilidades. Uma, muito mais provável, era que a garota fosse uma agente da Polícia do Pensamento, exatamente como ele temia. Ele não sabia por que a Polícia do Pensamento deveria escolher entregar suas mensagens de tal forma, mas talvez eles tivessem suas razões. O que estava escrito no papel poderia ser uma ameaça, uma intimação, uma ordem para cometer suicídio, uma armadilha de algum tipo. Mas havia outra possibilidade, mais longínqua, que continuava surgindo na sua cabeça, embora ele tentasse em vão suprimi-la. Talvez a mensagem não viesse da Polícia do Pensamento, mas de algum tipo de organização clandestina. Talvez a Irmandade existisse afinal de contas! Talvez a garota fizesse parte dela! Sem dúvida, a ideia era absurda, mas havia surgido em sua mente no exato instante em que sentia o pedaço de papel em sua mão. Só alguns

[voltar para o índice](#)

minutos depois é que a outra explicação, mais provável, lhe havia ocorrido. E mesmo agora, embora seu intelecto lhe dissesse que a mensagem provavelmente significava sua morte – ainda assim, não era isso que ele acreditava, e a esperança irracional persistia, e seu coração batia, e foi com dificuldade que ele impediu que sua voz tremesse enquanto murmurava os dados para o ditador.

Ele enrolou o pacote completo de trabalho e o deslizou para dentro do tubo. Oito minutos haviam passado. Ele reajustou seus óculos no nariz, suspirou e puxou o próximo lote de trabalho na sua direção, com o pedaço de papel em cima dele. Ele o abriu. Estava escrito, com uma caligrafia grande e não treinada:

***Eu te amo.***

Durante vários segundos ele ficou tão atordoado que sequer conseguiu jogar o papel incriminatório no buraco da memória. Quando o fez, embora soubesse muito bem o perigo de mostrar

[voltar para o índice](#)

muito interesse, não resistiu a lê-lo novamente, só para ter certeza de que as palavras estavam realmente lá.

Foi muito difícil trabalhar durante o resto da manhã. O que era ainda pior do que ter que focalizar sua mente em uma série de trabalhos insignificantes era a necessidade de esconder sua agitação da teletela. Ele sentia como se um fogo estivesse ardendo em sua barriga. O almoço na cantina quente, lotada e barulhenta era um tormento. Ele esperava ficar sozinho por algum tempo durante a hora do almoço, mas por azar o imbecil do Parsons surgiu ao seu lado, o cheiro do seu suor quase sobrepondo o cheiro metálico do cozido, e manteve um fluxo constante de conversa sobre os preparativos para a Semana do Ódio. Ele estava particularmente entusiasmado com um modelo de papel machê da cabeça do Grande Irmão de dois metros de largura que estava sendo feito para a ocasião pela tropa de espiões de sua filha. O mais irritante era que, no meio da barulheira de vozes, Winston mal podia ouvir o que Parsons dizia, e tinha

[voltar para o índice](#)

que pedir constantemente que alguma observação inútil fosse repetida. Ele vislumbrou a menina apenas uma vez, em uma mesa com duas outras meninas ao fundo da sala. Ela parecia não tê-lo visto, e ele não olhou naquela direção novamente.

A tarde foi mais suportável. Imediatamente após o almoço, chegou um trabalho delicado e difícil que levaria várias horas e exigia deixar tudo o resto de lado. Consistia em falsificar uma série de relatórios de produção de dois anos atrás, de modo a lançar o descrédito sobre um membro proeminente do Partido Interno, que agora estava sendo escrutinado. Este era o tipo de coisa em que Winston era bom, e por mais de duas horas ele conseguiu tirar a garota de sua mente por completo. Então a memória de seu rosto voltou e, com ela, um desejo irado e intolerável de ficar sozinho. Até que ele pudesse ficar sozinho, era impossível pensar neste novo acontecimento. Esta noite era uma de suas noites no Centro Comunitário. Ele comeu outra refeição de mau gosto na cantina, correu para o Centro, participou da solene tolice de um

[voltar para o índice](#)

**“grupo de discussão”**, jogou duas partidas de tênis de mesa, engoliu vários copos de gin e sentou-se por meia hora através de uma palestra intitulada **“Socing em relação ao xadrez”**. Sua alma se encheu de tédio, mas pela primeira vez em muito tempo ele não sentia nenhum impulso para se esquivar de sua noite no Centro. Ao ver as palavras **“Eu te amo”**, havia brotado nele o desejo de permanecer vivo, e a ideia de correr pequenos riscos de repente pareceu estúpida. Não foi antes das vinte e três horas, quando ele estava em casa e na cama – na escuridão, onde você estava a salvo até mesmo da teletela se você se mantivesse em silêncio – que ele foi capaz de pensar continuamente.

Era um problema físico que tinha que ser resolvido: como entrar em contato com a garota e marcar um encontro. Ele não considerou mais a possibilidade de que ela pudesse estar armando algum tipo de armadilha para ele. Ele sabia que não era assim, por causa da agitação inconfundível dela quando ela lhe entregou o bilhete. Obviamente, ela também tinha ficado assustada, como deveria

[voltar para o índice](#)

estar. Nem mesmo a ideia de recusar seus avanços lhe passou pela cabeça. Apenas cinco noites atrás ele havia contemplado esmagar o crânio dela com um paralelepípedo, mas isso não tinha importância. Ele pensou no corpo nu e jovem dela, como ele havia visto em seu sonho. Ele a havia imaginado uma tola como todas as outras, sua cabeça recheada de mentiras e ódio, sua barriga cheia de gelo. Uma espécie de febre o agarrou ao pensar que ele poderia perdê-la, o corpo jovem e branco poderia fugir dele! O que ele temia mais do que qualquer outra coisa era que ela simplesmente mudasse de ideia se ele não entrasse em contato com ela logo. Mas a dificuldade física de se encontrar era enorme. Era como tentar fazer um movimento no xadrez quando você já estava em mate. Seja qual for a forma com que você se virasse, a teletela o enfrentaria. Na verdade, todas as formas possíveis de comunicação com ela haviam lhe ocorrido em cinco minutos após a leitura da nota; mas agora, com tempo para pensar, ele passou por cada uma delas, como se estivesse colocando uma fileira de instrumentos sobre uma mesa.

[voltar para o índice](#)

Obviamente, o tipo de encontro que havia acontecido esta manhã não podia ser repetido. Se ela trabalhasse no Departamento de Registros, isso seria relativamente simples, mas ele tinha apenas uma ideia muito vaga do paradeiro do Departamento de Ficção no prédio, e não tinha nenhum pretexto para ir até lá. Se ele soubesse onde ela morava, e a que horas ela saía do trabalho, ele poderia encontrá-la em algum lugar no caminho de casa; mas tentar segui-la não era seguro, porque isso significaria vagabundear fora do Ministério, o que era fácil de se notar. Quanto ao envio de uma carta através dos correios, estava fora de questão. Por conta de um procedimento que nem sequer era secreto, todas as cartas eram abertas em trânsito. Na verdade, poucas pessoas já tinham escrito cartas. Para as mensagens que ocasionalmente era necessário enviar, havia cartões postais impressos com longas listas de frases, e você eliminava as que não se aplicavam. Em qualquer caso, ele não sabia o nome da garota, muito menos o seu endereço. Finalmente ele decidiu que o lugar mais seguro era a cantina. Se ele pudesse encontrá-la em

[voltar para o índice](#)

uma mesa sozinha, em algum lugar no meio do salão, não muito perto das teletelas, e com um burburinho suficiente de conversa por todos os lados – se estas condições durassem, digamos, trinta segundos, seria possível trocar algumas palavras.

Durante uma semana depois disso, a vida foi como um sonho inquieto. No dia seguinte, ela não apareceu na cantina até que ele saísse depois do toque da campainha. Presumivelmente, ela havia sido colocada em um turno posterior. Eles passaram um pelo outro sem se olhar. No dia seguinte, ela estava na cantina no horário habitual, mas com outras três meninas e sentada quase na frente de uma teletela. Então, durante três dias terríveis, ela não apareceu. Toda sua mente e corpo pareciam estar aflitos com uma sensibilidade insuportável, uma espécie de transparência, que fazia de cada movimento, cada som, cada contato, cada palavra que ele tinha que falar ou ouvir, uma agonia. Mesmo durante o sono, ele não podia escapar completamente de sua imagem. Ele não tocou o diário durante aqueles dias. Se havia algum alívio,

[voltar para o índice](#)

era seu trabalho, no qual às vezes ele era capaz de se esquecer de tudo por até dez minutos. Ele não tinha a menor ideia do que havia acontecido com ela. Não havia nenhuma indagação que ele pudesse fazer. Ela poderia ter sido vaporizada, poderia ter cometido suicídio, poderia ter sido transferida para a outra ponta da Oceania; ou pior, e mais provável, ela poderia simplesmente ter mudado de ideia e decidido evitá-lo.

No dia seguinte, ela reapareceu. Seu braço estava fora da tipoia e ela tinha uma faixa de gesso adesivo em volta do pulso. O alívio de vê-la foi tão grande que ele não conseguiu resistir a olhar diretamente para ela por vários segundos. No dia seguinte, quase conseguiu falar com ela. Quando entrou na cantina, ela estava sentada em uma mesa bem longe da parede, e estava completamente sozinha. Era cedo, e o lugar não estava muito cheio. A fila avançou até Winston estar quase no balcão, depois foi retida por dois minutos porque alguém na frente estava reclamando que ele não tinha recebido seu tablete de sacarina. Mas a garota ainda estava so-

[voltar para o índice](#)

zinha quando Winston segurou sua bandeja e começou a ir para a mesa. Ele caminhou casualmente em direção a ela, com os olhos voltados para um lugar em alguma mesa além dela. Ela estava a cerca de três metros de distância dele. Mais dois segundos e estaria tudo resolvido. Então, uma voz atrás dele chamou: **“Smith”**! Ele fingiu não ouvir. **“Smith!”**, repetiu a voz, mais alto. Não adiantava. Ele se virou. Um jovem de cabeça loira e cara boba chamado Wilsher, que ele mal conhecia, o convidava com um sorriso para um lugar vago em sua mesa. Não era seguro recusar. Depois de ter sido reconhecido, ele não podia ir e sentar-se à mesa com uma garota desacompanhada. Era muito perceptível. Ele se sentou com um sorriso amigável. O rosto loiro tolo brilhava em sua direção. Winston teve uma alucinação de si mesmo esmagando a cabeça bem no meio com um machado. A mesa da garota se encheu alguns minutos depois.

Mas ela deve tê-lo visto vir em sua direção, e talvez aceitasse a dica. No dia seguinte, ele teve o cuidado de chegar mais cedo. Com certeza, ela esta-

[voltar para o índice](#)

va em uma mesa mais ou menos no mesmo lugar, e novamente sozinha. A pessoa imediatamente à sua frente na fila era um homem pequeno, rápido, parecido com um escaravelho, de rosto plano e olhos minúsculos e suspeitos. Enquanto Winston se afastava do balcão com sua bandeja, ele viu que o homenzinho estava indo direto para a mesa da garota. Suas esperanças se afundaram novamente. Havia um lugar vago em uma mesa mais distante, mas algo na aparência do homenzinho sugeria que ele estaria suficientemente atento ao seu próprio conforto para escolher a mesa mais vazia. Com o coração na mão, Winston o seguiu. Não adiantava, ele tinha que estar sozinho com a garota. Neste momento, houve um tremendo acidente. O homenzinho estava de quatro, sua bandeja havia voado, duas correntes de sopa e café corriam pelo chão. Ele começou a se levantar com um olhar maligno para Winston, que ele evidentemente suspeitava de tê-lo feito tropeçar. Mas estava tudo bem. Cinco segundos depois, com o coração trovejante, Winston estava sentado à mesa da garota.

[voltar para o índice](#)

Ele não olhou para ela. Ele desempacotou sua bandeja e imediatamente começou a comer. Era muito importante falar de uma vez só, antes que alguém mais viesse, mas agora um medo terrível tinha tomado posse dele. Passara uma semana desde que ela se aproximou dele pela primeira vez. Ela teria mudado de ideia, ela deve ter mudado de ideia! Era impossível que este caso terminasse com sucesso; tais coisas não aconteciam na vida real. Ele poderia ter hesitado completamente em falar se neste momento não tivesse visto Ampleforth, o poeta cabeludo, vagando coxeando pela sala com uma bandeja, procurando um lugar para sentar-se. À sua maneira vaga, Ampleforth estava preso a Winston, e certamente se sentaria à sua mesa se o visse. Havia talvez um minuto para agir. Tanto Winston quanto a moça estavam comendo constantemente. O que eles estavam comendo era um cozido ralo, na verdade uma sopa, de feijão branco. Em um murmúrio baixo, Winston começou a falar. Nenhum dos dois olhou para cima; constantemente eles colocaram as coisas aquosas na boca, e entre colheradas trocaram as poucas palavras necessárias em vozes baixas e sem expressão.

[voltar para o índice](#)

*“Que horas você sai do trabalho”?*

*“Seis e meia”.*

*“Onde podemos nos encontrar”?*

*“Na Praça da Vitória, perto do monumento”.*

*“Lá está cheio de teletelas”.*

*“Não é um problema quando tem muita gente”.*

*“Algum sinal”?*

*“Não. Não venha até mim até que eu esteja entre muitas pessoas. E não olhe para mim. Apenas mantenha-se em algum lugar próximo”.*

*“A que horas”?*

*“Dezenove horas”.*

*“Combinado”.*

[voltar para o índice](#)

Ampleforth não viu Winston e se sentou em outra mesa. Eles não voltaram a falar e, na medida do possível para duas pessoas sentadas em lados opostos da mesma mesa, eles não olharam um para o outro. A menina terminou seu almoço rapidamente e saiu, enquanto Winston ficou para fumar um cigarro.

Winston chegou na Praça da Vitória antes da hora marcada. Ele perambulou pela base da enorme coluna canelada que segurava a estátua do Grande Irmão olhando para o sul em direção aos céus, onde havia derrotado os aviões eurásianos (ou os aviões da Lestásia alguns anos antes) na Batalha da Primeira Faixa Aérea. Na rua em frente a ela havia uma estátua de um homem a cavalo que deveria representar Oliver Cromwell. Cinco minutos depois da hora marcada, a menina ainda não tinha aparecido. Um medo terrível se apoderou novamente de Winston. Ela não vinha, ela tinha mudado de ideia! Ele caminhou lentamente até o lado norte da praça e teve uma espécie de prazer pálido ao identificar a Igreja de São Martinho,

[voltar para o índice](#)

cujos sinos, quando existiam, tinham tocado “De seda e linho”. Então ele viu a menina de pé na base do monumento, lendo ou fingindo ler um cartaz que subia em espiral pela coluna. Não era seguro aproximar-se dela até que mais algumas pessoas tivessem se juntado. Havia teletelas ao redor do monumento. Mas neste momento houve um barulho de gritos e movimento de veículos pesados em algum lugar à esquerda. De repente todos pareciam estar correndo pela praça. A garota deu a volta ao redor dos leões na base do monumento e se juntou ágil aos outros. Winston seguiu. Enquanto corria, entendeu a partir dos comentários que um comboio de prisioneiros eurásianos estava passando.

Uma massa densa de pessoas já bloqueava o lado sul da praça. Winston, em tempos normais, que era o tipo de pessoa que gravitava até a borda externa de qualquer tipo de muvuca, agora empurrava, se enfiava e esguichava em direção ao coração da multidão. Logo ele estava à distância de um braço da garota, mas o caminho estava blo-

[voltar para o índice](#)

queado por um enorme prole e uma mulher quase igualmente enorme, presumivelmente sua esposa, que pareciam formar uma parede impenetrável de carne. Winston se mexeu de lado e, com um movimento violento, conseguiu colocar seu ombro entre eles. Por um momento, sentiu como se suas entranhas estivessem sendo moídas entre os dois quadris musculosos, e então ele havia quebrado a barreira, suando um pouco. Estava ao lado da garota. Eles estavam ombro a ombro, ambos olhando fixamente para a frente.

Uma longa fila de caminhões passava lentamente pela rua, com guardas de cara fechada armados com metralhadoras em pé em cada esquina. Nos caminhões, pequenos homens amarelos com uniformes esverdeados estavam de cócoras, encravados próximos uns dos outros. Seus tristes rostos mongóis olhavam para os lados dos caminhões sem curiosidade alguma. Ocasionalmente, quando um caminhão sacolejava, havia um blim-blim de metal: todos os prisioneiros vestiam grilhões. Caminhões e caminhões pas-

[voltar para o índice](#)

saram com a carga de rostos tristes. Winston sabia que eles estavam lá, mas não os via completamente. O ombro da garota, e parte do braço dela, estavam pressionados contra o dele. A bochecha dela estava quase perto o suficiente para que ele sentisse seu calor. Ela havia imediatamente tomado conta da situação, assim como havia feito na cantina. Ela começou a falar com a mesma voz sem expressão de antes, com os lábios mal se movendo, um mero murmúrio facilmente afogado pelo barulho das vozes e pelo estrondo dos caminhões.

*“Você consegue me ouvir?”*

*“Sim”.*

*“Você consegue uma folga no domingo à tarde?”*

*“Sim”.*

*“Então escute com atenção. Você precisa se lembrar disto. Vá para a estação de Paddington—”*

[voltar para o índice](#)

Com uma espécie de precisão militar que o espantou, ela delineou o caminho que ele deveria seguir. Uma viagem ferroviária de meia hora; virar à esquerda fora da estação; dois quilômetros ao longo da estrada; um portão sem a barra superior; um caminho através de um campo; uma faixa de grama; um caminho entre arbustos; uma árvore morta com musgo. Era como se ela tivesse um mapa dentro de sua cabeça. **“Você vai se lembrar de tudo isso?”**, ela murmurou finalmente.

**“Sim”.**

**“Vire à esquerda, depois à direita, depois à esquerda novamente. E o portão não tem barra superior”.**

**“Sim. Que horas”?**

**“Umas quinze. Talvez você tenha que esperar. Vou para lá por outro caminho. Você tem certeza de que vai se lembrar de tudo”?**

**“Sim”.**

[voltar para o índice](#)

***“Então vá embora o mais rápido que puder”.***

Ela não precisava ter dito isso a ele. Mas no momento, eles não conseguiram se livrar da multidão. Os caminhões ainda estavam passando, as pessoas ainda estavam embasbacadas. No início, houve algumas vaias e assobios, mas vieram apenas dos membros do Partido entre a multidão, e logo pararam. A emoção que prevalecia era simplesmente a curiosidade. Os estrangeiros, sejam da Eurásia ou da Lestásia, eram uma espécie de animal estranho. Nunca eram vistos, literalmente, a não ser como prisioneiros, e mesmo como prisioneiros nunca se tinha mais do que um vislumbre momentâneo deles. Nem se sabia o que acontecia com eles, além dos poucos que foram enforcados como criminosos de guerra: os outros simplesmente desapareceram, possivelmente em campos de trabalho forçado. Os rostos redondos de mongóis tinham dado lugar a rostos de tipo mais europeu, sujos, barbudos e exaustos. De bochechas muito esfoladas, os olhos olharam para os de Winston, às vezes com estranha intensidade, e voltaram a

[voltar para o índice](#)

piscar para longe. A caravana chegava ao fim. No último caminhão ele podia ver um homem idoso, seu rosto era uma massa de cabelos grisalhos, em pé, com os pulsos cruzados na sua frente, como se estivesse acostumado a tê-los amarrados juntos. Estava quase na hora de Winston e a menina se separarem. Mas, no último momento, enquanto a multidão ainda os cercava, suas mãos se encostaram e ela lhe deu um aperto fugaz.

Não poderia ter passado de dez segundos e, no entanto, parecia que suas mãos estiveram juntas por muito mais tempo. Ele teve tempo para aprender cada detalhe da mão dela. Ele explorou os dedos longos, as unhas afiadas, sua mão com calos de trabalho, a pele lisa sob o pulso. Apenas de senti-lo ele o teria reconhecido à vista. No mesmo instante em que lhe ocorreu que ele não sabia de que cor eram seus olhos. Provavelmente eram marrons, mas as pessoas com cabelos escuros às vezes tinham olhos azuis. Virar a cabeça e olhar para ela teria sido uma loucura inconcebível. Com as mãos juntas, invisíveis entre a prensa dos corpos,

[voltar para o índice](#)

eles olhavam firmemente para a frente, e ao invés dos olhos da menina, os olhos do prisioneiro idoso olhavam em luto para Winston através dos ninhos de cabelo.

[voltar para o índice](#)

# capítulo 2



**W**inston seguiu seu caminho, subindo a pista através de luz e sombra, pisando em poças douradas, iluminadas pela luz sempre que os ramos deixavam o sol passar. Sob as árvores à esquerda o chão estava repleto de florezinhas azuis. Era como se o ar beijasse a pele. Era dia dois de maio. De algum lugar mais profundo, no coração da floresta, vinha o som de várias pombas.

Ele estava um pouco adiantado. Não encontrara nenhuma dificuldade na viagem, e a garota parecia ter tanta experiência que ele ficou menos assustado do que normalmente teria ficado. Provavelmente ela era confiável para encontrar um lugar seguro. Em geral, não se podia supor que se estivesse muito mais seguro no interior do que em Londres. Não havia teletelas, é claro, mas sempre havia o perigo de microfones escondidos pelos quais sua voz poderia ser captada e reconhecida; além disso, não era fácil fazer uma viagem sozinho sem chamar a atenção. Não era necessário ter um visto no passaporte para viagens de menos de

[voltar para o índice](#)

cem quilômetros de distância, mas às vezes havia patrulhas nas estações ferroviárias que examinavam os papéis e faziam perguntas incômodas para qualquer membro do Partido que encontrassem lá. Entretanto, nenhuma patrulha havia aparecido, e na caminhada da estação ele se certificou, através de olhares cautelosos para trás, de que não estava sendo seguido. O trem estava cheio de proles, em espírito de férias por causa do clima de verão. O vagão de madeira no qual ele viajava estava cheio até transbordar por uma única e enorme família, desde uma bisavó desdentada até um bebê de um mês de idade, saindo para passar uma tarde com **“sogros”** no campo, e, como explicaram livremente a Winston, para pegar um pouco de manteiga do mercado negro.

A pista se alargou e em um minuto ele chegou ao caminho que ela havia lhe contado, uma mera triilha de gado que mergulhava entre os arbustos. Ele não tinha relógio, mas ainda não podia ser quinze. O campo estava agora tão cheio de flores azuis que era impossível não pisar nelas. Ele se ajoelhou

[voltar para o índice](#)

e começou a colher algumas em parte para passar o tempo, mas também porque gostaria de ter um ramo de flores para oferecer à garota quando se encontrassem. Ele havia reunido um buquê grande e sentia o cheiro doentio das flores quando um som vindo de trás o congelou: o estalido inconfundível de um pé em galhos. Ele continuou colhendo as flores. Era a melhor coisa a fazer. Podia ter sido a própria menina, ou ele poderia ter sido seguido no fim das contas. Olhar em volta era mostrar culpa. Ele escolhia as flores. Uma mão encostou levemente em seu ombro.

Ele olhou para cima. Era a garota. Ela balançou a cabeça, evidentemente como um aviso de que ele devia ficar em silêncio, depois separou os arbustos e rapidamente abriu caminho pela trilha estreita em direção ao bosque. Ela obviamente já estivera ali antes, pois se esquivou dos pedaços pantanosos como se fosse hábito. Winston seguiu-a, ainda segurando seu ramo de flores. Sua primeira sensação foi de alívio, mas enquanto observava o corpo forte e esbelto se movendo à sua frente, com

[voltar para o índice](#)

a faixa escarlate que estava apertada o suficiente para ressaltar a curva de seus quadris, a sensação de sua própria inferioridade se pesou sobre ele. Mesmo agora parecia bastante provável que quando ela se voltasse e olhasse para ele, afinal de contas, ela voltaria atrás. A doçura do ar e o verde das folhas o assustavam. Já na caminhada da estação o sol de maio o tinha feito sentir-se sujo e doentio, uma criatura de dentro de casa, com o pó fuliginoso de Londres nos poros de sua pele. Ocorreu-lhe que até agora ela provavelmente nunca o havia visto em plena luz do dia, ao ar livre. Eles foram até a árvore caída de que ela havia falado. A garota saltou e forçou uma abertura entre dois arbustos. Quando Winston a seguiu, ele descobriu que eles estavam em uma clareira natural, um minúsculo cerco de grama rodeado de mudas altas que a fechavam completamente. A garota parou e virou-se.

**“Chegamos”**, disse ela.

[voltar para o índice](#)

Ele estava de frente para ela a vários passos de distância. Até agora, ele não ousara se aproximar dela mais do que isso.

**“Eu não queria dizer nada na trilha”,** continuou ela, **“caso houvesse um microfone escondido. Suponho que não, mas pode haver. Há sempre a chance de um desses porcos reconhecer sua voz. Mas estamos seguros aqui”**.

Ele ainda não tivera coragem de se aproximar dela. **“Estamos seguros aqui?”**, ele repetiu estupidamente.

**“Sim. Olhe para as árvores”**. Eram pequenos freixos, que em algum momento haviam sido cortados e haviam brotado novamente em uma floresta de mudas, nenhuma delas mais espessa do que o pulso. **“Não há nada grande o suficiente para esconder um microfone. Além disso, eu já estive aqui antes”**.

Eles estavam apenas de conversa. Ele tinha conseguido se aproximar dela agora. Ela estava muito

[voltar para o índice](#)

erguida diante dele, com um sorriso no rosto que parecia levemente irônico, como se ela estivesse se perguntando por que ele era tão lento para agir. O buquê de florzinhas azuis estava esparramado no chão. Pareciam ter caído por sua própria vontade. Ele pegou a mão dela.

**“Você acredita”, disse ele, “que até este momento eu não sabia de que cor eram seus olhos”? Eles eram marrons, ele notou, um tom bastante claro de marrom, com cílios escuros. “Agora que você viu como eu realmente sou, você ainda pode suportar olhar para mim”?**

**“Sim, facilmente”.**

**“Tenho trinta e nove anos de idade. Tenho uma esposa da qual não consigo me livrar. Tenho varicose. Eu tenho cinco dentes falsos”.**

**“Não me importo”, disse a moça.**

[voltar para o índice](#)

No momento seguinte, e era difícil dizer de quem era a iniciativa, ela estava em seus braços. No início, ele não tinha nenhum sentimento, exceto pura incredulidade. O corpo jovem estava tenso contra o seu, a massa de cabelo escuro estava contra o seu rosto, e sim! na verdade ela tinha virado o rosto para cima e ele estava beijando a boca larga e vermelha. Ela havia colocado seus braços sobre o pescoço dele, ela o chamava de querido, precioso, amado. Ele a tinha puxado para o chão, ela estava totalmente sem resistência, ele podia fazer o que quisesse com ela. Mas a verdade era que ele não tinha nenhuma sensação física, exceto a de mero contato. Tudo o que ele sentia era incredulidade e orgulho. Ele estava feliz por isso estar acontecendo, mas não tinha nenhum desejo físico. Era muito cedo, sua juventude e beleza o assustaram, ele estava muito acostumado a viver sem mulheres – ele não sabia ao certo a razão. A garota se levantou e tirou uma flor azul do cabelo. Ela se sentou contra ele, colocando seu braço em volta de sua cintura.

[voltar para o índice](#)

*“Não se preocupe, querido. Não temos pressa. Temos a tarde inteira. Esse esconderijo não é maravilhoso? Encontrei-o quando me perdi uma vez em uma caminhada comunitária. Se alguém estivesse vindo, daria para ouvi-los a cem metros de distância”.*

*“Como você se chama?”*, disse Winston.

*“Júlia. Eu sei o seu nome. É Winston – Winston Smith”.*

*“Como você descobriu isso”?*

*“Espero ser melhor que você para descobrir coisas, querido. Mas me diga: o que você achava de mim antes daquele dia em que lhe dei o bilhete”?*

Ele não sentiu nenhuma tentação de contar mentiras para ela. Foi até uma espécie de oferta amorosa começar contando o pior.

[voltar para o índice](#)

*“Eu odiava te ver”, disse ele. “Eu queria te estuprar e depois te matar. Há duas semanas, pensei seriamente em esmagar sua cabeça com um paralelepípedo. Se você realmente quer saber, eu imaginei que você tinha algo a ver com a Polícia do Pensamento”.*

A garota riu com prazer, evidentemente tomando isto como uma homenagem à excelência de seu disfarce.

*“Não! A Polícia do Pensamento não! Você realmente pensou isso?”*

*“Bem, talvez não exatamente isso. Mas por sua aparência geral – simplesmente porque você é jovem, forte e saudável, você entende – eu pensei que provavelmente...”*

*“Você pensou que eu era um bom membro do Partido. Puro em palavras e atos. Banners, procissões, slogans, jogos, caminhadas comunitárias, tudo isso. E você pensou que se eu tivesse um mínimo de chance eu o denunciaria como um criminoso do pensamento e o faria morrer”?*

[voltar para o índice](#)

*“Sim, algo desse tipo. Muitas garotas são assim, você sabe”.*

*“É culpa dessa porra aqui”*, ela disse ela, arrancando a faixa escarlate da Liga Júnior Antissexo e atirando-a para o lado. Então, como se tocar sua cintura a tivesse lembrado de algo, ela colocou a mão no bolso de seu macacão e tirou uma pequena laje de chocolate. Ela o quebrou ao meio e deu um dos pedaços para Winston. Mesmo antes de pegá-lo, ele sabia pelo cheiro que era um chocolate muito incomum. Era escuro e brilhante, e estava envolto em papel prata. Normalmente, o chocolate se esfarelava e tinha um sabor difícil de descrever de fumaça de fogo de lixo. Mas em algum momento, ele já tinha provado chocolate como esse. Só o seu cheiro já havia despertado alguma memória que ele não conseguia reprimir, poderosa e perturbadora.

*“Onde você conseguiu isso?”*, ele perguntou.

*“Mercado negro”*, ela disse indiferente. *“Na verdade, eu sou esse tipo de garota. Eu sou boa em jo-*

[voltar para o índice](#)

*gos. Eu era líder de tropas nos espiões. Faço trabalho voluntário três noites por semana para a Liga Júnior Antissexo. Passei horas e horas colando sua maldita podridão por toda Londres. Sempre carrego uma das ponta do cartaz nas procissões. Sempre pareço alegre e nunca me esquivo de nada. Sempre grito com a multidão, é o que eu digo. É a única maneira de estar seguro”.*

O primeiro pedaço de chocolate tinha derretido na língua de Winston. O sabor era delicioso. Mas ainda havia aquela memória se movendo nas bordas de sua consciência, algo forte, mas não redutível à forma definida, como um objeto visto pelo canto do olho. Ele a afastou dele, consciente apenas de que era a memória de alguma ação que ele gostaria de desfazer, mas não podia.

*“Você é muito jovem”,* ele disse. *“Você é dez ou quinze anos mais jovem do que eu. O que você vê em um homem como eu”?*

[voltar para o índice](#)

*“Era algo na sua expressão. Pensei em arriscar. Sou boa em identificar pessoas que não pertencem a este mundo. Assim que te vi, sabia que estava contra eles”.*

“*Eles*”, parecia, se referia ao Partido, e sobretudo ao Partido Interno, sobre o qual ela falava com um ódio aberto que fazia Winston se sentir inquieto, embora ele soubesse que eles estavam seguros aqui se pudessem estar seguros em qualquer lugar. Uma coisa que o espantou nela foi a rudeza de sua linguagem. Os membros do Partido não deveriam falar palavrões, e o próprio Winston muito raramente fazia isso, de qualquer forma, em voz alta. Júlia, entretanto, parecia incapaz de mencionar o Partido, e especialmente o Partido Interno, sem usar o tipo de palavras. Não é que ele não gostou. Era apenas um sintoma de sua revolta contra o Partido e todas as suas formas, e de alguma forma parecia natural e saudável, como o espirro de um cavalo que cheira um feno ruim. Eles tinham deixado a clareira e vagueavam de novo pela sombra axadrezada, com os braços à volta da cintura um

[voltar para o índice](#)

do outro sempre que o caminho permitisse que andassem lado a lado. Ele notou o quanto a cintura dela parecia mais macia agora que a faixa tinha desaparecido. A conversa entre eles não passava de um sussurro. Fora da clareira, disse Júlia, era melhor ir em silêncio. Atualmente, eles tinham chegado à borda da pequena floresta. Ela o deteve.

***“Não vá para o lado de fora. Pode haver alguém observando. Estaremos bem se nos mantivermos atrás dos ramos”.***

Eles estavam à sombra de arbustos de aveleira. A luz do sol, filtrando através de inúmeras folhas, ainda estava quente em seus rostos. Winston olhou para o campo além deles, e sofreu um curioso e lento choque de reconhecimento. Ele o conhecia de vista. Um pasto velho e bem próximo, com um caminho de pé que perambulava por ele e um monte de terra aqui e ali. Na sebe desgarrada do lado oposto, os ramos dos olmos balançavam de forma perceptível na brisa, e suas folhas se agitavam levemente em massas densas como os ca-

[voltar para o índice](#)

belos das mulheres. Certamente em algum lugar próximo, mas fora de vista, deve haver um riacho com poças verdes onde peixes nadavam...

*“Não há um riacho por aqui”?*, sussurrou ele.

*“É verdade, há um riacho. Na verdade, está na borda do próximo campo. Há peixes nele, bem grandes. Você pode vê-los deitados nas piscinas sob os salgueiros, balançando suas caudas”.*

*“É o quase o Condado Dourado”*, ele murmurou.

*“Condado Dourado”?*

*“Não, nada. É só uma paisagem que eu vejo às vezes em um sonho”.*

*“Olha!”*, sussurrou Julia.

Um sabiá tinha pousado em um galho a menos de cinco metros de distância, quase na altura de seus rostos. Talvez ele não os tivesse visto. Esta-

[voltar para o índice](#)

va ao sol, eles à sombra. Ele estendeu suas asas, colocou-as cuidadosamente no lugar novamente, abaixou a cabeça por um momento, como se fizesse uma espécie de reverência ao sol, e então começou a derramar uma torrente de canções. No silêncio da tarde, o volume do som era assustador. Winston e Julia se abraçaram, fascinados. A música continuava e continuava, minuto após minuto, com variações surpreendentes, nunca se repetindo, quase como se o pássaro estivesse mostrando deliberadamente sua virtuosidade. Às vezes ele parava por alguns segundos, se espalhava e ajeitava suas asas, depois inchava seu peito salpicado e estourava novamente em canções. Winston o observava com uma espécie de reverência vaga. Para quem, para quê, aquele pássaro estava cantando? Nenhum companheiro, nenhum rival o observava. O que o fez sentar à beira do bosque solitário e derramar sua música no nada? Ele se perguntava se afinal de contas havia um microfone escondido em algum lugar próximo. Ele e Julia haviam falado apenas em sussurros baixos, e ele não pegaria o que eles haviam dito, mas pegaria o sabiá. Talvez na ou-

[voltar para o índice](#)

tra ponta do instrumento algum homem pequeno, parecido com um besouro, estivesse ouvindo atentamente – ouvindo isso. Mas, pouco a pouco, a enxurrada de música fez com que todas as especulações saíssem de sua mente. Era como se fosse um tipo de coisa líquida se derramasse sobre ele, se misturando com a luz do sol que chegava através das folhas. Ele parou de pensar e apenas sentiu. A cintura da garota na dobra de seu braço era macia e quente. Ele a puxou, de modo que eles estavam de peito a peito; o corpo dela parecia derreter no dele. Para onde quer que suas mãos se movessem, tudo era tão flexível quanto água. Suas bocas se agarravam; era bem diferente dos beijos duros que haviam trocado antes. Quando voltaram a separar seus rostos, os dois suspiravam profundamente. O pássaro se assustou e fugiu com um tilintar de asas.

Winston colocou seus lábios contra a orelha dela. **“Agora”**, ele sussurrou.

**“Aqui não”**, sussurrou ela de volta. **“Vamos voltar para o esconderijo. É mais seguro”**.

[voltar para o índice](#)

Rapidamente, com um crepitar ocasional de galhos, eles trilharam seu caminho de volta para a clareira. Uma vez dentro do anel de mudas, ela se virou e o enfrentou. Ambos respiravam rápido, mas o sorriso havia reaparecido nos cantos de sua boca. Ela ficou olhando para ele por um instante, depois abriu o zíper de seu macacão. E, sim!, foi quase como em seu sonho. Quase tão rápido quanto ele havia imaginado, ela havia rasgado suas roupas, e quando as jogou de lado foi com aquele mesmo gesto magnífico pelo qual toda uma civilização parecia estar aniquilada. O corpo dela brilhava branco ao sol. Mas por um momento ele não olhou para o corpo dela; seus olhos estavam ancorados pelo rosto de sardas com seu sorriso tênuo e ousado. Ele se ajoelhou diante dela e pegou as mãos dela nas dele.

***“Você já fez isso antes”?***

***“Claro que sim. Centenas de vezes... bem, dezenas de vezes pelo menos”.***

[voltar para o índice](#)

*“Com membros do Partido”.*

*“Sim, sempre com membros do Partido”.*

*“Com membros do Partido Interno”?*

*“Não, nunca com esses porcos, não. Mas muita coisa aconteceria se eles tivessem meia chance. Eles não são tão santos quanto fazem parecer”.*

Seu coração saltou. Ela já tinha feito dezenas de vezes: ele desejava que tivessem sido centenas, milhares. Qualquer coisa que insinuasse corrupção sempre o enchia de uma esperança selvagem. Quem diria, talvez o Partido estivesse podre sob a superfície, seu culto à tenacidade e à abnegação simplesmente uma farsa que escondia a iniquidade. Se ele pudesse ter infectado todos eles com lepra ou sífilis, como ele teria feito isso com prazer! Tudo para apodrecer, para enfraquecer, para minar! Ele a puxou para baixo, de modo que eles estavam ajoelhados frente a frente.

[voltar para o índice](#)

*“Ouça. Quanto mais homens você teve, mais eu a amo. Você entende isso”?*

*“Entendo perfeitamente”.*

*“Odeio pureza, odeio bondade! Eu não quero que nenhuma virtude exista em nenhum lugar. Eu quero que todos sejam corruptos até os ossos”.*

*“Bem, então, eu vou servir, querido. Sou inteira corrupta”.*

*“Você gosta de fazer isso? Não me refiro simplesmente a mim: Quero dizer a coisa em si”?*

*“Eu amo”.*

Isso era, acima de tudo, o que ele queria ouvir. Não apenas o amor de uma pessoa, mas o instinto animal, o simples desejo indiferenciado: essa era a força que desfazia o Partido em pedaços. Ele a pressionou sobre a grama, entre as flores caídas. Desta vez, não houve dificuldade. A subida e descida de

[voltar para o índice](#)

seus seios diminuía à velocidade normal e, numa espécie de desamparo agradável, eles se desfaziam. O sol parecia ter ficado mais quente. Ambos estavam adormecidos. Ele procurou os macacões descartados e os puxou parcialmente sobre ela. Quase imediatamente eles adormeceram e dormiram por cerca de meia hora.

Winston acordou primeiro. Ele se sentou e observou o rosto sardento, ainda pacificamente adormecido, almofadado na palma de sua mão. Exceto por sua boca, não se podia chamá-la de linda. Havia uma ou duas linhas em volta dos olhos, se você olhasse bem. O cabelo curto e escuro era extraordinariamente grosso e macio. Ocorreu-lhe que ele ainda não sabia o sobrenome dela ou onde morava.

O corpo jovem e forte, agora desamparado no sono, despertou nele um sentimento de piedade e proteção. Mas a ternura sem sentido que ele havia sentido sob a aveleira, enquanto o tordo cantava, não havia voltado completamente. Ele puxou

[voltar para o índice](#)

o macacão para o lado e estudou o flanco branco suave dela. Nos velhos tempos, ele pensou, um homem olhava para o corpo de uma garota e viu que era desejável, e isso era o fim da história. Mas hoje em dia não se podia ter puro amor ou pura luxúria. Nenhuma emoção era pura, porque tudo estava misturado com medo e ódio. O abraço deles tinha sido uma batalha, o clímax uma vitória. Foi um golpe contra o Partido. Foi um ato político.

[voltar para o índice](#)

# capítulo 3



“**P**odemos voltar aqui”, disse Julia. “*Em geral, é seguro usar um esconderijo duas vezes. Mas só depois de um ou dois meses, é claro*”.

Seu comportamento havia mudado assim que ela acordou. Ela estava atenta e formal, vestiu suas roupas, amarrou a faixa escarlate na cintura e começou a organizar os detalhes da viagem de volta. Parecia natural deixar que ela resolvesse isso. Ela obviamente tinha uma astúcia prática que faltava ao Winston, e parecia também ter um conhecimento exaustivo do campo ao redor de Londres, resultado de inúmeras caminhadas comunitárias. A rota que ela lhe deu era bem diferente daquela pela qual ele tinha vindo, e o levou para uma estação ferroviária diferente. “*Nunca vá para casa da mesma maneira que veio*”, disse ela, como se enunciasse um princípio geral importante. Ela partiria primeiro, e Winston deveria esperar meia hora antes de segui-la.

[voltar para o índice](#)

Ela havia nomeado um lugar onde eles poderiam se encontrar depois do trabalho, quatro noites depois. Era uma rua em um dos bairros mais pobres, onde havia um mercado aberto que geralmente estava lotado e barulhento. Ela estaria passeando entre as barracas, fingindo estar em busca de cadarços ou fios de costura. Se ela julgasse que a costa estava livre, ela assoaria o nariz quando ele se aproximasse; caso contrário, ele passaria por ela sem reconhecimento. Mas com sorte, no meio da multidão, seria seguro conversar durante algum tempo e marcar outra reunião.

**“E agora devo ir”**, ela disse assim que ele dominou as instruções. **“Devo estar de volta às dezenove e meia. Tenho que trabalhar duas horas para a Liga Júnior Antissexo, distribuindo panfletos, ou algo assim. Não é idiota? Você pode me ajudar a me limpar? Tenho algum galho no meu cabelo? Você tem certeza? Então adeus, meu amor, adeus!”**.

Ela se jogou em seus braços, beijou-o quase violentamente, e um momento depois empurrou-

[voltar para o índice](#)

-o através das mudas e desapareceu na floresta com muito pouco barulho. Até agora ele não tinha descoberto seu sobrenome nem seu endereço. Entretanto, não fazia diferença, pois era inconcebível que eles pudessem se encontrar dentro de casa ou trocar qualquer tipo de comunicação escrita.

No fim, eles nunca mais voltaram para a clareira na floresta. Durante o mês de maio, houve apenas mais uma ocasião em que eles realmente conseguiram fazer amor. Foi em outro esconderijo conhecido por Julia, o campanário de uma igreja em ruínas em uma região quase deserta do país onde uma bomba atômica havia caído trinta anos antes. Era um bom esconderijo quando se chegava lá, mas chegar lá era muito perigoso. Para o resto, eles podiam se encontrar apenas nas ruas, em um lugar diferente todas as noites e nunca por mais de meia hora de cada vez. Na rua geralmente era possível conversar, de certa maneira. À medida que desciam pelas calçadas apinhadas, não muito próximos e sem se olhar, mantinham uma

[voltar para o índice](#)

conversa curiosa e intermitente, que se acendia e se apagava como as vigas de um farol, de repente cortadas em silêncio pela aproximação de alguém do Partido ou pela proximidade de uma teletela, retomadas minutos depois no meio de uma frase, abruptamente cortadas enquanto se separavam no local combinado, continuando quase sem introdução no dia seguinte. Julia parecia estar bastante acostumada a este tipo de conversa, que ela chamou de **“conversa por prestações”**. Ela também era surpreendentemente hábil em falar sem mexer os lábios. Apenas uma vez, em quase um mês de reuniões noturnas, elas conseguiram trocar um beijo. Eles passavam em silêncio por uma rua lateral (Julia nunca falava quando eles estavam longe das ruas principais) quando havia um rugido ensurdecedor, a terra se tornava pesada e o ar escurecia, e Winston estava caído de lado, machucado e assustado. Uma bomba deve ter caído bem perto. De repente, ele se deu conta do rosto de Julia a alguns centímetros do seu próprio rosto, branco de morte, tão branco quanto giz. Até os lábios dela eram brancos. Ela estava morta! Ele a apertou

[voltar para o índice](#)

contra si mesmo e descobriu que estava beijando um rosto vivo e quente. Mas havia um pó em seus lábios. Os dois rostos estavam cobertos de gesso.

Havia noites em que eles chegavam ao ponto de encontro e tinham que passar um pelo outro sem sinal, porque uma patrulha tinha acabado de chegar na esquina ou um helicóptero estava pairando por cima deles. Mesmo que tivesse sido menos perigoso, ainda assim teria sido difícil encontrar tempo para se encontrar. A semana de trabalho de Winston era de sessenta horas, a de Julia era ainda mais longa, e seus dias livres variavam de acordo com a pressão do trabalho e muitas vezes não coincidiam. Julia, em todo caso, raramente tinha uma noite completamente livre. Ela passava uma quantidade surpreendente de tempo assistindo a palestras e demonstrações, distribuindo panfletos para a Liga Júnior Antissexo, preparando faixas para a Semana do Ódio, fazendo coletas para a campanha de economia, e outras atividades do tipo. Vale a pena, disse ela, era tudo disfarce. Se você mantivesse as pequenas regras, podia que-

[voltar para o índice](#)

brar as grandes. Ela até induziu Winston a comprometer mais uma de suas noites, inscrevendo-se para o trabalho de munição que era feito em meio período voluntariamente por membros zelosos do Partido. Assim, uma noite por semana, Winston passava quatro horas de tédio paralisante, parafusando pequenos pedaços de metal que provavelmente eram partes de fusíveis de bombas, em uma oficina gelada e mal iluminada, onde a batida de martelos se misturava sombriamente com a música das teletelas.

Quando eles se encontraram na torre da igreja, as lacunas em sua conversa fragmentada foram preenchidas. Era uma tarde de calor. O ar na pequena câmara quadrada acima dos sinos estava quente e estagnado, e cheirava a excremento de pombo. Eles se sentaram conversando durante horas no chão poeirento e sujo, se levantando de vez em quando para lançar um olhar através das seteiras e para se certificar de que ninguém estivesse vindo.

[voltar para o índice](#)

Julia tinha vinte e seis anos de idade. Ela vivia em um albergue com outras trinta meninas (**“Sempre um fedor das mulheres! Como eu odeio as mulheres!”**), disse ela, de forma parentética), e ela trabalhava, como ele havia adivinhado, nas máquinas de escrever romances no Departamento de Ficção. Ela gostava de seu trabalho, que consistia principalmente em dirigir e reparar um motor elétrico potente, mas complicado. Ela não era **“inteligente”**, mas gostava de usar suas mãos e se sentia confortável com as máquinas. Ela podia descrever todo o processo de composição de um romance, desde a diretriz geral emitida pelo Comitê de Planejamento até o retoque final pelo Esquadrão de Reescrita. Mas ela não estava interessada no produto final. Ela **“não se importava muito com a leitura”**, disse ela. Os livros eram apenas uma mercadoria que tinha que ser produzida, como geleias ou cadarços.

Ela não tinha lembranças de nada antes dos anos sessenta, e a única pessoa que ela conhecia que falava frequentemente dos dias anteriores à Revo-

[voltar para o índice](#)

lução era um avô que havia desaparecido quando ela tinha oito anos. Na escola, ela havia sido capitã da equipe de hóquei e recebera o troféu de ginástica dois anos seguidos. Ela havia sido líder de tropa nos Espiões e secretária da Liga da Juventude antes de se juntar à Liga Júnior Antissexo. Ela sempre tinha tido um excelente caráter. Ela tinha sido escolhida até mesmo para trabalhar (uma marca infalível de boa reputação) em Pornosec, a subseção do Departamento de Ficção que gerava pornografia barata para distribuição entre os proles. A seção foi apelidada de Casa do Muco pelas pessoas que trabalhavam nela, observou. Ela permaneceu um ano lá, ajudando a produzir livretos em pacotes selados com títulos como Contos de Surras ou Uma Noite em uma Escola de Meninas, que seriam comprados furtivamente por jovens proletários que estavam sob a impressão de que estavam comprando algo ilegal.

**“Como são estes livros?”**, perguntou Winston com curiosidade.

[voltar para o índice](#)

*“Ah, é um lixo horrível. Eles são chatos, realmente. Eles só têm seis enredos, que são levemente trocados para cada livro. É claro que eu só estava nos caleidoscópios. Eu nunca estive no Esquadrão de Reescrita. Não sou literária, querido – nem mesmo o suficiente para isso”.*

Ele descobriu, com espanto, que todos os trabalhadores da Pornosec, exceto os chefes dos departamentos, eram meninas. A teoria era que os homens, cujos instintos sexuais eram menos controláveis que os das mulheres, corriam mais perigo de serem corrompidos pela imundície com que lidavam.

*“Eles não gostam nem de empregar mulheres casadas lá”, acrescentou. “As garotas devem sempre ser tão puras. Bem, aqui está uma que não é”.*

Ela teve seu primeiro caso amoroso quando tinha dezesseis anos, com um membro do Partido de sessenta anos que mais tarde cometeu suicídio para evitar a prisão. *“E que bom que fez isso”, disse Julia, “caso contrário teria acabado vazando meu*

[voltar para o índice](#)

*nome quando fizessem ele confessar*”. Desde então, houve vários outros. A vida como ela a via era bastante simples. Você queria se divertir; *“eles”*, ou seja, o Partido, queriam impedir que você se divertisse; você quebrava as regras da melhor maneira que podia. Para ela, parecia natural pensar que *“eles”* queriam roubar seus prazeres tanto quanto você queria evitar ser pego. Ela odiava o Partido, e disse isso com palavras grosseiras, mas não fez nenhuma crítica geral a ele. Exceto quando se tratava de sua própria vida, ela não tinha interesse na doutrina do Partido. Ele notou que ela nunca usou palavras da Novalíngua, exceto aquelas que haviam passado para o uso cotidiano. Ela nunca havia ouvido falar da Irmandade, e se recusou a acreditar em sua existência. Qualquer tipo de revolta organizada contra o Partido, que estava fadado a ser um fracasso, parecia estúpida para ela. O mais inteligente era quebrar as regras e permanecer viva. Ele se perguntava vagamente quantos outros como ela poderiam existir na geração mais jovem, pessoas que tinham crescido no mundo da Revolução, não sabendo mais nada, aceitando o

[voltar para o índice](#)

Partido como algo inalterável, como o céu, não se rebelando contra sua autoridade, mas simplesmente evadindo-a, como um coelho se esquivava de um cão.

Eles não discutiram a possibilidade de se casar. Era muito remoto para que valesse a pena pensar. Nenhum comitê imaginável jamais sancionaria tal casamento, mesmo que Katharine, esposa de Winston, pudesse ser de alguma forma ignorada. Era inútil, mesmo como sonho.

**“Como era ela, a sua esposa?”**, disse Julia.

**“Ela era... você conhece a palavra na Novalíngua ‘bompensamentosa’? Significa naturalmente ortodoxa, incapaz de ter um pensamento ruim”?**

**“Não, eu não conhecia a palavra, mas conheço o tipo de pessoa, isso sim”.**

Ele começou a contar-lhe a história de sua vida de casado, mas o curioso era que ela parecia já conhe-

[voltar para o índice](#)

cer as partes essenciais dela. Ela descreveu a ele, quase como se o tivesse visto ou sentido, o endurecimento do corpo de Katharine assim que ele a tocou, a maneira como ela ainda parecia estar empurrando-o dela com todas as suas forças, mesmo quando seus braços estavam apertados firmemente em torno dele. Com Julia, ele não sentia dificuldade em falar sobre tais coisas: Katharine, em todo caso, havia deixado de ser uma memória dolorosa há muito tempo e se tornou apenas uma memória amarga.

*“Eu poderia tê-la suportado se não fosse por uma coisa”, disse ele. Ele lhe falou da pequena cerimônia frígida que Katharine o havia forçado a realizar na mesma noite todas as semanas. “Ela odiava, mas nada a faria parar de fazer isso. Ela costumava chamar isso – você nunca vai adivinhar”.*

*“Nosso dever para com o Partido”,* Julia disse prontamente.

*“Como você sabia”?*

[voltar para o índice](#)

*“Eu também fui para a escola, querido. Aulas de sexo uma vez por mês para alunas com mais de dezesseis. E o Movimento da Juventude. Eles esfregam isso na sua cara por anos. Eu ousou dizer que funciona em muitos casos. Mas claro, nunca dá para ter certeza. Pessoas conseguem ser tão hipócritas”.*

Ela começou a divagar sobre o assunto. Com Julia, tudo voltava à sua própria sexualidade. Tão logo isto foi abordado de alguma forma, ela era capaz de uma grande acuidade. Ao contrário de Winston, ela tinha compreendido o significado interior do puritanismo sexual do Partido. Não foi apenas o instinto sexual que criou um mundo próprio que estava fora do controle do Partido e que, portanto, tinha que ser destruído, se possível. O que era mais importante era que a privação sexual induzia histeria, o que era desejável porque podia ser transformado em febre de guerra e adoração de líderes. Ela disse isso da seguinte maneira:

[voltar para o índice](#)

*“Quando você faz amor, está consumindo energia; e depois se sente feliz e não se importa com nada. Eles não podem suportar que você se sinta assim. Eles querem que você esteja sempre cheio de energia. Toda esta marcha para cima e para baixo, aplaudindo e agitando bandeiras é simplesmente energia sexual que azedou. Se você está feliz dentro de si mesmo, por que se excitaria com algo como o Grande Irmão e os Planos de Três Anos e os Dois Minutos de Ódio e todo o resto dessa podridão idiota deles”?*

Isso era bem verdade, pensou Winston. Havia uma conexão íntima e direta entre a castidade e a ortodoxia política. Pois como o medo, o ódio e a credulidade lunática que o Partido precisava em seus membros poderiam ser mantidos no tom certo, exceto engarrafando algum instinto poderoso e usando-o como uma força motriz? O impulso sexual era perigoso para o Partido, e o Partido o tinha levado em consideração. Eles tinham pregado um truque semelhante com o instinto de paternidade. A família não podia ser realmente abolida e, de fato, as pessoas eram encorajadas a gostar

[voltar para o índice](#)

de seus filhos, quase à moda antiga. As crianças, por outro lado, eram sistematicamente voltadas contra seus pais e ensinadas a espioná-los e a denunciar seus desvios. A família havia se tornado, de fato, uma extensão da Polícia do Pensamento. Era um dispositivo através do qual todos podiam ser cercados noite e dia por informantes que o conheciam intimamente.

Abruptamente, sua mente voltou para Katharine. Katharine teria inquestionavelmente o denunciado à Polícia do Pensamento se ela não tivesse sido estúpida demais para detectar a pouca ortodoxia de suas opiniões. Mas o que realmente fez com que ele se lembrasse dela neste momento foi o calor sufocante da tarde, que fazia com que sua testa suasse. Ele começou a contar a Julia algo que tinha acontecido, ou melhor, que não tinha acontecido, em outra tarde de verão escaldante, onze anos atrás.

[voltar para o índice](#)

Foi três ou quatro meses depois de terem casado. Eles haviam se perdido em uma caminhada comunitária em algum lugar de Kent. Eles haviam ficando apenas alguns minutos atrás dos outros, mas fizeram uma curva errada, e logo se viram encurralados pela borda de uma velha pedreira de giz. Era uma queda de dez ou vinte metros, com pedras no fundo. Não havia ninguém a quem eles pudessem perguntar o caminho. Assim que ela percebeu que eles estavam perdidos, Katharine ficou muito inquieta. Estar longe da multidão barulhenta de caminhantes, mesmo por um momento, deu a ela a sensação de estar fazendo a coisa errada. Ela queria voltar depressa pelo caminho que tinham vindo e começar a procurar na outra direção. Mas neste momento, Winston notou algumas flores crescendo nas fendas do penhasco abaixo deles. Um ramo era de duas cores, magenta e vermelho tijolo, aparentemente crescendo na mesma raiz. Ele nunca tinha visto nada do tipo antes, e chamou Katharine para vir e olhar com ele.

[voltar para o índice](#)

**“Olhe, Katharine! Olhe para aquelas flores. Aquela ali perto do fundo. Você está vendo que elas são de duas cores diferentes”?**

Ela já tinha se virado para ir embora, mas voltou por um instante muito mal-humorada. Ela até se inclinou sobre a face do penhasco para ver para onde ele estava apontando. Ele estava um pouco atrás dela, e colocou sua mão sobre a cintura dela para firmá-la. Neste momento, de repente lhe ocorreu como eles estavam completamente sozinhos. Não havia uma criatura humana em lugar algum, nem uma folha agitando, nem mesmo um pássaro acordado. Em um lugar como este, o perigo de haver um microfone escondido era muito pequeno, e mesmo que houvesse um microfone, ele só captaria sons. Era a hora mais quente e letárgica da tarde. O sol brilhava sobre eles, o suor fazia cócegas em seu rosto. E lhe veio um pensamento...

**“Por que você não lhe deu um empurrão?”**, perguntou Julia. **“Eu teria dado”**.

[voltar para o índice](#)

*“Sim, querida, você teria mesmo. Eu teria, se eu fosse na época a mesma pessoa que sou agora. Ou talvez eu... eu não tenho certeza”.*

*“Está arrependido de não ter empurrado”?*

*“Estou. De modo geral, lamento não ter feito isso”.*

Eles estavam sentados lado a lado no chão empoeirado. Ele a puxou para mais perto de si. A cabeça dela descansou no ombro dele, o cheiro agradável do seu cabelo vencendo o cheiro de esterco do pombo. Ela era muito jovem, ele pensou, ela ainda esperava algo da vida, ela não entendia que empurrar uma pessoa inconveniente sobre um penhasco não resolveria nada.

*“Na verdade, isso não teria feito diferença”, disse ele.*

*“Então por que você lamenta”?*

[voltar para o índice](#)

*“Só porque eu prefiro um positivo a um negativo. Não podemos ganhar este jogo que estamos jogando. Alguns tipos de fracasso só são melhores do que outros, só isso”.*

Ele sentiu os ombros dela se movimento em desacordo. Ela sempre o contradizia quando ele dizia algo desse tipo. Ela não aceitaria como lei da natureza que o indivíduo seja sempre derrotado. De certa forma, ela percebeu que ela mesma estava condenada, que mais cedo ou mais tarde a Polícia do Pensamento iria pegá-la e matá-la, mas com outra parte de sua mente ela acreditava que de alguma forma era possível construir um mundo secreto no qual se pudesse viver como se escolhesse. Tudo o que você precisava era de sorte, astúcia e ousadia. Ela não entendia que não havia felicidade, que a única vitória estava no futuro distante, muito depois da sua morte, que a partir do momento que declarasse guerra ao Partido era melhor se considerar um cadáver.

[voltar para o índice](#)

*“Nós somos os mortos”, disse ele.*

*“Ainda não estamos mortos”, disse Julia prosaicamente.*

*“Não fisicamente. Seis meses, um ano – cinco anos, concebivelmente. Eu tenho medo da morte. Você é jovem, então presumivelmente tem mais medo da morte do que eu. Obviamente, vamos adiá-la o máximo que pudermos. Mas isso faz muito pouca diferença. Enquanto os seres humanos permanecerem humanos, a morte e a vida são a mesma coisa”.*

*“Ah, bobagem! Com quem você prefere dormir, comigo ou com um esqueleto? Você não gosta de estar vivo? Você não gosta de sentir: Este sou eu, esta é minha mão, esta é minha perna, eu sou real, sou sólido, estou vivo! Você não gosta disto”?*

Ela se torceu e apertou o peito contra ele. Ele podia sentir os seios dela, maduros mas firmes, através de seu macacão. O corpo dela parecia estar derramando um pouco de sua juventude e vigor no dele.

[voltar para o índice](#)

*“Sim, eu gosto disso”, disse ele.*

*“Então pare de falar em morrer. E agora ouça, querido, temos que combinar o nosso próximo encontro. Acho que podemos voltar para o lugar na floresta, ele já deu uma boa descansada. Mas é preciso chegar lá de outro jeito. Eu tenho tudo planejado. Você pega o trem – mas veja, vou desenhar para você”.*

E de seu jeito prático, ela criou um pequeno quadrado de pó, e com um galho do ninho de um pombo começou a desenhar um mapa no chão.

[voltar para o índice](#)

# capítulo 4



**W**inston olhou em volta da pequena sala de estar em cima da loja do Sr. Charrington. Ao lado da janela, a enorme cama estava feita, com cobertores maltrapilhos e um acolchoado sem capa. O relógio antiquado, com o frontispício de doze horas, estava a fazer tique-taque sob a lareira. No canto, na mesa dobrável, o peso de papel de vidro que ele havia comprado em sua última visita brilhava suavemente na semi-escuridão.

Havia também um fogareiro batido de óleo, uma panela e dois copos, fornecidos pelo Sr. Charrington. Winston acendeu o queimador e colocou uma panela de água para ferver. Ele tinha trazido um envelope cheio de Café da Vitória e algumas pastilhas de sacarina. Os ponteiros do relógio diziam dezessete e vinte: eram realmente dezenove e vinte. Ela chegaria às dezenove e meia.

Loucura, loucura, seu coração continuava dizendo: loucura consciente, gratuita, suicida. De todos os crimes que um membro do Partido podia co-

[voltar para o índice](#)

meter, este era o menos possível de se ocultar. Na verdade, a ideia tinha passado primeiro pela sua cabeça na forma de uma visão, o pisa-papéis de vidro espelhado pela superfície da mesinha. Como ele havia previsto, não tinha sido difícil para o Sr. Charrington alugar a sala. Ele estava obviamente contente com os poucos dólares que isso lhe traria. Nem parecia chocado ou ofendido ao saber quando ficou claro que Winston queria a sala com o propósito de uma relação amorosa. Em vez disso, ele olhou para nada e falou generalidades, com um ar tão delicado a ponto de dar a impressão de que havia se tornado parcialmente invisível. A privacidade, disse ele, era uma coisa muito valiosa. Todos queriam um lugar onde pudessem estar sozinhos ocasionalmente. E quando tinham um lugar assim, era apenas uma cortesia comum que qualquer outra pessoa que soubesse disso para guardasse seu conhecimento para si mesmo. Ele até mesmo acrescentou, parecendo quase desvanecer-se enquanto o fazia, que havia duas entradas para a casa, uma delas pelo do quintal, que dava em uma outra viela.

[voltar para o índice](#)

Sob a janela, alguém estava cantando. Winston espreitou para fora, seguro pela proteção da cortina de musselina. O sol de junho ainda estava alto no céu, e uma mulher monstruosa, volumosa como uma coluna normanda, com antebraços vermelhos e um avental amarrado ao meio, estava tropeçando de um lado para o outro entre um tanque de lavar roupa e um varal no pátio ensolarado abaixo, fixando uma série de panos brancos que Winston identificou como fraldas para bebês. Sempre que sua boca não estava ocupada segurando grampos para a roupa, ela cantava em um poderoso contralto:

*Era apenas uma fantasia sem esperança,*

*que passou como um dia de Abril,*

*Mas um olhar e uma palavra e os sonhos que despertam!*

*Eles roubaram minha cervejinha!*

[voltar para o índice](#)

Essa música estava tomando conta de Londres há algumas semanas. Foi uma das inúmeras canções similares publicadas para o benefício dos proles por uma subseção do Departamento de Música. As palavras destas canções foram compostas sem qualquer intervenção humana com um instrumento conhecido como versificador. Mas a mulher cantava com tanta afinação que transformava o lixo horrível em um som quase agradável. Ele podia ouvir a mulher cantando e o raspar de seus sapatos nas lajes, e os gritos das crianças na rua, e em algum lugar distante um leve rugido do trânsito, e ainda assim a sala parecia curiosamente silenciosa, graças à ausência de uma teletela.

Loucura, loucura, loucura!, ele pensou novamente. Era inconcebível que eles pudessem frequentar este lugar por mais de algumas semanas sem serem pegos. Mas a tentação de ter um esconderijo que fosse verdadeiramente seu, dentro de uma casa e perto, tinha sido demais para ambos. Durante algum tempo após sua visita ao campanário da igreja, havia sido impossível organizar outros

[voltar para o índice](#)

encontros. O horário de trabalho havia sido drasticamente aumentado em antecipação à Semana do Ódio. Estava a mais de um mês de distância, mas os enormes e complexos preparativos que isso implicava estavam dando trabalho extra a todos. Finalmente, ambos conseguiram assegurar uma tarde livre no mesmo dia. Eles tinham concordado em voltar para a clareira na floresta. Na noite anterior, eles se encontraram brevemente na rua. Como sempre, Winston mal olhou para Julia enquanto eles se dirigiam um para o outro na multidão, mas pelo breve olhar que ele lhe deu, pareceu-lhe que ela estava mais pálida do que de costume.

**“Está tudo acabado”**, ela murmurou assim que julgou que era seguro falar. **“Amanhã, quero dizer”**.

**“O quê”?**

**“Amanhã à tarde. Eu não posso ir”**.

**“Por que não”?**

**“Ah, a razão de sempre. Começou cedo desta vez”**.

[voltar para o índice](#)

Por um momento, ele ficou violentamente zangado. Durante o mês em que ele a conheceu, a natureza de seu desejo por ela havia mudado. No início, havia pouca sensualidade verdadeira nela. A primeira vez que fizeram amor foi simplesmente um ato de vontade. Mas após a segunda vez, foi diferente. O cheiro de seu cabelo, o gosto de sua boca, a sensação de sua pele parecia ter entrado dentro dele, ou no ar que o rodeava. Ela havia se tornado uma necessidade física, algo que ele não só queria, mas sentia que tinha o direito de fazer. Quando ela disse que não podia vir, ele tinha a sensação de que ela o estava enganando. Mas justamente neste momento a multidão os pressionou e suas mãos se encontraram acidentalmente. Ela apertou rapidamente as pontas de seus dedos, algo que parecia convidar não ao desejo, mas ao afeto. Ele percebeu que, quando se vivia com uma mulher, esta decepção deve ser um acontecimento normal e recorrente; e uma profunda ternura, como ele não havia sentido por ela antes, de repente se apoderou dele. Ele desejava que eles fossem um casal com dez anos de casamento. Ele desejava estar an-

[voltar para o índice](#)

dando pelas ruas com ela como eles estavam fazendo agora, mas abertamente e sem medo, falando de trivialidades e comprando bugigangas para a casa. Ele desejava acima de tudo que eles tivessem algum lugar onde pudessem estar sozinhos juntos sem sentir a obrigação de fazer amor toda vez que se encontrassem. Não foi realmente naquele momento, mas em algum momento do dia seguinte, que a ideia de alugar o quarto do Sr. Charrington lhe ocorreu. Quando ele o sugeriu a Julia, ela concordou com uma prontidão inesperada. Ambos sabiam que era uma loucura. Era como se estivessem intencionalmente andando para mais perto de seus túmulos. Enquanto esperava sentado na beira da cama, ele pensou novamente nos porões do Ministério do Amor. Era curioso como aquele horror predestinado se movia para dentro e para fora da consciência. Lá estava ele, fixado em tempos futuros, precedendo a morte com a certeza de que 99 precede 100. Não se podia evitá-lo, mas talvez se pudesse adiá-lo: e ainda assim, de vez em quando, por um ato consciente e voluntário, optou-se por encurtar o intervalo antes que acontecesse.

[voltar para o índice](#)

Neste momento, houve um estalar rápido na escada. Julia irrompeu pela sala. Ela estava carregando uma mala para ferramentas de lona marrom grossa, como ele já a vira fazendo no Ministério. Ele avançou em sua direção para pegá-la em seus braços, mas ela se soltou rapidamente, em parte porque ela ainda estava segurando a bolsa de ferramentas.

***“Meio segundo”, ela disse. “Quero mostrar o que eu trouxe. Você trouxe um pouco daquele Café da Vitória péssimo? Eu achei que sim. Você pode jogá-lo fora, porque não vamos precisar dele. Veja aqui”.***

Ela caiu de joelhos, abriu a mala e tirou algumas chaves de fenda e um alicate que enchiam a parte superior. Abaixo havia uma série de pacotes de papel limpos. O primeiro pacote que ela passou para Winston teve uma sensação estranha e ao mesmo tempo vagamente familiar. Era preenchido com algum tipo de coisa pesada, parecida com areia, que afundava onde quer que se tocasse nele.

***“Isso não é açúcar?”***, disse ele.

[voltar para o índice](#)

*“Açúcar de verdade, não açúcar de sacarina. E aqui temos uma broa de pão branco, não aquela coisa ruim, e um pouco de geleia. E aqui tem uma lata de leite – mas olha! Estou orgulhosa mesmo desse aqui. Precisei embalar bem, porque –”.*

Mas ela nem precisou dizer o porquê de toda a embalagem. O cheiro já preenchia todo o quarto, um cheiro profundo e quente que parecia emanar do começo da sua infância, mas que ele parecia encontrar de vez em quando até agora, vindo de uma passagem antes de uma porta ser batida, se diluindo misteriosamente por uma rua cheia, sentido por alguns segundos e então perdido novamente.

*“É café”, ele disse. “Café de verdade”.*

*“É café do Partido Interno. Tenho um quilo inteiro aqui”, ela disse.*

*“Como você conseguiu obter todas essas coisas”?*

[voltar para o índice](#)

*“São coisas do Partido Interno. Não há nada que esses porcos não tenham, nada. Mas é claro que garçons, criados e outras pessoas pegam algumas coisas, e – olha, eu também tenho um pacote de chá”.*

Winston havia se agachado ao lado dela. Ele rasgou um canto do pacote.

*“É chá de verdade. Não folhas de amora silvestre”.*

*“Tem bastante chá nos últimos tempos. Eles capturaram a Índia, ou algo assim”,* disse ela vagamente. *“Mas escute, querido. Eu quero que você se vire de costas por três minutos. Vá e sente-se do outro lado da cama. Não se aproxime muito da janela. E não vire as costas até eu avisar”.*

Winston olhou abstraído através da cortina de musselina. No quintal, a mulher de braços vermelhos ainda estava marchando de um lado para o outro entre o tanque e o varal. Ela tirou mais dois grampos de sua boca e cantou com sentimento profundo:

[voltar para o índice](#)

***Eles dizem que o tempo cura tudo,  
Dizem que você sempre pode esquecer,  
Mas os sorrisos e as lágrimas de todos  
os anos  
Ainda fazem meu coração amolecer!***

Parecia que ela sabia de cor toda a canção. Sua voz flutuava para cima com o ar doce do verão, muito afinada, carregado de uma espécie de melancolia feliz. Tivemos a sensação de que ela teria ficado perfeitamente satisfeita, se a noite de junho tivesse sido interminável e o fornecimento de roupas inesgotáveis, para permanecer lá por mil anos, tirando fraldas e cantando porcarias. Pareceu-lhe um fato curioso que nunca havia ouvido um membro do Partido cantar sozinho e espontaneamente. Teria parecido até pouco ortodoxo, uma excentricidade perigosa, como falar consigo mesmo. Talvez fosse apenas quando as pessoas estavam em algum lugar perto do nível de fome que elas tinham algo para cantar.

[voltar para o índice](#)

*“Você pode se virar agora”*, disse Julia.

Ele se virou, e por um segundo quase não a reconheceu. O que ele realmente esperava era vê-la nua. Mas ela não estava nua. A transformação que havia acontecido foi muito mais surpreendente que isso. Ela havia pintado seu rosto.

Ela deve ter entrado em alguma loja no bairro do proletariado e comprado um conjunto completo de produtos de maquiagem para si mesma. Seus lábios estavam profundamente avermelhados, suas bochechas rosadas, seu nariz com pó; havia até mesmo um toque de algo sob os olhos para torná-los mais brilhantes. Não foi feito com muita habilidade, mas os padrões de Winston em tais assuntos não eram muito altos. Ele nunca antes havia visto ou imaginado uma mulher do Partido com cosméticos no rosto. A melhora em sua aparência foi surpreendente. Com apenas algumas pinceladas de cor nos lugares certos, ela havia se tornado não apenas muito mais bonita, mas, acima de tudo, muito mais feminina. Seu cabelo curto e

[voltar para o índice](#)

seu macacão de menino apenas acrescentavam ao efeito. Enquanto ele a tomava em seus braços, um cheiro sintético de violetas inundava suas narinas. Ele se lembrou da meia escuridão de uma cozinha de porão, e da boca cavernosa de uma mulher. Era o mesmo cheiro que ela havia usado; mas no momento parecia não ter importância.

***“Perfume também!”***, disse ele.

***“Sim, querido, perfume também. E você sabe o que eu vou fazer ainda? Pegar o vestido de uma mulher de verdade em algum lugar e usá-lo no lugar deste macacão idiota. Vou usar meias de seda e sapatos de salto alto! Nesta sala eu vou ser uma mulher, não uma camarada do Partido”***.

Eles tiraram a roupa e subiram na enorme cama de mogno. Foi a primeira vez que ele se despiu na presença dela. Até agora ele tinha muita vergonha de seu corpo pálido e magro, com as veias varicosas se destacando em suas pernas e a mancha esbranquiçada sobre seu tornozelo. Não havia

[voltar para o índice](#)

lençóis, mas o cobertor sobre o qual eles se deitavam era liso e macio, e o tamanho e a elasticidade da cama surpreendia a ambos. **“Com certeza está cheia de insetos, mas quem se importa?”** disse Julia. Não se via uma cama de casal hoje em dia, exceto nas casas dos proles. Winston havia dormido ocasionalmente em uma em sua infância: Julia nunca havia estado em uma antes, até onde ela se lembrava.

Eles adormeceram por um momento. Quando Winston acordou, os ponteiros do relógio tinham andando para quase nove. Ele não se mexeu, porque Julia estava dormindo com a cabeça em cima de seu braço. A maior parte de sua maquiagem havia se transferido para seu próprio rosto ou para o acolchoado, mas uma leve mancha de blush ainda trazia à tona a beleza de sua maçã do rosto. Um raio amarelo do sol se pondo caía sobre o pé da cama e sobre a lareira acesa, onde a água na frigideira estava fervendo rapidamente. A mulher havia parado de cantar no pátio, mas os gritos tênues das crianças flutuavam pela rua. Ele se perguntava vagamente se no passado abolido havia sido

[voltar para o índice](#)

uma experiência normal deitar na cama assim, no frescor de uma noite de verão, um homem e uma mulher sem roupa, fazendo amor quando eles escolhiam, falando do que eles queriam, não sentindo nenhuma compulsão para se levantar, simplesmente deitados lá e ouvindo sons pacíficos do lado de fora. Certamente nunca poderia ter havido um momento em que isso parecesse comum. Julia acordou, esfregou os olhos e se levantou no cotovelo para olhar para o fogareiro.

***“Metade dessa água já evaporou”, disse ela. “Vou me levantar e fazer um café em outro momento. Temos uma hora. A que horas eles cortam as luzes no seu apartamento”?***

***“Vinte e três e trinta”.***

***“É às vinte e três no albergue. Mas você tem que ir uma hora antes, porque – hei! Sai daí, sua praga imunda”!***

Ela se virou rapidamente de lado, pegou um sapato do chão e o jogou até o canto com um mo-

[voltar para o índice](#)

vimento masculino no braço, como ele já a tinha visto fazer com um dicionário em direção ao rosto de Goldstein naquela manhã durante os Dois Minutos de Ódio.

*“O que foi?”*, ele perguntou surpreso.

*“Um rato. Eu vi ele tirando o nariz pelo rodapé. Tem um buraco ali. Mas pelo menos consegui dar um bom susto nele”*.

*“Ratos!”*, murmurou Winston. *“Neste quarto”!*

*“Eles estão por toda parte”*, disse Julia indiferente enquanto se deitava novamente. *“Temos até na cozinha do albergue. Algumas partes de Londres estão repletas deles. Você sabia que eles atacam crianças? É, eles atacam. Em algumas dessas ruas, as mulheres não ousam deixar um bebê sozinho por dois minutos. São os grandes e marrons que fazem essas coisas. E o mais desagradável é que essas pragas sempre...”*

[voltar para o índice](#)

*“Não continue”*, disse Winston, com os olhos bem fechados.

*“Querido! Você ficou bastante pálido. O que está acontecendo? Eles fazem você se sentir mal”?*

*“De todos os horrores do mundo – um rato”!*

Ela se pressionou contra ele e o abraçou com todos os seus membros, como se quisesse tranquilizá-lo com o calor de seu corpo. Ele não reabriu seus olhos imediatamente. Por vários momentos ele teve a sensação de estar de volta em um pesadelo que se repetia de tempos em tempos ao longo de sua vida. Era sempre muito parecido. Ele estava diante de um muro de escuridão, e do outro lado dele havia algo insuportável, algo terrível demais para ser enfrentado. No sonho, seu sentimento mais profundo era sempre de autoengano, porque ele sabia de fato o que estava por trás do muro da escuridão. Com um esforço mortal, como arrancar um pedaço de seu próprio cérebro, ele poderia até mesmo ter arrastado a coisa para fora. Ele

[voltar para o índice](#)

sempre acordava sem descobrir o que era: mas de alguma forma estava ligado ao que Julia vinha dizendo quando ele a encurtava.

**“Sinto muito”**, disse ele, “não é nada. Eu não gosto de ratos, só isso”.

**“Não se preocupe, querido, não vamos ter essas pragas imundas aqui. Vou encher o buraco com um pouco de juta antes de irmos. E da próxima vez que viermos aqui, vou trazer um pouco de gesso e tampar o buraco direitinho”**.

O instante de pânico já estava quase esquecido. Sentindo-se um pouco envergonhado, ele se sentou contra a cabeça da cama. Julia saiu da cama, puxou seu macacão e fez o café. O cheiro que subiu da panela era tão poderoso e excitante que fecharam a janela, para que ninguém mais percebesse e se tornasse inquisitivo. O que era ainda melhor do que o sabor do café era a textura sedosa dada a ele pelo açúcar, uma coisa que Winston quase esqueceu depois de tantos anos consumindo sacarina.

[voltar para o índice](#)

Com uma mão no bolso e um pedaço de pão e geleia na outra, Julia perambulou pela sala, olhando indiferente para a estante, apontando a melhor maneira de consertar a mesa, mergulhando-se na cadeira de braços esfarrapados para ver se era confortável, e examinando o absurdo relógio de doze horas com uma espécie de diversão tolerante. Ela trouxe o peso de papéis de vidro para a cama para olhá-lo na luz. Ele tirou-o da mão dela, fascinado, como sempre, pelo aspecto suave e como água da chuva do vidro.

*“O que você acha que é isso?”*, Julia perguntou.

*“Eu não acho que seja nada – quero dizer, eu não acho que nunca tenha sido usado. É disso que eu gosto. É um pequeno pedaço de história que eles se esqueceram de alterar. É uma mensagem de cem anos atrás, se alguém soubesse lê-la”*.

*“E aquela imagem ali”* – ela acenou com a cabeça para a gravura na parede oposta – *“também tem cem anos de idade”*?

[voltar para o índice](#)

*“Mais. Uns Duzentos, eu ousou dizer. Não se pode dizer. É impossível descobrir a idade de qualquer coisa hoje em dia”.*

Ela foi lá para ver de perto. *“Aqui foi onde aquela praga enfiou o nariz para fora”, disse ela, chutando o rodapé imediatamente abaixo da foto. “O que é este lugar? Eu já vi isso antes”.*

*“É uma igreja, ou pelo menos costumava ser. Seu nome era São Clemente dos Dinamarqueses”.* O fragmento de rima que o Sr. Charrington lhe havia ensinado voltou à sua cabeça, e ele acrescentou meio nostálgico:

*“Sempre e geralmente, dizem os sinos de São Clemente”*

Para seu espanto, ela encerrou a rima:

*“De seda e linho, dizem os sinos de São Martinho*

*Acima de qualquer lei, dizem os sinos do Old Bailey”*

[voltar para o índice](#)

*“Não me lembro como continua depois disso. Mas, de qualquer forma, lembro-me que acaba assim: Aí vem uma vela para até a cama te levar, aí vem um helicóptero para a sua cabeça cortar”!*

Era como as duas metades de uma contrassenha. Mas deve haver outra linha após *“os sinos do Old Bailey”*. Talvez pudesse ser tirada da memória do Sr. Charrington, se tivesse os devidos estímulos

*“Quem lhe ensinou isso?”*, Winston perguntou.

*“Meu avô. Ele costumava me dizer isso quando eu era menina. Ele foi vaporizado quando eu tinha oito anos – de qualquer forma, ele desapareceu. Pergunto-me o que era um linho”*, acrescentou ela inconsequentemente. *“Seda eu já vi. É um tecido bem liso”*.

*“Eu me lembro de linho”*, disse Winston. *“Era bastante comum nos anos cinquenta. Era tão fino que amassava bem fácil”*.

[voltar para o índice](#)

*“Aposto que tem vários insetos atrás deste quadro”, disse Julia. “Vou tirar daqui e limpar bem qualquer dia. Suponho que esteja quase na hora de irmos embora. Preciso começar a tirar essa pintura toda. Que chato! Depois vou precisar tirar o batom do seu rosto”.*

Winston não se levantou por mais alguns minutos. A sala estava escurecendo. Ele se virou em direção à luz e ficou olhando para o peso de papel de vidro. O que era inesgotavelmente interessante não era o fragmento de coral, mas o interior do vidro em si. Ao mesmo tempo que havia uma certa profundidade, ele era quase tão transparente quanto o ar. Era como se a superfície do vidro tivesse sido o arco do céu, cercando um mundo minúsculo com sua atmosfera completa. Ele tinha a sensação de que podia entrar nele, e que de fato estava dentro dele, junto com a cama de mogno e a mesa, e o relógio e a gravura de aço e o próprio peso de papel. O peso de papel era o quarto em que ele estava, e o coral era a vida de Julia e sua própria, fixada numa espécie de eternidade no coração do cristal.

[voltar para o índice](#)

# capítulo 5



Syme tinha desaparecido. Em uma determinada manhã, ele não estava no trabalho: algumas pessoas comentaram sem pensar sua ausência. No dia seguinte, ninguém o mencionou. No terceiro dia, Winston entrou no vestibulo do Departamento de Registros para ver o quadro de avisos. Um dos avisos trazia uma lista impressa dos membros do Comitê de Xadrez, do qual Syme era parte. Parecia quase exatamente como antes – nada havia sido riscado – mas era um nome mais curto. Era o suficiente. Syme havia deixado de existir: ele nunca havia existido.

O tempo estava esquentando. No Ministério labiríntico, as salas sem janelas e climatizadas mantinham sua temperatura normal, mas do lado de fora as calçadas queimavam os pés e o cheiro dos metrô na hora do rush era um terror. Os preparativos para a Semana do Ódio estavam em pleno andamento, e os funcionários de todos os Ministérios estavam trabalhando horas extras. Procissões, reuniões, desfiles militares, palestras, trabalhos em cera, exposições, exhibições de filmes, progra-

[voltar para o índice](#)

mas de telenovela, tudo tinha que ser organizado; stands tinham que ser erguidos, efígies construídas, slogans cunhados, canções escritas, boatos circulados, fotografias falsificadas. A unidade de Julia no Departamento de Ficção tinha sido retirada da produção de romances e estava apressando uma série de panfletos de atrocidades. Winston, além de seu trabalho regular, passava longos períodos todos os dias em arquivos do The Times e alterando e embelezando notícias que deveriam ser citadas em discursos. Tarde da noite, quando multidões de proles bagunceiros vagueavam pelas ruas, a cidade tinha um ar curiosamente febril. As bombas caíam com mais frequência do que nunca, e às vezes, ao longe, havia enormes explosões que ninguém podia explicar e sobre as quais havia rumores selvagens.

A nova canção que seria o tema da Semana do Ódio (a Canção do Ódio, como era chamada) já havia sido composta e estava sendo tocada sem parar nas teletelas. Tinha um ritmo selvagem, de latido, que não podia ser chamado exatamente de músi-

[voltar para o índice](#)

ca, mas se assemelhava ao batimento de um tambor. Era aterrorizante, rugida por centenas de vozes ao bater dos pés em marcha. Os proles tinham levado uma fantasia, e nas ruas da meia-noite competiam com a ainda popular “Era apenas uma fantasia sem esperança”. Os filhos dos Parsons a tocavam a todas as horas do dia e da noite, insuportavelmente, usando um pente e um pedaço de papel higiênico. As noites de Winston estavam mais cheias do que nunca. Esquadrões de voluntários, organizados pelo Parsons, preparavam a rua para a Semana do Ódio, fazendo faixas, pintando cartazes, erguendo bandeiras nos telhados e colocando perigosamente arames do outro lado da rua para a recepção de serpentinas. Parsons gabava-se de que só nas Mansões da Vitória seriam exibidos quatrocentos metros de bandeirolas. Ele estava em seu ambiente natural, tão feliz como uma cotovia. O calor e o trabalho manual tinham até lhe dado um pretexto para voltar aos calções e uma camisa aberta à noite. Ele estava em toda parte ao mesmo tempo, empurrando, puxando, serrando, martelando, improvisando, sacudindo

[voltar para o índice](#)

a todos junto com exortações e dando de cada dobra de seu corpo o que parecia um fornecimento inesgotável de suor de cheiro acre.

Um novo cartaz tinha aparecido de repente em toda Londres. Não tinha legenda, e representava simplesmente a figura monstruosa de um soldado eurasiático, de três ou quatro metros de altura, avançando com o rosto mongol sem expressão e enormes botas, uma submetralhadora apontada a partir de seu quadril. De qualquer ângulo que você olhasse para o cartaz, o açaima da arma, ampliado pela premonição, parecia estar apontado diretamente para você. A coisa tinha sido rebocada em cada espaço em branco em cada parede, superando em número até mesmo os retratos do Grande Irmão. Os proles, normalmente apáticos sobre a guerra, estavam sendo chicoteados em um de seus frenesis periódicos de patriotismo. Como se para se combinar com o humor geral, as bombas de foguete estavam matando um número maior de pessoas do que o habitual. Uma caiu em um cinema lotado em Stepney, enterrando várias cen-

[voltar para o índice](#)

tenas de vítimas entre as ruínas. Toda a população do bairro compareceu a um longo funeral que durou horas e foi, na verdade, uma reunião de indignação. Outra bomba caiu sobre um terreno baldio que era usado como parque infantil e várias dezenas de crianças foram explodidas em pedaços. Houve outras manifestações de raiva, Goldstein foi queimado na efígie, centenas de cópias do cartaz do soldado eurasiático foram derrubadas e acrescentadas às chamas, e várias lojas foram saqueadas no tumulto; então um rumor voou em volta de que espiões estavam dirigindo as bombas-foguetes por meio de ondas sem fio, e um casal de velhos suspeitos de serem de extração estrangeira teve sua casa incendiada e morreu asfixiado.

No quarto sobre a loja do Sr. Charrington, quando conseguiram chegar lá, Julia e Winston deitaram-se lado a lado em uma cama despojada sob a janela aberta, nus por conta do calor. O rato nunca tinha voltado, mas os insetos se multiplicaram horivelmente com o calor. Isso não parecia importar. Sujo ou limpo, o quarto era o paraíso.

[voltar para o índice](#)

Assim que chegavam, eles espalhavam pimenta comprada no mercado negro pelo quarto, rasgavam suas roupas e faziam amor com corpos suados, depois adormeciam e acordavam para descobrir que os insetos tinham se mobilizado e se preparavam para o contra-ataque.

Quatro, cinco, seis – eles se encontraram sete vezes durante o mês de junho. Winston havia abandonado seu hábito de beber gin a qualquer hora. Ele parecia ter perdido a necessidade disso. Ele tinha engordado mais, sua úlcera varicosa tinha diminuído, deixando apenas uma mancha marrom na pele acima do tornozelo, seus acessos de tosse no início da manhã tinham parado. A vida havia deixado de ser intolerável, ele não tinha mais nenhum impulso para fazer caretas no teletela ou gritar maldições no alto de sua voz. Agora que eles tinham um esconderijo seguro, quase um lar, poder se encontrar com pouca frequência e só por algumas horas não parecia nem mesmo uma dificuldade. O que importava era que a sala sobre a loja de sucata existisse. Saber que estava ali, in-

[voltar para o índice](#)

violada, era quase o mesmo que estar nela. A sala era um mundo, um bolso do passado onde animais extintos podiam andar. O Sr. Charrington, pensava Winston, era outro animal extinto. Ele costumava parar para conversar com o Sr. Charrington por alguns minutos a caminho do andar de cima. O velho parecia sair de casa nunca ou raramente e, por outro lado, quase não tinha clientes. Ele levava uma existência fantasmagórica entre a loja minúscula e escura, e uma cozinha de fundo ainda menor onde ele preparava suas refeições e que continha, entre outras coisas, um gramofone incrivelmente antigo com um enorme chifre. Ele parecia contente com a oportunidade de conversar. Vagando por entre seu estoque inútil, com seu longo nariz e óculos grossos e seus ombros arqueados no casaco de veludo, ele sempre teve vagamente o ar de ser um colecionador e não um comerciante. Com uma espécie de entusiasmo desbotado, ele dedilhava este ou aquele pedaço de lixo – uma rolha de porcelana, a tampa pintada de uma caixa de rapé quebrada, um medalhão com um fio de cabelo de algum bebê morto há muito

[voltar para o índice](#)

tempo – nunca pedia que Winston o comprasse, apenas que o admirasse. Falar com ele era como ouvir o tilintar de uma caixa de música desgastada. Ele havia arrastado dos cantos de sua memória mais alguns fragmentos de rimas esquecidas. Havia uma sobre quatro e vinte melros, e outra sobre uma vaca com um chifre amassado, e outra sobre a morte do pobre Cock Robin. **“Ocorreu-me que você poderia estar interessado”**, dizia ele com uma risadinha depreciativa sempre que produzia um novo fragmento. Mas ele nunca poderia se lembrar de mais do que algumas linhas de qualquer rima.

Ambos sabiam – de certa forma, nunca paravam de pensar nisso – que o que estava acontecendo agora não poderia durar muito. Havia momentos em que a morte iminente parecia tão palpável quanto a cama em que eles se deitavam, e eles se apegavam a uma espécie de sensualidade desesperada, como uma alma maldita agarrando-se ao seu último pedaço de prazer quando o relógio está a cinco minutos de bater. Mas também havia mo-

[voltar para o índice](#)

mentos em que eles tinham a ilusão não apenas de segurança, mas de permanência. Enquanto estivessem de fato nesta sala, ambos sentiam, nenhum mal lhes poderia acontecer. Chegar lá era difícil e perigoso, mas a sala em si era um santuário. Era como quando Winston tinha olhado para o coração do peso de papel, com a sensação de que seria possível entrar naquele mundo vítreo, e que uma vez dentro dele o tempo poderia parar. Muitas vezes eles se entregavam a devaneios de fuga. A sorte deles aguentaria indefinidamente, e eles continuariam seu caso, assim mesmo, durante o resto de suas vidas naturais. Ou Katharine morria, e através de manobras sutis Winston e Julia conseguiam se casar. Ou eles cometeriam suicídio juntos. Ou eles desapareceriam, alterariam sua aparência e se tornariam irreconhecíveis, aprenderiam a falar com sotaque proletário, conseguiriam emprego em uma fábrica e viveriam suas vidas sem serem detectados em um beco qualquer. Tudo isso era um disparate, como ambos sabiam. Na realidade, não havia como escapar. Eles não tinham nenhuma in-

[voltar para o índice](#)

tenção de executar o único plano praticável – o suicídio. Segurar-se de dia para dia e de semana para semana, vivendo um presente que não tinha futuro, parecia um instinto inconquistável, assim como os pulmões sempre puxarão o próximo suspiro enquanto houver ar disponível.

Às vezes, também falavam em se rebelar ativamente contra o Partido, mas sem a noção de como dar o primeiro passo. Mesmo que a fabulosa Irmandade fosse uma realidade, ainda havia a dificuldade de encontrar o caminho para ela. Ele lhe falou da estranha intimidade que existia, ou parecia existir, entre ele e O'Brien, e do impulso que às vezes sentia, simplesmente para entrar na presença de O'Brien, anunciar que ele era o inimigo do Partido, e exigir sua ajuda. Curiosamente, isto não lhe pareceu uma coisa impossivelmente precipitada a fazer. Ela estava acostumada a julgar as pessoas por seus rostos, e lhe parecia natural que Winston acreditasse que O'Brien era digno de confiança com a força de um único flash dos olhos. Além disso, ela tomou como certo que todos, ou quase

[voltar para o índice](#)

todos, odiavam secretamente o Partido e quebravam as regras se achassem seguro fazê-lo. Mas ela se recusou a acreditar que existia ou poderia existir uma oposição generalizada e organizada. As histórias sobre Goldstein e seu exército subterrâneo, disse ela, eram simplesmente um monte de lixo que o Partido havia inventado para seus próprios propósitos e no qual você tinha que fingir acreditar. Mais vezes do que poderia contar, ela havia gritado com toda a sua voz em favor da execução de pessoas cujos nomes ela nunca havia ouvido e em cujos supostos crimes ela não tinha a mínima crença em comícios e manifestações espontâneas do Partido. Quando os julgamentos públicos estavam acontecendo, ela havia tomado seu lugar nos destacamentos da Liga da Juventude que rodeavam os tribunais de manhã à noite, cantando em intervalos **“Morte aos traidores”**! Durante os Dois Minutos de Ódio, ela sempre superava todos os outros ao gritar insultos a Goldstein. No entanto, ela tinha apenas uma ideia muito vaga de quem era Goldstein e que doutrinas ele deveria representar. Ela tinha crescido desde a Revolução e era

[voltar para o índice](#)

muito jovem para lembrar as batalhas ideológicas dos anos 50 e 60. Uma coisa como um movimento político independente estava fora de sua imaginação: e em todo caso o Partido era invencível. Ele sempre existiria, e seria sempre o mesmo. Você só poderia se rebelar contra ele por desobediência secreta ou, no máximo, por atos isolados de violência, como matar alguém ou explodir algo.

Em alguns aspectos, ela era muito mais aguda do que Winston e muito menos suscetível à propaganda do Partido. Uma vez, quando ele acabou mencionando a guerra contra a Eurásia, ela o deixou perplexo dizendo casualmente que, em sua opinião, a guerra não estava acontecendo. As bombas que caíam diariamente sobre Londres provavelmente eram disparadas pelo próprio governo da Oceania, **“só para manter as pessoas assustadas”**. Esta era uma ideia que nunca havia ocorrido a Winston. Ela também despertou uma espécie de inveja nele, dizendo-lhe que sua grande dificuldade durante os Dois Minutos de ódio era evitar que saísse rindo. Mas ela só questionava os ensina-

[voltar para o índice](#)

mentos do Partido quando eles, de alguma forma, tocavam sua própria vida. Muitas vezes ela estava pronta para aceitar a mitologia oficial, simplesmente porque a diferença entre verdade e falsidade não parecia importante para ela. Ela acreditava, por exemplo, tendo aprendido na escola, que o Partido tinha inventado os aviões. (Em seus próprios tempos de escola, Winston lembrava, no final dos anos 50, que o Partido só afirmava ter inventando os helicópteros; uma dúzia de anos depois, quando Julia estava na escola, eles já tinham reclamando o avião para si; mais uma geração, e estaria reclamando o motor a vapor). E quando ele lhe disse que os aviões já existiam antes de ele nascer e muito antes da Revolução, o fato pareceu totalmente desinteressante para ela. Afinal de contas, o que importava quem tinha inventado os aviões? Foi mais um choque para ele quando ele descobriu de alguma observação casual que ela não se lembrava que a Oceania, há quatro anos, estava em guerra com a Lestásia e em paz com a Eurásia. Era verdade que ela considerava toda a guerra como uma farsa: mas aparentemente ela

[voltar para o índice](#)

não havia nem notado que o nome do inimigo havia mudado. **“Pensei que estivéssemos sempre em guerra com a Eurásia”**, disse ela vagamente. Isso o assustou um pouco. A invenção dos aviões data-va muito antes de seu nascimento, mas a mudança na guerra tinha acontecido apenas quatro anos atrás, quando ela já era adulta. Ele discutiu com ela sobre isso durante cerca de quinze minutos. No final, ele conseguiu forçar a memória dela de volta até que ela se lembrasse vagamente de que em algum momento a Lestásia e não Eurásia havia sido o inimigo. Mas a questão ainda lhe pareceu sem importância. **“Quem se importa?”**, disse ela sem paciência. **“É sempre uma guerra atrás da outra, e sabemos que as notícias são todas mentiras de qualquer maneira”**.

Às vezes, ele falava com ela sobre o Departamento de Registros e as falsificações impudentes que ele cometia lá. Tais coisas não pareciam horrorizá-la. Ela não sentia o abismo se abrir sob seus pés ao pensar que mentiras se tornavam verdades. Ele contou a ela a história de Jones, Aaronson e Ru-

[voltar para o índice](#)

therford e o papel significativo que caíra em suas mãos. Isso não causou uma forte impressão nela. No início, de fato, ela não conseguiu entender o objetivo da história.

*“Eles eram seus amigos?”*, ela perguntou.

*“Não, eu nunca os conheci. Eles eram membros do Partido Interno. Além disso, eles eram homens muito mais velhos do que eu. Eles pertenciam aos velhos tempos, antes da Revolução. Eu mal os conhecia de vista”*.

*“Então, o que havia de preocupante em tudo isso? As pessoas estão sendo mortas o tempo todo, não estão”?*

Ele tentou fazê-la entender. *“Este foi um caso excepcional. Não era apenas uma questão de alguém ser morto. Você percebe que o passado, a partir de ontem, foi realmente abolido? Se sobrevive em qualquer lugar, está em alguns poucos objetos sólidos sem palavras, como aquele pedaço de vidro ali. Já sabemos quase li-*

[voltar para o índice](#)

*teralmente nada sobre a Revolução e os anos antes da Revolução. Cada registro foi destruído ou falsificado, cada livro foi reescrito, cada quadro foi repintado, cada estátua e cada rua e edifício foi renomeado, cada data foi alterada. E esse processo continua dia a dia e minuto a minuto. A história parou. Nada existe, exceto um presente infinito no qual o Partido está sempre certo. Eu sei, claro, que o passado é falsificado, mas nunca seria possível para mim prová-lo, mesmo quando eu mesmo fiz a falsificação. Depois que a coisa for feita, nenhuma evidência jamais ficará para trás. A única evidência está dentro de minha própria mente, e não sei com certeza se algum outro ser humano compartilha minhas lembranças. Apenas nesse caso, em toda a minha vida, eu possuía provas concretas reais após o evento – mesmo anos depois do evento”.*

*“E de que serviu isso”?*

*“Para nada, porque eu joguei fora alguns minutos depois. Mas se a mesma coisa acontecesse hoje, eu guardaria”.*

[voltar para o índice](#)

*“Bem, eu não guardaria”, disse Julia. “Estou pronta para correr riscos, mas apenas por algo que valha a pena, não por pedaços velhos de jornal. O que você poderia ter feito com isso, caso tivesse guardado”?*

*“Não muito, talvez. Mas era uma prova. Poderia ter plantado algumas dúvidas aqui e ali, supondo que eu ousaria mostrar o papel para alguém. Não imagino que possamos alterar nada em nossa própria vida. Mas pode-se imaginar pequenos nós de resistência surgindo aqui e ali – pequenos grupos de pessoas se unindo, e gradualmente crescendo, e até mesmo deixando alguns registros para trás, para que as próximas gerações possam continuar de onde paramos”.*

*“Eu não estou interessado na próxima geração, querido. Eu estou interessada em nós”.*

*“Você é uma rebelde apenas da cintura para baixo”,*  
Winston lhe disse.

[voltar para o índice](#)

Ela achou isso brilhantemente espirituoso e jogou seus braços em volta dele em deleite.

Ela não tinha o menor interesse nas ramificações da doutrina partidária. Sempre que começava a falar dos princípios do Socing, pensava duas vezes, a mutabilidade do passado e a negação da realidade objetiva, e para usar palavras da Novalíngua, ela ficava entediada e confusa e dizia que nunca prestava atenção a esse tipo de coisa. Sabia-se que tudo isso era lixo, então por que se deixar preocupar por isso? Ela sabia quando torcer e quando vaiar, e isso era tudo o que se precisava. Se ele persistia em falar de tais assuntos, ela tinha o desconcertante hábito de adormecer. Ela era uma daquelas pessoas que conseguiram dormir a qualquer hora e em qualquer posição. Falando com ela, ele percebeu como era fácil apresentar uma aparência de ortodoxia enquanto não tinha noção de nada do que significava ortodoxia. De certa forma, a visão de mundo do Partido se impôs com mais sucesso às pessoas incapazes de compreendê-la. Elas podiam ser obrigadas a aceitar as violações mais

[voltar para o índice](#)

flagrantes da realidade, porque nunca compreenderam completamente a enormidade do que lhes era exigido, e não estavam suficientemente interessadas em eventos públicos para perceber o que estava acontecendo. Por falta de compreensão, eles permanecem sãos. Eles simplesmente engolem tudo, e o que eles engoliram não lhes fez mal, porque não deixou nenhum resíduo, assim como um grão de milho passará sem ser digerido pelo corpo de uma ave.

[voltar para o índice](#)

# capítulo 6



**T**inha finalmente acontecido. A mensagem esperada tinha chegado. Toda a sua vida, lhe pareceu, ele havia esperado que isso acontecesse.

Ele estava caminhando pelo longo corredor do Ministério e estava quase no lugar onde Julia havia colocado o bilhete em sua mão quando se deu conta de que alguém maior do que ele estava seguindo-o. A pessoa, quem quer que fosse, deu uma pequena tosse, evidentemente como um prelúdio para falar. Winston parou abruptamente e virou-se. Era O'Brien.

Finalmente eles estavam frente a frente, e parecia que seu único impulso era fugir. Seu coração começou a bater violentamente. Ele teria sido incapaz de falar. O'Brien, no entanto, tinha continuado em frente no mesmo movimento, colocando uma mão amiga por um momento no braço de Winston, de modo que os dois estavam caminhando lado a lado. Ele começou a falar com a peculiar cortesia grave que o diferenciava da maioria dos membros do Partido Interno.

[voltar para o índice](#)

*“Eu estava esperando uma oportunidade de falar com você”, disse ele. “No outro dia, eu estava lendo um de seus artigos no jornal The Times. Você tem um interesse acadêmico na Novalíngua, creio eu”.*

Winston tinha recuperado em parte seu discernimento. *“Não chega a ser acadêmico”, disse ele. “Sou apenas um amador. Não é o meu assunto. Nunca tive nada a ver com a construção real do idioma”.*

*“Mas você a usa com muita elegância”, disse O’Brien. “Essa não é apenas a minha opinião. Eu estava falando recentemente com um amigo seu que é certamente um especialista. Seu nome me escapou da memória por enquanto”.*

Novamente o coração de Winston bateu dolorosamente. Era inconcebível que isto fosse outra coisa que não fosse uma referência a Syme. Mas Syme não estava apenas morto, ele fora abolido, uma não-pessoa. Qualquer referência identificável a ele teria sido mortalmente perigosa. A observação de O’Brien deve obviamente ter sido concebida

[voltar para o índice](#)

como um sinal, uma palavra de código. Ao compartilhar um pequeno delito de pensamento, ele havia transformado os dois em cúmplices. Eles tinham continuado a caminhar lentamente pelo corredor, mas agora O'Brien parou. Com a simpatia curiosa e desarmante que ele sempre conseguiu colocar no gesto, ele reassentou seus óculos em seu nariz. Então ele continuou:

*“O que eu realmente tinha a intenção de dizer era que em seu artigo eu notei que você usou duas palavras que se tornaram obsoletas. Mas isso só aconteceu recentemente. Você já viu a décima edição do Dicionário da Novalíngua”?*

*“Não”, disse Winston. “Eu pensei que ainda não tivesse sido publicada. Ainda estamos usando a nona edição do Departamento de Registros”.*

*“A décima edição não deve ser publicada por alguns meses, creio eu. Mas algumas cópias antecipadas foram distribuídas. Eu mesmo tenho uma. Talvez lhe interesse dar uma olhada nela”.*

[voltar para o índice](#)

**“Muito”**, disse Winston, vendo imediatamente para onde isto estava indo.

**“Alguns dos novos desenvolvimentos são muito engenhosos. A redução do número de verbos é o ponto que o atrairá, creio eu. Deixe-me ver, devo enviar-lhe um mensageiro com o dicionário? Mas receio que invariavelmente esqueço qualquer coisa desse tipo. Talvez você possa ir buscá-lo em meu apartamento em algum momento que lhe convenha? Espere. Deixe-me dar o meu endereço”**.

Eles estavam na frente de uma teletela. O'Brien colocou as mãos nos bolsos, um pouco distraído, e tirou um caderno revestido de couro e um lápis de grafite dourada. Imediatamente na frente da teletela, numa posição tal que qualquer um que estivesse observando na outra extremidade do instrumento poderia ler o que estava escrevendo, ele rabiscou um endereço, arrancou a página e entregou-a a Winston.

[voltar para o índice](#)

*“Eu normalmente estou em casa à noite”, disse ele. “Caso contrário, meu criado lhe dará o dicionário”.*

Ele se foi, deixando Winston segurando o pedaço de papel, sem necessidade nenhuma de escondê-lo desta vez. No entanto, ele memorizou cuidadosamente o que estava escrito nele, e algumas horas depois o deixou cair no buraco da memória junto com uma massa de outros papéis.

Eles conversaram por apenas alguns minutos, no máximo. O episódio poderia ter apenas um significado: tudo tinha sido inventado para que O’Brien desse seu endereço para Winston. Isto era necessário, porque, exceto quando se perguntava diretamente, nunca era possível descobrir onde alguém morava. Não existiam bancos de dados de qualquer tipo. “Se você quiser me ver, é aqui que eu posso ser encontrado”, era o que O’Brien lhe dizia. Talvez até houvesse uma mensagem escondida em algum lugar do dicionário. Mas de qualquer forma, uma coisa era certa. A conspiração com a

[voltar para o índice](#)

qual ele havia sonhado existia, e ele havia chegado nas suas fronteiras.

Ele sabia que mais cedo ou mais tarde obedeceria à convocação de O'Brien. Talvez amanhã, talvez depois de um longo atraso – ele não estava certo. O que estava acontecendo era apenas o funcionamento de um processo que havia começado anos atrás. O primeiro passo tinha sido um pensamento secreto e involuntário, o segundo tinha sido a abertura do diário. Ele havia passado dos pensamentos às palavras, e agora das palavras às ações. O último passo era algo que aconteceria no Ministério do Amor. Ele tinha aceitado isso. O fim estava contido no início. Mas era assustador: ou, mais exatamente, era como uma amostra da morte, como estar um pouco menos vivo. Mesmo enquanto ele falava com O'Brien, quando tinha aceitado o significado das palavras, uma sensação de frio tremendo tinha tomado posse de seu corpo. Ele tinha a sensação de entrar na umidade de um túmulo, e saber que o túmulo sempre esteve lá o esperando não o ajudava em nada.

[voltar para o índice](#)

# capítulo 7



Winston tinha despertado com os olhos cheios de lágrimas. Julia rolou sonolenta contra ele, murmurando algo como **“Qual é o problema”**?

**“Sonhei –”** ele começou, e parou abruptamente. Era complexo demais para ser colocado em palavras. Havia o sonho em si, e havia uma memória ligada a ele, que havia invadido sua mente nos poucos segundos após o despertar.

Ele recostou-se com os olhos fechados, ainda encharcado na atmosfera do sonho. Era um sonho vasto e luminoso, no qual sua vida inteira parecia se estender diante dele como uma paisagem em uma noite de verão após a chuva. Tudo tinha ocorrido dentro do peso de papel de vidro, mas a superfície do vidro era a cúpula do céu, e dentro da cúpula tudo era inundado por uma clara luz suave na qual se podia ver a distâncias intermináveis. O sonho também tinha sido compreendido por – de fato, em certo sentido consistiu em – um gesto do braço de sua mãe, feito novamente trinta anos depois pela mulher judia

[voltar para o índice](#)

que ele tinha visto no filme de noticiário, tentando proteger o menino das balas, antes que o helicóptero fizesse os dois em pedaços.

**“Você sabe”, disse ele, “que até este momento eu acreditava ter matado minha mãe”?**

**“Por que você a matou”?**, disse Julia, quase dormindo.

**“Eu não a assassinei. Não fisicamente”.**

No sonho, ele havia se lembrado de seu último vislumbre de sua mãe, e dentro de alguns momentos de despertar o conjunto de pequenos eventos que a cercavam, tudo havia voltado. Foi uma lembrança que ele deve ter empurrado para fora de sua consciência deliberadamente durante muitos anos. Ele não estava certo da data, mas não poderia ter menos de dez anos, possivelmente doze, quando aconteceu.

[voltar para o índice](#)

Seu pai havia desaparecido algum tempo antes, quanto antes ele não conseguia se lembrar. Ele se lembrava melhor das circunstâncias inquietantes da época: os pânicos periódicos sobre os ataques aéreos e os abrigos nas estações de metrô, as pilhas de escombros por toda parte, as proclamações ininteligíveis afixadas nas esquinas das ruas, as gangues de jovens com camisas da mesma cor, as enormes filas de espera fora das padarias, o intermitente barulho de metralhadoras à distância – acima de tudo, o fato de que nunca havia o suficiente para comer. Ele se lembrava das longas tardes passadas com outros meninos em caixotes de lixo redondos e pilhas de lixo, colhendo os miolos de folhas de repolho, cascas de batata, às vezes até pedaços de casca de pão estragado, dos quais eles raspavam cuidadosamente os fungos; e também na espera da passagem de caminhões que percorriam uma determinada rota e eram conhecidos por transportar ração para o gado, e que, quando se sacudiam nos trechos ruins da estrada, às vezes derrubavam alguns fragmentos da massa oleosa.

[voltar para o índice](#)

Quando seu pai desapareceu, sua mãe não mostrou nenhuma surpresa ou dor violenta, mas uma mudança repentina a acometeu. Ela parecia ter ficado completamente sem espírito. Era evidente até mesmo para Winston que ela estava esperando por algo que ela sabia que deveria acontecer. Ela fez tudo o que era necessário – cozinhava, lavava, consertava, fazia a cama, varria o chão, limpava a lareira – sempre muito lentamente e com uma curiosa falta de movimento desnecessário, como o movimento de um artista por conta própria. Seu corpo grande e formoso parecia ter uma recaída natural na quietude. Durante horas de cada vez, ela se sentava quase imóvel na cama, amamentando sua jovem irmã, uma criança minúscula, doente e muito silenciosa de dois ou três anos, com um rosto feito símio por magreza. Muito ocasionalmente ela tomava Winston em seus braços e o pressionava contra ela por um longo tempo sem dizer nada. Ele estava ciente, apesar de sua juventude e egoísmo, que isto estava de alguma forma ligado à coisa nunca mencionada que estava prestes a acontecer.

[voltar para o índice](#)

Ele se lembrou do quarto onde eles moravam, um quarto escuro e cheiroso que parecia meio preenchido por uma cama com uma colcha branca. Havia um fogareiro e uma prateleira para alimentos, e no corredor do lado de fora havia uma pia de barro marrom, usada por vários moradores. Ele se lembrava do corpo escultural de sua mãe dobrando-se sobre o fogareiro para mexer uma panela. Acima de tudo, ele se lembrava de sua fome contínua, e das ferozes batalhas sórdidas na hora das refeições. Ele perguntava a sua mãe, repetidamente, por que não havia mais comida, ele gritava e brigava com ela (ele até se lembrava dos tons de sua voz, que começava a se quebrar prematuramente e às vezes se elevava de uma maneira peculiar), ou ele tentava chorar em seus esforços para conseguir mais do que sua parte. Sua mãe estava bem disposta a dar-lhe mais do que sua parte. Ela tomava como certo que ele, **“o menino”**, deveria ter a maior parte; mas por mais que ela lhe desse, ele invariavelmente exigia mais. A cada refeição ela lhe suplicava para não ser egoísta e para lembrar que sua irmãzinha estava doente e também preci-

[voltar para o índice](#)

sava de comida, mas de nada adiantava. Ele gritava de raiva quando ela parava de servir, ele tentava arrancar a panela e a colher das mãos dela, ele agarrava pedaços do prato de sua irmã. Ele sabia que estava deixando as duas famintas; ele até sentia que tinha o direito de fazê-lo. A fome clamorosa em sua barriga parecia justificar isso. Entre as refeições, se sua mãe não ficava de guarda, ele estava constantemente roubando coisas na prateleira de alimentos.

Um dia, foi anunciada uma cota de chocolate. Isso não acontecia havia algumas semanas ou até meses. Ele se lembrou muito claramente daquele pedacinho precioso de chocolate. Era um tablete de duas onças (ainda se pesavam coisas em onças naquele tempo) para os três. Era óbvio que ela deveria ser dividida em três partes iguais. De repente, como se estivesse ouvindo outra pessoa, Winston ouviu a si mesmo exigindo em voz alta que ele recebesse a peça inteira. Sua mãe lhe disse para não ser ganancioso. Havia uma longa e incômoda discussão que se desenrolou, com gritos, lamentos,

[voltar para o índice](#)

lágrimas, lembranças, barganhas. Sua irmãzinha, agarrada à mãe com as duas mãos, exatamente como um macaquinho, sentou-se olhando por cima do ombro para ele com olhos grandes e lúgubres. No final, sua mãe quebrou três quartos do chocolate e o deu a Winston, dando o outro quarto para sua irmã. A garotinha pegou-o e o olhou de forma entorpecida, talvez sem saber o que era. Winston ficou olhando para ela por um momento. Então, com um pulo rápido e repentino, ele arrancou o pedaço de chocolate da mão de sua irmã e fugiu pela porta.

**“Winston, Winston!”**, sua mãe chamou. **“Volte! Devolva o chocolate da sua irmã”!**

Ele parou, mas não voltou. Os olhos ansiosos de sua mãe estavam fixos em seu rosto. Mesmo agora ele estava pensando sobre isso, ele não sabia o que estava a ponto de acontecer. Sua irmã, consciente de ter sido roubada de alguma coisa, tinha criado um lamento débil. Sua mãe puxou seu braço em volta da criança e pressionou seu rosto contra

[voltar para o índice](#)

o peito dela. Algo no gesto lhe disse que sua irmã estava morrendo. Ele se virou e fugiu pelas escadas com o chocolate ficando pegajoso em sua mão.

Ele nunca mais viu sua mãe. Depois de ter devorado o chocolate, ele se sentiu um pouco envergonhado e ficou pendurado nas ruas por várias horas, até que a fome o levou para casa. Quando ele voltou, sua mãe havia desaparecido. Isto já havia se tornando normal naquela época. Nada havia desaparecido do quarto, somente sua mãe e sua irmã. Elas não haviam levado nenhuma roupa, nem mesmo o sobretudo de sua mãe. Até hoje ele não sabia com nenhuma certeza que sua mãe estava morta. Era perfeitamente possível que ela tivesse sido simplesmente enviada a um campo de trabalho forçado. Quanto à irmã dele, ela poderia ter sido removida, como o próprio Winston, para uma das colônias de crianças sem teto (eram chamados Centros de Reivindicação) que tinham crescido como resultado da guerra civil, ou ela poderia ter sido enviada para o campo de trabalho junto com sua mãe, ou simplesmente deixada em algum lugar qualquer para morrer.

[voltar para o índice](#)

O sonho ainda estava vivo em sua mente, especialmente o gesto envolvente de proteção do braço, no qual todo o seu significado parecia estar contido. Sua mente voltou a outro sonho de dois meses atrás. Exatamente como sua mãe havia se sentado na cama suja de algodão branco, com a criança agarrada a ela, assim ela havia se sentado no navio afundado, bem embaixo dele, e se afogando mais profundamente a cada minuto, mas ainda olhando para ele através da água escura.

Ele contou para Julia a história do desaparecimento de sua mãe. Sem abrir os olhos, ela se virou e se acomodou em uma posição mais confortável.

*“Pelo jeito você era um pestinha naqueles dias”, disse ela indistintamente. “Todas as crianças são assim”.*

*“São, mas o ponto é que...”*

Pela respiração dela, era evidente que já estava dormindo novamente. Ele gostaria de ter conti-

[voltar para o índice](#)

nuado a falar de sua mãe. Ele não supunha, pelo que podia se lembrar dela, que ela tivesse sido uma mulher incomum, ainda menos inteligente; e ainda assim ela possuía uma espécie de nobreza, um tipo de pureza, simplesmente porque os padrões que ela obedecia eram privados. Seus sentimentos eram seus, e não podiam ser alterados por fora. Não lhe teria ocorrido que uma ação ineficaz se tornasse inútil. Se você amava alguém, você o amava, e quando você não tinha mais nada para dar, você ainda lhe dava amor. Quando o último chocolate se foi, sua mãe havia abraçado a criança em seus braços. Não adiantava, não mudava nada, não produzia mais chocolate, não evitava a morte da criança nem a sua própria; mas parecia natural que ela o fizesse. A mulher refugiada no barco também tinha coberto o menino com seu braço, o que não era mais útil contra as balas do que uma folha de papel. A coisa mais terrível que o Partido tinha feito era persuadi-lo de que meros impulsos, meros sentimentos, não tinham importância, ao mesmo tempo em que lhe roubava todo o poder sobre o mundo material. Quando você estava

[voltar para o índice](#)

nas mãos do Partido, o que você sentia ou não, o que você fez ou se absteve de fazer, não fazia literalmente diferença alguma. O que quer que acontecesse, você desaparecia, e nem você nem suas ações nunca mais eram ouvidas de novo. Você era retirado da corrente da história. E ainda assim, para as pessoas de apenas duas gerações atrás, isto não teria parecido tão importante, porque elas não estavam tentando alterar a história. Eles eram governados por lealdades privadas que não questionavam. O que importava eram as relações individuais, e um gesto completamente indefeso, um abraço, uma lágrima, uma palavra dita a um moribundo, poderia ter valor em si mesmo. Os proles, de repente lhe ocorreu, tinham permanecido nesta condição. Eles não eram leais a um partido, a um país ou a uma ideia, eles eram leais uns aos outros. Pela primeira vez em sua vida, ele não desprezava os proles ou pensava neles apenas como uma força inerte, que um dia surgiria para a vida e regeneraria o mundo. Os proles haviam permanecido humanos. Eles não se tinham endurecido por dentro. Agarraram-se às emoções primiti-

[voltar para o índice](#)

vas que ele mesmo teve que reaprender por esforço consciente. E ao pensar nisso, ele se lembrou, sem aparente relevância, como há algumas semanas ele havia visto uma mão cortada deitada no pavimento e a tinha chutado na sarjeta como se fosse o resto de um repolho.

*“Os proles são seres humanos”*, ele disse em voz alta. *“Nós não somos humanos”*.

*“Por que não?”*, disse Julia, que tinha acordado novamente.

Ele pensou por um tempo. *“Já lhe ocorreu”*, disse ele, *“que a melhor coisa a fazer seria simplesmente sair daqui antes que seja tarde demais, e nunca mais nos vemos”*.

*“Sim, querido, já me ocorreu, várias vezes. Mas eu não vou fazer isso, mesmo assim”*.

*“Tivemos sorte”*, disse ele, *“mas não pode durar muito mais. Você é jovem. Você parece normal”*.

[voltar para o índice](#)

*e inocente. Se você se mantiver afastada de pessoas como eu, poderá permanecer viva por mais cinquenta anos”.*

*“Não. Eu pensei em tudo isso. O que você fizer, eu vou fazer. E não seja muito desanimado. Eu sou ótima em me manter viva”.*

*“Podemos ficar juntos por mais seis meses ou até um ano, não há como saber. No final, estamos certos de que estaremos separados. Você percebe o quanto ficaremos completamente sozinhos? Quando nos apanharem, não haverá nada, literalmente nada, que um de nós possa fazer pelo outro. Se eu confessar, eles atirarão em você, e se eu me recusar a confessar, eles atirarão em você da mesma forma. Nada que eu possa fazer ou dizer, ou me impedir de dizer, vai adiar sua morte por até cinco minutos. Nenhum de nós saberá sequer se o outro está vivo ou morto. Ficaremos totalmente sem qualquer tipo de poder. A única coisa que importa é que não devemos nos trair, embora isso possa não fazer a mínima diferença”.*

[voltar para o índice](#)

*“Se você quer dizer confessar”, disse ela, “provavelmente faremos isso, isso é certo. Todos sempre se confessam. Não há como evitar. Eles torturam todo mundo”.*

*“Não estou falando de confessar. A confissão não é uma traição. O que você diz ou faz não importa: só os sentimentos importam. Se eles pudessem me fazer parar de te amar – isso seria a verdadeira traição”.*

Ela refletiu. *“Eles não podem fazer isso”,* disse ela finalmente. *“É a única coisa que eles não podem fazer. Eles podem fazer você dizer qualquer coisa – qualquer coisa – mas não podem fazer você acreditar nisso. Eles não podem entrar em você”.*

*“Não”,* disse ele com um pouco mais de esperança, *“não, isso é verdade. Eles não podem entrar em você. Enquanto você consegue sentir que permanecer humano vale a pena, mesmo quando isso não traz nenhum resultado, você os venceu”.*

[voltar para o índice](#)

Ele pensou na teletela com seu ouvido que nunca dorme. Eles poderiam espiar você noite e dia, mas se você mantivesse sua cabeça, ainda assim você poderia enganá-los. Com toda sua esperteza, eles nunca haviam dominado o segredo de descobrir o que outro ser humano estava pensando. Talvez isso fosse menos verdade quando você estava de fato nas mãos deles. Não sabia o que acontecia dentro do Ministério do Amor, mas era possível adivinhar: torturas, drogas, instrumentos delicados que registraram suas reações nervosas, desgaste gradual por insônia e solidão e perguntas persistentes. Os fatos, em todo caso, não podiam ser mantidos em segredo. Eles poderiam ser rastreados por inquérito, poderiam ser espremidos para fora de você por tortura. Mas, se o objetivo não era permanecer vivo, mas permanecer humano, que diferença isso acabou fazendo? Eles não poderiam alterar seus sentimentos: pois, mesmo que você quisesse, você mesmo não poderia alterá-los. Eles podiam expor com o máximo de detalhes tudo o que você tenha feito, dito ou pensado; mas o coração interior, cujo funcionamento era misterioso até para você mesmo, permanecia inexpugnável.

[voltar para o índice](#)

# capítulo 8



Eles finalmente conseguiram, finalmente!

A sala em que estavam de pé tinha uma forma longa e suavemente iluminada. O volume do som da teletela estava reduzido a um murmúrio baixo; a riqueza do tapete azul escuro dava a impressão de se pisar em veludo. No final da sala, O'Brien estava sentado em uma mesa sob uma lâmpada verde-esverdeada, com uma massa de papéis em ambos os lados. Ele não se preocupou em olhar para cima quando o criado mostrou Julia e Winston entrando.

O coração de Winston estava batendo tão forte que ele duvidava se ele seria capaz de falar. Eles tinham conseguido, tinham finalmente conseguido, era tudo o que ele podia pensar. Tinha sido um ato precipitado vir até aqui, e era pura loucura chegarem juntos; embora fosse verdade que eles tinham vindo por caminhos diferentes e só se encontraram à porta de O'Brien. Mas apenas para entrar em tal lugar era necessário um esforço de coragem. Foi apenas em ocasiões muito raras que

[voltar para o índice](#)

se entrava nas moradias de pessoas do Partido Interno, ou até mesmo se entrasse no bairro da cidade onde viviam. Toda a atmosfera do enorme bloco de apartamentos, a riqueza e a amplitude de tudo, os cheiros desconhecidos de boa comida e bom tabaco, os elevadores silenciosos e incrivelmente rápidos deslizando para cima e para baixo, os criados de camisa branca correndo de um lado para o outro – tudo era intimidante. Embora ele tivesse um bom pretexto para vir aqui, ele era assombrado a cada passo pelo medo de que um guarda de uniforme preto aparecesse de repente da esquina, exigisse seus documentos e o mandasse sair. O criado de O'Brien, no entanto, admitia os dois sem demérito. Ele era um homem pequeno, de cabelos escuros e casaco branco, com um rosto em forma de diamante, completamente sem expressão, e poderia ter sido chinês. A passagem para baixo pela qual ele os conduzia era suavemente alcatifada, com paredes de papel cremoso e paredes brancas, todas requintadamente limpas. Isso também foi intimidante. Winston não se lembrava de alguma vez ter visto um corredor

[voltar para o índice](#)

cujas paredes não estavam sujas pelo contato de corpos humanos.

O'Brien tinha um pedaço de papel entre os dedos e parecia estar estudando-o atentamente. Seu rosto pesado, dobrado para baixo para que se pudesse ver a linha do nariz, parecia ao mesmo tempo formidável e inteligente. Durante talvez vinte segundos, ele sentou-se sem mexer. Então, ele puxou a fala para ele e emitiu uma mensagem no jargão híbrido dos Ministérios:

***“Itens um vírgula cinco vírgula sete aprovados completamente ponto sugestão contida número seis dobromais ridículo beira crime pensamento cancelar ponto desproceder construção anticonseguir estimativas completas maquinário superior ponto fim mensagem”.***

Ele se levantou deliberadamente de sua cadeira e veio na direção deles através do tapete abafado. Um pouco da atmosfera oficial parecia ter se afastado dele com as palavras da Novalíngua,

[voltar para o índice](#)

mas sua expressão era mais triste do que de costume, como se ele não estivesse satisfeito em ser perturbado. O terror que Winston já sentia foi repentinamente atingido por um ataque comum de vergonha. Parecia-lhe bem possível que ele tivesse simplesmente cometido um erro estúpido. Que evidência ele tinha que na realidade O'Brien fosse algum tipo de conspirador político? Nada além de um flash dos olhos e um único comentário equivocado: além disso, apenas suas próprias imaginações secretas, fundadas em um sonho. Ele não podia nem mesmo cair no fingimento de que tinha vindo pedir emprestado o dicionário, porque nesse caso a presença de Julia era impossível de explicar. Enquanto O'Brien passava pela teletela, um pensamento pareceu lhe atingir. Ele parou, virou-se para o lado e apertou um interruptor na parede. Houve um estalido brusco. A voz tinha parado.

Julia proferiu um pequeno som, uma espécie de suspiro de surpresa. Mesmo no meio de seu pânico, Winston estava surpreso demais para poder segurar sua língua.

[voltar para o índice](#)

**“Você consegue desligá-la”**, disse ele.

**“Consigo”**, disse O’Brien, **“consequimos desligar a teletela. Nós temos esse privilégio”**.

Ele estava na frente deles agora. Sua forma sólida se sobrepunha aos dois, e a expressão em seu rosto ainda era indecifrável. Ele estava esperando, um pouco severamente, que Winston falasse, mas sobre o quê? Mesmo agora era bem concebível que ele era simplesmente um homem ocupado se perguntando irritantemente por que havia sido interrompido. Ninguém falava. Após a parada da teletela, a sala parecia mortalmente silenciosa. Os segundos passaram, enormes. Com dificuldade, Winston continuou a manter os olhos fixos nos de O’Brien. Então, de repente, o rosto sombrio se rompeu no que poderia ter sido o começo de um sorriso. Com seu gesto característico, O’Brien reassentou seus óculos no nariz.

**“Devo dizer, ou você vai?”**, disse ele.

[voltar para o índice](#)

*“Vou dizer”, disse Winston prontamente. “Essa coisa está mesmo desligada”?*

*“Sim, tudo está desligado. Estamos sozinhos”.*

*“Viemos aqui para...”*

Ele fez uma pausa, percebendo pela primeira vez a indefinição de seus próprios motivos. Como de fato ele não sabia que tipo de ajuda esperava de O’Brien, não foi fácil dizer por que ele tinha vindo aqui. Ele prosseguiu, consciente de que o que ele estava dizendo deve soar fraco e pretensioso:

*“Acreditamos que existe algum tipo de conspiração, algum tipo de organização secreta trabalhando contra o Partido, e que você está envolvido nisso. Queremos nos unir a ela e trabalhar por ela. Somos inimigos do Partido. Não acreditamos nos princípios do Socing. Somos criminosos do pensamento. Também somos adúlteros. Digo-lhe isto porque queremos nos colocar à sua mercê. Se você quiser que nos incriminemos de qualquer outra forma, estamos prontos”.*

[voltar para o índice](#)

Ele parou e olhou por cima do ombro, com a sensação de que a porta tinha se aberto. Com certeza, o pequeno criado de cara amarela havia entrado sem bater. Winston viu que ele estava carregando uma bandeja com um decantador e copos.

***“Martin é um de nós”, disse O’Brien impassivelmente. “Traga as bebidas para cá, Martin. Coloque-as na mesa redonda. Temos cadeiras suficientes? Então, mais vale sentarmo-nos e conversarmos com conforto. Traga uma cadeira para você, Martin. Isto são negócios. Você pode deixar de ser um criado durante os próximos dez minutos”.***

O homenzinho sentou-se, bastante à vontade, e mesmo assim com um ar de servo, o ar de um camareiro desfrutando de um privilégio. Winston o observou pelo canto do olho. Ele percebeu que durante toda a sua vida, o homem estava desempenhando um papel, e sentiu que era perigoso abandonar sua personalidade assumida, mesmo que por um momento. O’Brien pegou o decantador pelo gargalo e encheu os copos com um líquido

[voltar para o índice](#)

vermelho escuro. Ele despertou em Winston lembranças sombrias de algo visto há muito tempo em uma parede ou em uma pilha de coisas – uma vasta garrafa composta de luzes elétricas que pareciam subir e descer e despejar seu conteúdo em um copo. Visto de cima, o material parecia quase preto, mas no decantador brilhava como um rubi. Tinha um cheiro azedo e doce. Ele viu Julia pegar seu copo e cheirá-lo com uma curiosidade franca.

**“Chama-se vinho”,** disse O’Brien com um leve sorriso. **“Vocês devem ter lido sobre ele em livros, sem dúvida. Receio que não chegue muito fora do Partido Interno”.** Seu rosto voltou a ficar solene, e ele levantou seu copo: **“Acho que é apropriado que comecemos por beber um copo para brindar. Ao nosso Líder: Emmanuel Goldstein”.**

Winston pegou seu copo com uma certa ânsia. O vinho era uma coisa que conhecia dos livros e com a qual sonhava. Assim como o peso de papel ou as rimas meio lembradas, meio esquecidas do Sr. Charrington, ele pertencia ao passado desapare-

[voltar para o índice](#)

cido e romântico, o tempo antigo como ele gostava de chamá-lo em seus pensamentos secretos. Por alguma razão, ele sempre pensou no vinho como tendo um sabor intensamente doce, como o da geleia de amora, e um efeito inebriante imediato. Na verdade, quando ele chegou a engolir o vinho, a coisa foi claramente decepcionante. A verdade é que depois de anos de beber gin, ele mal conseguia saboreá-lo. Ele pousou o copo vazio.

**“Então o Goldstein é real?”**, ele perguntou.

**“Sim, é real, e está vivo. Só não sei onde ele está”**.

**“E a conspiração – a organização? É real? Não é só mais uma invenção da Polícia do Pensamento”?**

**“Não, é real. A Irmandade – é assim que chamamos. Você nunca vai saber muito mais sobre ela além de que ela existe e que você é membro dela. Logo vou voltar para isso”**, ele olhou para seu relógio de pulso. **“Não é sábio, mesmo para membros do Partido Interno, desligar a teletela por mais de meia hora. É**

[voltar para o índice](#)

*bom que não tenham vindo juntos, e vão ter que sair separados. Você, camarada”* – ele curvou sua cabeça para Julia – *“vai sair antes. Temos cerca de vinte minutos à nossa disposição. Vocês vão entender que preciso começar com algumas perguntas. Em termos gerais, o que vocês estão dispostos a fazer”?*

*“Qualquer coisa que tivermos a capacidade de fazer”*, disse Winston.

O’Brien havia se virado um pouco em sua cadeira de modo que estava diante de Winston. Ele quase ignorou Julia, parecendo tomar por certo que Winston podia falar por ela. Por um momento, suas pálpebras se abaixaram sobre seus olhos. Ele começou a fazer suas perguntas com uma voz baixa e sem expressão, como se isso fosse uma rotina, uma espécie de catecismo, cuja maioria das respostas já era conhecida por ele.

*“Vocês estão preparados para dar suas vidas”?*

*“Sim”.*

[voltar para o índice](#)

*“Vocês estão preparados para cometer assassinato”?*

*“Sim”.*

*“Cometer atos de sabotagem que podem causar a morte de centenas de pessoas inocentes”?*

*“Sim”.*

*“Trair seu país a potências estrangeiras?”*

*“Sim”.*

*“Vocês estão preparados para enganar, forjar, chantagear, corromper a mente das crianças, distribuir drogas que criam hábitos, encorajar a prostituição, disseminar doenças venéreas – fazer qualquer coisa que possa causar desmoralização e enfraquecer o poder do Partido”?*

*“Sim”.*

[voltar para o índice](#)

*“Se, por exemplo, de alguma forma serviria aos nossos interesses jogar ácido sulfúrico no rosto de uma criança – você está preparado para fazer isso?”.*

*“Sim”.*

*“Você está preparado para perder sua identidade e viver o resto de sua vida como garçom ou trabalhador portuário”?*

*“Sim”.*

*“Você está preparado para cometer suicídio, se e quando nós lhe ordenarmos isso”?*

*“Sim”.*

*“Vocês estão preparados, vocês dois, para se separarem e nunca mais se verem”?*

*“Não!”*, Julia interrompeu.

[voltar para o índice](#)

Pareceu a Winston que muito tempo passou antes que ele respondesse. Por um momento, ele pareceu até ter sido privado do poder da fala. Sua língua trabalhava sem som, formando as sílabas de abertura primeiro de uma palavra, depois da outra, uma e outra vez. Até que ele o disse, ele não sabia qual palavra iria dizer. **“Não”**, disse ele finalmente.

**“Vocês fizeram bem em me dizer”**, disse O’Brien.  
**“É necessário que saibamos de tudo”**.

Ele se voltou para Julia e acrescentou uma voz com um pouco mais de expressão:

**“Você entende que mesmo que ele sobreviva, pode ser como uma pessoa diferente? Talvez sejamos obrigados a dar-lhe uma nova identidade. Seu rosto, seus movimentos, a forma de suas mãos, a cor de seu cabelo – até mesmo sua voz seria diferente. E você mesma também poderia ter se tornado uma pessoa diferente. Nossos cirurgiões podem alterar as pessoas além do reconhecimento. Às vezes, isso é necessário. Às vezes até amputamos um membro”**.

[voltar para o índice](#)

Winston não conseguiu evitar olhar, com o canto do olho, para o rosto mongol de Martin. Não havia cicatrizes visíveis. Julia tinha ficado mais sombria, de modo que suas sardas estavam aparecendo, mas ela enfrentou O'Brien corajosamente. Ela murmurou algo que parecia ser um consentimento.

***“Bom. Então isso está resolvido”.***

Havia uma caixa prateada de cigarros em cima da mesa. Com um ar bastante distraído, O'Brien os empurrou em direção aos outros, pegou um ele mesmo, depois se levantou e começou a andar lentamente de um lado para o outro, como se pudesse pensar melhor em pé. Eram cigarros muito bons, muito espessos e bem embalados, com uma silhueta desconhecida no papel. O'Brien olhou novamente para seu relógio de pulso.

***“É melhor você voltar para sua despensa, Martin”,***  
ele disse. ***“Eu o chamo dentro de um quarto de hora. Dê uma boa olhada nos rostos desses camaradas antes de ir. Você vai vê-los novamente. Eu não posso”.***

[voltar para o índice](#)

Exatamente como tinham feito na porta da frente, os olhos escuros do homenzinho cintilaram sobre seus rostos. Não havia um traço de simpatia em seu jeito. Ele estava memorizando a aparência deles, mas não sentia interesse neles, ou parecia não sentir nenhum. Ocorreu a Winston que um rosto sintético era talvez incapaz de mudar sua expressão. Sem falar ou fazer qualquer tipo de saudação, Martin saiu, fechando a porta silenciosamente atrás dele. O'Brien estava andando para cima e para baixo, com uma mão no bolso de seu macacão preto, a outra segurando seu cigarro.

*“Vocês entendem”, disse ele, “que estarão lutando no escuro. Vocês estarão sempre na escuridão. Receberão ordens e as obedecerão, sem saber por quê. Mais tarde eu enviarei um livro no qual vocês aprenderão a verdadeira natureza da sociedade em que vivemos, e a estratégia pela qual a destruiremos. Quando tiverem lido o livro, vocês serão membros de pleno direito da Irmandade. Mas os objetivos gerais pelos quais estamos lutando e as tarefas imediatas do momento serão desconhecidos para vocês.*

[voltar para o índice](#)

*Eu lhes digo que a Irmandade existe, mas não posso lhes dizer se ela conta com cem membros, ou dez milhões. A partir de seu conhecimento individual, vocês nunca poderão dizer que ela conta com mais de uma dúzia de membros. Vocês terão três ou quatro contatos, que serão renovados de tempos em tempos à medida que desaparecerem. Como este foi seu primeiro contato, ele será preservado. Quando você receber as ordens, elas virão de mim. Se acharmos necessário comunicar-se com vocês, será através de Martin. Quando vocês forem finalmente pegos, vocês confessarão. Isso é inevitável. Mas terão muito pouco a confessar, além de suas próprias ações. Vocês não serão capazes de trair mais que um punhado de pessoas sem importância. Provavelmente vocês sequer me trairão. Até lá eu posso estar morto, ou terei me tornado uma pessoa diferente, com um rosto diferente”.*

Ele continuou a se mover de um lado para o outro sobre o tapete macio. Apesar do volume de seu corpo, havia uma graça notável em seus movimentos. Ela aparecia quando colocava a mão no

[voltar para o índice](#)

bolso ou manipulava um cigarro. Mais do que de força, ele dava a impressão de confiança e de uma compreensão tingida de ironia. Por mais sincero que fosse, ele não tinha nada da mente única que pertence a um fanático. Quando ele falou de assassinato, suicídio, doença venérea, membros amputados e rostos alterados, ele estava com um ar ténue de conversa fiada. ***“Isto é inevitável”***, sua voz parecia dizer; ***“isto é o que temos que fazer, sem vacilar. Mas não é isto que devemos fazer quando a vida valer a pena viver novamente”***. Uma onda de admiração, quase de adoração, fluiu de Winston em direção a O’Brien. No momento ele havia esquecido a figura sombria de Goldstein. Quando olhamos para os poderosos ombros de O’Brien e seu rosto embotado, tão feio e ao mesmo tempo tão civilizado, era impossível acreditar que ele pudesse ser derrotado. Não havia nenhuma estratégia ao qual ele não fosse igual, nenhum perigo que ele não pudesse prever. Até mesmo Julia parecia estar impressionada. Ela havia deixado seu cigarro apagar e estava escutando atentamente. O’Brien continuou:

[voltar para o índice](#)

*“Vocês devem ter ouvido rumores sobre a existência da Irmandade. Sem dúvida, formaram uma imagem dela. Imaginaram, provavelmente, um enorme submundo de conspiradores, encontrando-se secretamente nos porões, rabiscando mensagens nas paredes, reconhecendo uns aos outros por palavras de código ou por movimentos especiais da mão. Não existe nada do tipo. Os membros da Irmandade não têm como se reconhecerem, e é impossível para qualquer membro estar ciente da identidade de mais do que alguns outros. O próprio Goldstein, se caísse nas mãos da Polícia do Pensamento, não poderia dar-lhes uma lista completa de membros, ou qualquer informação que os levasse a uma lista completa. Tal lista não existe. A Irmandade não pode ser dizimada porque não é uma organização no sentido comum. Nada a mantém unida, exceto uma ideia que é indestrutível. Você nunca terá nada que o sustente, exceto a ideia. Você não terá nenhuma camaradagem e nenhum encorajamento. Quando finalmente forem pegos, não terão nenhuma ajuda. Nós nunca ajudamos nossos membros. No máximo, quando é absolutamente necessário que alguém*

[voltar para o índice](#)

*seja silenciado, ocasionalmente somos capazes de contrabandear uma lâmina de barbear para a cela de um prisioneiro. Vocês terão que se acostumar a viver sem resultados e sem esperança. Vocês trabalharão por um tempo, serão pegos, confessarão e serão mortos. Esses são os únicos resultados. Não há nenhuma possibilidade de que qualquer mudança perceptível aconteça dentro de nossa própria vida. Nós somos os mortos. Nossa única vida verdadeira está no futuro. Participaremos dela como punhados de pó e lascas de osso. Mas quão distante esse futuro pode estar, não há como saber. Pode demorar mil anos. No momento, nada é possível, exceto estender pouco a pouco a área da sanidade. Não podemos agir coletivamente. Só podemos difundir nosso conhecimento de indivíduo para indivíduo, geração após geração. Não há outra maneira diante da Polícia do Pensamento”.*

Ele parou e olhou pela terceira vez em seu relógio de pulso.

[voltar para o índice](#)

**“Está quase na hora de você sair, camarada”**, disse ele a Julia. **“Espere. O decantador ainda está meio cheio”**.

Ele encheu os copos e levantou seu próprio copo pela haste.

**“O que será desta vez”**, disse ele, ainda com a mesma sugestão tênue de ironia. **“Pela confusão da Polícia do Pensamento? Pela morte do Grande Irmão? À humanidade? Ao futuro”?**

**“Ao passado”**, disse Winston.

**“O passado é mais importante”**, concordou O’Brien gravemente.

Eles esvaziaram seus copos e um momento depois Julia se levantou para ir. O’Brien pegou uma pequena caixa do topo de um armário e lhe entregou uma tábua branca plana que ela deveria colocar em sua língua. Era importante, disse ele, não sair cheirando a vinho: os ascensoristas eram muito observadores.

[voltar para o índice](#)

Assim que a porta se fechou atrás dela, ele pareceu esquecer sua existência. Andou mais um pouco de um lado para outro, depois parou.

*“Há detalhes a serem resolvidos”, disse ele. “Presumo que você tenha algum tipo de esconderijo...”*

Winston explicou sobre o quarto sobre a loja do Sr. Charrington.

*“Por enquanto, será suficiente. Mais tarde, providenciaremos algo a mais para você. É importante mudar o esconderijo com frequência. Enquanto isso, eu lhe enviarei uma cópia do livro”* – até O’Brien, notou Winston, parecia pronunciar as palavras como se estivessem em itálico – *“O livro de Goldstein, você entende, o mais rápido possível. Pode demorar alguns dias até que eu consiga obter um. Não há muitos em circulação, como você deve imaginar. A Polícia do Pensamento os caça e os destrói quase tão rápido quanto nós podemos produzi-los. Isso faz muito pouca diferença. O livro é indestrutível. Se a última cópia tivesse desaparecido, poderíamos reproduzi-lo quase*

[voltar para o índice](#)

*palavra por palavra. Você carrega uma pasta para ir trabalhar?”*, acrescentou.

*“Normalmente sim”*.

*“Como ela é”?*

*“Preta, muito desgastada. Com duas tiras”*.

*“Preta, duas tiras, muito desgastada – bom. Um dia, num futuro bastante próximo – não posso dar uma data – uma das mensagens entre seus trabalhos da manhã conterà uma palavra mal impressa, e você terá que pedir uma repetição. No dia seguinte, você irá trabalhar sem a sua pasta. Em algum momento do dia, na rua, um homem lhe tocará no braço e dirá: ‘Acho que você deixou cair sua pasta’. A que ele lhe der, conterà uma cópia do livro de Goldstein. Você o devolverá dentro de catorze dias”*.

Eles ficaram em silêncio por um momento.

[voltar para o índice](#)

*“Ainda temos alguns minutos antes de você precisar ir”, disse O’Brien. “Voltaremos a nos encontrar – se voltarmos a nos encontrar”*

Winston olhou para ele. *“No lugar onde não há escuridão”*, disse ele hesitantemente.

O’Brien acenou sem parecer surpreso. *“No lugar onde não há escuridão”*, disse ele, como se tivesse reconhecido a alusão. *“E enquanto isso, há algo que você deseja dizer antes de partir? Alguma mensagem? Alguma pergunta?”*

Winston pensou. Não parecia haver mais nenhuma pergunta que ele quisesse fazer, e não tinha vontade alguma de proferir generalidades. Em vez de qualquer coisa diretamente ligada a O’Brien ou à Irmandade, surgiu em sua mente uma espécie de imagem composta do quarto escuro onde sua mãe havia passado seus últimos dias, e o pequeno quarto sobre a loja do Sr. Charrington, e o peso de papel de vidro, e a gravura de aço em sua moldura de madeira. Quase ao acaso, ele disse:

[voltar para o índice](#)

*“Por acaso você já ouviu uma velha rima que começa com ‘sempre e geralmente, dizem os sinos de São Clemente’”?*

Novamente O’Brien acenou com a cabeça. Com uma espécie de cortesia grave, ele completou a estrofe:

*“Sempre e geralmente,  
dizem os sinos de São Clemente  
De seda e linho,  
dizem os sinos de São Martinho  
Acima de qualquer lei,  
dizem os sinos do Old Bailey  
Para sempre acredite,  
dizem os sinos de Shoreditch”*

*“Você conhece o último verso”,* disse Winston.

*“Conheço, conheço sim o último verso. E agora, receio, está na hora de você ir. Mas espere. É melhor você me deixar lhe dar uma dessas”.*

[voltar para o índice](#)

Enquanto Winston se levantava, O'Brien estendeu uma mão. Sua poderosa mão esmagou os ossos da palma da mão de Winston. Na porta, Winston olhou para trás, mas O'Brien parecia já estar em processo de perdê-lo da cabeça. Ele estava esperando com sua mão no interruptor que controlava a teletela. Além dele, Winston podia ver a mesa de escrita com sua lâmpada esverdeada e a cesta de arame carregada de papéis. O incidente foi encerrado. Em trinta segundos, ocorreu-lhe que O'Brien estaria de volta ao seu trabalho interrompido e importante em nome do Partido.

[voltar para o índice](#)

# capítulo 9



**W**inston estava gelatinoso de fadiga. Gelatinoso era a palavra certa. Tinha entrado em sua cabeça espontaneamente. Seu corpo parecia ter não apenas a moleza de uma gelatina, mas sua translucidez. Ele sentia que se levantasse a mão, seria capaz de ver a luz através dela. Todo o seu sangue e sua linfa haviam sido drenados dele por uma enorme quantidade de trabalho, deixando apenas uma estrutura frágil de nervos, ossos e pele. Todas as sensações pareciam ampliadas. Seu macacão incomodava seus ombros, o pavimento fazia cócegas nos pés, até mesmo a abertura e o fechamento de uma mão era um esforço que fazia suas articulações rangerem.

Ele havia trabalhado mais de noventa horas em cinco dias. Assim como todos os outros no Ministério. Agora estava tudo acabado, e ele não tinha literalmente nada para fazer, nenhum trabalho do Partido de qualquer descrição, até amanhã de manhã. Ele podia passar seis horas no esconderijo e outras nove em sua própria cama. Lentamente, sob a luz amena do sol da tarde, ele subiu uma rua

[voltar para o índice](#)

suja na direção da loja do Sr. Charrington, mantendo um olho aberto para as patrulhas, mas irracionalmente convencido de que esta tarde não havia o perigo de ninguém interferir com ele. A pesada pasta que ele carregava batia contra o joelho a cada passo, causando uma sensação de formigamento perna acima e abaixo na pele de sua perna. Dentro dela estava o livro, que ele já tinha em sua posse há seis dias e ainda não tinha aberto, nem sequer olhado.

No sexto dia da Semana do Ódio, após as procissões, os discursos, os gritos, os cantos, os estandartes, os cartazes, os filmes, os trabalhos de cera, o rolar de tambores e o ranger de trombetas, o ritmo dos pés em marcha, o rangido dos tanques e dos aviões em massa, o estouro das armas – após seis dias disto, quando o grande orgasmo estava tremendo até seu clímax e o ódio geral contra a Eurásia havia fervendo em tal delírio que se a multidão tivesse colocado as mãos nos 2 mil criminosos de guerra eurasiáticos que seriam enforcados publicamente no último dia do processo, eles inquestionavelmente os teriam esquartejado

[voltar para o índice](#)

– exatamente neste momento havia sido anunciado que a Oceania afinal não estava em guerra com a Eurásia. A Oceania estava em guerra com a Lestásia. A Eurásia era um aliado.

Não houve, é claro, nenhuma admissão de que alguma mudança tivesse ocorrido. Apenas se soube, com extrema brusquidão e em todos os lugares ao mesmo tempo, que Lestásia e não Eurásia era o inimigo. Winston estava participando de uma manifestação em uma das praças centrais de Londres no momento em que ela aconteceu. Era noite, e os rostos brancos e as bandeiras escarlate estavam fantasticamente iluminados. A praça estava repleta de milhares de pessoas, incluindo um bloco de cerca de mil crianças em idade escolar com o uniforme dos Espiões. Em uma plataforma escarlate, um orador do Partido Interno, um pequeno homem magro com braços desproporcionalmente longos e um grande crânio careca sobre o qual se juntavam algumas mechas de cabelo discursava para a multidão. Com um jeito que lembra Rumpelstiltskin, contorcido com ódio, agarrou o

[voltar para o índice](#)

microfone com uma mão enquanto a outra, enorme na extremidade de um braço ossudo, agarrou ameaçadoramente o ar acima de sua cabeça. Sua voz, que saía metálica pelos amplificadores, listou um catálogo interminável de atrocidades, massacres, deportações, saques, estupros, tortura de prisioneiros, bombardeio de civis, propaganda mentirosa, agressões injustas, tratados violados. Era quase impossível ouvi-lo sem primeiro ser convencido e depois enlouquecer. A cada poucos momentos a fúria da multidão fervia e a voz do orador era afogada por um rugido selvagem que se elevava incontrolavelmente de milhares de gargantas. Os gritos mais selvagens de todos vinham das crianças em idade escolar. O discurso havia prosseguido por talvez vinte minutos quando um mensageiro correu para a plataforma e um pedaço de papel foi colocado na mão do alto-falante. Ele desenrolou e o leu sem pausar seu discurso. Nada foi alterado em sua voz ou maneira, ou no conteúdo do que ele estava dizendo, mas de repente os nomes eram diferentes. Sem palavras ditas, uma onda de compreensão se espalhou pela

[voltar para o índice](#)

multidão. A Oceania estava em guerra com a Les-tásia! No momento seguinte, houve uma tremenda comoção. Os banners e cartazes com os quais a praça foi decorada estavam todos errados! A metade deles tinha as caras erradas. Foi uma sabotagem! Era culpa dos agentes de Goldstein! Havia um interlúdio desordenado enquanto os cartazes eram arrancados das paredes, as faixas rasgadas em pedaços e pisoteadas. Os espiões realizavam prodígios de atividade ao subir sobre os telhados e cortar as serpentinas que flutuavam das chaminés. Mas, em dois ou três minutos, tudo acabou. O orador, ainda agarrando o microfone, seus ombros empurrados para a frente, sua mão livre batendo no ar, tinha prosseguido em frente com seu discurso. Mais um minuto, e os rugidos ferozes da fúria estavam de novo brotando da multidão. O ódio continuou exatamente como antes, exceto que o alvo tinha mudado.

O que impressionou Winston ao olhar para trás foi que o orador havia mudado de uma linha para a outra de fato na metade de uma frase, não apenas

[voltar para o índice](#)

sem uma pausa, mas sem mesmo quebrar a sintaxe. Mas, no momento, Winston tinha outras preocupações. Foi durante o momento de desordem, enquanto os cartazes estavam sendo derrubados, que um homem cujo rosto ele não conseguia ver havia batido no seu ombro e dito: **“Desculpe-me, acho que você deixou cair sua pasta”**. Ele pegou a pasta abstraído, sem falar. Ele sabia que passariam dias até que tivesse a oportunidade de olhar o que estava ali dentro. No instante em que a manifestação terminou, ele foi direto para o Ministério da Verdade, embora fossem quase vinte e três horas. Todo o pessoal do Ministério tinha feito o mesmo. As ordens já emitidas pela teletela, chamando-os aos seus postos, eram praticamente desnecessárias.

A Oceania estava em guerra com a Lestásia: A Oceania sempre havia estado em guerra com a Lestásia. Uma grande parte da literatura política de cinco anos estava agora completamente obsoleta. Relatórios e registros de todos os tipos, jornais, livros, panfletos, filmes, trilhas sonoras, fotografias – tudo tinha que ser retificado à velocidade da

[voltar para o índice](#)

luz. Embora nenhuma diretiva tenha sido emitida, sabia-se que os chefes do Departamento pretendiam que dentro de uma semana nenhuma referência à guerra contra a Eurásia, ou à aliança com a Lestásia, deveria continuar a existir em qualquer lugar. O trabalho foi esmagador, tanto mais porque os processos que envolvia não podiam ser chamados por seus verdadeiros nomes. Todos no Departamento de Registros trabalharam dezoito horas por dia, com dois intervalos de três horas cada para dormir. Os colchões eram trazidos dos porões e colocados em todos os corredores: as refeições consistiam de sanduíches e o Café da Vitória era distribuído em carrinhos pelos atendentes da cantina. Cada vez que Winston se afastava para um de seus períodos de descanso, ele tentava deixar sua mesa livre de trabalho, e cada vez que rastejava de volta com os olhos pegajosos e doloridos, era para descobrir que outra chuva de cilindros de papel havia coberto a mesa como um monte de neve, enterrando o ditaescritor e transbordando para o chão, de modo que o primeiro trabalho era sempre empilhá-los em uma pilha

[voltar para o índice](#)

organizada o suficiente para dar-lhe espaço para trabalhar. O pior de tudo era que o trabalho não era de forma alguma puramente mecânico. Muitas vezes era suficiente apenas para substituir um nome por outro, mas qualquer relato detalhado dos eventos exigia cuidado e imaginação. Mesmo o conhecimento geográfico que se precisava para transferir a guerra de uma parte do mundo para outra era considerável.

Ao terceiro dia, seus olhos doíam insuportavelmente e seus óculos precisavam ser enxugados a cada poucos minutos. Era como lutar com alguma tarefa física esmagadora, algo que se tinha o direito de recusar e que, no entanto, se estava neuroticamente ansioso para realizar. No tempo que tinha para pensar, ele não se incomodava com o fato de que cada palavra que ele murmurava na fala, cada traço de seu lápis de tinta, era uma mentira deliberada. Ele estava tão ansioso quanto qualquer outra pessoa no Departamento que a falsificação ficasse perfeita. Na manhã do sexto dia, a demanda que vinha pelos tubos diminuiu. Nada saiu pelo

[voltar para o índice](#)

tubo durante meia hora; depois mais um cilindro, depois nada. Em todos os lugares, mais ou menos ao mesmo tempo, o trabalho estava se aliviando. Um suspiro profundo e secreto percorreu o Departamento. Um poderoso ato, que nunca poderia ser mencionado, havia sido alcançado. Agora era impossível para qualquer ser humano provar através de provas documentais que a guerra com a Eurásia já havia acontecido. Às doze horas, foi anunciado inesperadamente que todos os trabalhadores do Ministério estavam livres até amanhã de manhã. Winston, ainda carregando a pasta contendo o livro, que havia ficado entre seus pés enquanto trabalhava e sob seu corpo enquanto dormia, foi para casa, se barbeou e quase adormeceu no banho, embora a água mal estivesse morna.

Com uma espécie de rangido voluptuoso em suas articulações, ele subiu a escada acima da loja do Sr. Charrington. Ele estava cansado, mas não sentia mais sono. Ele abriu a janela, acendeu o pequeno fogareiro sujo e colocou em uma panela de água para o café. Julia chegaria em breve: enquanto isso,

[voltar para o índice](#)

lá estava o livro. Ele se sentou na poltrona e abriu a pasta.

Um pesado volume preto, com um encadernado amador, sem nenhum nome ou título na capa. A impressão também parecia ligeiramente irregular. As páginas estavam desgastadas nas bordas e se desfaziam facilmente, como se o livro tivesse passado por muitas mãos. A inscrição na página de título era:

## **A TEORIA E PRÁTICA DO COLETIVISMO OLIGÁRQUICO**

*por Emmanuel Goldstein*

Winston continuou lendo:

[voltar para o índice](#)

## **CAPÍTULO I**

### ***Ignorância é força***

*Ao longo do tempo, desde que temos registro e provavelmente desde o final da Era Neolítica, houve três tipos de pessoas no mundo, o Alto, o Médio e o Baixo. Elas foram subdivididas de muitas maneiras, tiveram inúmeros nomes diferentes e seus números relativos, bem como sua atitude em relação uns aos outros, variaram de era para era: mas a estrutura essencial da sociedade nunca se alterou. Mesmo após enormes convulsões e mudanças aparentemente irrevogáveis, o mesmo padrão sempre se reafirmou, assim como um giroscópio sempre voltará ao equilíbrio, por mais longe que seja empurrado para um lado ou para o outro. Os objetivos destes grupos são totalmente irreconciliáveis...*

Winston parou de ler, principalmente para apreciar o fato de que ele estava lendo com conforto e segurança. Ele estava sozinho: sem teletela, sem ninguém ouvindo pelo buraco da fechadura, sem

[voltar para o índice](#)

o impulso nervoso para olhar por cima do ombro ou cobrir a página com a mão. O ar doce do verão soprava em seu rosto. De algum lugar distante fluíam os gritos tênues das crianças: na própria sala não havia som, exceto o tique-taque do relógio. Ele se ajeitou mais profundamente na cadeira e colocou seus pés sobre o protetor da lareira. Foi uma felicidade, foi uma eternidade. De repente, como às vezes se faz com um livro que será lido e relido muitas vezes, ele o abriu em um lugar diferente e se viu no Capítulo III. Ele continuou a leitura:

## **CAPÍTULO III**

### ***Guerra é Paz***

*A divisão do mundo em três grandes superestados foi um evento que poderia ser e de fato foi previsto antes de meados do século XX. Com a absorção da Europa pela Rússia e do Império Britânico pelos Estados Unidos, duas das três potências existentes, Eurásia e Oceania, já estavam efetivamente em funcionamento. A ter-*

[voltar para o índice](#)

ceira, a Lestásia, só surgiu como uma unidade distinta depois de mais de uma década de lutas confusas. As fronteiras entre os três superestados são arbitrárias em alguns lugares, e em outros oscilam de acordo com a sorte da guerra, mas em geral seguem linhas geográficas. A Eurásia compreende toda a parte norte da massa terrestre europeia e asiática, desde Portugal até o Estreito de Bering. A Oceania compreende as Américas, as ilhas atlânticas incluindo as Ilhas Britânicas, a Australásia e a porção sul da África. A Lestásia, menor que as outras e com uma fronteira ocidental menos definida, compreende a China e os países ao sul, as ilhas japonesas e uma porção grande, mas flutuante, da Manchúria, Mongólia e Tibete.

Em uma ou outra combinação, estes três superestados estão permanentemente em guerra, e assim tem sido nos últimos vinte e cinco anos. A guerra, no entanto, não é mais a luta desesperada e aniquiladora que foi nas primeiras décadas do século XX. É uma guerra de

[voltar para o índice](#)

objetivos limitados entre combatentes que são incapazes de destruir uns aos outros, não têm nenhuma causa material para lutar e não estão divididos por uma diferença ideológica genuína. Isto não quer dizer que a condução da guerra, ou a atitude prevalecente em relação a ela, tenha se tornado menos sanguinária ou mais cavalheiresca. Pelo contrário, a histeria bélica é contínua e universal em todos os países, e atos como a violação, o saque, a matança de crianças, a redução de populações inteiras à escravidão, e represálias contra prisioneiros que se estendem até queimá-los e enterrá-los vivos, são considerados normais, e, quando são cometidos pelo próprio lado e não pelo inimigo, meritórios. Mas num sentido físico, a guerra envolve um número muito pequeno de pessoas, na maioria especialistas altamente treinados, e causa comparativamente poucas baixas. A luta, quando há alguma, ocorre nas fronteiras incertas, cujo paradeiro o homem comum só pode adivinhar, ou em torno das Fortalezas Flutuantes que guardam pontos estratégicos

[voltar para o índice](#)

*nas faixas marítimas. Nos centros da civilização, a guerra não significa mais do que uma contínua escassez de bens de consumo, e o ocasional impacto de uma bomba que pode causar algumas dezenas de mortes. De fato, a guerra mudou seu caráter. Mais exatamente, as razões pelas quais a guerra é travada mudaram em sua ordem de importância. Motivos que já estavam presentes, em pequena escala, nas grandes guerras do início do século XX, tornaram-se agora dominantes e são conscientemente reconhecidos e se tornaram a causa da ação.*

*Para entender a natureza da guerra atual – pois apesar do rearranjo que ocorre a cada poucos anos, é sempre a mesma guerra – é preciso perceber em primeiro lugar que é impossível que ela seja decisiva. Nenhum dos três superestados poderia ser definitivamente conquistado, mesmo pelos outros juntos. Eles são muito parecidos, e suas defesas naturais são muito formidáveis. A Eurásia é protegida por seus vastos espaços terrestres. A Oceania pela largura do*

[voltar para o índice](#)

*Atlântico e do Pacífico, a Lestásia pela fecundidade e diligência de seus habitantes. Em segundo lugar, não há mais nada, em um sentido material, para lutar. Com o estabelecimento de economias autônomas, nas quais a produção e o consumo estão voltados um para o outro, a disputa por mercados que era a principal causa das guerras anteriores chegou ao fim, enquanto a competição por matérias-primas não é mais uma questão de vida ou morte. Em qualquer caso, cada um dos três superestados é tão vasto que pode obter quase todos os materiais de que necessita dentro de seus próprios limites. Na medida em que a guerra tem um propósito econômico direto, ela é uma guerra pela força de trabalho. Entre as fronteiras dos superestados, e não permanentemente na posse de nenhum deles, existe uma espécie de quadrilátero com seus cantos em Tânger, Brazzaville, Darwin e Hong Kong, que contém cerca de um quinto da população da Terra. É pela posse destas regiões densamente povoadas, e da calota de gelo do Norte, que as três potências estão em constan-*

[voltar para o índice](#)

*te luta. Na prática, nenhuma potência jamais controla toda a área disputada. Porções dela estão constantemente mudando de mãos, e é a chance de aproveitar este ou aquele fragmento por um golpe repentino de traição que dita as intermináveis mudanças de alinhamento.*

*Todos os territórios disputados contêm minerais valiosos, e alguns deles produzem produtos vegetais importantes, como a borracha, que em climas mais frios precisa ser sintetizada através de métodos comparativamente caros. Mas acima de tudo, eles contêm uma reserva sem fundo de mão-de-obra barata. Qualquer que seja o poder que controla a África equatorial, ou os países do Oriente Médio, ou do sul da Índia, ou o Arquipélago da Indonésia, dispõe também dos corpos de escores ou centenas de milhões de pessoas mal pagas e trabalhadoras. Os habitantes destas áreas, reduzidos mais ou menos abertamente ao status de escravos, passam continuamente de conquistador para conquistador, e são consumidos como carvão*

[voltar para o índice](#)

ou petróleo na corrida para obter mais armamento, para conquistar mais território, para controlar mais força de trabalho, para obter mais armamento, para capturar mais território, e assim por diante indefinidamente. Deve-se notar que a luta nunca se move realmente para além das fronteiras das áreas disputadas. As fronteiras da Eurásia fluem entre a bacia do Congo e a costa norte do Mediterrâneo; as ilhas do Oceano Índico e do Pacífico são constantemente capturadas e recapturadas pela Oceania ou pela Lestásia; na Mongólia, a linha divisória entre a Eurásia e a Lestásia nunca é estável; ao redor do Polo, as três potências reivindicam enormes territórios que, de fato, são em grande parte unidos e inexplorados: mas o equilíbrio de poder permanece sempre aproximadamente uniforme, e o território que forma o coração de cada superestado permanece sempre inviolado. Além disso, o trabalho dos povos explorados em torno da linha do Equador não é realmente necessário para a economia mundial. Eles não acrescentam nada à riqueza

[voltar para o índice](#)

do mundo, já que o que eles produzem é usado para fins de guerra, e o objetivo de travar uma guerra é estar sempre em melhor posição para travar outra guerra. Por seu trabalho, as populações escravas permitem que o tempo de guerra contínua seja acelerado. Mas se eles não existissem, a estrutura da sociedade mundial, e o processo pelo qual ela se mantém, não seriam essencialmente diferentes.

O principal objetivo da guerra moderna (de acordo com os princípios do duplopensar, este objetivo é simultaneamente reconhecido e não reconhecido pelos cérebros dirigentes do Partido Interno) é utilizar os produtos da máquina sem elevar o padrão geral de vida. Desde o final do século XIX, o problema do que fazer com o excedente de bens de consumo tem estado latente na sociedade industrial. Atualmente, quando poucos seres humanos têm sequer o suficiente para comer, este problema não é obviamente urgente, e poderia não existir, mesmo que nenhum processo artificial de destrui-

[voltar para o índice](#)

ção estivesse em funcionamento. O mundo de hoje é um lugar nu, faminto e dilapidado em comparação com o mundo que existia antes de 1914, e ainda mais se comparado com o futuro imaginário para o qual as pessoas daquele período olhavam adiante. No início do século XX, a visão de uma sociedade do futuro incrivelmente rica, bem organizada, ordenada e eficiente – um mundo brilhante e antisséptico de vidro, aço e concreto branco como a neve – fazia parte da consciência de quase todas as pessoas alfabetizadas. A ciência e a tecnologia estavam se desenvolvendo em uma velocidade prodigiosa, e parecia natural supor que continuariam se desenvolvendo. Isto não aconteceu, em parte devido ao empobrecimento causado por uma longa série de guerras e revoluções, em parte porque o progresso científico e técnico dependia do hábito empírico do pensamento, que não podia sobreviver em uma sociedade estritamente regimentada. Como um todo, o mundo é hoje mais primitivo do que era há cinquenta anos. Algumas áreas atrasadas avan-

[voltar para o índice](#)

çaram, e vários dispositivos, sempre de alguma forma ligados à guerra e à espionagem policial, foram desenvolvidos, mas a experiência e a invenção pararam em grande parte, e a devastação da guerra atômica dos anos de 1950 nunca foi totalmente reparada. No entanto, os perigos inerentes à máquina ainda estão presentes. Desde o momento em que a máquina apareceu pela primeira vez, ficou claro para todas as pessoas pensantes que a necessidade de trabalho humano e, portanto, grande parte da desigualdade humana, havia desaparecido. Se a máquina fosse usada deliberadamente para esse fim, a fome, o excesso de trabalho, a sujeira, o analfabetismo e as doenças poderiam ser eliminados dentro de poucas gerações. E de fato, sem ser usada para tal fim, mas por uma espécie de processo automático – ao produzir riqueza que às vezes era impossível não distribuir – a máquina elevou muito o nível de vida do ser humano médio ao longo de um período de cerca de cinquenta anos no final do século XIX e início do século XX.

[voltar para o índice](#)

*Mas também ficou claro que um aumento generalizado da riqueza ameaçava a destruição de – de fato, em certo sentido, se trata de destruição – de uma sociedade hierárquica. Em um mundo no qual todos trabalhavam poucas horas, tinham o suficiente para comer, viviam em uma casa com banheiro e geladeira, e possuíam um automóvel ou mesmo um avião, a forma mais óbvia e talvez a mais relevante de desigualdade já teria desaparecido. Se se tornasse generalizada, a riqueza não conferiria nenhuma distinção. Era possível, sem dúvida, imaginar uma sociedade na qual a riqueza, no sentido de bens pessoais e luxos, fosse distribuída uniformemente, enquanto o poder permanecesse nas mãos de uma pequena casta privilegiada. Mas na prática, tal sociedade não poderia permanecer estável por muito tempo. Pois se o lazer e a segurança fossem desfrutados por todos da mesma forma, a grande massa de seres humanos que normalmente são estupefatos pela pobreza se tornaria alfabetizada e aprenderia a pensar por si mesma; e quando ti-*

[voltar para o índice](#)

vessem feito isso, mais cedo ou mais tarde perceberiam que a minoria privilegiada não tinha função, e a varreriam para longe. A longo prazo, uma sociedade hierárquica só era possível com base na pobreza e na ignorância. Voltar ao passado agrícola, como alguns pensadores do início do século XX sonhavam fazer, não era uma solução praticável. Ela entrava em conflito com a tendência à mecanização que se tornara quase instintiva em quase todo o mundo e, além disso, qualquer país que permanecesse industrialmente atrasado era desamparado no sentido militar e estava obrigado a ser dominado, direta ou indiretamente, por seus rivais mais avançados.

Restringir a produção de bens também não foi uma solução satisfatória para manter as massas na pobreza. Isto aconteceu em grande parte durante a fase final do capitalismo, aproximadamente entre 1920 e 1940. A economia de muitos países pôde estagnar, a terra deixou de ser cultivada, não se acrescentou equipamen-

[voltar para o índice](#)

to capital, grandes blocos da população foram impedidos de trabalhar e mantidos meio vivos pela caridade estatal. Mas isto também implicou em fraqueza militar, e como as privações que infligia eram obviamente desnecessárias, a oposição se tornava inevitável. O problema era como manter as rodas da indústria girando sem aumentar a verdadeira riqueza do mundo. As mercadorias devem ser produzidas, mas não devem ser distribuídas. E, na prática, a única maneira de conseguir isso era através de uma guerra contínua.

O ato essencial da guerra é a destruição, não necessariamente de vidas humanas, mas dos produtos do trabalho humano. A guerra é uma forma de despedaçar, ou derramar na estratosfera, ou afundar nas profundezas do mar, materiais que de outra forma poderiam ser usados para tornar as massas demasiado confortáveis e, portanto, a longo prazo, demasiado inteligentes. Mesmo quando as armas de guerra não são realmente destruídas, sua fabrica-

[voltar para o índice](#)

ção ainda é uma forma conveniente de gastar força de trabalho sem produzir nada que possa ser consumido. Uma Fortaleza Flutuante, por exemplo, encerra em si a mão-de-obra que construiria várias centenas de navios de carga. Em última análise, ela é sucateada como obsoleta, nunca tendo trazido nenhum benefício material a ninguém, e mesmo assim, às custas de um enorme trabalho, outra Fortaleza Flutuante é construída. Em princípio, o esforço de guerra é sempre tão planejado a ponto de consumir qualquer excedente que possa existir após atender às necessidades da população. Na prática, as necessidades da população são sempre subestimadas, com o resultado de que há uma escassez crônica da metade das necessidades da vida; mas isto é visto como uma vantagem. É política deliberada manter até mesmo os grupos favorecidos em algum lugar à beira da dificuldade, porque um estado geral de escassez aumenta a importância de pequenos privilégios e, assim, amplia a distinção entre um grupo e outro. Pelos padrões do início do século

[voltar para o índice](#)

*XX, até mesmo um membro do Partido Interno vive uma vida austera e laboriosa. No entanto, os poucos luxos que ele desfruta em seu grande e bem equipado apartamento, o material melhor de suas roupas, a qualidade maior de sua comida, bebida e tabaco, seus dois ou três criados, seu carro particular ou helicóptero – o colocam em um mundo diferente de um membro do Partido Externo, e os membros do Partido Externo têm uma vantagem semelhante em comparação com as massas submersas que chamamos de “os proles”. A atmosfera social é a de uma cidade sitiada, onde a posse de um pedaço de carne de cavalo faz a diferença entre riqueza e pobreza. E, ao mesmo tempo, a consciência de estar em guerra e, portanto, em perigo, faz com que a entrega de todo poder a uma pequena casta pareça a condição natural e inevitável de sobrevivência.*

*A guerra, como será visto, realiza a destruição necessária, mas a realiza de uma forma psicologicamente aceitável. Em princípio, seria*

[voltar para o índice](#)

*bastante simples desperdiçar a mão-de-obra excedente do mundo construindo templos e pirâmides, cavando buracos e enchendo-os novamente, ou até mesmo produzindo grandes quantidades de mercadorias e depois atendo fogo a elas. Mas isto proporcionaria apenas a base econômica e não a base emocional para uma sociedade hierárquica. A preocupação aqui não é o nível de confiança das massas, cuja atitude não é importante enquanto elas se mantiverem firmes no trabalho, mas o nível de confiança do próprio Partido. Mesmo o membro mais humilde do Partido deve ser competente, esforçado e até inteligente dentro de limites restritos, mas também é necessário que ele seja um fanático crédulo e ignorante cujos humores prevalecem: medo, ódio, adulação e triunfo orgíaco. Em outras palavras, é necessário que ele tenha a mentalidade apropriada a um estado de guerra. Não importa se a guerra está realmente acontecendo, e, como não é possível uma vitória decisiva, não importa se a guerra está indo bem ou mal. Tudo o que é ne-*

[voltar para o índice](#)

cessário é a existência de um estado de guerra. A divisão da inteligência que o Partido exige de seus membros, e que é mais facilmente alcançada em uma atmosfera de guerra, é agora quase universal, mas quanto mais alto se sobe nas fileiras, mais marcada ela se torna. É precisamente no Partido Interno que a histeria bélica e o ódio ao inimigo são mais fortes. Em sua capacidade como administrador, é muitas vezes necessário que um membro do Partido Interno saiba que esta ou aquela notícia de guerra não é verdadeira, e ele pode muitas vezes estar ciente de que toda a guerra é artificial e não está acontecendo ou sendo travada para propósitos bem diferentes dos declarados: mas tal conhecimento é facilmente neutralizado pela técnica do duplo pensamento. Enquanto isso, nenhum membro do Partido Interno vacila por um instante em sua crença mística de que a guerra é real, e que está fadado a terminar vitoriosamente, com a Oceania se tornando o mestre indiscutível do mundo inteiro.

[voltar para o índice](#)

*Todos os membros do Partido Interno acreditam nesta conquista vindoura como um artigo de fé. Ela deve ser alcançada ou pela aquisição gradual de mais e mais território e assim construindo uma preponderância esmagadora do poder, ou pela descoberta de alguma arma nova e imbatível. A busca por novas armas continua incessantemente, e é uma das poucas atividades restantes em que o tipo de mente inventiva ou especulativa pode encontrar qualquer saída. Na Oceania de hoje, a Ciência, no sentido antigo, quase deixou de existir. Em Novalíngua não há nenhuma palavra para “Ciência”. O método empírico de pensamento, no qual todas as conquistas científicas do passado foram fundadas, se opõe aos princípios mais fundamentais do Socing. E até mesmo o progresso tecnológico só acontece quando seus produtos podem de alguma forma ser utilizados para a diminuição da liberdade humana. Em todas as artes úteis, o mundo ou está parado ou está indo para trás. Os campos são cultivados com charretes de cavalos enquanto os livros são escritos por má-*

[voltar para o índice](#)

quinas. Mas em assuntos de importância vital – o que quer dizer, na prática, a guerra e a espionagem policial – a abordagem empírica ainda é encorajada, ou pelo menos tolerada. Os dois objetivos do Partido são conquistar toda a superfície da terra e extinguir de uma vez por todas a possibilidade do pensamento independente. Há, portanto, dois grandes problemas que o Partido está preocupado em resolver. Um é como descobrir, contra sua vontade, o que outro ser humano está pensando, e o outro é como matar várias centenas de milhões de pessoas em poucos segundos sem dar aviso prévio. Na medida em que a pesquisa científica ainda continua, este é seu tema. O cientista de hoje ou é uma mistura de psicólogo e inquisidor, estudando com verdadeira minúcia o significado de expressões faciais, gestos e tons de voz, e testando os efeitos geradores de verdade das drogas, terapia de choque, hipnose e tortura física; ou ele é químico, físico ou biólogo preocupado apenas com os ramos de seu tema especial que são relevantes para a tomada de

[voltar para o índice](#)

vida. Nos vastos laboratórios do Ministério da Paz, e nas estações experimentais escondidas nas florestas brasileiras, ou no deserto australiano, ou em ilhas perdidas da Antártida, as equipes de especialistas estão incansáveis no trabalho. Alguns se preocupam simplesmente em planejar a logística de futuras guerras; outros concebem bombas cada vez maiores, explosivos cada vez mais poderosos e blindagem cada vez mais impenetrável; outros procuram por gases novos e mais mortais, ou por venenos solúveis capazes de serem produzidos em quantidades tais que destruam a vegetação de continentes inteiros, ou por germes de doenças imunes a todos os anticorpos possíveis; outros se esforçam para produzir um veículo que percorra seu caminho sob o solo como um submarino sob a água, ou um avião tão independente de sua base como um veleiro; outros exploram até mesmo possibilidades remotas como focalizar os raios solares através de lentes suspensas a milhares de quilômetros de distância no espaço, ou produzir

[voltar para o índice](#)

terremotos artificiais e maremotos aproveitando o calor no centro da terra.

Mas nenhum desses projetos chega perto de ser realizado, e nenhum dos três Superestados ganha uma vantagem significativa sobre os outros. O que é mais notável é que as três potências já possuem, na bomba atômica, uma arma muito mais poderosa do que qualquer outra que suas pesquisas atuais provavelmente descobrirão. Embora o Partido, de acordo com seu hábito, reivindique a invenção para si mesmo, as bombas atômicas apareceram pela primeira vez já nos anos quarenta, e foram usadas pela primeira vez em larga escala cerca de dez anos depois. Nessa época, algumas centenas de bombas foram lançadas sobre centros industriais, principalmente na Rússia europeia, na Europa Ocidental e na América do Norte. O efeito foi convencer os grupos dominantes de todos os países que mais algumas bombas atômicas significariam o fim da sociedade organizada e, portanto, de seu próprio poder. Depois

[voltar para o índice](#)

disso, embora nenhum acordo formal tenha sido feito ou sugerido, não foram lançadas mais bombas nucleares. Todas as três potências apenas continuam a produzir bombas atômicas e as armazenam para a oportunidade decisiva que todos eles acreditam que virá mais cedo ou mais tarde. E enquanto isso, a arte da guerra permaneceu quase estacionária por trinta ou quarenta anos. Os helicópteros são mais usados do que eram anteriormente, os aviões bombardeiros foram largamente substituídos por projéteis autopropulsados, e o frágil navio de guerra móvel deu lugar à quase insubmersível Fortaleza Flutuante; mas caso contrário, houve pouco desenvolvimento. O tanque, o submarino, o torpedo, a metralhadora, até mesmo a espingarda e a granada de mão ainda estão em uso. E apesar dos intermináveis massacres relatados na imprensa e nas teletelas, as desesperadas batalhas de guerras anteriores, nas quais centenas de milhares ou mesmo milhões de homens foram mortos com frequência em poucas semanas, nunca se repetiram.

[voltar para o índice](#)

Nenhum dos três Superestados tenta qualquer manobra que envolva o risco de uma séria derrota. Quando qualquer grande operação é empreendida, geralmente é um ataque surpresa contra um aliado. A estratégia que os três poderes estão seguindo, ou fingem a si mesmos que estão seguindo, é a mesma. O plano é, através de uma combinação de luta, barganha e golpes oportunos de traição, adquirir um círculo de bases que rodeie completamente um ou outro dos estados rivais, e então assinar um pacto de amizade com esse rival e permanecer em condições pacíficas por tantos anos a ponto de colocar as suspeitas para dormir. Durante este tempo, foguetes carregados com bombas atômicas podem ser montados em todos os pontos estratégicos; finalmente todos eles serão disparados simultaneamente, com efeitos tão devastadores que tornarão impossível a retaliação. Será então o momento de assinar um pacto de amizade com a potência mundial restante, em preparação para outro ataque. Este esquema, não é necessário dizer, é um mero deva-

[voltar para o índice](#)

neio, impossível de ser realizado. Além disso, nenhuma luta jamais ocorre, exceto nas áreas disputadas em torno da linha do Equador e do Polo: nenhuma invasão do território inimigo é empreendida. Isto explica o fato de que em alguns lugares as fronteiras entre os Superestados são arbitrárias. A Eurásia, por exemplo, poderia facilmente conquistar as Ilhas Britânicas, que são geograficamente parte da Europa, ou por outro lado seria possível que a Oceania empurrasse suas fronteiras para o Rio Reno ou mesmo para o Rio Vístula. Mas isto violaria o princípio, seguido por todos os lados, embora nunca formulado, da integridade cultural. Se a Oceania conquistasse as áreas que antes eram conhecidas como França e Alemanha, seria necessário ou exterminar os habitantes, uma tarefa de grande dificuldade física, ou assimilar uma população de cerca de cem milhões de pessoas, que, no que diz respeito ao desenvolvimento técnico, estão aproximadamente no mesmo nível que a Oceania. O problema é o mesmo para todos os três Superestados. É abso-

[voltar para o índice](#)

*lutamente necessário para sua estrutura que não haja contato com estrangeiros, exceto, de forma limitada, como prisioneiros de guerra e escravos de cor. Mesmo o aliado oficial do momento é sempre considerado com a mais sombria suspeita. Prisioneiros de guerra à parte, o cidadão médio da Oceania nunca põe os olhos em um cidadão da Eurásia ou da Lestásia, e é proibido o conhecimento de línguas estrangeiras. Se lhe fosse permitido o contato com estrangeiros, ele descobriria que eles são criaturas semelhantes a si mesmo e que a maior parte do que lhe foi dito sobre eles é mentira. O mundo selado em que ele vive seria quebrado, e o medo, o ódio e o sentimento de justiça dos quais sua confiança depende poderiam evaporar. Portanto, percebe-se de todos os lados que por mais que muitas vezes a Pérsia, o Egito, Java, ou o Ceilão possam mudar de mãos, as principais fronteiras nunca devem ser atravessadas por nada além de bombas.*

*Sob este ponto de vista, um fato nunca mencionado em voz alta, mas que foi tacitamente*

[voltar para o índice](#)

compreendido e aplicado: as condições de vida em todos os três Superestados são muito parecidas. Na Oceania, a filosofia predominante é chamada de Socing, na Eurásia é chamada de Neo-Bolchevismo, e na Lestásia é chamada por um nome chinês geralmente traduzido como Adoração à Morte, mas talvez melhor traduzido como Obliteração do Indivíduo. Não é permitido ao cidadão da Oceania conhecer nada dos princípios das outras duas filosofias, mas ele é ensinado a considerá-las como bárbaras afrontas à moralidade e ao bom senso. Na verdade, as três filosofias mal se distinguem, e os sistemas sociais que elas sustentam não se distinguem de forma alguma. Por toda parte existe a mesma estrutura piramidal, o mesmo culto ao líder semidivino, a mesma economia existente por e para a guerra contínua. Daí resulta que os três Superestados não só não podem conquistar um ao outro, como não ganhariam nenhuma vantagem se o fizessem. Pelo contrário, enquanto permanecerem em conflito, eles se sustentam uns aos outros, como

[voltar para o índice](#)

*três feixes de milho. E, como sempre, os grupos governantes das três potências estão simultaneamente conscientes e inconscientes do que estão fazendo. Suas vidas são dedicadas à conquista mundial, mas eles também sabem que é necessário que a guerra continue eterna e sem vitória. Enquanto isso, o fato de não haver perigo de conquista torna possível a negação da realidade que é a característica especial da Soving e de seus sistemas de pensamento rivais. Aqui é necessário repetir o que foi dito anteriormente, que ao se tornar uma guerra contínua, mudou fundamentalmente seu caráter.*

*Em épocas passadas, uma guerra, quase por definição, era algo que mais cedo ou mais tarde chegava ao fim, geralmente em vitória ou derrota inquestionável. No passado, também, a guerra era um dos principais instrumentos pelos quais as sociedades humanas eram mantidas em contato com a realidade física. Todos os governantes em todas as épocas tentaram impor uma visão falsa do mundo a seus segui-*

[voltar para o índice](#)

dores, mas não podiam se dar ao luxo de encorajar qualquer ilusão que tendesse a prejudicar a eficiência militar. Enquanto a derrota significasse a perda da independência, ou algum outro resultado geralmente considerado indesejável, as precauções contra a derrota tinham que ser sérias. Os fatos físicos não podiam ser ignorados. Em filosofia, ou religião, ou ética, ou política, dois e dois poderiam fazer cinco, mas quando um estava projetando uma arma ou um avião eles tinham que fazer quatro. As nações ineficientes eram sempre conquistadas mais cedo ou mais tarde, e a luta pela eficiência era inimiga das ilusões. Além disso, para ser eficiente, era necessário ser capaz de aprender com o passado, o que significava ter uma ideia bastante precisa do que havia acontecido no passado. Jornais e livros de história sempre foram, naturalmente, tendenciosos, mas uma falsificação do tipo que é praticada hoje teria sido impossível. A guerra era uma salvaguarda segura de sanidade e, no que diz respeito às classes dirigentes, era provavelmente a mais

[voltar para o índice](#)

*importante de todas as salvaguardas. Embora as guerras pudessem ser ganhas ou perdidas, nenhuma classe dominante poderia ser completamente irresponsável.*

*Mas quando a guerra se torna literalmente contínua, ela também deixa de ser perigosa. Quando a guerra é contínua, não existe tal coisa como necessidade militar. O progresso técnico pode cessar e os fatos mais palpáveis podem ser negados ou desconsiderados. Como vimos, as pesquisas que poderiam ser chamadas científicas ainda são realizadas para fins de guerra, mas são essencialmente uma espécie de devaneio, e sua incapacidade de mostrar resultados não é importante. A eficiência, mesmo a eficiência militar, não é mais necessária. Nada é eficiente na Oceania, exceto a Polícia do Pensamento. Como cada um dos três Superestados é incontestável, cada um é, na verdade, um universo separado dentro do qual quase qualquer perversão do pensamento pode ser praticada com segurança. A realidade só exerce sua pressão*

[voltar para o índice](#)

*através das necessidades da vida cotidiana – a necessidade de comer e beber, de conseguir abrigo e roupas, de evitar engolir veneno ou sair das janelas dos andares superiores, e coisas do gênero. Entre a vida e a morte, e entre o prazer físico e a dor física, ainda há uma distinção, mas isso é tudo. Cortado do contato com o mundo exterior, e com o passado, o cidadão da Oceania é como um homem no espaço interestelar, que não tem como saber qual direção é para cima e qual é para baixo. Os governantes de tal estado são absolutos, como os Faraós ou os Césares não poderiam ser. Eles são obrigados a evitar que seus seguidores morram de fome em números suficientemente grandes para serem inconvenientes, e são obrigados a permanecer no mesmo nível baixo de técnica militar que seus rivais; mas uma vez atingido esse mínimo, eles podem torcer a realidade na forma que quiserem.*

*A guerra, portanto, se a julgarmos pelos padrões das guerras anteriores, é meramente*

[voltar para o índice](#)

uma impostura. É como as batalhas entre certos animais ruminantes cujos chifres são colocados em um ângulo tal que são incapazes de se ferir uns aos outros. Mas, embora seja irre-real, não é inútil. Ele come o excedente de bens consumíveis e ajuda a preservar a atmosfera mental especial que uma sociedade hierárquica precisa. A guerra, veremos, é agora um assunto puramente interno. No passado, os grupos dirigentes de todos os países, embora pudessem reconhecer seu interesse comum e, portanto, limitar a destrutividade da guerra, lutaram uns contra os outros, e o vencedor sempre saqueou os vencidos. Em nossos dias, eles não estão lutando uns contra os outros de forma alguma. A guerra é travada por cada grupo governante contra seus próprios súditos, e o objetivo da guerra não é fazer ou impedir conquistas de território, mas manter intacta a estrutura da sociedade. A própria palavra “guerra”, portanto, tornou-se enganosa. Seria provavelmente exato dizer que, ao se tornar uma guerra contínua, deixou de existir. A pressão peculiar que

[voltar para o índice](#)

*ela exerceu sobre os seres humanos entre a Era Neolítica e o início do século XX desapareceu e foi substituída por algo bem diferente. O efeito seria o mesmo se os três Superestados, ao invés de lutarem entre si, concordassem em viver em paz perpétua, cada um inviolado dentro de seus próprios limites. Pois, nesse caso, cada um seria ainda um universo autocontido, livre para sempre da influência sóbria do perigo externo. Uma paz que fosse verdadeiramente permanente seria o mesmo que uma guerra permanente. Isto – embora a grande maioria dos membros do Partido a entenda apenas em um sentido mais superficial – é o significado interno do slogan do Partido: Guerra é Paz.*

Winston parou de ler por um momento. Em algum lugar à distância, uma bomba explodiu. A feliz sensação de estar sozinho com o livro proibido, em uma sala sem teletela, não tinha se desgastado. Solidão e segurança eram sensações físicas, misturadas de alguma forma com o cansaço de seu

[voltar para o índice](#)

corpo, a suavidade da cadeira, o toque da brisa tênue da janela que lhe tocava o rosto. O livro o fascinava, ou mais exatamente o confortava. De certa forma, não lhe dizia nada de novo, mas isso era parte da atração. Dizia o que ele teria dito, se tivesse sido possível para ele colocar em ordem seus pensamentos dispersos. Era o produto de uma mente semelhante à sua, mas enormemente mais poderosa, mais sistemática, menos dominada pelo medo. Os melhores livros, percebeu ele, são aqueles que lhe dizem o que você já sabe. Ele tinha acabado de voltar ao Capítulo I quando ouviu os passos de Júlia na escada e começou a sair de sua cadeira para encontrá-la. Ela jogou seu saco de ferramentas marrom no chão e se jogou em seus braços. Fazia mais de uma semana que eles não se viam.

**“Eu estou com o livro”**, disse ele enquanto eles se soltavam.

**“Ah, você está com ele? Que bom”**, ela disse sem muito interesse, e quase imediatamente ajoelhou-se ao lado do fogareiro para fazer o café.

[voltar para o índice](#)

Eles só voltaram ao assunto depois de meia hora na cama. A noite estava fria o suficiente para que valesse a pena puxar o acolchoado para cima. De fora veio o som familiar de cantoria e o raspar das botas nas lajes. A brava mulher de braços vermelhos que Winston tinha visto lá em sua primeira visita era quase um arranhão no pátio. Parecia não haver hora do dia em que ela não estava marchando de um lado para o outro entre o tanque e o varal, se amordaçando alternadamente com pegadores de roupa e se desdobrando em canções. Julia tinha deitado de lado e parecia já estar a ponto de adormecer. Ele estendeu a mão para o livro, que estava no chão, e sentou-se contra a cabeceira da cama.

***“Precisamos ler”, ele disse. “Você também. Todos os membros da Irmandade têm que lê-lo”.***

***“Você lê”, disse ela com os olhos fechados. “Leia em voz alta. Essa é a melhor maneira. Então você ir me explicando conforme for lendo”.***

[voltar para o índice](#)

Os ponteiros do relógio marcavam às seis, ou seja, dezoito. Eles tinham três ou quatro horas pela frente. Ele encostou o livro contra seus joelhos e começou a ler:

## **CAPÍTULO I**

### ***Ignorância é força***

*Ao longo do tempo, desde que temos registro e provavelmente desde o final da Era Neolítica, houve três tipos de pessoas no mundo, o Alto, o Médio e o Baixo. Elas foram subdivididas de muitas maneiras, tiveram inúmeros nomes diferentes e seus números relativos, bem como sua atitude em relação uns aos outros, variaram de era para era: mas a estrutura essencial da sociedade nunca se alterou. Mesmo após enormes convulsões e mudanças aparentemente irrevogáveis, o mesmo padrão sempre se reafirmou, assim como um giroscópio sempre voltará ao equilíbrio, por mais longe que seja empurrado para um lado ou para o outro—*

[voltar para o índice](#)

**“Julia, você está acordada?”**, perguntou Winston.

**“Sim, meu amor, estou ouvindo. Continue, é maravilhoso”**.

Ele continuou lendo.

*Os objetivos destes grupos são totalmente irreconciliáveis. O objetivo dos Altos é permanecer onde eles estão. O objetivo dos Meios é trocar de lugar com o Alto. O objetivo dos de Baixo, quando eles têm um objetivo – pois é uma característica permanente do Baixo que eles são exaustos demais pelo trabalho duro para estarem mais do que intermitentemente conscientes de qualquer coisa fora de suas vidas diárias – é abolir todas as distinções e criar uma sociedade na qual todos os homens sejam iguais. Assim, ao longo da história, uma luta que é a mesma em seus contornos principais se repete constantemente. Durante longos períodos, o Alto parece estar seguramente no poder,*

[voltar para o índice](#)

*mas mais cedo ou mais tarde chega sempre um momento em que eles perdem ou sua crença em si mesmos ou sua capacidade de governar eficientemente, ou ambos. Eles são então derubados pelo Meio, que convence os Baixo que estão lutando por liberdade e justiça para receber sua ajuda. Assim que atingem seu objetivo, o Meio empurra os Baixo de volta para sua antiga posição de servidão, e eles mesmos se tornam os Altos. Atualmente, um novo grupo do Meio se separa de um dos outros grupos, ou de ambos, e a luta começa de novo. Dos três grupos, apenas os Baixo nunca são sequer temporariamente bem-sucedidos em alcançar seus objetivos. Seria um exagero dizer que ao longo da história não houve nenhum progresso de tipo material. Ainda hoje, em um período de declínio, o ser humano médio está fisicamente melhor do que há alguns séculos atrás. Mas nenhum avanço na riqueza, nenhum amolecimento das maneiras, nenhuma reforma ou revolução jamais aproximou a igualdade humana um milímetro mais. Do ponto de vista dos*

[voltar para o índice](#)

Baixos, nenhuma mudança histórica jamais significou muito mais do que uma mudança no nome de seus mestres.

No final do século XIX, a recorrência deste padrão havia se tornado óbvia para muitos observadores. Surgem então escolas de pensadores que interpretam a história como um processo cíclico e afirmam mostrar que a desigualdade é a lei inalterável da vida humana. Esta doutrina, é claro, sempre teve seus adeptos, mas na forma como foi apresentada agora houve uma mudança significativa. No passado, a necessidade de uma forma hierárquica de sociedade havia sido a doutrina especificamente do Alto. Ela havia sido pregada por reis e aristocratas e pelos sacerdotes, advogados e afins que eram parasitas deles, e geralmente havia sido suavizada por promessas de compensação num mundo imaginário além do túmulo. O Meio, enquanto lutava pelo poder, sempre tinha feito uso de termos como liberdade, justiça e fraternidade. Agora, porém, o conceito de fraternidade hu-

[voltar para o índice](#)

mana começou a ser atacado por pessoas que ainda não estavam em posições de comando, mas apenas esperavam estar em breve. No passado, o Meio tinha feito revoluções sob a bandeira da igualdade, e depois estabeleceu uma nova tirania assim que a antiga foi derrubada. Os novos grupos do Meio, na verdade, proclamaram sua tirania de antemão. O Socialismo, uma teoria que surgiu no início do século XIX e foi o último elo de uma corrente de pensamento que remontava às rebeliões de escravos da antiguidade, ainda estava profundamente infectado pelo Utopianismo de eras passadas. Mas em cada variante do Socialismo que surgiu a partir de aproximadamente 1900, o objetivo de estabelecer a liberdade e a igualdade foi cada vez mais abertamente abandonado. Os novos movimentos que surgiram em meados do século, o Socing na Oceania, o Neo-Bolshevismo na Eurásia, a Adoração à Morte, como é comumente chamado, na Lestásia, tinham o objetivo consciente de perpetuar a falta de liberdade e a desigualdade. Estes novos movi-

[voltar para o índice](#)

mentos, é claro, cresceram a partir dos antigos e tendiam a manter seus nomes e a pagar um serviço labial à sua ideologia. Mas o objetivo de todos eles era deter o progresso e congelar a história em um momento determinado. O conhecido balanço do pêndulo deveria acontecer mais uma vez, e depois parar. Como de costume, o Alto deveria ser transformado pelo Meio, que se tornaria então o Alto; mas desta vez, por estratégia consciente, o Alto seria capaz de manter sua posição permanentemente.

As novas doutrinas surgiram em parte devido ao acúmulo de conhecimento histórico e ao crescimento do sentido histórico, que quase não existia antes do século XIX. O movimento cíclico da história era agora inteligível, ou parecia sê-lo; e se era inteligível, então era alterável. Mas a causa principal e subjacente foi que, já no início do século XX, a igualdade humana havia se tornado tecnicamente possível. Ainda era verdade que os homens não eram iguais em seus talentos nativos e que as funções ti-

[voltar para o índice](#)

*nham que ser especializadas de forma a favorecer alguns indivíduos contra outros; mas não havia mais nenhuma necessidade real de distinções de classe ou de grandes diferenças de riqueza. Em épocas anteriores, as distinções de classe não só eram inevitáveis como desejáveis. Desigualdade era o preço da civilização. Com o desenvolvimento da produção de máquinas, no entanto, isso mudou. Mesmo que ainda fosse necessário que os seres humanos fizessem diferentes tipos de trabalho, não era mais necessário que eles vivessem em diferentes níveis sociais ou econômicos. Portanto, do ponto de vista dos novos grupos que estavam a ponto de tomar o poder, a igualdade humana não era mais um ideal a ser perseguido, mas um perigo a ser evitado. Em épocas mais primitivas, quando uma sociedade justa e pacífica não era de fato possível, tinha sido bastante fácil acreditar nisso. A ideia de um paraíso terrestre no qual os homens deveriam viver juntos em um estado de fraternidade, sem leis e sem trabalho bruto, havia assombrado a imaginação huma-*

[voltar para o índice](#)

na por milhares de anos. E esta visão tinha tido uma certa influência até mesmo sobre os grupos que de fato lucraram com cada mudança histórica. Os herdeiros das revoluções francesa, inglesa e americana haviam acreditado em parte em suas próprias frases sobre os direitos do homem, liberdade de expressão, igualdade perante a lei e afins, e até mesmo permitido que sua conduta fosse influenciada por eles em certa medida. Mas na quarta década do século XX, todas as principais correntes do pensamento político eram autoritárias. O paraíso terreno havia sido desacreditado exatamente no momento em que se tornou realizável. Cada nova teoria política, seja qual for o nome que ela tenha dado a si mesma, trazia de volta a hierarquia e a regulamentação. E no endurecimento geral das perspectivas que se instalaram por volta de 1930, práticas que haviam sido abandonadas há muito tempo, em alguns casos por centenas de anos – prisão sem julgamento, uso de prisioneiros de guerra como escravos, execuções públicas, tortura para extrair confissões, uso de reféns e depor-

[voltar para o índice](#)

*tação de populações inteiras – não só se tornaram comuns novamente, mas foram toleradas e até mesmo defendidas por pessoas que se consideravam iluminadas e progressistas.*

*Foi somente após uma década de guerras nacionais, guerras civis, revoluções e contrarrevoluções em todas as partes do mundo que o Socialismo e seus rivais surgiram como teorias políticas totalmente elaboradas. Mas elas haviam sido prefiguradas pelos vários sistemas, geralmente chamados totalitários, que haviam surgido no início do século, e os principais contornos do mundo que iriam emergir do caos prevalecente haviam sido óbvios por muito tempo. O tipo de pessoas que controlariam este mundo tinha sido igualmente óbvio. A nova aristocracia era formada pela maioria dos burocratas, cientistas, técnicos, organizadores sindicais, especialistas em publicidade, sociólogos, professores, jornalistas e políticos profissionais. Estas pessoas, cujas origens estavam na classe média assalariada e nas classes altas da classe tra-*

[voltar para o índice](#)

*balhadora, tinham sido moldadas e reunidas pelo mundo estéril da indústria monopolista e do governo centralizado. Em comparação com seus números opostos em épocas passadas, eles eram menos avaros, menos tentados pelo luxo, mais famintos por puro poder e, acima de tudo, mais conscientes do que estavam fazendo e mais intencionados a esmagar a oposição. Esta última diferença foi cardinal. Em comparação com o que existe hoje, todas as tiranias do passado eram sem convicção e ineficientes. Os grupos dirigentes sempre foram infectados até certo ponto por ideias liberais, e se contentavam em deixar pontas soltas em todos os lugares, em considerar apenas o ato ostensivo e em não se interessar pelo que seus súditos estavam pensando. Até mesmo a Igreja Católica da Idade Média era tolerante com os padrões modernos. Parte da razão para isto era que no passado nenhum governo tinha o poder de manter seus cidadãos sob vigilância constante. A invenção da impressão, porém, facilitou a manipulação da opinião pública, e o filme e o rádio levaram*

[voltar para o índice](#)

*o processo adiante. Com o desenvolvimento da televisão, e o avanço técnico que tornou possível receber e transmitir simultaneamente no mesmo instrumento, a vida privada chegou ao fim. Cada cidadão, ou pelo menos cada cidadão suficientemente importante para ser visto, podia ser mantido durante vinte e quatro horas por dia sob os olhos da polícia e no som da propaganda oficial, com todos os outros canais de comunicação fechados. A possibilidade de impor não apenas a obediência total à vontade do Estado, mas a uniformidade total de opinião sobre todos os assuntos, tornou-se possível pela primeira vez.*

*Após o período revolucionário dos anos 50 e 60, a sociedade se reagrupou, como sempre, em Alto, Médio e Baixo. Mas o novo grupo Alto, ao contrário de todos os seus precursores, não agiu por instinto, mas sabia o que era necessário para salvaguardar sua posição. Há muito se havia percebido que a única base segura para a oligarquia é o coletivismo. Riqueza e privilé-*

[voltar para o índice](#)

gio são mais facilmente defendidos quando são possuídos em conjunto. A chamada “abolição da propriedade privada” que ocorreu em meados do século significou, com efeito, a concentração da propriedade em muito menos mãos do que antes: mas com esta diferença, que os novos proprietários eram um grupo em vez de uma massa de indivíduos. Individualmente, nenhum membro do Partido possui nada, exceto pequenos pertences pessoais. Coletivamente, o Partido possui tudo na Oceania, porque controla tudo, e dispõe dos produtos como achar conveniente. Nos anos que se seguiram à Revolução, ele foi capaz de entrar nesta posição de comando quase sem oposição, porque todo o processo foi representado como um ato de coletivização. Sempre se havia assumido que se a classe capitalista fosse expropriada, o Socialismo deveria seguir: e inquestionavelmente os capitalistas haviam sido expropriados. Fábricas, minas, terras, casas, transportes – tudo lhes havia sido retirado: e como estas coisas não eram mais propriedade privada, seguiu-

[voltar para o índice](#)

*–se que elas deveriam ser propriedade pública. O Socing, que nasceu do movimento socialista anterior e herdou sua fraseologia, de fato realizou o principal item do programa socialista; com o resultado, previsto e pretendido de antemão, de que a desigualdade econômica se tornou permanente.*

*Mas os problemas de perpetuação de uma sociedade hierárquica vão muito além disso. Há apenas quatro maneiras pelas quais um grupo governante pode cair do poder. Ou ele é conquistado de fora, ou governa de forma tão ineficiente que as massas se revoltam, ou permite que um grupo Médio forte e descontente venha a existir, ou perde sua própria autoconfiança e vontade de governar. Estas causas não operam isoladamente e, como regra, todas as quatro estão presentes em um certo grau. Uma classe dominante que pudesse se precaver contra todas elas permaneceria no poder permanentemente. Em última instância, o fator determinante é a atitude mental da própria classe governante.*

[voltar para o índice](#)

*Depois de meados do século atual, o primeiro perigo tinha na realidade desaparecido. Cada uma das três potências que agora dividem o mundo é de fato inconquistável, e só poderia se tornar conquistável através de lentas mudanças demográficas que um governo com amplos poderes pode facilmente evitar. O segundo perigo, também, é apenas teórico. As massas nunca se revoltam por vontade própria, e nunca se revoltam apenas porque são oprimidas. De fato, desde que não lhes seja permitido ter padrões de comparação, elas nunca sequer se dão conta de que são oprimidas. As crises econômicas recorrentes de tempos passados eram totalmente desnecessárias e não são permitidas agora, mas outros deslocamentos igualmente grandes podem e acontecem sem ter resultados políticos, porque não há como o descontentamento se tornar articulado. Já o problema da superprodução, que está latente em nossa sociedade desde o desenvolvimento da técnica das máquinas, é resolvido pelo dispositivo da guerra contínua (ver Capítulo III), que também é útil*

[voltar para o índice](#)

*para elevar a moral pública até o nível necessário. Do ponto de vista de nossos atuais governantes, portanto, os únicos perigos reais são a divisão de um novo grupo de pessoas capazes, subempregados, famintos de poder, e o crescimento do liberalismo e do ceticismo em suas próprias fileiras. Ou seja, o problema é educativo. É uma questão de moldar continuamente a consciência tanto do grupo dirigente quanto do grupo executivo maior que se encontra imediatamente abaixo dele. A consciência das massas só precisa ser influenciada de forma negativa.*

*Dado este contexto, pode-se inferir, se ainda não o soubéssemos, a estrutura geral da sociedade Oceânica. No ápice da pirâmide vem o Grande Irmão. O Grande Irmão é infalível e todo-poderoso. Todo sucesso, toda conquista, toda vitória, toda descoberta científica, todo conhecimento, toda sabedoria, toda felicidade, toda virtude, são tidos a emitir diretamente de sua liderança e inspiração. Ninguém jamais viu o Grande Irmão. Ele é um rosto no açambarca-*

[voltar para o índice](#)

mento, uma voz na teletela. Podemos estar razoavelmente certos de que ele nunca morrerá, e já existe uma incerteza considerável quanto a quando ele nasceu. O Grande Irmão é o disfarce no qual o Partido opta por se exhibir para o mundo. Sua função é agir como um ponto de foco de amor, medo e reverência, emoções que são mais facilmente sentidas em relação a um indivíduo do que em relação a uma organização. Abaixo do Grande Irmão vem o Partido Interno, seus números limitados a seis milhões, ou menos de 2% da população da Oceania. Abaixo do Partido Interno vem o Partido Externo. Se o primeiro é visto como o cérebro do Estado, o segundo pode ser justamente comparado com as mãos. Abaixo disso vêm as massas burras a quem costumamos chamar de “os proles”, que são talvez 85% da população. Nos termos de nossa classificação anterior, os proles são os Baixos, já que a população escrava das terras equatoriais que passam constantemente de conquistador para conquistador, não são uma parte permanente ou necessária da estrutura.

[voltar para o índice](#)

*Em princípio, a filiação a estes três grupos não é hereditária. O filho dos pais do Partido Interno não nasce, em teoria, no Partido Interno. A admissão em qualquer um dos ramos do Partido é feita por exame, feito aos dezesseis anos de idade. Também não há discriminação racial, ou qualquer dominação marcada de uma província por outra. Judeus, negros, sul-americanos de puro sangue indígena são encontrados nas fileiras mais altas do Partido, e os administradores de qualquer área são sempre oriundos dos habitantes daquela área. Em nenhuma parte da Oceania os habitantes têm a sensação de serem uma população colonial governada a partir de uma capital distante. A Oceania não tem capital, e seu chefe titular é uma pessoa cujo paradeiro ninguém sabe. Exceto que o inglês é sua principal língua franca e a Novalíngua sua língua oficial, não está centralizado de forma alguma. Seus governantes não são mantidos juntos por laços de sangue, mas pela adesão a uma doutrina comum. É verdade que nossa sociedade é estra-*

[voltar para o índice](#)

tificada, e muito rigidamente estratificada, no que à primeira vista parecem ser linhas hereditárias. Há muito menos movimento entre os diferentes grupos do que aconteceu sob o capitalismo ou mesmo na era pré-industrial. Entre os dois ramos do Partido há uma certa quantidade de intercâmbio, mas apenas o que garante que os fracos sejam excluídos do Partido Interno e que os membros ambiciosos do Partido Externo se tornem inofensivos, permitindo que eles se elevem. Os proletários, na prática, não estão autorizados a ingressar no Partido. Os mais dotados entre eles, que possivelmente se tornem núcleos de descontentamento, são simplesmente marcados pela Polícia do Pensamento e eliminados. Mas este estado de coisas não é necessariamente permanente, nem é uma questão de princípio. O Partido não é uma classe no velho sentido da palavra. Ele não visa transmitir poder a seus próprios filhos, como tal; e se não houvesse outra forma de manter as pessoas mais amáveis no topo, ele estaria perfeitamente preparado para recrutar toda

[voltar para o índice](#)

*uma nova geração das fileiras do proletariado. Nos anos cruciais, o fato de o Partido não ser um órgão hereditário fez muito para neutralizar a oposição. O tipo mais antigo de socialista, que havia sido treinado para lutar contra algo chamado “privilégio de classe”, assumiu que o que não é hereditário não pode ser permanente. Ele não viu que a continuidade de uma oligarquia não precisava ser física, nem parou para refletir que as aristocracias hereditárias sempre foram de curta duração, enquanto organizações adotivas como a Igreja Católica às vezes duraram centenas ou milhares de anos. A essência do governo oligárquico não é a herança de pai para filho, mas a persistência de uma certa visão de mundo e de um certo modo de vida, impostos pelos mortos aos vivos. Um grupo governante é um grupo governante, desde que possa nomear seus sucessores. O Partido não está preocupado em perpetuar seu sangue, mas em perpetuar-se a si mesmo. Quem exerce o poder não é importante, desde que a estrutura hierárquica permaneça sempre a mesma.*

[voltar para o índice](#)

Todas as crenças, hábitos, gostos, emoções, atitudes mentais que caracterizam nosso tempo são realmente projetados para sustentar a mística do Partido e impedir que a verdadeira natureza da sociedade atual seja percebida. Uma rebelião física, ou qualquer movimento preliminar em direção à rebelião, não é possível no momento. Não se deve temer nada assim vindo dos proletários. Deixados à própria sorte, eles continuarão trabalhando de geração em geração e de século em século, procriando e morrendo, não apenas sem qualquer impulso à rebelião, mas sem o poder de compreender que o mundo poderia ser diferente do que é. Eles só poderiam se tornar perigosos se o avanço da técnica industrial fizesse com que fosse necessário educá-los mais, mas, como a rivalidade militar e comercial não é mais importante, o nível de educação popular está realmente em declínio. As opiniões mantidas ou não pelas massas é visto com indiferença. Eles podem ter liberdade intelectual porque não têm intelecto. Em um membro do Partido, por outro lado,

[voltar para o índice](#)

*nem mesmo o menor desvio de opinião sobre o assunto mais insignificante pode ser tolerado.*

*Um membro do Partido vive do nascimento à morte sob os olhos da Polícia do Pensamento. Mesmo quando ele está sozinho, ele nunca pode ter certeza de que está de fato sozinho. Onde quer que ele esteja, dormindo ou acordado, trabalhando ou descansando, tomando banho ou na cama, ele pode ser inspecionado sem aviso e sem saber que está sendo inspecionado. Nada do que ele faz é indiferente. Suas amizades, suas atividades de recreação, seu comportamento para com seu cônjuge e filhos, a expressão de seu rosto quando está sozinho, as palavras que ele murmura durante o sono, até mesmo os movimentos característicos de seu corpo, são todos escrutinados zelosamente. Não apenas um delito qualquer, mas qualquer excentricidade, por menor que seja, qualquer mudança de hábitos, qualquer maneirismo nervoso que possa ser o sintoma de uma luta interior, será certamente detectado.*

[voltar para o índice](#)

*Ele não tem liberdade de escolha em qualquer direção, seja qual for. Por outro lado, suas ações não são regulamentadas por lei ou por qualquer código de comportamento claramente formulado. Não há lei na Oceania. Pensamentos e ações que, quando detectados, significam morte certa não são formalmente proibidos, e as purgas intermináveis, as prisões, as torturas, encarceramentos e vaporizações não são infligidas como punição por crimes que realmente foram cometidos: são meramente a eliminação de pessoas que talvez cometam um crime em algum momento no futuro. Um membro do Partido é obrigado a ter não apenas as opiniões certas, mas os instintos certos. Muitas das crenças e atitudes que lhe são exigidas nunca são declaradas claramente, e não poderiam ser declaradas sem contradições inerentes ao So-cing. Se ele é uma pessoa naturalmente ortodoxa (bompensador, em Novalíngua), ele saberá, em todas as circunstâncias, sem nem precisar pensar sobre isso, qual é a verdadeira crença ou a emoção desejável. Mas em qualquer caso,*

[voltar para o índice](#)

*um treinamento mental elaborado, submetido na infância e em grupo em torno das palavras da Novalíngua paracrime, pretobranco e duplopensar, faz com que ele não queira e seja incapaz de pensar muito profundamente em qualquer assunto.*

*Espera-se que um membro do Partido não tenha emoções particulares e não tenha nenhuma trégua para o seu entusiasmo. Ele deve viver em um contínuo frenesi de ódio contra os inimigos estrangeiros e traidores internos, comemorar as vitórias, e se desvalorizar diante do poder e da sabedoria do Partido. Os descontentamentos gerados por sua vida simples e insatisfatória são deliberadamente voltados para fora e dissipados por dispositivos como os Dois Minutos de Ódio, e as especulações que poderiam possivelmente induzir a uma atitude cética ou rebelde são mortas antecipadamente por sua disciplina interior, adquirida desde cedo. A primeira e mais simples fase da disciplina, que pode ser ensinada até mesmo às crianças*

[voltar para o índice](#)

pequenas, é chamada, em Novalíngua, de paracrime. Paracrime significa a capacidade de parar imediatamente, como por instinto, no limiar de qualquer pensamento perigoso. Inclui o poder de não compreender analogias, de falhar em perceber os erros lógicos, de entender mal os argumentos mais simples se são hostis ao Socing, e de serem entediados ou repelidos por qualquer linha de pensamento capaz de conduzir em uma direção herética. Paracrime, em resumo, significa estupidez protetora. Mas a estupidez não é suficiente. Ao contrário, a ortodoxia no sentido pleno exige um controle tão complexo sobre os próprios processos mentais como um contorcionista tem sobre seu corpo. A sociedade oceânica repousa, em última instância, na crença de que o Grande Irmão é onipotente e que o Partido é infalível. Mas como na realidade o Grande Irmão não é onipotente e o Partido não é infalível, uma flexibilidade desmedida se torna necessária, de momento em momento, no tratamento dos fatos. A palavra-chave aqui é pretobranco. Como tantas

[voltar para o índice](#)

*palavras da Novalíngua, esta palavra tem dois significados mutuamente contraditórios. Aplicado a um oponente, significa o hábito de afirmar impudentemente que o preto é branco, em contradição com o fato simples. Aplicado a um membro do Partido, significa uma vontade leal de dizer que o preto é branco quando a disciplina do Partido exige isso. Mas isso implica também na capacidade de ACREDITAR que o preto é branco, e mais, de SABER que preto é branco, e esquecer que já se acreditou o contrário. Isto exige uma alteração contínua do passado, tornada possível pelo sistema de pensamento que realmente engloba todo o resto, e que é conhecido em Novalíngua como duplopensar.*

*A alteração do passado é necessária por duas razões, uma das quais é subsidiária e, por assim dizer, preventiva. A razão subsidiária é que o membro do Partido, assim como o proletário, tolera as condições atuais em parte porque não tem padrões de comparação. Ele deve ser destituído do passado, assim como ele deve ser*

[voltar para o índice](#)

*cortado de países estrangeiros, porque é necessário que ele acredite que está melhor do que seus ancestrais e que o nível médio de conforto material está constantemente aumentando. Mas de longe a razão mais importante para o reajuste do passado é a necessidade de salvar a infalibilidade do Partido. Não se trata apenas de discursos, estatísticas e registros de todo tipo, que devem ser constantemente retomados para mostrar que as previsões do Partido estavam certas em todos os casos. É também para não se admitir nenhuma mudança na doutrina ou no alinhamento político. Pois mudar de ideia, ou mesmo de política, é uma confissão de fraqueza. Se, por exemplo, Eurásia ou a Lestásia (qualquer uma das duas) é o inimigo atual, então esse país precisa ter sido o inimigo desde sempre. E se os fatos dizem o contrário, então os fatos devem ser alterados. Assim, a história é continuamente reescrita. Esta falsificação diária do passado, realizada pelo Ministério da Verdade, é tão necessária para a estabilidade do regime como o trabalho*

[voltar para o índice](#)

*de repressão e espionagem realizado pelo Ministério do Amor.*

*A mutabilidade do passado é o princípio central do Soving. Eventos do passado, argumenta-se, não têm existência objetiva, mas sobrevivem apenas em registros escritos e nas memórias humanas. O passado é aquilo que os registros e as memórias comportam. E como o Partido está em pleno controle de todos os registros e no controle igualmente pleno das mentes de seus membros, tem-se como consequência que o passado pode ser determinado pelo Partido. Segue-se também que, embora o passado seja alterável, ele nunca foi alterado em nenhuma instância. Pois quando a forma necessária de passado para um determinado momento for criada, então esta nova versão é o passado, e nenhum passado diferente pode ter existido. Isto é válido mesmo quando, como acontece com frequência, o mesmo evento tem que ser alterado para além do reconhecimento várias vezes no decorrer de um ano. O Partido tem,*

[voltar para o índice](#)

*em todos os momentos, posse da verdade absoluta, e claramente o absoluto nunca pode ter sido diferente do que é agora. Vê-se que o controle do passado depende acima de tudo do treinamento de memória. Pois garantir que todos os registros escritos estejam de acordo com a ortodoxia do momento é meramente um ato mecânico. Mas é também necessário LEMBRAR que os eventos aconteceram da maneira desejada. E se é necessário reorganizar as memórias ou adulterar a escrita é necessário ESQUECER que se tenha feito isso. Este truque pode ser aprendido como qualquer outra técnica mental. É aprendido pela maioria dos membros do Partido, e certamente por todos os que são inteligentes e ortodoxos. Na linguagem antiga se chama, muito francamente, “controle de realidade”. Em Novalíngua, é chamado duplopensar, embora duplopensar compreenda outros significados também.*

*Duplopensar significa o poder de manter duas crenças contraditórias em uma mente simultaneamente, e aceitando os dois. O intelecto do*

[voltar para o índice](#)

*Partido sabe em que direção suas memórias devem ser alteradas; ele sabe, portanto que ele está pregando peças na realidade; mas pelo exercício de duplopensar ele também satisfaz a necessidade de saber que a realidade não é violada. O processo tem que ser consciente, ou não seria realizado com precisão suficiente, mas também tem que estar inconsciente, ou traria consigo uma sensação de falsidade e, portanto, de culpa. Duplopensar está no coração do So-cing, uma vez que o ato essencial do Partido é usar a decepção consciente enquanto mantém a firmeza de propósito que é consequência da total honestidade. Pois dizer mentiras plenas e continuar acreditando genuinamente nelas, esquecer qualquer fato que se tornou conveniente e lembrar dele quando ele se tornou necessário novamente, durante o tempo que for necessário, negar a existência da realidade objetiva enquanto se leva em consideração a realidade que é negada – tudo isso é completamente necessário. Até mesmo o uso da palavra Duplopensar é necessário para se exercer*

[voltar para o índice](#)

*o duplopensar. Ao usar a palavra, se admite a adulteração da realidade; com um novo ato de duplopensar se apaga esse conhecimento; e assim por diante indefinitivamente, com a mentira sempre um pulo à frente da verdade. Em última análise, é por meio do duplopensar que o Partido tem sido capaz – e pode, pelo que sabemos, continuar sendo capaz por milhares de anos, de deter o curso da história.*

*Todas as oligarquias do passado caíram do poder ou porque se calcificaram ou porque amolecaram. Ou elas se tornaram estúpidas e arrogantes, fracassaram em se ajustar à mudança de circunstância e foram derrubadas; ou se tornaram liberais e covardes, fizeram concessões quando deveriam ter usado a força, e foram derrubadas. Ou seja, elas caíram ou pela consciência ou pela inconsciência. É uma conquista do Partido ter produzido um sistema de pensamento no qual ambas as condições podem existir simultaneamente. O domínio do Partido não se tornaria permanente com nenhuma*

[voltar para o índice](#)

*outra base intelectual. Se for para governar, e para continuar governando, é preciso ser capaz de deslocar o sentido da realidade. Pois o segredo da governabilidade é combinar a crença na própria infalibilidade com o poder de aprender com os erros do passado.*

*Não é preciso dizer que os praticantes mais sutis de duplopensar são aqueles que inventaram o duplopensar e sabem que se trata de um vasto sistema de trapaça. Em nossa sociedade, aqueles que têm o melhor conhecimento do que acontece são também os que menos conseguem ver o mundo como é. Em geral, quanto maior a compreensão, maior a ilusão; quanto mais inteligente, menos são. Uma ilustração clara disto é o fato de que a histeria bélica aumenta de intensidade à medida que se sobe na escala social. Aquelas cuja atitude em relação à guerra é mais racional são os povos sujeitos nos territórios disputados. Para esses povos a guerra é simplesmente uma calamidade contínua que varre sob seus corpos de um lado para*

[voltar para o índice](#)

o outro como uma onda gigantesca. Qual lado está ganhando é uma questão completamente indiferente para eles. Eles estão cientes de que uma mudança de soberania significa simplesmente que estarão fazendo o mesmo trabalho que antes para os mestres novos, que os tratam da mesma maneira que os antigos. Os trabalhadores ligeiramente mais favorecidos, que são chamados de “proles”, estão apenas intermitentemente conscientes da guerra. Quando necessário, eles podem ser levados a um frenesi de medo e ódio, mas quando deixados a si mesmos, são capazes de esquecer que a guerra está acontecendo por longos períodos. Mas é entre o Partido, sobretudo no Partido Interno, que se encontra o verdadeiro entusiasmo de guerra. A conquista mundial é uma crença mais firme entre aqueles que sabem que ela é impossível. Esta relação peculiar entre opostos – conhecimento com ignorância, cinismo com fanatismo – é um dos principais diferenciais da sociedade da Oceania. A ideologia oficial é abundante em contradições mesmo quan-

[voltar para o índice](#)

do não há nenhuma razão prática para elas. Assim, o Partido rejeita e vilipendia todos os princípios do Socialismo original e faz isso em nome do Socialismo. Ele prega um desprezo pela classe trabalhadora que não era demonstrado por séculos, e veste seus membros com um uniforme que, em determinado momento, era comum aos trabalhadores manuais – e é justamente por isso que foi adotado. Isso mina sistematicamente a solidariedade da família, e chama seu líder por um nome que é um apelo direto ao sentimento de lealdade familiar. Mesmo os nomes dos quatro Ministérios pelos quais somos governados exibem uma espécie de insolência em sua reversão deliberada dos fatos. O Ministério da Paz se ocupa da guerra, o Ministério da Verdade com mentiras, o Ministério do Amor com a tortura e o Ministério da Abundância com a fome. Estas contradições não são acidentais, nem resultam de hipocrisia; elas são exercícios deliberados de duplopensar. Pois é apenas reconciliando as contradições que o poder pode ser retido indefinidamente. O ciclo

[voltar para o índice](#)

*antigo não seria quebrado de nenhuma outra maneira. Se a igualdade humana for evitada para sempre – se os Altos, como chamamos, devem manter seus lugares permanentemente – então a condição mental predominante precisa ser uma insanidade controlada.*

*Mas há uma questão que, até este momento, quase ignoramos. Por que a igualdade humana deve ser evitada? Supondo que a mecânica do processo foi descrita corretamente, qual é o motivo para esse esforço enorme e precisamente controlado para se congelar a história em um momento particular?*

*Aqui chegamos ao segredo central. Como já vimos, a mística do Partido, sobretudo do Partido Interno, depende do duplopensar. Mas o motivo original é mais profundo que isso, o instinto nunca questionado que levou à tomada do poder e trouxe consigo o duplopensar, a Polícia do Pensamento, a guerra contínua, e todas as outras parafernálias necessárias para sua existên-*

[voltar para o índice](#)

*cia posterior. Este motivo realmente consiste...*

Winston tomou consciência do silêncio como alguém toma consciência de um novo barulho. Parecia que Julia estava quieta há muito tempo. Ela estava deitada de lado, nua da cintura para cima, com a bochecha deitada em sua mão e uma mecha escura caída sobre seus olhos. Seu peito subia e descia regularmente.

**“Julia”.**

Nenhuma resposta.

**“Julia, você está acordada”?**

Nenhuma resposta. Ela estava dormindo. Ele fechou o livro, colocou-o cuidadosamente no chão, deitou e cobriu cuidadosamente os dois.

Ele ainda não havia, refletiu, aprendido o último segredo. Ele entendeu COMO; ele ainda não enten-

[voltar para o índice](#)

dera o PORQUÊ. O Capítulo I, assim como o Capítulo III, na verdade não tinha lhe dito nada que ele já não soubesse, apenas sistematizado o conhecimento que já possuía. Mas, depois de lê-lo, ele tinha mais certeza de que não estava louco. Estar em uma minoria, mesmo uma minoria de uma outra pessoa, não lhe tornava louco. Havia a verdade e havia inverdade, e se você se apegasse à verdade mesmo contra o mundo inteiro, você não estava louco. Um raio amarelo do sol poente se inclinava para dentro através da janela e caía sobre o travesseiro. Ele fechou os olhos. O sol em seu rosto e o corpo liso da garota tocando seu próprio corpo lhe deu sentimento forte, sonolento e confiante. Ele estava seguro, estava tudo bem. Ele adormeceu murmurando **“A sanidade não é estatística”**, com a sensação de que esta observação continha uma sabedoria profunda.

\*\*\*

Quando acordou, estava com a sensação de ter dormido por muito tempo, mas o relógio antiqua-

[voltar para o índice](#)

do marcada vinte horas e trinta minutos. Ele ficou cochilando por algum tempo, quando a cantoria habitual começou do lado de fora:

***Era apenas uma fantasia sem esperança,  
que passou como um dia de Abril,  
Mas um olhar e uma palavra e os sonhos  
que despertam!  
Eles roubaram minha cervejinha!***

A canção abobada parecia ter mantido sua popularidade. Ainda era possível ouvi-la em todo o lugar. Tinha sobrevivido à Canção do Ódio. Julia acordou com o barulho, se espreguiçou e saiu da cama.

***“Estou com fome”, disse ela. “Vamos fazer mais um pouco de café. Droga! O fogo apagou e a água está fria”.***  
Ela pegou o fogareiro e o sacudiu. ***“Acabou o óleo”.***

***“Podemos conseguir um pouco com o velho Charrington, eu imagino”.***

[voltar para o índice](#)

**“O engraçado é que eu me certifiquei que estava cheio. Vou me vestir”,** ela acrescentou. **“Parece que esfriou”**.

Winston também se levantou e se vestiu. A voz infatigável cantou:

***Eles dizem que o tempo cura tudo,  
Dizem que você sempre pode esquecer,  
Mas os sorrisos e as lágrimas de todos  
os anos  
Ainda fazem meu coração amolecer!***

Enquanto ele prendia o cinto de seu macacão, ele andou até a janela. O sol deve ter se posto atrás das casas; ele não estava mais brilhando no pátio. As lajes estavam molhadas como se tivessem acabado de ser lavadas, e ele tinha a sensação de que o céu também tinha sido lavado, tão fresco e pálido era o azul entre os pontos de chaminé. A mulher marchava de um lado para o outro incansavelmente, pegando e usando os prendedores, cantando e ficando quieta, fixando mais e mais fraldas. Ele

[voltar para o índice](#)

se perguntou se ela ganhava a vida lavando fraldas ou se era apenas uma escrava de vinte ou trinta netos. Julia estava do seu lado; eles olhavam a figura robusta abaixo com uma espécie de fascínio. Quando ele olhava para a mulher em seus gestos típicos, seus braços grossos alcançando o varal, suas nádegas fortes, ele pensou pela primeira vez o quanto ela era linda. Nunca antes havia lhe ocorrido a ideia de que o corpo de uma mulher de cinquenta anos, explodido até dimensões monstruosas por conta dos filhos e depois endurecidas, enrugadas pelo trabalho, até ficar grosseiras como um nabo maduro demais, poderia ser bonito. Mas era assim, e afinal de contas, pensou ele, por que não? O corpo sólido e sem contornos, como um bloco de granito e com a pele vermelha estava para uma moça assim como uma roseira brava estava para uma rosa. Por que o fruto deve ser considerado inferior à flor?

**“Ela é linda”**, murmurou ele.

**“Ela tem um metro de quadril, facilmente”**, disse Julia.

[voltar para o índice](#)

*“Ela é linda do seu próprio jeito”*, disse Winston.

Ele segurava a cintura flexível de Julia, que era facilmente circundada por seu braço. Ela estava encostada nele do joelho ao quadril. Nenhuma criança viria de seus corpos. Essa era a única coisa que eles nunca poderiam fazer. Eles só poderiam compartilhar o segredo de boca a boca, de mente em mente. A mulher lá de baixo não tinha mente, tinha apenas braços fortes, um coração quente e uma barriga fértil. Ele se perguntava a quantos filhos ela havia dado à luz. Poderia facilmente ser quinze. Ela tinha tido sua floração momentânea, talvez um ano, de beleza selvagem e, de repente, tinha inchado como uma fruta e crescido dura, vermelha e grossa, e então sua vida tinha sido lavar, esfregar, cerzir, cozinhar, varrer, polir, remendar, esfregar, lavar, primeiro para seus filhos, depois para netos, por mais de trinta anos ininterruptos. No final, ela ainda cantava. A reverência mística que ele sentia por ela estava de alguma forma misturada com o aspecto do céu pálido e sem nuvens, esticando-se atrás dos pontos

[voltar para o índice](#)

de chaminé por uma distância interminável. Era curioso pensar que o céu era o mesmo para todos, tanto na Eurásia ou na Lestásia, como aqui. E os povos sob o céu também eram muito semelhantes, em todo lugar, em todo o mundo, centenas de milhares de milhões de pessoas como esta, pessoas ignorantes da existência uns dos outros, mantidos à parte por muros de ódio e mentiras, e eram quase exatamente as mesmas pessoas – pessoas que nunca aprenderam a pensar, mas que estavam armazenando em seus corações, barrigas e músculos o poder que um dia mudaria o mundo. Se houvesse esperança, ela estava nos proles! Sem ter lido o livro até o fim, ele sabia que essa deveria ser a mensagem final de Goldstein. O futuro pertence aos proles. E ele poderia ter certeza de que quando chegasse a hora deles, o mundo que construíram não seria tão estranho para ele, Winston Smith, quanto o mundo do Partido? Podia, porque seria, no mínimo, um mundo de sanidade. Onde há igualdade, pode haver sanidade. Mais cedo ou mais tarde isso aconteceria, a força se transformaria em consciência. Os proles eram

[voltar para o índice](#)

imortais, não era possível ter dúvidas disso quando se olhava aquela figura corajosa no pátio. Seu despertar viria no final. E até que isso acontecesse, embora pudesse demorar mil anos, eles permaneceriam vivos contra todas as adversidades, como pássaros, transmitindo de corpo a corpo a vitalidade que o Partido não compartilhou e não poderia matar.

***“Você se lembra”, disse ele, “do passarinho que cantou para nós, naquele primeiro dia, na borda da floresta”?***

***“Ele não estava cantando para nós”, disse Julia. “Ele estava cantando para agradar a si mesmo. Nem mesmo isso. Ele estava apenas cantando”.***

Os pássaros cantavam, os proles cantavam. O Partido não cantava. Ao redor do mundo, em Londres e Nova York, na África e no Brasil, e nas misteriosas terras proibidas para além das fronteiras, nas ruas de Paris e Berlim, nas aldeias da planície russa sem fim, nos bazares da China e do Japão

[voltar para o índice](#)

– em todos os lugares onde havia a mesma figura sólida e inconquistável, transformada em monstro pelo trabalho e pela maternidade, trabalhando desde o nascimento até a morte e ainda assim cantando. Desses poderosos lombos, um dia deve vir uma raça de seres conscientes. Vocês eram os mortos, o futuro era deles. Mas vocês podiam participar desse futuro, se mantivessem viva a mente como eles mantiveram vivo o corpo, e passassem para frente a doutrina secreta de que dois mais dois são quatro.

**“Nós somos os mortos”**, disse ele.

**“Nós somos os mortos”**, ecoou Julia obediente.

**“Vocês são os mortos”**, disse uma voz metálica por trás deles.

Eles se afastaram. As entranhas de Winston pareciam ter se transformado em gelo. Ele podia ver o branco ao redor das íris dos olhos de Julia. Seu rosto ficara de um amarelo leitoso. A mancha de blush que ainda estava em cada uma de

[voltar para o índice](#)

suas maçãs do rosto se destacava nitidamente, como se não tivesse relação com a pele que estava em baixo.

**“Vocês são os mortos”**, repetiu a voz metálica.

**“Está atrás do quadro”**, respirou Julia.

**“Está atrás do quadro”**, disse a voz. **“Permaneçam exatamente onde vocês estão. Não façam nenhum movimento até que sejam ordenados”**.

Estava começando, estava finalmente começando! Eles não podiam fazer nada, exceto ficar olhando um para os olhos do outro. Era tarde demais para correrem por suas vidas, para sair da casa – tal pensamento não lhes ocorreu. Era impensável desobedecer a voz metálica da parede. Houve um estalido como se alguma coisa tivesse se soltando, e então o barulho de vidro quebrado. O quadro tinha caído no chão, revelando uma teletela atrás dele.

[voltar para o índice](#)

**“Agora eles podem nos ver”**, disse Julia.

**“Agora podemos ver vocês”**, disse a voz. **“Fiquem no meio do quarto, um de costas para o outro. Coloquem as mãos atrás das cabeças. Não toquem no outro”**.

Eles não estavam se tocando, mas lhe pareceu que ele podia sentir o corpo da Julia tremendo. Ou talvez fosse apenas o tremor de seu próprio corpo. Ele conseguia evitar que seus dentes batessem, mas seus joelhos tinham saído do seu controle. Havia um som de botas, tanto dentro como fora da casa. O pátio parecia estar cheio de homens. Alguma coisa estava sendo arrastada através das pedras. A cantoria da mulher havia parado abruptamente. Havia um som de algo rolando, como se o tanque tivesse sido atirado pelo pátio, e depois uma confusão de gritos de raiva que terminaram em um grito de dor.

**“A casa está cercada”**, disse Winston.

**“A casa está cercada”**, disse a voz.

[voltar para o índice](#)

Ele ouviu Julia ranger os dentes. *“Imagino que seja hora de dizer adeus”*, ela disse.

*“Está na hora de dizer adeus”, disse a voz. E depois uma outra voz bem diferente, uma voz fina e cultivada, que Winston teve a impressão de já ter ouvido antes, ecoou: “E, a propósito, já que estamos no assunto, ‘Aí vem uma vela para até a cama te levar, aí vem um helicóptero para a sua cabeça cortar’”!*

Algo bateu na cama nas costas de Winston. A ponta de uma escada tinha sido empurrada pela da janela e arrebatado a moldura. Alguém estava subindo pela janela. Havia uma debandada de botas subindo as escadas. A sala estava cheia de homens sólidos em uniformes pretos, com botas de ferro em seus pés e porretes em suas mãos.

Winston não tremia mais. Mesmo seus olhos mal se mexiam. Só uma coisa importava: ficar quieto, ficar quieto e não dar um motivo para que batessem em você! Um homem com um queixo liso e uma boca que mal passava de um traço estava pa-

[voltar para o índice](#)

rado na sua frente, equilibrando seu porrete reflexivamente entre o dedão e o dedo. Winston o olhou nos olhos. A sensação de nudez, com as mãos atrás da cabeça e com a face e o corpo completamente expostos, era quase insuportável. O homem mostrava a ponta da língua, completamente branca, e lambia o lugar onde seus lábios deveriam estar, e depois passou adiante. Houve outro barulho. Alguém havia pegado peso de papel de vidro e o quebrado em pedaços no chão.

O fragmento de coral, uma minúscula crosta rosa como um botão de rosa de açúcar em cima de um bolo, estava caído sobre o tapete. Como é pequeno, pensou Winston, como sempre foi pequeno! Houve um suspiro e uma pancada atrás dele, e ele recebeu um pontapé tão violento no tornozelo que quase perdeu o equilíbrio. Um dos homens havia esmurrado o ombro de Julia, fazendo com que ela se dobrasse como uma régua de bolso. Ela estava batalhando no chão, lutando por respiração. Winston não ousava virar a cabeça nem por um milímetro, mas às vezes seu rosto lívido e ofe-

[voltar para o índice](#)

gante entrava em seu ângulo de visão. Mesmo em seu terror, era como se ele pudesse sentir a dor em seu próprio corpo, a dor mortal que, no entanto, era menos urgente do que a luta para recuperar a respiração. Ele sabia como era; a dor terrível e agonizante que sempre estivera lá mas que ainda não tinha sido sofrida, porque antes de tudo era necessário respirar. Então dois dos homens a içaram pelos joelhos e ombros, e a levaram para fora da sala como um saco. Winston teve um vislumbre de seu rosto, de cabeça para baixo, amarelo e contorcido, com os olhos fechados, ainda com uma mancha de blush nas bochechas – foi a última vez que a viu.

Ele continuou parado. Ninguém o havia atingido ainda. Pensamentos vinham em sua mente por vontade própria, mas pareciam completamente desinteressantes. Ele se perguntou se eles tinham pego o Sr. Charrington. Ele se perguntou o que tinham feito com a mulher no pátio. Ele notou que ele queria muito urinar, e lembrou com uma leve surpresa que urinara há poucas horas. Ele notou

[voltar para o índice](#)

que o relógio marcava nove, o que queria dizer vinte e um. Mas a luz parecia muito forte. Não era para o sol já ter se posto às vinte e uma horas em uma noite de agosto? Ele se perguntava se, depois de tudo isso, ele e Julia tivessem confundido o horário – dormiram a noite inteira e pensaram que eram vinte e meia quando era na realidade oito e meia da manhã seguinte. Mas ele não prosseguiu com o pensamento. Não era interessante.

Houve outro passo, mais leve, no corredor. O Sr. Charrington entrou no quarto. O comportamento dos homens de uniforme negro de repente se tornou mais subjugado. Algo também havia mudado na aparência do Sr. Charrington. Seu olho recaiu sobre os fragmentos do peso de papel de vidro.

***“Pegue esses pedaços”***, disse ele rígido.

Um homem abaixou-se para obedecer. O sotaque tinha desaparecido; Winston de repente percebeu de quem era a voz que ele tinha ouvido há alguns momentos na teletela. O Sr. Charrington ainda es-

[voltar para o índice](#)

tava vestindo seu velho casaco de veludo, mas seu cabelo, que era quase branco, tinha ficado preto. Ele também não estava vestindo os seus óculos. Ele deu a Winston um único olhar aguçado, como se verificando sua identidade, e depois não prestou mais atenção a ele. Ele ainda era reconhecível, mas não era mais a mesma pessoa. Seu corpo tinha endireitado e parecia ter crescido. Seu rosto havia sofrido apenas pequenas mudanças que, no entanto, funcionavam uma transformação completa. As sobrancelhas negras estavam menos cheias, as rugas tinham desaparecido, o conjunto de linhas do rosto parecia diferente; até mesmo o nariz parecia mais curto. Era agora o rosto frio e alerta de um homem de cerca de trinta e cinco anos. Pela primeira vez em sua vida ocorreu a Winston que ele estava olhando, com seu consentimento, para um membro da Polícia do Pensamento.

[voltar para o índice](#)

**PARTIE**



# capítulo 1



**E**le não sabia onde estava. Presumiu estar no Ministério do Amor, mas não tinha como ter certeza. Estava numa cela sem janelas, de pé-direito alto, com paredes de porcelana branca cintilante. Lâmpadas ocultas inundavam a cela com uma luz fria, e havia um zumbido baixo e constante que ele supunha ter a ver com o fornecimento de ar. Um banco, ou prateleira, apenas largo o suficiente para se sentar, dava a volta da parede, sendo interrompido apenas pela porta e, na extremidade oposta à porta, por um vaso sanitário sem assento de madeira. Havia quatro teletelas, uma em cada parede.

Sentia uma dor de barriga maçante. Sentia isso desde que o tinham empurrado para dentro da van fechada e o levado embora. Mas ele também tinha fome, um tipo de fome que corroía o estômago e não era saudável. Poderiam ter passado vinte e quatro horas desde que comeu, poderiam ter sido trinta e seis. Ele ainda não sabia, e provavelmente nunca saberia, se tinha sido de manhã ou à noite quando o prenderam. Desde que foi detido, não tinha sido alimentado.

[voltar para o índice](#)

Sentou-se o mais quieto que pôde no banco estreito, com as mãos cruzadas sob o joelho. Ele já tinha aprendido a sentar-se quieto. Se fizesse movimentos inesperados, eles gritavam com ele pela teletela. Mas sua necessidade de comer aumentava cada vez mais. O que ele ansiava acima de tudo era um pedaço de pão. Ele tinha a vaga ideia de que havia algumas migalhas de pão no bolso do seu macacão. Era até possível – ele pensava isto porque de vez em quando algo parecia fazer cócegas na sua perna – que ali pudesse haver um pedaço considerável de casca. No fim, a tentação de descobrir ultrapassou o seu medo; ele enfiou uma mão no seu bolso.

**“Smith!”**, gritou uma voz da teletela. **“6079 Smith W.! Mãos fora dos bolsos nas celas”!**

Sentou-se quieto de novo, com as mãos cruzadas sob o joelho. Antes de ser trazido para cá, tinha sido levado para outro lugar, provavelmente uma prisão comum ou uma prisão temporária utilizada pelas patrulhas. Não sabia quanto tempo ficara

[voltar para o índice](#)

lá; algumas horas, pelo menos; sem relógios e sem luz do dia, era difícil medir as horas. Era um lugar barulhento e malcheiroso. Fora colocado em uma cela semelhante à que estava agora, mas completamente imunda e sempre lotada, com pelo menos dez ou quinze pessoas. A maioria deles eram criminosos comuns, mas havia alguns prisioneiros políticos entre eles. Tinha se sentado em silêncio contra a parede, empurrado por corpos sujos, preocupado demais com o medo e a dor na barriga para se interessar muito pelo que o rodeava, mas ainda notando a espantosa diferença de comportamento entre os prisioneiros do Partido e os outros. Os prisioneiros do Partido estavam sempre em silêncio e aterrorizados, mas os criminosos comuns pareciam não se importar com ninguém. Gritavam insultos aos guardas, brigavam ferozmente quando os seus pertences eram apreendidos, escreviam palavras obscenas no chão, comiam comida contrabandeada que tiravam de esconderijos misteriosos nas suas roupas, e até gritavam para a televisão quando ela tentava restabelecer a ordem. Por outro lado, alguns deles pareciam estar em boas

[voltar para o índice](#)

condições com os guardas, chamavam-nos por apelidos, e tentavam passar cigarros pelo olho mágico da porta. Os guardas também tratavam os criminosos comuns com uma certa indulgência, mesmo quando tinham que lidar com eles de forma grosseira. Falava-se muito dos campos de trabalho forçado para os quais a maioria dos prisioneiros esperava ser enviada. Ficaria **“tudo bem”** nos campos, pelo que ele entendeu, desde que se tivesse bons contatos e se conhecesse as manhas. Havia suborno, favoritismo, e extorsão de todo o tipo, havia homossexualidade e prostituição, havia até álcool destilado ilícito feito de batatas. As posições de confiança eram dadas apenas aos criminosos comuns, especialmente os gangsters e os assassinos, que formavam uma espécie de aristocracia. Todos os trabalhos sujos eram feitos pelos presos políticos.

Havia um fluxo constante de prisioneiros de todos os tipos: traficantes de droga, ladrões, bandidos, mercenários negros, bêbados, prostitutas. Alguns dos bêbados eram tão violentos que os ou-

[voltar para o índice](#)

tros prisioneiros tinham de se juntar para os reprimir. Uma enorme e trágica mulher, com cerca de sessenta anos de idade, com grandes seios caídos e grandes cachos de cabelo branco desfeitos depois das brigas, foi trazida, chutando e gritando, por quatro guardas, que a seguravam cada um em uma extremidade. Arrancaram-lhe as botas com que ela tinha tentado chutá-los, e a atiraram no colo de Winston, quase lhe partindo os ossos das coxas. A mulher levantou-se de pé e gritou **“F--se, bastardos!”** na direção deles. Depois, notando que estava sentada em algo irregular, deslizou dos joelhos de Winston para o banco.

**“Perdão, querido”**, ela disse. **“Eu nunca me sentaria em cima de você não, é só que os sacanas é que me puseram lá. Eles não sabem nada como tratar uma senhora, não é verdade?”** Ela fez uma pausa, bateu no peito e arrotou. **“Perdão”**, disse ela, **“Eu não sou eu mesma, na verdade”**.

Ela inclinou-se para a frente e vomitou copiosamente no chão.

[voltar para o índice](#)

**“É melhor assim”**, disse ela, inclinando-se para trás com os olhos fechados. **“Nunca deixe para dentro, é isso que eu digo. Tire para fora enquanto ainda está no estômago.”**

Ela ressuscitou, virou-se para dar uma olhada em Winston e parecia ter gostado dele imediatamente. Ela colocou um vasto braço em volta do ombro dele e o puxou em sua direção, soltando um bafo de cerveja e vômito na sua cara.

**“Como era mesmo seu nome, querido?”**, ela perguntou.

**“Smith”**, Winston respondeu.

**“Smith?”**, ela disse. **“Que engraçado. O meu nome também é Smith. Por quê”**, ela disse sentimentalmente, **“Pode ser que eu seja a sua mãe”!**

Ela poderia, pensou Winston, ser a sua mãe. Ela tinha a idade e o físico certos, e era provável que as pessoas mudassem um pouco depois de vinte anos num campo de trabalho forçado.

[voltar para o índice](#)

Ninguém mais tinha falado com ele. De uma forma surpreendente, os criminosos comuns ignoraram os prisioneiros do Partido. Chamavam-lhes **“os politicozinhos”**, com uma espécie de desprezo desinteressado. Os prisioneiros do Partido pareciam aterrorizados em falar com qualquer pessoa e, sobretudo, em falar uns com os outros. Apenas uma vez, quando dois membros do Partido, ambas mulheres, foram pressionadas juntas no banco, ele ouviu, no meio do barulho de vozes, algumas palavras sussurradas apressadamente; e em particular uma referência a algo chamado **“quarto um zero um”**, que ele não entendeu.

Deviam tê-lo trazido para esta cela há duas ou três horas. A dor maçante na sua barriga nunca desapareceu, mas por vezes melhorou e por vezes piorou, e os seus pensamentos expandiram-se ou contraíram-se em conformidade. Quando piorou, pensou apenas na própria dor, e no seu desejo por comida. Quando melhorou, o pânico apoderou-se dele. Houve momentos em que ele previu as coisas que lhe iriam acontecer com tanto realismo que o

[voltar para o índice](#)

seu coração galopou e a sua respiração parou. Sentia os grilhões de ferro esmagando seus cotovelos e tornozelos; se via rastejando pelo chão, gritando por misericórdia com dentes partidos. Mal pensava em Julia. Não conseguia fixar sua mente nela. Ele a amava e não a traía; mas isso era apenas um fato, tão conhecido como ele conhecia as regras da aritmética. Ele não sentia amor por ela, e quase nem se perguntava o que estava acontecendo com ela. Ele pensava mais frequentemente em O'Brien, com uma esperança cintilante. O'Brien poderia saber que tinha sido detido. A Irmandade, ele tinha dito, nunca tentou salvar os seus membros. Mas havia a lâmina de barbear; eles enviariam uma lâmina de barbear se pudessem. Talvez demorasse cinco segundos até que um guarda conseguisse entrar na cela. A lâmina o cortaria com uma frieza ardente, e até os dedos que a segurassem seriam cortados até ao osso. Tudo voltava para o seu corpo doente, que se encolhia com qualquer dorzinha. Ele não tinha a certeza de que usaria a lâmina de barbear, mesmo que tivesse a oportunidade. Era mais natural existir de momento em momento,

[voltar para o índice](#)

aceitando mais dez minutos de vida mesmo com a certeza de que haveria tortura em seu fim.

Por vezes tentou calcular o número de tijolos de porcelana nas paredes da cela. Deveria ter sido fácil, mas ele se perdia na contagem mais cedo ou mais tarde. Mais frequentemente perguntava-se onde estava, e a que horas do dia se encontrava. Em um momento, sentiu a certeza de que estava em plena luz do dia lá fora, e no outro, igualmente certo de que estava escuro como breu. Neste lugar, sabia instintivamente que as luzes nunca seriam apagadas. Era o lugar sem escuridão: ele entendeu agora por que O'Brien parecia reconhecer a alusão. No Ministério do Amor não existiam janelas. A sua cela podia estar no coração do edifício ou contra a sua parede exterior; podia estar dez andares abaixo do solo, ou trinta acima dele. Ele moveu-se mentalmente de lugar em lugar, e tentou determinar pela sensação do seu corpo se estava empoleirado no alto do prédio ou enterrado no subsolo.

[voltar para o índice](#)

Veio um som de botas marchando do lado de fora. A porta de aço abriu-se com um estrondo. Um jovem oficial, com uma aparência impecável com seu uniforme preto que parecia brilhar por todo o lado com o couro bem lustrado, com um rosto pálido e imóvel como uma máscara de cera, pisou elegantemente no batente da porta. Ele sinalizou para os guardas do lado de fora trazerem o prisioneiro que conduziam. O poeta Ampleforth entrou para dentro da cela. A porta fechou-se novamente.

Ampleforth fez um ou dois movimentos incertos de um lado para o outro, como se imaginasse que havia outra porta para sair, e depois começou a vaguear de um lado para o outro da cela. Ele ainda não tinha notado a presença de Winston. Os seus olhos atormentados olhavam para a parede cerca de um metro acima do nível da cabeça de Winston. Estava sem sapatos; dedos dos pés grandes e sujos saíam dos buracos das suas meias. Não fazia a barba há dias. Uma barba rala cobria o seu rosto até as bochechas, dando-lhe um ar arruaceiro que combinava estranhamente com a sua estrutura grande e fraca e seus movimentos nervosos.

[voltar para o índice](#)

Winston saiu um pouco da sua letargia. Ele precisava falar com Ampleforth, e arriscar o grito da teletela. Era concebível que Ampleforth fosse o portador da lâmina de barbear.

**“Ampleforth”**, ele disse.

Não houve nenhum grito da teletela. Ampleforth fez uma pausa, ligeiramente assustado. Os seus olhos focaram Winston lentamente.

**“Ah, Smith!”**, disse ele. **“Você também”!**

**“Porque você está aqui”?**

**“A bem da verdade...”** Ele se sentou desajeitado no banco em frente a Winston. **“Só há uma ofensa, não é?”**, disse.

**“E você a cometeu”?**

**“Aparentemente sim”.**

[voltar para o índice](#)

Pôs uma mão na testa e pressionou suas têmporas por um momento, como se quisesse se lembrar de algo.

*“Estas coisas acontecem”*, ele começou vagamente. *“Conseguí me lembrar de uma ocorrência – uma ocorrência possível. Foi, sem dúvida, uma indiscrição. Estávamos produzindo uma edição definitiva dos poemas de Kipling. Permiti que a palavra ‘Deus’ ficasse no fim de um verso. Não pude evitar”*, acrescentou ele quase indignado, levantando o rosto para olhar para Winston. *“Era impossível mudar o verso. A rima era ‘seus’. Percebe que existem poucas rimas para ‘seus’ em toda a língua? Fiquei dias pensando nisso. Não havia outra rima”*.

A expressão no seu rosto mudou. O aborrecimento passou e, por um momento, ele pareceu quase satisfeito. Uma espécie de calor intelectual, a alegria do pedante que descobriu algum fato inútil, brilhou através da imundice e do cabelo ralo.

[voltar para o índice](#)

*“Alguma vez lhe ocorreu”, disse ele, “que toda a história da poesia inglesa foi determinada pelo fato de faltarem rimas à língua inglesa”?*

Não, esse pensamento em particular nunca tinha ocorrido a Winston. Nem lhe pareceu muito importante ou interessante, dadas as circunstâncias.

*“Sabe que horas são?”*, disse ele.

Ampleforth parecia assustado de novo. *“Mal tinha pensado nisso. Fui preso há dois dias, talvez três”*.

Os seus olhos passearam pelas paredes, como se esperasse encontrar alguma janela. *“Não há diferença entre noite e dia neste lugar. Não vejo como se pode calcular o tempo”*.

Conversaram aleatoriamente por alguns minutos e depois, sem nenhuma razão aparente, um grito da teletela fez com que se calassem. Winston sentou-se em silêncio, com as mãos cruzadas. Ampleforth, grande demais para se sentar confortavelmente no banco estreito, ficou se mexendo de um

[voltar para o índice](#)

lado para o outro, cruzando as mãos ossudas em um joelho, depois no outro. A teletela mandava-lhe ficar quieto. O tempo passou. Vinte minutos, uma hora – era difícil dizer. Mais uma vez houve um som de botas lá fora. As entranhas de Winston contraíram-se. Em breve, muito em breve, talvez em cinco minutos, talvez agora, a marcha de botas significaria que sua vez tinha chegado.

A porta abriu-se. O jovem oficial com a cara fria entrou na cela. Com um breve movimento da mão, ele apontou para Ampleforth.

**“Quarto 101”**, disse ele.

Ampleforth marchou desajeitadamente entre os guardas, o seu rosto vagamente perturbado, mas sem entender.

Passou o que parecia ser muito tempo. A dor na barriga de Winston tinha ressuscitado. Sua mente dava voltas e voltas tentando se enganar, como uma bola caindo sempre nos mesmos buracos. Ele

[voltar para o índice](#)

tinha apenas seis pensamentos. Sua dor de barriga; um pedaço de pão; o sangue e os gritos; O'Brien; Julia; a lâmina de barbear. Outro espasmo passou por suas entranhas: as botas pesadas se aproximavam. Quando a porta se abriu, a onda de ar que ela criou trouxe um poderoso cheiro de suor frio. O Parsons entrou na cela. Estava a usar calções de caqui e uma camisa desportiva.

Desta vez, Winston se assustou tanto que se esqueceu de si mesmo.

**“Você aqui!”**, ele disse.

Parsons olhou Winston sem nenhum interesse ou surpresa, apenas com miséria. Começou a andar de forma nervosa de um lado para o outro, evidentemente incapaz de se manter quieto. Era possível ver seus joelhos rechonchudos tremendo sempre que se endireitava. Os seus olhos estavam bem abertos, como se não pudesse impedi-lo de olhar para algo a meia distância.

[voltar para o índice](#)

*“Por que você está aqui?”*, perguntou Winston.

*“Crime de pensamento!”*, disse Parsons, quase choramingando. O tom da sua voz implicava de imediato uma admissão completa da sua culpa e uma espécie de horror incrédulo que tal palavra poderia ser aplicada a si próprio. Fez uma pausa em frente a Winston e começou a apelar-lhe: *“Você não acha que eles me matariam, não né, meu velho amigo? Eles não atiram contra alguém que não fez nada – apenas pensou, o que nem sempre dá para evitar? Eu sei que eles dão um julgamento justo. Oh, eu confio neles para isso! Eles vão ter meu histórico, não é verdade? Sabem que tipo de indivíduo eu era. Não há nada de ruim no meu caminho. Não era inteligente, claro, mas era perspicaz. Tentei fazer o meu melhor para o Partido, não foi? Vou sair com cinco anos, não acha? Ou mesmo com dez anos? Um rapaz como eu poderia ser bastante útil num campo de trabalho. Não me matariam por ter saído dos trilhos apenas uma vez, né?”*

*“Você é culpado?”*, perguntou Winston.

[voltar para o índice](#)

**“Claro que sou culpado!”**, gritou Parsons com um olhar servil para a teletela. **“Não acha que o Partido iria prender um homem inocente, não é”?** A sua cara de sapo ficou mais calma, e até assumiu uma expressão um pouco hipócrita. **“Crime de pensamento é uma coisa horrorosa, meu velho”**, sentenciou. **“É traiçoeiro. Pode se apoderar de alguém sem que se saiba o que fazer. Sabe como se apoderou de mim? Durante o meu sono! Sim, isso é fato. Lá estava eu, sempre trabalhando, tentando fazer a minha parte, sem nunca saber que havia qualquer coisa ruim na minha cabeça. E então comecei a falar enquanto dormia. Sabe o que me ouviram dizer”?**

Ele abaixou o volume da voz, como alguém que por razões médicas é obrigado a proferir uma obscenidade.

**“Fora Grande Irmão! Foi, foi isso mesmo que eu disse! Disse várias vezes, ao que parece. Aqui entre nós, meu velho, fico contente por terem me apanhado antes disso ir mais longe. Sabe o que vou dizer quando chegar no tribunal? ‘Obrigado’, é isso que**

[voltar para o índice](#)

*vou dizer. ‘Obrigado por terem me salvado antes de ser tarde demais’.*”

*“Quem o denunciou?”*, disse Winston.

*“Foi a minha filhinha”,* disse Parsons, com uma espécie de orgulho triste. *“Ela ouviu no buraco da fechadura. Ouviu o que eu estava dizendo, e vazou para as patrulhas no dia seguinte. Bastante esperto para uma criança de sete anos, né? Não guardo qualquer rancor por isso. Na verdade, estou orgulhoso dela. Mostra que a criei no espírito certo, de qualquer modo”.*

Fez mais alguns movimentos bruscos para cima e para baixo, várias vezes, lançando um olhar de vontade para o vaso sanitário. Depois, de repente, baixou os calções.

*“Me desculpe, meu velho”,* ele disse. *“Não posso evitar. É a espera”.*

[voltar para o índice](#)

Ele atirou o seu grande traseiro para o vaso. Winston cobriu o rosto com as mãos.

**“Smith!”** gritou a voz do teletela. **“6079 Smith W! Descubra o seu rosto. Nenhum rosto coberto nas celas”**.

Winston descobriu o seu rosto. Parsons usou o lavatório, alto e abundantemente. Então descobriram que o botão estava defeituoso e que a cela cheiraria abominavelmente mal durante horas depois.

Parsons foi removido. Mais prisioneiros iam e vinham, misteriosamente. Uma mulher foi levada ao **“Quarto 101”**, e Winston reparou, pareceu murchar e ganhar uma cor diferente quando ouviu as palavras. Chegou uma altura em que, se ele fora trazido para cá de manhã, seria de tarde; ou se tivesse sido de tarde, então seria meia-noite. Havia seis prisioneiros na cela, homens e mulheres. Todos sentados muito quietos. Na frente de Winston estava sentado um homem com uma cara sem queixo e dentes exatamente como a de um roe-

[voltar para o índice](#)

dor grande e inofensivo. As suas bochechas gordas e manchadas estavam inchadas de tal forma que era difícil não acreditar que ele tinha algumas reservas de comida escondidas ali. Os seus olhos cinzentos pálidos fluíam timidamente entre as pessoas e voltavam-se rapidamente quando chamava atenção de alguém.

A porta foi aberta e outro prisioneiro, cuja aparência provocou um arrepio momentâneo em Winston, foi trazido para dentro. Ele era um homem comum, de aparência mesquinha, que poderia ter sido um engenheiro ou técnico de algum tipo. Mas o que era assustador era o emagrecimento do seu rosto. Era como um crânio. Devido à sua magreza, a boca e os olhos pareciam desproporcionalmente grandes, e os olhos pareciam cheios de um ódio fatal e implacável a alguém ou alguma coisa.

O homem sentou-se no banco a uma pequena distância de Winston. Winston não voltou a olhar para ele, mas o rosto atormentado e cego era tão vívido na sua mente como se estivesse na fren-

[voltar para o índice](#)

te dos seus olhos. De repente, percebeu o que estava acontecendo. O homem estava morrendo de fome. O mesmo pensamento parecia ocorrer quase simultaneamente a todos que estavam na cela. Havia uma agitação muito tênue ao redor do banco. Os olhos do homem sem queixo continuavam a atirar-se para o homem com cara de caveira, virando-se com culpa, sendo depois arrastado de volta por uma atração irresistível. Então começou a mexer-se no seu assento. Por fim, levantou-se, se empurrou desajeitadamente pela cela, escavou no bolso do seu macacão e, com um ar abafado, estendeu um pedaço de pão sujo para o homem com cara de crânio.

Ouviram um rugido furioso e ensurdecedor da tela. O homem sem queixo saltou para trás. O homem com cara de crânio tinha rapidamente empurrado as suas mãos atrás das costas, como se demonstrasse para todo o mundo que recusava o presente.

**“Bumstead!”** rugia a voz. **“2713 Bumstead J.! Solte o pedaço de pão!”**.

[voltar para o índice](#)

O homem sem queixo soltou o pedaço de pão no chão.

***“Permaneçam de pé onde estão”, disse a voz. “Fique de frente para a porta. Não façam nenhum movimento”.***

O homem sem queixo obedeceu. As suas grandes bochechas redondas tremiam incontrolavelmente. A porta foi aberta. Quando o jovem oficial entrou e se afastou, surgiu por trás dele um guarda baixo, com braços e ombros enormes. Tomou a sua posição em frente ao homem sem queixo, e depois do sinal do oficial, proferiu um golpe espantoso, com todo o peso do seu corpo atrás dele, em cheio na boca do homem sem queixo. A força do golpe quase o derrubou do chão. O seu corpo foi atirado através da cela até a base do assento do lavatório. Por um momento, deitou-se como se estivesse atordoado, com sangue escuro a escorrer da boca e do nariz. Um gemido ou rangido muito ténue, que parecia inconsciente, saiu de dentro dele. Depois, ele rolou e ergueu-se de forma instável sobre as mãos e os joelhos. Entre uma

[voltar para o índice](#)

corrente de sangue e saliva, as duas metades de uma placa dentária caíram da sua boca.

Os prisioneiros sentaram-se muito quietos, com as mãos cruzadas sobre os joelhos. O homem sem queixo voltou para o seu lugar. A carne de um lado do seu rosto escurecia. A sua boca tinha inchado e se tornado uma massa de cor cereja sem forma, com um buraco negro no meio.

De vez em quando, um pouco de sangue escorria para o seu peito e caía no macacão. Os seus olhos cinzentos ainda olhavam as pessoas, com mais culpa do que nunca, como se estivesse tentando descobrir o quanto os outros o desprezavam pela sua humilhação.

A porta abriu-se. Com um pequeno gesto, o oficial indicou o homem com cara de crânio.

**“Quarto 101”**, disse ele.

[voltar para o índice](#)

Havia um suspiro e uma comoção ao lado de Winston. O homem tinha se atirado de joelhos ao chão, com a mão juntas.

**“Camarada! Oficial!”**, ele gritou. **“Não precisa mais me levar para aquele lugar! Não contei tudo? O que mais você quer saber? Não há nada que eu não confessaria, nada! Basta me dizer o que é e eu confesso logo. Escreva qualquer coisa que eu assino! Qualquer coisa! Só não me leve mais para o quarto 101!”**

**“Quarto 101”**, disse o oficial.

O rosto do homem, já muito pálido, ficou com uma cor que Winston não teria acreditado ser possível. Era definitivamente, incontestavelmente, uma tonalidade de verde.

**“Façam qualquer coisa comigo!”**, gritou ele. **“Estou passando fome há semanas. Acabem com isso logo e me matem de uma vez. Me matem. Me enforcem. Uma sentença de vinte e cinco anos. O que mais querem de mim? Me digam de uma vez que confesso o**

[voltar para o índice](#)

*que quiserem. Não me interessa com quem ou o quê. Eu tenho mulher e três filhos. O maior deles não tem seis anos de idade. Pode pegar todos eles e cortar suas gargantas na minha frente, vou ficar olhando. Tudo menos o Quarto 101”!*

*“Quarto 101”, disse o oficial.*

O homem olhou freneticamente para os outros prisioneiros, como se tivesse alguma ideia de como poderia colocar outra vítima no seu próprio lugar. Os seus olhos assentaram na cara esmagada do homem sem queixo. Ele atirou para fora um braço magro.

*“É ele que vocês deveriam levar, não eu!”*, ele gritou. *“Não ouviram o que ele disse depois de terem batido nele. Me deem uma oportunidade e eu vou dizer cada palavra. É ele que está contra o Partido, não eu”*. Os guardas deram um passo em frente. A voz do homem subiu a um grito: *“Não o ouviram!”*, repetiu. *“Teve algum problema na teletela. É ele que vocês querem. Levem ele, não eu”!*

[voltar para o índice](#)

Os dois guardas robustos tinham-se inclinado para o levar pelos braços. Mas, neste momento, ele atirou-se pelo chão da cela e agarrou uma das pernas de ferro que suportava o banco. Ele emitia um uivo sem palavras, como um animal. Os guardas apoderaram-se dele para o soltarem, mas ele agarrou-se com uma força espantosa. Ele foi puxado durante cerca de vinte segundos. Os prisioneiros sentaram-se em silêncio, com as mãos cruzadas nos joelhos, olhando diretamente para a sua frente. O uivo parou; o homem já não tinha fôlego para nada, exceto para se agarrar. Depois houve um tipo diferente de grito. Um pontapé da bota de um guarda tinha partido os dedos de uma das suas mãos. Arrastaram-no para os seus pés.

**“Quarto 101”**, disse o oficial.

O homem foi conduzido para fora, caminhando de forma instável, com a cabeça afundada, apertando a sua mão esmagada, e toda a energia para lutar tinha saído dele.

[voltar para o índice](#)

Passou muito tempo. Se tinha sido meia-noite quando o homem com cara de crânio foi levado, era de manhã: se fora de manhã, era de tarde. Winston estava sozinho, e ficara sozinho durante horas. A dor de ficar sentado no banco estreito era tanta que muitas vezes se levantava e andava por ali, sem ser refutado pela teletela. O pedaço de pão ainda estava onde o homem sem queixo o tinha soltado. No início, precisava de um esforço grande para não olhar para ele, mas eventualmente a fome deu lugar à sede. A sua boca era pegajosa e tinha um gosto ruim. O zumbido e a luz branca invariável induziram uma espécie de desmaio, uma sensação de vazio dentro da sua cabeça. Ele levantava-se porque a dor nos seus ossos já não era suportável, e quase imediatamente se sentava de novo porque estava demasiado tonto para conseguir se manter de pé. Sempre que as suas sensações físicas estavam um pouco sob controle, o terror voltava. Por vezes, com uma esperança desvanecida, ele pensava em O'Brien e na lâmina de barbear. Era de pensar que a lâmina de barbear poderia chegar escondida na sua comida, se ele alguma vez fosse

[voltar para o índice](#)

alimentado. Mais vagamente ele pensava em Julia. Em algum lugar ou outro, ela estava sofrendo, talvez mais do que ele. Ela poderia estar gritando de dor neste momento. Ele pensou: “Se eu pudesse salvar Julia duplicando a minha própria dor, será que o faria? Faria”. Mas essa foi apenas uma decisão intelectual, tomada porque ele sabia que devia tomá-la. Ele não a sentiu. Neste lugar não se podia sentir nada, exceto dor e presciência de dor. Além disso, era possível, quando se estava realmente a sofrer, desejar, por qualquer razão, que a sua própria dor aumentasse? Mas ainda não tinha resposta para esta pergunta.

As botas se aproximavam de novo. A porta foi aberta. O'Brien entrou.

Winston começou a se levantar. O choque da visão tinha afastado dele toda a cautela. Pela primeira vez em muitos anos, ele esqueceu-se da presença da teletela.

**“Eles também te apanharam!”**, chorou ele.

[voltar para o índice](#)

**“Me apanharam há muito tempo”**, disse O’Brien com uma ironia suave, quase arrependida. Ele se afastou. Por trás dele emergiu um guarda de peito largo com um longo cassetete preto na mão.

**“Você sabia, Winston”**, disse O’Brien. **“Não se engane. Você sabia – você sempre soube”**.

Sim, ele agora percebia, ele sempre soube. Mas não havia tempo para pensar nisso. Ele só conseguia olhar para o cassetete na mão do guarda. Ele podia acertar qualquer lugar, na cabeça, na ponta da orelha, na parte superior do braço, no cotovelo...

O cotovelo! Caiu de joelhos, quase paralisado, apertando o cotovelo com a outra mão. Tudo tinha explodido em luz amarela. Inconcebível, era inconcebível que um golpe pudesse causar tanta dor! A luz clareava e ele podia ver os outros dois olhando para ele. O guarda estava rindo das suas contorções. Uma pergunta, de qualquer modo, foi respondida. Nunca, por qualquer razão na Terra, se poderia desejar mais dor. Só se podia desejar

[voltar para o índice](#)

uma coisa: que a dor parasse. Nada no mundo era tão ruim como a dor física. Perante a dor não há heróis, nenhum herói, pensou repetidamente enquanto se retorcia no chão, agarrado inutilmente ao seu braço esquerdo inutilizado.

[voltar para o índice](#)

# capítulo 2



**E**le estava deitado em algo que parecia uma cama de acampamento, exceto que não estava encostada no chão e ele estava preso de alguma forma para que não pudesse se mover. Uma luz que parecia mais forte do que o habitual caia sobre o seu rosto. O'Brien estava de pé ao seu lado, olhando para ele atentamente. Do outro lado dele estava um homem com uma capa branca, segurando uma seringa hipodérmica.

Mesmo depois de os seus olhos estarem abertos, ele entendeu onde estava apenas gradualmente. Tinha a impressão de ter nadado para esta sala de um mundo bastante diferente, uma espécie de mundo subaquático abaixo dele. Há quanto tempo estava lá em baixo ele não sabia. Desde o momento em que o prenderam, ele não tinha visto nem a escuridão da noite nem a luz do dia. Além disso, as suas memórias não eram contínuas. Houve alturas em que a consciência, mesmo o tipo de consciência que se tem no sono, tinha quase morrido e recomeçado após um intervalo em branco. Mas se os intervalos eram dias, semanas ou apenas segundos, não tinha como saber.

[voltar para o índice](#)

O pesadelo tinha começado com aquele primeiro golpe no cotovelo. Mais tarde, ele iria perceber que tudo o que então aconteceu foi apenas um interrogatório preliminar, um interrogatório de rotina ao qual quase todos os prisioneiros eram sujeitos. Houve um longo leque de crimes – espionagem, sabotagem e afins – os quais todos tiveram de confessar, como era óbvio. A confissão era uma formalidade, embora a tortura fosse real. Quantas vezes tinha sido espancado, durante quanto tempo os espancamentos tinham continuado, não conseguia lembrar. Havia sempre cinco ou seis homens de uniforme preto batendo nele simultaneamente. Às vezes era com os próprios punhos, às vezes eram com bastões, às vezes com varas de aço, às vezes com botas. Houve momentos em que ele rolou pelo chão, tão sem vergonha como um animal, torcendo o seu corpo de uma forma que, num esforço sem fim e sem esperança de se esquivar aos pontapés, simplesmente convidava mais e ainda mais pontapés, nas suas costelas, na barriga, nos cotovelos, nas canelas, na virilha, nos testículos, no osso na base da coluna vertebral. Houve mo-

[voltar para o índice](#)

mentos em que isso continuava por tanto tempo que a coisa mais cruel, perversa e imperdoável lhe parecia ser não que os guardas continuassem a bater-lhe, mas que ele não podia forçar a si próprio a perder a consciência. Houve momentos em que a sua coragem o abandonou de tal forma que ele começou a gritar por misericórdia mesmo antes do início do espancamento, quando a simples visão de um punho puxado para trás para proferir um golpe era suficiente para o fazer derramar uma confissão de crimes reais e imaginários. Houve outros momentos em que ele começou com a determinação de não confessar nada, em que cada palavra tinha de ser forçada a sair dele entre arfadas de dor, e houve momentos em que ele tentou fracassar, quando disse a si próprio: ***“Vou confessar, mas ainda não o fiz. Devo aguentar até que a dor se torne insuportável. Mais três pontapés, mais dois pontapés, e depois digo o que quiserem”***. Por vezes foi espancado até mal poder ficar de pé, depois atirado como um saco de batatas para o chão de pedra de uma cela, deixado para se recuperar durante algumas horas, e depois levado para fora

[voltar para o índice](#)

e espancado novamente. Houve também períodos mais longos de recuperação. Lembrava-se deles vagamente, porque eram passados principalmente em sono ou estupor. Lembrava-se de uma cela com uma cama de tábuas, uma espécie de prateleira que se destacava da parede, e um lavatório de latão, e refeições de sopa quente e pão e, por vezes, café. Lembrava-se de um barbeiro rude que chegava para raspar o queixo e cortar-lhe o cabelo, e de homens quase burocráticos, insensíveis, de casacos brancos, a sentir o seu pulso, a bater os seus reflexos, a virar-lhe as pálpebras, a passar-lhe por cima dedos duros em busca de ossos partidos, e a injetar agulhas para dentro de seu braço para o fazer dormir.

Os espancamentos tornaram-se menos frequentes, e tornaram-se principalmente uma ameaça, um horror ao qual podia ser enviado de volta a qualquer momento se suas respostas fossem insatisfatórias. Os seus interrogadores não eram agora rufiões de uniformes pretos, mas sim intelectuais do Partido, pequenos homens com mo-

[voltar para o índice](#)

vimentos rápidos e óculos cintilantes, que se revezavam para trabalhar nele em períodos que duravam – era sua impressão, não tinha como ter certeza – dez ou doze horas. Estes interrogadores cuidavam para que ele sempre sentisse uma dor ligeira, mas não era sobretudo da dor que eles dependiam. Bateram-lhe no rosto, torceram-lhe as orelhas, puxaram-lhe o cabelo, fizeram-no ficar de pé numa perna, recusaram-no a urinar, brilharam-lhe luzes brilhantes no rosto até que lágrimas corressem de seus olhos; mas o objetivo disto era simplesmente humilhá-lo e destruir o seu poder de argumentação e raciocínio. A sua verdadeira arma era o questionamento impiedoso que continuava, hora após hora, tropeçando-o, colocando armadilhas para ele, torcendo tudo o que ele dizia, condenando-o a cada passo de mentiras e autocontradição até que começou a chorar tanto de vergonha como de fadiga nervosa. Por vezes, chorava meia dúzia de vezes numa única sessão. A maior parte das vezes gritavam-lhe abusos e ameaçavam a cada hesitação em entregá-lo novamente aos guardas; mas por vezes

[voltar para o índice](#)

mudavam subitamente de tom, chamavam-lhe camarada, apelavam-lhe em nome do Socing e do Grande Irmão, e perguntavam-lhe dolorosamente se ainda agora não tinha lealdade suficiente ao Partido para o fazer desejar desfazer o mal que tinha feito. Quando os seus nervos estavam em farrapos após horas de interrogatório, mesmo este apelo poderia reduzi-lo a lágrimas chorosas. No final, as vozes incômodas acabaram por derrubá-lo mais completamente do que as botas e os punhos dos guardas. Tornou-se simplesmente uma boca que proferia, uma mão que assinava, o que quer que lhe fosse exigido. A sua única preocupação era descobrir o que eles queriam que ele confessasse, e depois confessar rapidamente, antes que o bullying começasse de novo. Confessou o assassinato de eminentes membros do Partido, a distribuição de panfletos sediciosos, desvio de fundos públicos, venda de segredos militares, sabotagem de todo o tipo. Confessou ter sido um espião pago pelo governo da Lestásia já em 1968. Confessou que era um crente religioso, um admirador do capitalismo e um pervertido sexual. Confessou que tinha as-

[voltar para o índice](#)

sassinado a sua mulher, embora soubesse, e os seus interrogadores devem ter sabido, que a sua mulher ainda estava viva. Confessou que durante anos tinha estado em contato pessoal com Goldstein e que tinha sido membro de uma organização subterrânea que incluía quase todos os seres humanos que tinha conhecido. Era mais fácil confessar tudo e implicar todo mundo. Além disso, de certo modo, era tudo verdade. Era verdade que ele tinha sido inimigo do Partido, e aos olhos do Partido não havia distinção entre o pensamento e a escritura.

Winston também tinha memórias de outro tipo. Elas se destacavam em sua mente de forma desconexa, obscurecidas como imagens à sua volta.

Ele estava numa cela que poderia ter sido escura ou clara, porque não conseguia ver nada, exceto um par de olhos. Perto de si, algum tipo de instrumento fazia um tique-taque lento e regular. Os olhos cresceram, se tornando maiores e mais luminosos. De repente, flutuou do seu assento, mergulhou nos olhos, e foi engolido.

[voltar para o índice](#)

Foi amarrado a uma cadeira rodeado por relógios medidores, sob luzes deslumbrantes. Um homem de casaco branco lia os relógios. O ruído de botas marchando vinha lá de fora. A porta estava aberta. O oficial de cara encerada entrou, seguido de dois guardas.

**“Quarto 101”**, disse o oficial.

O homem de casaco branco não se virou. Ele também não olhou para Winston; estava olhando apenas os mostradores.

Estava rolando por um corredor gigantesco, com um quilômetro de largura, inundado por uma luz gloriosa e dourada, rugindo com risos e gritando confissões com toda a sua voz. Confessava tudo, mesmo as coisas que tinha conseguido reter sob a tortura. Estava a relatar toda a história da sua vida a uma audiência que já a conhecia. Com ele estavam os guardas, os outros interrogadores, os homens de casacos brancos, O’Brien, Julia, Sr. Charrington, todos rolavam juntos pelo corredor

[voltar para o índice](#)

e gritavam com gargalhadas. Alguma coisa terrível que tinha ficado embutida no futuro tinha, de alguma forma, sido ignorada e não tinha acontecido. Tudo estava bem, não havia mais dor, o último pormenor da sua vida foi posto a nu, compreendido, perdoado.

Ele se levantava de seu leito na tábua com uma quase certeza de ter ouvido a voz de O'Brien. Durante todo o seu interrogatório, embora nunca o tivesse visto, tinha tido a sensação de que O'Brien estava ali, mesmo fora de vista. Era O'Brien que estava a dirigir tudo. Foi ele que colocou os guardas em Winston e que os impediu de o matarem. Foi ele quem decidiu quando Winston deveria gritar de dor, quando deveria ter um descanso, quando deveria ser alimentado, quando deveria dormir, quando as drogas deveriam ser injetadas em seu braço. Foi ele quem fez as perguntas e sugeriu as respostas. Era ele o atormentador, era ele o protetor, era ele o inquisidor, era ele o amigo. E uma vez – Winston não se lembrava se estava em sono drogado, ou em sono normal, ou mesmo num mo-

[voltar para o índice](#)

mento de vigília – uma voz murmurava no seu ouvido: **“Não se preocupe, Winston; estou cuidando de você. Há sete anos que te vigio. Chegou a hora da reviravolta. Vou te salvar, vou fazer com que seja perfeito”**. Ele não tinha a certeza se era a voz de O’Brien; mas era a mesma voz que lhe tinha dito: **“Vamos nos encontrar no lugar onde não há escuridão”**, nesse outro sonho, há sete anos atrás.

Ele não se lembrava de nenhum final para o seu interrogatório. Houve um período de escuridão e depois a cela, ou quarto, no qual ele agora se tinha materializado gradualmente à sua volta. Estava quase deitado de costas, e incapaz de se mexer. O seu corpo estava preso em todos os pontos essenciais. Mesmo a parte de trás da sua cabeça foi segurada de alguma forma. O’Brien olhava para ele gravemente e com alguma tristeza. O seu rosto, visto de baixo, parecia grosseiro e desgastado, com bolsas debaixo dos olhos e linhas cansadas desde o nariz até ao queixo. Era mais velho do que Winston pensava; tinha talvez quarenta e oito ou cinquenta anos. Sob a sua mão havia um mostrador com uma alavanca em cima e números ao redor.

[voltar para o índice](#)

**“Eu te disse”**, disse O’Brien, **“que se voltássemos a nos encontrar, seria aqui”**.

**“Disse”**, afirmou Winston.

Sem qualquer aviso exceto um pequeno movimento da mão de O’Brien, uma onda de dor inundou o corpo de Winston. Foi uma dor assustadora, porque ele não conseguia ver o que estava acontecendo, e tinha a sensação de que lhe infligiam um ferimento mortal. Ele não sabia se a coisa estava realmente acontecendo, ou se o efeito era produzido eletricamente; mas o seu corpo estava sendo arrancado de sua forma, as articulações eram dilaceradas lentamente. Embora sua testa estivesse suada de tanta dor, o pior era o medo de que sua espinha dorsal estivesse prestes a estalar. Ele apertou os dentes e respirou com força pelo nariz, tentando manter-se em silêncio o máximo de tempo possível.

**“Você tem medo”**, disse O’Brien, observando o seu rosto, **“de que algo vai quebrar da próxima vez. O**

[voltar para o índice](#)

*seu medo principal é que ele seja a sua espinha dorsal. Tem uma imagem mental viva das vértebras a se partindo e o fluido espinhal escorrendo para fora delas. É isso que está pensando, não é, Winston”?*

Winston não respondeu. O’Brien puxou novamente a alavanca. A onda de dor recuou quase tão rapidamente como tinha vindo.

*“Isso foi quarenta”, disse O’Brien. “Você pode ver que os números do mostrador chegam a cem. Lembre que, ao longo da nossa conversa, tenho o poder de infligir dor em você em qualquer momento e em qualquer grau que eu escolha. Se me disser alguma mentira, ou tentar se prevaricar de alguma forma, ou mesmo cair abaixo do seu nível habitual de inteligência, irá gritar de dor, instantaneamente. Compreende isso?”*

*“Sim”, disse Winston.*

O’Brien ficou menos severo. Ele ajustou os seus óculos pensativamente, e andou um pouco de um

[voltar para o índice](#)

lado para o outro. Quando ele falou, a sua voz foi gentil e paciente. Tinha o ar de um médico, um professor, até mesmo um padre, ansioso por explicar e persuadir em vez de punir.

*“Estou tendo problemas com você, Winston”, disse, “porque você vale a pena. Você sabe muito bem qual é o seu problema. Já o sabe há anos, embora tenha lutado contra essa consciência. Está louco. Sofre de uma memória defeituosa. É incapaz de se lembrar de acontecimentos reais e se convence de que se lembra de acontecimentos que nunca aconteceram. Felizmente, é curável. Não conseguiu se curar sozinho porque não optou por isso. Era necessário um pequeno esforço da vontade que não estava preparado para fazer. Mesmo agora, estou bem ciente, agarra-se à sua doença com a impressão de que se trata de uma virtude. Agora vamos tomar um exemplo. Neste momento, a Oceania está em guerra com que país”?*

*“Quando fui preso, a Oceania estava em guerra com Lestásia”.*

[voltar para o índice](#)

*“Com a Lestásia. Ótimo. E a Oceania sempre esteve em guerra com a Lestásia, não é verdade”?*

Winston suspirou. Ele abriu a boca para falar e depois não falou. Ele não conseguiu tirar os olhos do mostrador.

*“A verdade, por favor, Winston. A sua verdade. Diga o que você pensa se lembrar”.*

*“Me lembro que até uma semana antes de eu ser preso, não estávamos em guerra com a Lestásia de jeito nenhum. Tínhamos uma aliança com eles. A guerra era contra a Eurásia. Isso tinha durado quatro anos. Antes disso...”*

O'Brien parou-o com um movimento da mão.

*“Outro exemplo”, disse ele. “Há alguns anos, você teve de fato uma ilusão muito grave. Acreditava que três homens, três membros do Partido chamados Jones, Aaronson, e Rutherford, homens que foram executados por traição e sabotagem depois de te-*

[voltar para o índice](#)

*rem feito a confissão mais completa possível – não eram culpados dos crimes de que foram acusados. Acreditava ter visto provas documentais inequívocas provando que as suas confissões eram falsas. Você tinha tido até uma alucinação com uma foto. Acreditava tê-la de fato nas suas mãos. Era uma fotografia parecida com esta”.*

O'Brien segurava um pedaço comprido de jornal entre os dedos, deixando-o dentro do ângulo de visão de Winston por cerca de cinco segundos. Era uma fotografia, e não havia qualquer questão sobre a sua identidade. Era a fotografia. Era outra cópia da fotografia de Jones, Aaronson, e Rutherford na festa em Nova Iorque, que ele tinha conseguido obter há onze anos e destruído prontamente. Ele a vira por apenas alguns instantes, e depois já a colocara fora de sua vista. Mas ele a tinha visto, tinha visto sem dúvida alguma! Fez um esforço desesperado e agonizante para libertar a metade superior do seu corpo. Era impossível mover-se mais do que um centímetro em qualquer direção. Por um instante, tinha esquecido até do mostra-

[voltar para o índice](#)

dor. Tudo o que ele queria era segurar a fotografia nos seus dedos novamente, ou pelo menos vê-la.

**“Ela existe!”**, gritou.

**“Não”**, disse O’Brien.

Ele atravessou a sala. Havia um buraco de memória na parede oposta. O’Brien levantou a grade. Sem ser visto, o frágil pedaço de papel estava girando sobre a corrente de ar quente; estava desaparecendo num clarão de chamas. O’Brien se virou para longe da parede.

**“Cinzas”**, disse ele. **“Nem sequer cinzas identificáveis. Poeira. Não existe. Nunca existiu”**.

**“Mas existiu! Existiu, sim! Existe na memória. Eu me lembro. Você se lembra”**.

**“Eu não me lembro”**, disse O’Brien.

[voltar para o índice](#)

O coração de Winston se afundou. Isso o fez pensar duas vezes. Ele tinha um sentimento de impotência mortal. Se ele pudesse ter a certeza de que O'Brien estava mentindo, isso não teria parecido importar. Mas era perfeitamente possível que O'Brien tivesse realmente esquecido a fotografia. E se fosse assim, então ele já teria esquecido a sua negação de se lembrar dela, e esquecido o ato de esquecer. Como se podia ter a certeza de que era um simples truque? Talvez esse deslocamento lunático na mente pudesse realmente acontecer: foi esse o pensamento que o derrotou.

O'Brien estava olhando para ele de forma especulativa. Mais do que nunca, ele tinha o ar de um professor sofrendo com uma criança voluntariosa, mas promissora.

***“Há um slogan do Partido que trata do controle do passado”, disse ele. “Repita comigo, por gentileza”.***

***“Quem controla o passado controla o futuro: quem controla o presente controla o passado”, repetiu Winston obedientemente.***

[voltar para o índice](#)

*“Quem controla o presente controla o passado”, disse O’Brien, acenando com a cabeça com aprovação lenta. “É a sua opinião, Winston, que o passado tem existência real”?*

Mais uma vez, o sentimento de impotência desceu sobre Winston. Os seus olhos miraram o mostrador. Ele não só não sabia se o *“sim”* ou *“não”* era a resposta que o salvaria da dor; ele nem sequer sabia qual a resposta que acreditava ser a verdadeira.

O’Brien sorriu fracamente. *“Você não é um metafísico, Winston”, disse ele. “Até este momento, você nunca tinha considerado o que significa a existência. Vou colocar a questão de forma mais precisa. Será que o passado existe concretamente, no espaço? Existe algum lugar ou um outro lugar, um mundo sólido, onde o passado está acontecendo”?*

*“Não”.*

*“Então onde existe o passado, se é que existe”?*

[voltar para o índice](#)

*“Em registros. Está anotado”.*

*“Em registros. E...”?*

*“Na mente. Nas memórias humanas”.*

*“Na memória. Muito bem, então. Nós, o Partido, controlamos todos os registros, e controlamos todas as memórias. Então, controlamos o passado, não é verdade”?*

*“Mas como se pode impedir as pessoas de se lembrarem das coisas?”, gritou Winston novamente, esquecendo momentaneamente o mostrador. “É involuntário. Está fora do controle. Como é que se pode controlar a memória? Você não controlou a minha”.*

O'Brien se tornou austero de novo. Ele colocou a sua mão no mostrador.

*“Pelo contrário”, disse ele, “você não a controlou. Foi isso que o trouxe até aqui. Você está aqui porque*

[voltar para o índice](#)

*falhou na humildade, na autodisciplina. Não fez o ato de submissão, que é o preço da sanidade. Preferiu ser um lunático, uma minoria de um. Só a mente disciplinada pode ver a realidade, Winston. Acredita que a realidade é algo objetivo, externo, que existe por direito próprio. Acredita também que a natureza da realidade é autoevidente. Quando se ilude a pensar que se vê algo, presume-se que todos os outros veem a mesma coisa que você. Mas eu digo-lhe, Winston, que a realidade não é externa. A realidade existe na mente humana, e em nenhum outro lugar. Não na mente individual, que pode cometer erros, e que em qualquer caso em breve perecerá; apenas na mente do Partido, que é coletiva e imortal. O que quer que o Partido considere ser a verdade, é a verdade. É impossível ver a realidade a não ser olhando através dos olhos do Partido. É o fato que você tem que reaprender, Winston. É preciso um ato de autodestruição, um esforço da vontade. Tem de se humilhar antes de se poder ficar são”.*

Fez uma pausa de alguns momentos, como se permitisse que o que falara entrasse em Winston.

[voltar para o índice](#)

*“Você se lembra”, prosseguiu, “de ter escrito em seu diário que a liberdade é a liberdade de dizer que dois mais dois são quatro”?*

*“Sim”, disse Winston.*

O'Brien ergueu a mão esquerda, de costas para Winston, com o polegar escondido e os quatro dedos estendidos.

*“Quantos dedos estou segurando, Winston”?*

*“Quatro”.*

*“E se o Partido disser que não são quatro, mas cinco – então quantos dedos são”?*

*“Quatro”.*

A palavra terminou com um suspiro de dor. A agulha do mostrador tinha disparado até cinquenta e cinco. O suor tinha saltado por todo o corpo de Winston. O ar rasgou-lhe os pulmões e voltou a

[voltar para o índice](#)

emitir em gemidos profundos que, mesmo apertando os dentes, não conseguiu parar. O'Brien observou-o, os quatro dedos ainda estendidos. Ele puxou a alavanca para trás. Desta vez, a dor foi aliviada apenas ligeiramente.

**“Quantos dedos, Winston”?**

**“Quatro”.**

A agulha subiu para sessenta.

**“Quantos dedos, Winston”?**

**“Quatro! Quatro! O que mais posso dizer? Quatro”!**

A agulha deve ter ressuscitado, mas ele não olhou para ela. O rosto pesado e austero e os quatro dedos encheram a sua visão. Os dedos levantaram-se diante dos seus olhos como pilares, enormes, desfocados e parecendo vibrar, mas inconfundivelmente quatro.

[voltar para o índice](#)

*“Quantos dedos, Winston”?*

*“Quatro! Pare com isso, pare! Como pode continuar? Quatro! Quatro”!*

*“Quantos dedos, Winston”?*

*“Cinco! Cinco! Cinco”!*

*“Não, Winston, isso não serve de nada. Está mentindo. Ainda pensa que são quatro. Quantos dedos, por favor”?*

*“Quatro! Cinco! Quatro! Quantos quiser. Apenas pare, pare a dor”!*

Abruptamente, ele estava sentado com o braço de O’Brien sob seus ombros. Ele deve ter perdido a consciência durante alguns segundos. Os laços que tinham mantido o seu corpo preso foram afrouxados. Sentiu muito frio, tremia incontrolavelmente, os seus dentes estavam batendo, as lágrimas rolavam pelas suas bochechas. Por um momento

[voltar para o índice](#)

agarrou-se a O'Brien como um bebê, curiosamente confortado pelo braço pesado à volta dos seus ombros. Tinha a sensação de que O'Brien era o seu protetor, que a dor era algo que vinha de fora, de alguma outra fonte, e que era O'Brien que o salvaria dela.

***“Você aprende devagar, Winston”***, disse O'Brien gentilmente.

***“Como posso não ver?”***, ele choramingou. ***“Como posso não ver o que está diante dos meus olhos? Dois e dois são quatro”***.

***“Às vezes, Winston. Às vezes são cinco. Às vezes, são três. Às vezes são todos de uma só vez. Você tem de se esforçar mais. Não é fácil ficar são”***.

Ele deitou Winston na cama. Voltou a prendê-lo, mas a dor tinha diminuído e os tremores tinham parado, deixando-o apenas fraco e frio. O'Brien acenou com a cabeça para o homem de casaco branco, que tinha ficado imóvel durante todo o

[voltar para o índice](#)

procedimento. O homem de casaco branco inclinou-se e olhou atentamente nos olhos de Winston, sentiu o seu pulso, encostou uma orelha ao peito, bateu aqui e ali, depois acenou com a cabeça a O'Brien.

**“Mais uma vez”, disse O'Brien.**

A dor fluiu pelo corpo de Winston. A agulha deve estar a setenta, setenta e cinco. Desta vez, ele tinha fechado os olhos. Ele sabia que os dedos ainda lá estavam, e ainda quatro. Tudo o que importava era de alguma forma permanecer vivo até que o espasmo terminasse. Ele tinha deixado de reparar se estava gritando ou não. A dor voltou a diminuir. Ele abriu os olhos. O'Brien tinha puxado a alavanca para trás.

**“Quantos dedos, Winston”?**

**“Quatro. Suponho que sejam quatro. Eu veria cinco, se pudesse. Estou tentando ver cinco”.**

[voltar para o índice](#)

*“O que você quer: me convencer que está vendo cinco ou realmente vê-los”?*

*“Realmente vê-los”.*

*“Mais uma vez”*, disse O’Brien.

Talvez a agulha estivesse em oitenta – noventa. Winston não conseguia lembrar intermitentemente por que a dor estava acontecendo. Atrás das suas pálpebras estragadas, uma floresta de dedos parecia mover-se numa espécie de dança, entrando e saindo, desaparecendo uns atrás dos outros e reaparecendo novamente. Ele estava tentando contá-los, não conseguia lembrar-se por quê. Ele sabia apenas que era impossível contá-los, e que isto se devia de alguma forma à misteriosa identidade entre cinco e quatro. A dor voltou a diminuir. Quando abriu os olhos foi para descobrir que ainda estava a ver a mesma coisa. Inúmeros dedos, como árvores em movimento, continuavam a passar em qualquer direção, atravessando e recrutando. Ele fechou novamente os olhos.

[voltar para o índice](#)

*“Quantos dedos estou segurando, Winston”?*

*“Não sei. Não sei. Vai me matar se continuar fazendo isso. Quatro, cinco, seis – com toda honestidade, não sei”.*

*“Melhor”*, disse O’Brien.

Uma agulha deslizou para o braço de Winston. Quase no mesmo instante, um calor curativo e feliz espalhou-se por todo o seu corpo. A dor já estava meio esquecida. Ele abriu os olhos e olhou com gratidão para O’Brien. Ao ver o rosto pesado e forrado, tão feio e tão inteligente, o seu coração parecia novo. Se ele pudesse ter-se mexido, teria estendido uma mão e a colocado no braço de O’Brien. Ele nunca o tinha amado tão profundamente como neste momento, e não apenas porque a dor tinha parado. A velha sensação de que não importava se O’Brien era um amigo ou um inimigo tinha voltado. O’Brien era uma pessoa com quem se podia falar. Talvez não quisesse tanto ser amado, mas sim ser compreendido. O’Brien ti-

[voltar para o índice](#)

nha-o torturado até à beira da loucura, e dentro de pouco tempo, era certo, o mataria. Isso não fazia diferença. Num sentido que ia mais fundo que a amizade, eles eram íntimos: em algum lugar ou outro, embora as palavras reais nunca pudessem ser ditas, havia um lugar onde podiam se encontrar e falar. O'Brien estava olhando para ele com uma expressão que sugeria que o mesmo pensamento poderia estar na sua própria mente. Quando ele falava, era num tom fácil e coloquial.

*“Você sabe onde está, Winston?”*, disse ele.

*“Não sei. Mas posso adivinhar. No Ministério do Amor”*.

*“Você sabe há quanto tempo está aqui”?*

*“Não sei. Dias, semanas, meses – imagino que são meses”*.

*“E por que imagina que trazemos pessoas a este lugar”?*

[voltar para o índice](#)

*“Para fazê-las confessar”.*

*“Não, essa não é a razão. Tente novamente”.*

*“Para as castigar”.*

*“Não!”, exclamou O’Brien. A sua voz tinha mudado extraordinariamente, e o seu rosto tinha-se tornado subitamente austero e animado. “Não! Não apenas para extrair a sua confissão, não para castigar. Devo dizer para você por que o trouxemos aqui? Para te curar! Para te trazer para a sanidade! Você compreende, Winston, que nunca ninguém que trazemos para este lugar deixa as nossas mãos incólumes? Não estamos interessados naqueles crimes estúpidos que você cometeu. O Partido não está interessado no ato manifesto: o pensamento é tudo o que nos interessa. Não nos limitamos a destruir os nossos inimigos, nós mudamos nossos inimigos. Entende o que quero dizer com isso”?*

Ele estava se inclinando sobre Winston. O seu rosto parecia enorme por causa da sua proximidade,

[voltar para o índice](#)

e horrivelmente feio porque era visto de baixo. Além disso, estava cheio de uma espécie de exaltação, uma intensidade lunática. Mais uma vez o coração de Winston encolheu. Se tivesse sido possível, ele ter-se-ia acobardado mais profundamente na cama. Ele tinha certeza de que O'Brien estava prestes a torcer o mostrador por pura falta de vontade. Neste momento, contudo, O'Brien se recusou a fazê-lo. Deu um ou dois passos de um lado para o outro. Depois continuou com menos veemência:

*“A primeira coisa que você precisa compreender é que neste lugar não há martírios. Já leu sobre as perseguições religiosas do passado. Na Idade Média, houve a Inquisição. Foi um fracasso. Propôs-se erradicar a heresia, e acabou perpetuando-a. Por cada herege que ardia na fogueira, milhares de outros se ergueram. Por quê? Porque a Inquisição matou os seus inimigos ao ar livre, e matou-os enquanto ainda não se arrependiam: de fato, eles eram mortos porque não se arrependiam. Os homens morriam porque não abandonavam as suas verdadei-*

[voltar para o índice](#)

ras crenças. Naturalmente, toda a glória pertencia à vítima e toda a vergonha ao inquisidor que o queimou. Mais tarde, no século XX, houve os totalitaristas, como eram chamados. Havia os nazistas alemães e os comunistas russos. Os russos perseguiram a heresia de forma mais cruel do que a Inquisição tinha feito. E imaginavam que tinham aprendido com os erros do passado; sabiam, de qualquer forma, que não se deve fazer mártires. Antes de exporem as suas vítimas a um julgamento público, eles propuseram-se deliberadamente a destruir a sua dignidade. Desgastaram-nas com tortura e solidão até que foram desprezíveis, desgraçados, confessando tudo o que lhes foi posto na boca, cobrindo-se de abusos, acusando-se e abrigando-se uns atrás dos outros, queixando-se de misericórdia. No entanto, passados apenas alguns anos, a mesma coisa tinha acontecido de novo. Os mortos tinham-se tornado mártires e a sua degradação tinha sido esquecida. Mais uma vez, por que? Em primeiro lugar, porque as confissões que tinham feito foram obviamente extorquidas e falsas. Não cometemos erros desse tipo. Todas as confissões que aqui são proferidas

[voltar para o índice](#)

*são verdadeiras. Nós fazemos com que sejam verdadeiras. E acima de tudo não permitimos que os mortos se levantem contra nós. Você deve deixar de imaginar que a posteridade o justificará, Winston. A posteridade nunca ouvirá falar de você. Você será retirado da corrente da história. Vamos te transformar em gás e te levar para a estratosfera. Nada restará de você, nem um nome num registo, nem uma memória num cérebro vivo. Serão aniquilados tanto no passado como no futuro. Você nunca vai ter existido”.*

Então por quê me torturar?, pensou Winston, com uma amargura momentânea. O’Brien mudou o seu passo como se Winston tivesse pronunciado o pensamento em voz alta. A sua grande cara feia aproximou-se, com os olhos um pouco estreitos.

*“Está pensando”, disse ele, “que já que pretendemos destruí-lo completamente, então nada do que diz ou faz pode fazer a menor diferença – nesse caso, porque nos damos ao trabalho de o interrogar primeiro? Era isso que estava pensando, não era”?*

[voltar para o índice](#)

*“Sim”*, disse Winston.

O'Brien sorriu ligeiramente. *“Você é uma falha no padrão, Winston. É uma mancha que tem que ser eliminada. Não lhe disse ainda agora que somos diferentes dos perseguidores do passado? Não nos contentamos com a obediência negativa, nem mesmo com a submissão mais abjeta. Quando finalmente se rendem a nós, devem ser de sua livre vontade. Não destruímos o herege porque ele resiste a nós: desde que ele resista, nunca o destruiremos. Nós o convertemos, capturamos a sua mente interior, a remodelamos. Queimamos todo o mal e toda a ilusão dele; trazemo-lo para o nosso lado, não na aparência, mas genuinamente, coração e alma. Fazemo-lo um de nós antes de o matarmos. É intolerável para nós que exista um pensamento errado em qualquer parte do mundo, por mais secreto e impotente que seja. Mesmo no instante da morte, não podemos permitir qualquer desvio. Nos velhos tempos, o herege caminhava para a estaca ainda herege, proclamando a sua heresia, exultando nela. Mesmo a vítima das purgas russas podia carregar a*

[voltar para o índice](#)

*rebelião presa no seu crânio enquanto caminhava pela passagem à espera da bala. Mas tornamos o cérebro perfeito antes de o rebentarmos. O comando dos velhos despotismos era ‘Não o farás’. O comando dos totalitaristas era ‘Tu deverás’. O nosso comando é ‘Tu és’. Ninguém que trazemos para este lugar nunca se destaca contra nós. Todos são lavados e limpos. Mesmo aqueles três miseráveis traidores em cuja inocência acreditou em tempos – Jones, Aaronson, e Rutherford – acabamos por deitá-los abaixo. Eu próprio tomei parte no seu interrogatório. Vi-os gradualmente desgastados, choramingando, rastejando, chorando – e no fim não foi com dor ou medo, apenas com penitência. Quando terminamos com eles, eles eram apenas as conchas dos homens. Não havia mais nada neles, exceto tristeza pelo que tinham feito, e amor ao Grande Irmão. Era comovente ver como o amavam. Imploravam para serem alvejados rapidamente, para que pudessem morrer enquanto as suas mentes ainda estavam limpas”.*

A sua voz tinha crescido quase sonhadora. A exaltação, o entusiasmo lunático, ainda estava no seu

[voltar para o índice](#)

rosto. Ele não está fingindo, pensou Winston, não é um hipócrita, ele acredita em cada palavra que diz. O que mais o oprimia era a consciência da sua própria inferioridade intelectual. Ele observava a forma pesada, mas graciosa, a passear de um lado para o outro, dentro e fora do alcance da sua visão. O'Brien era um ser em todos os sentidos maior do que ele próprio. Não havia qualquer ideia de que ele alguma vez tivesse, ou pudesse ter, que O'Brien não tivesse há muito conhecido, examinado e rejeitado. A sua mente continha a mente de Winston. Mas nesse caso, como poderia ser verdade que O'Brien estava louco? Deve ser ele, Winston, que estava louco. O'Brien parou e olhou para ele. A sua voz tinha voltado a ser severa.

***“Não imagine que vai se salvar, Winston, por mais que se renda completamente a nós. Ninguém que já se desviou é poupado. E mesmo que escolhêssemos deixar você viver o termo natural da sua vida, mesmo assim nunca escaparia de nós. O que acontece aqui é para sempre. Compreenda isso de antemão. Vamos esmagar você ao ponto de não haver retor-***

[voltar para o índice](#)

*no. Vão acontecer coisas com você aqui das quais não poderá se recuperar, mesmo se viver outros mil anos. Nunca mais será capaz de sentir o sentimento humano comum. Tudo estará morto dentro de você. Nunca mais será capaz de amor, ou amizade, ou alegria de viver, ou riso, ou curiosidade, ou coragem, ou integridade. Serás oco. Vamos te apertar até te esvaziar, então de encher conosco”.*

Fez uma pausa e fez um sinal para o homem de casaco branco. Winston estava ciente de que algum aparelho pesado estava sendo empurrado para o lugar atrás da sua cabeça. O’Brien tinha-se sentado ao lado da cama, de modo que a sua cara estava quase ao nível da de Winston.

*“Três mil”*, disse ele, falando por cima da cabeça de Winston ao homem de bata branca.

Duas almofadas macias, que se sentiam ligeiramente húmidas, foram fixadas contra os templos de Winston. Ele gritou. Vinha a dor, um novo tipo de dor. O’Brien pôs uma mão tranquilizadora, quase amavelmente, sobre a sua.

[voltar para o índice](#)

**“Desta vez não vai doer”, disse ele. “Mantenha seus olhos fixos nos meus”.**

Neste momento, houve uma explosão devastadora, ou o que parecia uma explosão, embora não fosse certo que houvesse algum ruído. Houve, sem dúvida, um clarão de luz ofuscante. Winston não foi ferido, apenas prostrado. Embora ele já estivesse deitado de costas quando a coisa aconteceu, tinha a curiosa sensação de ter sido derrubado para aquela posição. Um terrível golpe sem dor o havia aplanado. Também algo tinha acontecido dentro da sua cabeça. Quando os seus olhos recuperaram o foco, lembrou-se de quem era, e onde estava, e reconheceu o rosto que estava a olhar para o seu; mas em algum lugar ou outro havia uma grande mancha de vazio, como se um pedaço tivesse sido retirado do seu cérebro.

**“Não vai durar”, disse O’Brien. “Olha-me nos olhos. A Oceania está em guerra com que país”?**

[voltar para o índice](#)

Winston pensou. Ele sabia o que significava a Oceania e que ele próprio era um cidadão da Oceania. Também se lembrava da Eurásia e da Lestásia; mas não sabia quem estava em guerra com quem. De fato, ele não tinha conhecimento de que havia guerra.

*“Não me lembro”.*

*“A Oceania está em guerra com a Lestásia. Você se lembra disso agora”?*

*“Lembro”.*

*“A Oceania sempre esteve em guerra com a Lestásia. Desde o início da sua vida, desde o início do Partido, desde o início da história, a guerra tem continuado sem interrupção, sempre a mesma guerra. Lembra-se disso”?*

*“Lembro”.*

[voltar para o índice](#)

*“Há onze anos, você criou uma lenda sobre três homens que tinham sido condenados à morte por traição. Fingiu que tinha visto um pedaço de papel que provava a inocência deles. Esse pedaço de papel nunca existiu. Você o inventou e, mais tarde, começou a acreditar nele. Agora você se lembra do momento exato em que o inventou isso pela primeira vez. Lembra-se disso”?*

*“Lembro”.*

*“Ainda agora levantei os dedos da minha mão para você. Você viu cinco dedos. Você se lembra disso”?*

*“Lembro”.*

O'Brien ergueu os dedos da sua mão esquerda, com o polegar escondido.

*“Há aqui cinco dedos. Você vê cinco dedos”?*

*“Vejo”.*

[voltar para o índice](#)

E ele os viu, por um instante fugaz, antes de o cenário da sua mente ter mudado. Ele viu cinco dedos, e não houve deformidade. Depois tudo voltou ao normal, e o velho medo, o ódio e a perplexidade voltaram a aglomerar-se. Mas houve um momento – ele não sabia quanto tempo, trinta segundos, talvez – de certeza luminosa, quando cada nova sugestão de O’Brien tinha preenchido um pedaço de vazio e se tornado verdade absoluta, e quando dois e dois poderiam ter sido três tão facilmente como cinco, se fosse isso que fosse necessário. Tinha desaparecido, antes de O’Brien ter deixado cair a mão; mas embora não conseguisse recapturá-la, podia recordá-la, uma vez que se lembra de uma experiência vívida em algum período da sua vida quando se era de fato uma pessoa diferente.

**“Você vê agora”**, disse O’Brien, **“que é, de qualquer modo, possível”**.

**“Sim”**, disse Winston.

[voltar para o índice](#)

O'Brien levantou-se com um ar satisfeito. À sua esquerda, Winston viu o homem de casaco branco partir uma ampola e retirar o êmbolo de uma seringa. O'Brien virou-se para Winston com um sorriso. Quase da maneira antiga, ele reassentou os seus óculos no nariz.

*“Lembra-se de escrever no seu diário”, disse ele, “que não importava se eu era um amigo ou um inimigo, já que eu era pelo menos uma pessoa que o compreendia e com quem se podia falar? Tinha razão. Gosto de falar contigo. A sua mente me chama a atenção. É parecida com a minha própria mente, exceto que por acaso você está louco. Antes de terminarmos a sessão, você pode fazer perguntas para mim, se quiser”.*

*“Qualquer pergunta que eu quiser”?*

*“Qualquer pergunta”.* Ele viu que os olhos de Winston estavam em cima do mostrador. *“Está desligado. Qual é a sua primeira pergunta”?*

[voltar para o índice](#)

*“O que fez com Julia?”*, disse Winston.

O’Brien voltou a sorrir. *“Ela te traiu, Winston. Imediatamente – sem reservas. Raramente vi alguém vir até nós tão prontamente. Dificilmente a reconheceria se a visse. Toda a sua rebeldia, o seu engano, a sua loucura, a sua mente suja – tudo foi queimado por ela. Foi uma conversão perfeita, um caso de livro de instruções”*.

*“Ela foi torturada”?*

O’Brien deixou isto sem resposta. *“Próxima pergunta”*, disse ele.

*“O Grande Irmão existe”?*

*“Claro que ele existe. O Partido existe. O Grande Irmão é a encarnação do Partido”*.

*“Mas ele existe da mesma forma que eu”?*

*“Você não existe”*, disse O’Brien.

[voltar para o índice](#)

Mais uma vez a sensação de impotência assaltou-o. Ele sabia, ou podia imaginar, os argumentos que provaram a sua própria inexistência; mas eram um disparate, eram apenas um jogo de palavras. Será que a afirmação, **“Você não existe”**, não continha um absurdo lógico? Mas de que serviria dizer isso? A sua mente enrugou-se ao pensar nos argumentos loucos e sem resposta com que O’Brien o destruiria.

**“Penso que existo”**, disse ele exaustivamente. **“Estou consciente da minha própria identidade. Nasci e vou morrer. Tenho braços e pernas. Ocupo um ponto particular no espaço. Nenhum outro objeto sólido pode ocupar o mesmo ponto simultaneamente. Nesse sentido, o Grande Irmão existe”?**

**“Não tem importância. Ele existe”.**

**“O Grande Irmão vai morrer”?**

**“Claro que não. Como ele poderia morrer? Próxima pergunta”.**

[voltar para o índice](#)

*“A Irmandade existe”?*

*“Isso, Winston, você nunca saberá. Se escolhermos te libertar quando tivermos terminado contigo, e se viver até aos noventa anos de idade, nunca vai saber se a resposta a essa pergunta é sim ou não”.*

Winston ficou calado. O seu peito levantou-se e caiu um pouco mais depressa. Ele ainda não tinha feito a primeira pergunta que lhe veio à mente. Tinha de a fazer, e mesmo assim era como se a sua língua não a proferisse. Havia um vestígio de divertimento na cara de O’Brien. Até os seus óculos pareciam usar um brilho irônico. Ele sabe, pensou Winston de repente, ele sabe o que eu vou perguntar! Pensando bem, as palavras rebentaram-lhe:

*“O que há no Quarto 101”?*

A expressão no rosto de O’Brien não mudou. Respondeu seco:

[voltar para o índice](#)

*“Você sabe o que está no Quarto 101, Winston. Todos sabem o que está no Quarto 101”.*

Ele levantou um dedo para o homem de casaco branco. Evidentemente, a sessão estava no fim. Uma agulha espetada no braço de Winston. Ele afundou-se quase instantaneamente num sono profundo.

[voltar para o índice](#)

# capítulo 3



“**Sua reintegração é composta por três fases**”, disse O’Brien. **“Há aprendizagem, há compreensão, e há aceitação. Está na hora de entrar na segunda fase”**.

Como sempre, Winston estava deitado de costas. Mas, ultimamente, não estava mais tão preso. Ainda o prendiam à cama, mas ele podia mexer um pouco os joelhos, virar a cabeça de um lado para o outro e levantar os braços a partir do cotovelo. O mostrador, também, era maior para ser menos aterrorizador. Ele podia escapar às suas dores se fosse suficientemente rápido: foi sobretudo quando mostrou estupidez que O’Brien puxou a alavanca. Por vezes, eles passavam uma sessão inteira sem usar o mostrador. Ele não conseguia se lembrar de quantas sessões tinham sido realizadas. Todo o processo parecia prolongar-se por um tempo longo e indefinido – semanas, possivelmente – e os intervalos entre as sessões poderiam ter sido por vezes dias, por vezes apenas uma hora ou duas.

[voltar para o índice](#)

*“Enquanto você está deitado aí”, disse O’Brien, “você se perguntou, e chegou até a perguntar para mim, porque é que o Ministério do Amor deveria gastar tanto tempo e trabalho com você. E quando estava livre, ficava intrigado com o que era essencialmente a mesma pergunta. Você conseguiu compreender a mecânica da sociedade em que vive, mas não os seus motivos subjacentes. Você se lembra de escrever em seu diário: ‘Eu compreendo como: não compreendo por quê’? Foi quando pensou no ‘por-que’ que duvidou da sua própria sanidade. Já leu o livro, o livro de Goldstein, ou partes dele, pelo menos. Disse-lhe alguma coisa que ainda não sabia”?*

*“Você já o leu?”, disse Winston.*

*“Eu escrevi. Ou seja, colaborei para o escrever. Nenhum livro é produzido individualmente, você sabe”.*

*“É verdade, o que o livro diz”?*

*“Uma descrição, sim. O programa que apresenta é um disparate. A acumulação secreta de conhecimento, a*

[voltar para o índice](#)

*propagação gradual de esclarecimento, em última análise uma rebelião proletária, o derrube do Partido. Previu-se que era isso que diria. Tudo isto é um disparate. Os proletários nunca se revoltarão, nem daqui a mil anos ou um milhão. Não podem. Não preciso te dizer a razão: você já sabe. Se alguma vez alimentaram algum sonho de insurreição violenta, devem abandoná-lo. Não há maneira de o Partido ser derrubado. A regra do Partido é para sempre. Faça disso o ponto de partida dos seus pensamentos”.*

Chegou mais perto da cama. *“Para sempre!”*, repetiu. *“E agora voltemos à questão de ‘como’ e ‘por quê’. Compreende suficientemente bem como o Partido se mantém no poder. Agora me diga por que nos agarramos ao poder. Qual é o nosso motivo? Por que devemos querer o poder? Vai, fala”*, acrescentou ele, pois Winston permaneceu em silêncio.

Não obstante, Winston não falou de imediato. Um sentimento de cansaço tinha-o esmagado. O fraco e louco brilho de entusiasmo tinha voltado à cara de O’Brien. Ele sabia de antemão o que

[voltar para o índice](#)

O'Brien diria. Que o Partido não procurava o poder para os seus próprios fins, mas apenas para o bem da maioria. Que procurava o poder porque os homens na massa eram criaturas frágeis e covardes que não podiam suportar a liberdade ou enfrentar a verdade, e que tinham que ser governados e sistematicamente enganados por outros que eram mais fortes do que eles próprios. Que a escolha para a humanidade estava entre a liberdade e a felicidade, e que, para a grande maioria da humanidade, a felicidade era melhor. Que o Partido era o eterno guardião dos fracos, uma seita dedicada a fazer o mal que o bem podia vir, sacrificando a sua própria felicidade à dos outros. O terrível, pensou Winston, o terrível foi que quando O'Brien o dissesse, ele acreditaria nisso. Podia-se ver isso na sua cara. O'Brien sabia tudo. Mil vezes melhor que Winston, ele sabia como era realmente o mundo, em que degradação vivia a massa de seres humanos e por que mentiras e barbaridades o Partido os mantinha ali. Ele compreendera tudo, pesava tudo, e não fazia diferença: tudo era justificado pelo objetivo final. O que pode fazer,

[voltar para o índice](#)

pensou Winston, contra o lunático que é mais inteligente do que você, que dá aos seus argumentos uma audiência justa e depois simplesmente persiste na sua loucura?

**“Vocês estão nos governando para nosso próprio bem”,** disse ele fracamente. **“Vocês acreditam que os seres humanos não estão aptos a se autogovernar, e por isso...”**

Ele começou e quase gritou. Uma pancada de dor tinha disparado através do seu corpo. O’Brien tinha empurrado a alavanca do mostrador até trinta e cinco.

**“Isso foi estúpido, Winston, estúpido!”**, disse ele. **“Você devia saber que não pode falar uma coisa dessas”.**

Ele puxou a alavanca de volta e continuou:

**“Agora vou dizer-lhe a resposta à minha pergunta. É o seguinte. O Partido procura o poder inteiramente para o seu próprio bem. Não estamos inte-**

[voltar para o índice](#)

*ressados no bem dos outros; estamos interessados apenas no poder. Não em riqueza ou luxo ou vida longa ou felicidade: apenas poder, puro poder. O que significa poder puro, você vai compreender em breve. Somos diferentes de todas as oligarquias do passado, na medida em que sabemos o que estamos fazendo. Todos os outros, mesmo aqueles que se pareciam conosco, eram covardes e hipócritas. Os nazistas alemães e os comunistas russos aproximaram-se muito de nós nos seus métodos, mas nunca tiveram a coragem de reconhecer os seus próprios motivos. Fingiram, talvez até acreditassem, que tinham tomado o poder de má vontade e por um tempo limitado, e que ali ao virar da esquina havia um paraíso onde os seres humanos seriam livres e iguais. Nós não somos assim. Sabemos que nunca ninguém toma o poder com a intenção de renunciar a ele. O poder não é um meio, é um fim. Não se estabelece uma ditadura para salvaguardar uma revolução; faz-se a revolução para estabelecer a ditadura. O objetivo da perseguição é a perseguição. O objetivo da tortura é a tortura. O objetivo do poder é o poder. Você está começando a entender”?*

[voltar para o índice](#)

Winston foi impactado, como já tinha sido atingido antes, pelo cansaço do rosto de O'Brien. Era forte, carnudo e brutal, cheio de inteligência e uma espécie de paixão controlada perante a qual se sentia desamparado; mas estava cansado. Havia bolsas de baixo dos olhos, a pele estava flácida nas maçãs do rosto. O'Brien inclinou-se sobre ele, aproximando deliberadamente o rosto desgastado.

***“Está pensando”, disse ele, “que o meu rosto está velho e cansado. Está pensando que eu falo de poder e, no entanto, nem sequer sou capaz de impedir a decadência do meu próprio corpo. Não consegue compreender, Winston, que o indivíduo é apenas uma célula? O cansaço da célula é o vigor do organismo. Alguém morre quando corta as unhas”?***

Afastou-se da cama e começou a andar de um lado para outro novamente, com uma mão no bolso.

***“Nós somos os sacerdotes do poder”, disse ele. “Deus é poder. Mas atualmente o poder é apenas uma palavra, no que lhe diz respeito. Chegou a altura de ter***

[voltar para o índice](#)

*uma ideia do que significa poder. A primeira coisa que deve perceber é que o poder é coletivo. O indivíduo só tem poder na medida em que deixa de ser um indivíduo. Você conhece o slogan do Partido: ‘Liberdade é Escravidão’. Já lhe ocorreu que ela é reversível? Escravidão é liberdade. Sozinho – livre – o ser humano é sempre derrotado. Deve ser assim, porque todo o ser humano está condenado a morrer, o que é o maior de todos os fracassos. Mas se ele pode fazer uma submissão completa e total, pode escapar da sua identidade, pode fundir-se no Partido para ser o Partido, então ele é todo-poderoso e imortal. A segunda coisa é que o poder é poder sobre os seres humanos. Sobre o corpo mas, acima de tudo, sobre a mente. Poder sobre a matéria – a realidade externa, como você chamaria – não é importante. O nosso controle sobre a matéria já é absoluto”.*

Por um momento, Winston ignorou o mostrador. Ele fez um esforço violento para se elevar a uma posição sentada, e apenas conseguiu mexer o corpo de forma dolorosa.

[voltar para o índice](#)

*“Mas como é que se pode controlar a matéria?”, ele explodiu. “Não é possível sequer controlar o clima ou a lei da gravidade. E há doença, dor, morte...”*

O’Brien o silenciou através de um movimento da sua mão. *“Nós controlamos a matéria porque controlamos a mente. A realidade está dentro do crânio. Você vai aprender por níveis, Winston. Não há nada que não pudéssemos fazer. Invisibilidade, levitação – qualquer coisa. Eu poderia flutuar deste chão como uma bolha de sabão, se assim o desejasse. Não desejo, porque o Partido não deseja. É preciso ver-se livre dessas ideias do século XIX sobre as leis da Natureza. Nós fazemos as leis da Natureza”.*

*“Mas não fazem! Não são nem mestres do planeta. E a Eurásia e a Lestásia? Ainda não as conquistaram”.*

*“Isso não tem importância. Vamos conquistá-las quando for conveniente. E se não o fizermos, que diferença faria? Podemos excluí-los da existência. A Oceania é o mundo”.*

[voltar para o índice](#)

*“Mas o mundo em si é apenas um grão de pó. E o homem é um pequeno desamparo! Há quanto tempo é que ele existe? Há milhões de anos que a terra estava desabitada”.*

*“Isso é um disparate. A terra é tão velha quanto nós, não mais velha. Como poderia ser mais velha? Nada existe, exceto através da consciência humana”.*

*“Mas as rochas estão cheias de ossos de animais extintos – mamutes e mastodontes e répteis enormes que aqui viviam muito antes de o homem alguma vez ter sido ouvido falar”.*

*“Você já viu esses ossos alguma vez, Winston? Claro que não. Os biólogos do século XIX inventaram tudo isso. Não havia nada antes do homem. Depois do homem, se ele pudesse chegar a um fim, não haveria nada. Fora do homem, não há nada”.*

*“Mas o universo inteiro está fora de nós. É só olhar para as estrelas! Algumas delas estão a um milhão de anos-luz de distância. Elas estão fora do nosso alcance para sempre”.*

[voltar para o índice](#)

*“O que são as estrelas?”, disse O’Brien indiferentemente. “Elas estão a poucos quilômetros de distância. Poderíamos alcançá-los, se quiséssemos. Ou podíamos apagá-las. A terra é o centro do universo. O sol e as estrelas giram à sua volta”.*

Winston fez outro movimento convulsivo. Desta vez, ele não disse nada. O’Brien continuou como se respondesse a uma objeção oral:

*“Para certos fins, é claro, isso não é verdade. Quando navegamos no oceano, ou quando prevemos um eclipse, achamos muitas vezes conveniente assumir que a Terra dá a volta ao redor do Sol e que as estrelas estão a milhões e milhões de quilômetros de distância. Mas e daí? Acha que está para além de nós produzir um sistema duplo de astronomia? As estrelas podem estar próximas ou distantes, de acordo com as nossas necessidades. Acha que os nossos matemáticos são indiferentes a isso? Já se esqueceu do duplopensar”?*

[voltar para o índice](#)

Winston encolheu-se de volta para a cama. O que quer que ele tivesse dito, a resposta rápida esmagou-o como uma pancada. No entanto, ele sabia que estava no direito. A crença de que nada existe fora da sua própria mente – certamente deve haver alguma forma de demonstrar que era falso? Não teria sido exposto há muito tempo como uma falácia? Havia mesmo um nome para ela, que ele tinha esquecido. Um leve sorriso torceu os cantos da boca de O'Brien enquanto olhava para ele.

*“Eu já te disse, Winston”, disse ele, “que a metafísica não é o seu ponto forte. A palavra que está procurando é solipsismo. Mas está enganado. Isto não é solipsismo. Solipsismo coletivo, se quiser. Mas isso é uma coisa diferente: de fato, a coisa oposta. Tudo isto é uma digressão”, acrescentou ele num tom diferente. “O verdadeiro poder, o poder pelo qual temos de lutar noite e dia, não é o poder sobre as coisas, mas sobre os homens”. Fez uma pausa, e por um momento assumiu novamente o seu ar de mestre de escola questionando um aluno promissor: “Como é que um homem faz valer o seu poder sobre outro, Winston”?*

[voltar para o índice](#)

Winston pensou. *“Fazendo-o sofrer”*, disse ele.

*“Exatamente. Fazendo-o sofrer. A obediência não é suficiente. A menos que ele esteja sofrendo, como pode ter a certeza de que ele está obedecendo à sua vontade e não à sua própria? O poder está em infligir dor e humilhação. O poder está em desfazer as mentes humanas em pedaços e juntá-los novamente em novas formas à sua escolha. Você está começando a ver o mundo que estamos criando? É exatamente o oposto das estúpidas utopias hedonistas que os antigos reformadores imaginavam. Um mundo de medo e traição é um tormento, um mundo de atropelar e ser atropelado, um mundo que crescerá não menos mas mais impiedoso à medida que se refina. O progresso no nosso mundo será o progresso para mais dor. As antigas civilizações afirmavam que eram fundadas no amor ou na justiça. A nossa é fundada sobre o ódio. No nosso mundo não haverá emoções exceto medo, raiva, triunfo, e desvalorização de si mesmo. Tudo o resto, destruiremos tudo. Já estamos acabando os hábitos de pensamento que sobreviveram desde antes da Revolução. Cortamos*

[voltar para o índice](#)

os laços entre crianças e pais, e entre homem e homem, e entre homem e mulher. Ninguém ousa confiar numa esposa, numa criança ou num amigo. Mas no futuro não haverá esposas e não haverá amigos. Os filhos serão retirados das suas mães quando nascerem, assim como se tira ovos de uma galinha. O instinto sexual será erradicado. A procriação será uma formalidade anual como a renovação de um cartão de racionamento. Aboliremos o orgasmo. Os nossos neurologistas estão trabalhando nisso. Não haverá lealdade, exceto lealdade para com o Partido. Não haverá amor, exceto o amor do Grande Irmão. Não haverá risos, exceto o riso do triunfo sobre um inimigo derrotado. Não haverá arte, não haverá literatura, não haverá ciência. Quando formos onipotentes, não teremos mais necessidade da ciência. Não haverá distinção entre beleza e feiura. Não haverá curiosidade, não haverá gozo pelo processo da vida. Todos os prazeres concorrentes serão destruídos. Mas sempre, – não se esqueça disto, Winston – sempre haverá a intoxicação do poder, em constante aumento e em constante crescimento, mesmo que sutil. Sempre, a cada momento, haverá

[voltar para o índice](#)

*a emoção da vitória, a sensação de espezinhar um inimigo que está indefeso. Se quiser uma imagem do futuro, imagine a marca de uma bota num rosto humano – para sempre”.*

Ele parou como se esperasse que Winston falasse. Winston tinha tentado voltar a encolher para a superfície da cama. Ele não podia dizer nada. O seu coração parecia estar congelado. O’Brien continuou:

*“E lembre-se que é para sempre. O rosto estará sempre lá para ser pisado. O herege, o inimigo da sociedade, estará sempre presente, para que possa ser derrotado e humilhado de novo. Tudo o que sofreu desde que está nas nossas mãos – tudo isso vai continuar e piorar. A espionagem, as traições, as detenções, as torturas, as execuções e os desaparecimentos nunca cessarão. Será um mundo de terror, tanto quanto um mundo de triunfo. Quanto mais o Partido for poderoso, menos tolerante será: quanto mais fraca for a oposição, tanto mais apertado será o despotismo. Goldstein e as suas heresias viverão para sempre. A cada dia, a cada momento, serão*

[voltar para o índice](#)

*derrotados, desacreditados, ridicularizados, cuspidos e, no entanto, sobreviverão sempre. Este drama que eu tenho representado com você durante sete anos será representado incontáveis vezes geração após geração, sempre de forma mais sutil. Sempre teremos aqui o herege à nossa mercê, gritando de dor, destroçado, desprezível – e no final totalmente penitente, salvo de si próprio, rastejando aos nossos pés por sua própria vontade. Este é o mundo que estamos construindo, Winston. Um mundo de vitória após vitória, triunfo após triunfo após triunfo: uma pressão sem fim, uma pressão, uma pressão sobre o nervo do poder. Está começando, estou vendo, a perceber como será esse mundo. Mas, no final, fará mais do que compreendê-lo. Vai aceitá-lo, recebê-lo, se tornar parte dele”.*

Winston tinha-se recuperado o suficiente para falar. *“Você não pode!”*, disse ele de forma fraca.

*“O que quer dizer com essa observação, Winston?”*

[voltar para o índice](#)

*“Não pode criar um mundo como o que acabou de descrever. É um sonho. É impossível”.*

*“Por quê?”*

*“É impossível fundar uma civilização sobre o medo, o ódio e a crueldade. Nunca duraria.”*

*“Por que não?”*

*“Não teria vitalidade. Iria se desintegrar. Cometeria suicídio.”*

*“Que disparate. Você tem a impressão de que o ódio é mais cansativo do que o amor. Por que deveria ser? E se fosse, que diferença isso faria? Suponhamos que optamos por nos desgastar mais depressa. Suponhamos que aceleramos o ritmo da vida humana até os homens estarem senis aos trinta anos. Ainda assim, que diferença faria? Não conseguirá compreender que a morte do indivíduo não é a morte? O Partido é imortal”.*

[voltar para o índice](#)

Como de costume, a voz tinha levado Winston ao desespero. Além disso, ele tinha pavor de que, se persistisse na sua discordância, O'Brien acionasse novamente o mostrador. E, no entanto, não conseguia manter-se em silêncio. Fragilmente, sem argumentos, sem nada que o apoiasse exceto o seu horror inarticulado do que O'Brien tinha dito, ele voltou ao ataque.

*“Não sei – não me interessa. De alguma forma, vai falhar. Alguma coisa o derrotará. A vida vai derrotá-lo”.*

*“Nós controlamos a vida, Winston, em todos os seus níveis. Está a imaginar que há algo chamado natureza humana que ficará indignado com o que fazemos e irá virar-se contra nós. Mas nós criamos a natureza humana. Os homens são infinitamente maleáveis. Ou talvez tenha voltado à sua velha ideia de que os proletários ou os escravos irão erguer-se e derrubar-nos. Tire isso da sua mente. Eles são indefesos, como os animais. A humanidade é o Partido. Os outros estão fora – são irrelevantes”.*

[voltar para o índice](#)

*“Não me interessa. No final, eles vão derrubá-lo. Mais cedo ou mais tarde eles vão conseguir te ver pelo que é, e depois vão te desfazer em pedaços”.*

*“Você vê alguma prova de que isso está acontecendo? Ou qualquer razão para que seja assim”?*

*“Não. Eu acredito nisso. Eu sei que vai falhar. Há algo no universo – não sei, algum espírito, algum princípio – que vocês nunca vão conseguir ultrapassar”.*

*“Você acredita em Deus, Winston?”*

*“Não.”*

*“Então o que é este princípio que nos derrotará?”*

*“Não sei. O espírito do Homem.”*

*“E você se considera um homem?”*

*“Sim.”*

[voltar para o índice](#)

*“Se você é um homem, Winston, é o último homem. A sua espécie está extinta; nós somos os herdeiros. Você compreende que está sozinho? Está fora da história, é inexistente”. O seu jeito mudou e disse mais severamente: “E você se considera moralmente superior a nós, com as nossas mentiras e a nossa crueldade”?*

*“Sim, eu me considero superior.”*

O'Brien não falou nada. Duas outras vozes falavam. Após um momento, Winston reconheceu uma delas como sendo sua. Foi uma trilha sonora da conversa que teve com O'Brien, na noite em que tinha entrado na Irmandade. Ele ouviu-se prometer mentir, roubar, forjar, assassinar, encorajar o consumo de drogas e a prostituição, disseminar doenças venéreas, atirar na cara de uma criança. O'Brien fez um pequeno gesto de impaciência, como se dissesse que a manifestação dificilmente valeria a pena ser feita. Depois, ele virou um interruptor e as vozes pararam.

[voltar para o índice](#)

**“Levante-se da cama”,** disse.

Winston não estava mais preso. Ele se abaixou até o chão e se ergueu de forma instável.

**“Você é o último homem”,** disse O’Brien. **“Você é o guardião do espírito humano. Vai ver como você é. Tire a roupa.”**

Winston desfez o nó da corda que mantinha seu macacão unido. O fecho de correr há muito tempo havia sido arrancado. Ele não conseguia se lembrar se em algum momento desde sua prisão ele havia tirado todas as roupas de uma vez. Debaixo do macacão, seu corpo estava enrolado com trapos amarelados imundos, reconhecíveis apenas como os restos de roupa de baixo. Ao deslizá-los para o chão, ele viu que havia um espelho de três lados no canto extremo da sala. Ele se aproximou e depois parou. Um grito involuntário havia saído dele.

**“Continue”,** disse O’Brien. **“Fique de pé entre as abas do espelho. Você verá de lado também”.**

[voltar para o índice](#)

Ele havia parado porque tinha se assustado. Uma coisa curvada, com cor cinza, semelhante a um esqueleto, estava vindo em sua direção. Sua aparência real era assustadora, e não apenas o fato de que ele sabia que era ele mesmo. Ele se aproximou do vidro. O rosto da criatura parecia estar saliente, por causa de sua postura dobrada. O rosto de um pássaro desesperado, com uma testa nobre correndo de volta para um escalpe careca, um nariz torto e maçãs do rosto com aspecto de espancamento, acima do qual seus olhos eram ferozes e atentos. As bochechas estavam costuradas, a boca tinha uma aparência arrastada. Certamente era seu próprio rosto, mas lhe parecia que havia mudado mais do que ele havia mudado por dentro. As emoções registradas seriam diferentes daquelas que ele sentia. Ele tinha ficado parcialmente careca. Em um primeiro momento ele pensou que também tinha ficado grisalho, mas era apenas o couro cabeludo que estava cinza. Exceto por suas mãos e um círculo de seu rosto, seu corpo estava cinza por toda parte, com sujeira antiga e arraigada. Aqui e ali, sob a sujeira, havia as cicatrizes

[voltar para o índice](#)

vermelhas das feridas, e perto do tornozelo a úlcera varicosa era uma massa inflamada com flocos de pele descascando. Mas o verdadeiramente assustador era o emagrecimento do seu corpo. O cano das costelas era tão estreito quanto o de um esqueleto: as pernas tinham encolhido de modo que os joelhos eram mais grossos que as coxas. Ele entendeu agora o que O'Brien queria dizer com verde lado. A curvatura da coluna vertebral era espantosa. Os ombros finos eram empurrados para frente de modo a fazer uma cavidade no peito, o pescoço escorregadio parecia estar dobrando duas vezes sob o peso do crânio. Num palpite, ele teria dito que era o corpo de um homem de sessenta anos, sofrendo de alguma doença maligna.

***“Você pensou algumas vezes”, disse O'Brien, “que o meu rosto – o rosto de um membro do círculo interno do Partido – parece velho e desgastado. O que você pensa de seu próprio rosto”?***

Ele agarrou o ombro de Winston e o girou de modo que estavam de frente um para o outro.

[voltar para o índice](#)

*“Olhe o estado em que você se encontra!”*, disse ele. *“Olhe para esta sujeira por todo o seu corpo. Olhe para a sujeira entre os dedos dos pés. Olhe para essa ferida nojenta na sua perna. Você sabe que você cheira mal como uma cabra? Provavelmente você deixou de notar isso. Olhe para o seu emagrecimento. Está vendo? Meu polegar e indicador se juntam quando aperto seu bíceps. Eu poderia partir seu pescoço como uma cenoura. Você sabe que perdeu vinte e cinco quilos desde que está em nossas mãos? Até o seu cabelo está caindo em punhados. Veja”!* Ele pegou a cabeça de Winston e tirou um tufo de cabelo. *“Abra sua boca. Faltam nove, dez, onze dentes. Quantos você tinha quando veio até nós? E os poucos que lhe restam estão saindo de sua cabeça. Olhe aqui”!*

Ele prendeu um dos dentes frontais restantes de Winston entre seu polegar poderoso e seu indicador. Uma pontada de dor disparou através da mandíbula de Winston. O’Brien tinha arrancado o dente solto. Ele atirou-o através da cela.

[voltar para o índice](#)

*“Você está apodrecendo”, disse ele; “você está caindo aos pedaços. O que você é? Um saco de sujeira. Agora vire-se e olhe novamente para aquele espelho. Você vê aquela coisa de frente para você? Este é o último homem. Se você é humano, isso é a humanidade. Agora vista-se de novo”.*

Winston começou a se vestir com movimentos lentos e rígidos. Até agora ele parecia não notar quão magro e fraco ele estava. Apenas um pensamento lhe despertou na mente: que ele devia estar neste lugar há mais tempo do que havia imaginado. Então, de repente, enquanto pegava os trapos miseráveis à sua volta, um sentimento de piedade por seu corpo em ruínas o venceu. Antes que ele soubesse o que estava fazendo, caiu em cima de um pequeno banquinho que ficava ao lado da cama e explodiu em lágrimas. Ele estava consciente de sua fealdade, sua falta de graciosidade, um feixe de ossos em roupa suja sentado chorando sob a dura luz branca: mas ele não conseguia parar. O’Brien colocou uma mão sobre seu ombro, quase que gentilmente.

[voltar para o índice](#)

*“Isso não durará para sempre”, disse ele. “Você pode fugir disso sempre que quiser. Tudo depende de você mesmo”.*

*“Você conseguiu!”, soluçou Winston. “Você me reduziu a este estado”.*

*“Não, Winston, você mesmo se reduziu a isso. Isto é o que você aceitou quando se colocou contra o Partido. Estava tudo contido nesse primeiro ato. Nada aconteceu que você não tenha previsto”.*

Ele fez uma pausa, e depois continuou:

*“Nós o vencemos, Winston. Nós o desmascaramos. Você viu como é seu corpo. Sua mente está no mesmo estado. Acho que já não pode haver muito orgulho em você. Você foi chutado, açoitado e insultado, gritou de dor, rolou no chão com seu próprio sangue e vômito. Você gemeu por misericórdia, traiu a todos e a tudo. Você consegue pensar em uma única degradação que não lhe aconteceu”?*

[voltar para o índice](#)

Winston havia parado de chorar, embora as lágrimas ainda escorressem de seus olhos. Ele olhou para O'Brien.

**“Eu não traí Julia”**, disse ele.

O'Brien olhou para ele pensativamente. **“Não”**, disse ele; **“não; isso é perfeitamente verdade. Você não traiu Julia”**.

A peculiar reverência a O'Brien, que nada parecia ser capaz de destruir, inundou novamente o coração de Winston. Que inteligente, pensou ele, que inteligente! Nunca O'Brien deixou de compreender o que lhe foi dito. Qualquer outra pessoa na Terra teria respondido prontamente que ele havia traído Julia. Pois o que havia lá que eles não o tinham enganado sob a tortura? Ele lhes havia contado tudo o que sabia sobre ela, seus hábitos, seu caráter, sua vida passada; ele havia confessado no mais trivial detalhe tudo o que havia acontecido em suas reuniões, tudo o que ele havia dito a ela e ela a ele, suas refeições no mercado negro,

[voltar para o índice](#)

seus adultérios, suas vagas conspirações contra o Partido – tudo. E, no entanto, no sentido em que ele pretendia a palavra, ele não a havia traído. Ele não havia deixado de amá-la; seus sentimentos em relação a ela haviam permanecido os mesmos. O’Brien tinha visto o que ele queria dizer sem a necessidade de explicação.

*“Diga uma coisa”, ele pediu, “quando que vão atirar em mim”?*

*“Ainda pode demorar muito tempo”, disse O’Brien. “Você é um caso difícil. Mas não perca a esperança. Todos são curados, mais cedo ou mais tarde. No final, vamos atirar em você”.*

[voltar para o índice](#)

# capítulo 4



Winston já estava muito melhor. Ele engordava e se tornava mais forte a cada dia, isso se fosse apropriado falar de dias.

A luz branca e o zumbido eram os mesmos de sempre, mas a cela era um pouco mais confortável do que as outras em que ele havia estado. Havia um travesseiro e um colchão na cama de tábua, e um banco para sentar. Eles haviam lhe dado um banho, e lhe permitiam lavar-se com bastante frequência em uma bacia de estanho. Eles até lhe deram água morna para se lavar. Eles lhe deram uma roupa de baixo nova e um macacão limpo. Tinham coberto sua úlcera varicosa com pomada calmante. Tinham tirado os restos de seus dentes e lhe deram um novo conjunto de próteses.

Devem ter passado semanas ou meses. Agora teria sido possível manter a contagem do tempo, se ele tivesse sentido algum interesse em fazê-lo, já que estava sendo alimentado em intervalos que pareciam ser regulares. Ele estava recebendo, julgava ele, três refeições em vinte e quatro horas;

[voltar para o índice](#)

às vezes, ele se perguntava se as recebia de noite ou de dia. A comida era surpreendentemente boa, com carne a cada três refeições. Uma vez havia até mesmo um maço de cigarros. Ele não tinha fósforos, mas o guarda que nunca falava e que trazia sua comida tinha um isqueiro. A primeira vez que ele tentou fumar ficara doente, mas ele perseverou, e ficou com o maço por muito tempo, fumando meio cigarro após cada refeição.

Eles tinham lhe dado uma lousa branca com um toco de lápis amarrado no canto. No início, ele não fez uso dela. Mesmo quando ele estava acordado, estava completamente entorpecido. Muitas vezes ele ficava deitado de uma refeição para outra quase sem mexer, às vezes dormindo, às vezes acordando em devaneios vagos nos quais era muito difícil abrir os olhos. Há muito tempo ele já estava acostumado a dormir com uma luz forte no rosto. Parecia não fazer diferença, exceto que os sonhos eram mais coerentes. Ele sonhava muito durante todo esse tempo, e eles eram sempre sonhos felizes. Ele estava no Condado Dourado, ou

[voltar para o índice](#)

estava sentado entre enormes ruínas gloriosas e iluminadas pelo sol, com sua mãe, com Julia, com O'Brien – não fazendo nada, apenas sentado ao sol, falando de coisas pacíficas. Os pensamentos que ele tinha quando estava acordado eram, em sua maioria, sobre seus sonhos. Ele parecia ter perdido o poder do esforço intelectual, agora que o estímulo da dor havia sido removido. Ele não estava entediado, ele não tinha desejo de conversar ou de se distrair. Simplesmente estar sozinho, não ser espancado ou questionado, ter o suficiente para comer, e estar limpo por toda parte, era completamente satisfatório.

Aos poucos ele começou a passar menos tempo dormindo, mas ainda assim não sentiu nenhum impulso para sair da cama. Ele só se preocupava em ficar quieto e sentir a força se reunindo em seu corpo. Ele se tocava aqui e ali, tentando ter certeza de que não era uma ilusão que seus músculos estivessem ficando mais arredondados e sua pele esticada. Finalmente, foi estabelecido, sem dúvida, que ele estava engordando mais; suas coxas

[voltar para o índice](#)

agora eram definitivamente mais grossas do que seus joelhos. Depois disso, relutantemente no início, ele começou a se exercitar regularmente. Em pouco tempo ele pôde caminhar três quilômetros, medidos pelo ritmo da cela, e seus ombros arqueados estavam ficando mais retos. Ele tentou fazer exercícios mais elaborados, e ficou surpreso e humilhado ao descobrir o que não conseguia fazer. Ele não conseguia fazer nada mais rápido que uma caminhada, não conseguia segurar seu banco com o braço esticado, não conseguia ficar de pé sobre uma perna sem cair. Ele se agachou nos calcanhares e descobriu que com dores agonizantes na coxa e na barriga da perna ele podia simplesmente levantar-se para uma posição de pé. Deitou-se de barriga para baixo e tentou levantar seu peso com as mãos. Era inútil, ele não conseguia se erguer um centímetro. Mas depois de mais alguns dias – mais algumas refeições – até mesmo essa façanha foi realizada. Chegou um momento em que ele conseguiu dar seis voltas correndo. Ele começou a ficar realmente orgulhoso de seu corpo, e a nutrir uma crença intermitente de que seu ros-

[voltar para o índice](#)

to também estava voltando ao normal. Somente quando ele conseguiu colocar a mão em seu couro cabeludo é que ele se lembrou do rosto arruinado que havia olhado para ele do espelho.

Sua mente se tornou mais ativa. Ele se sentou no leito, de costas contra a parede e de joelhos, e começou a trabalhar deliberadamente na tarefa de se reeducar.

Ele havia capitulado, isso foi acordado. Na realidade, como ele percebia agora, ele estava pronto para capitular muito antes de ter tomado a decisão. Desde o momento em que ele estava dentro do Ministério do Amor – e sim, mesmo durante aqueles minutos em que ele e Julia ficaram impotentes enquanto a voz metálica da teletela lhes dizia o que fazer – ele tinha compreendido a frivolidade, a superficialidade de sua tentativa de se colocar contra o poder do Partido. Ele sabia agora que durante sete anos a polícia do Pensamento o observava como um besouro sob uma lupa. Não havia nenhum ato físico, nenhuma palavra

[voltar para o índice](#)

falada em voz alta, que eles não tivessem notado, nenhuma linha de pensamento que eles não tivessem sido capazes de inferir. Eles tinham substituído até mesmo a poeira esbranquiçada na capa de seu diário. Tinham tocado trilhas sonoras para ele, mostraram-lhe fotografias. Algumas delas eram fotografias de Julia e dele mesmo. Sim, até mesmo... Ele não podia mais lutar contra o Partido. Além disso, o Partido estava no direito. Deve ser assim; como poderia o cérebro imortal e coletivo estar enganado? Por que padrão externo você poderia verificar seus julgamentos? A sanidade era estatística. Era apenas uma questão de aprender a pensar como eles pensavam. Só isso!

O lápis parecia grosso e incômodo em seus dedos. Ele começou a anotar os pensamentos que lhe vieram à cabeça. Ele escreveu primeiro em maiúsculas grandes e desajeitadas:

***LIBERDADE É ESCRAVIDÃO***

[voltar para o índice](#)

Depois, quase sem nenhuma pausa, ele escreveu a baixo:

## **DOIS E DOIS SÃO CINCO**

Mas depois veio uma espécie de controle. Sua mente, como se estivesse se desviando de algo, parecia incapaz de se concentrar. Ele sabia que sabia o que viria em seguida, mas no momento não conseguia se lembrar disso. Quando ele se lembrou, foi apenas raciocinando conscientemente o que deveria ser: ele não veio por sua própria vontade. Ele escreveu:

## **DEUS É PODER**

Ele aceitou tudo. O passado era alterável. O passado nunca havia sido alterado. A Oceania estava em guerra com a Lestásia. A Oceania sempre esteve em guerra com a Lestásia. Jones, Aaronson e Rutherford eram culpados dos crimes dos quais eram acusados. Ele nunca tinha visto a fotografia que desmentia a culpa deles. Ela nunca

[voltar para o índice](#)

tinha existido, ele a inventara. Ele se lembrava de lembrar coisas contrárias, mas eram lembranças falsas, produtos de autoengano. Como tudo isso era fácil! Apenas rendição, e o resto se seguiu. Era como nadar contra uma corrente que o varria para trás por mais que lutasse, e de repente decidir dar a volta e ir com a corrente em vez de se opor a ela. Nada havia mudado, exceto sua própria atitude: a coisa predestinada aconteceu em qualquer caso. Ele mal sabia por que havia se rebelado. Tudo era fácil, exceto!

Qualquer coisa podia ser verdade. As chamadas leis da natureza eram um disparate. A lei da gravidade era um disparate. **“Se eu quisesse”**, disse O’Brien, **“eu poderia flutuar como uma bolha de sabão”**. Winston resolveu o problema. **“Se ele pensa que está flutuando, e se eu simultaneamente penso que o vejo fazer isso, então a coisa está acontecendo”**. De repente, como um pedaço de destroços submersos quebrando a superfície da água, o pensamento irrompeu em sua mente: **“Isso não acontece de verdade. Nós o imaginamos. É uma alucinação”**.

[voltar para o índice](#)

Ele empurrou o pensamento para baixo instantaneamente. A falácia era óbvia. Pressupunha que em algum lugar ou outro, fora de si mesmo, havia um mundo **“real”** onde coisas **“reais”** aconteciam. Mas como poderia haver um mundo assim? Que conhecimento temos de qualquer coisa, salvo através de nossas próprias mentes? Todos os acontecimentos estão na mente. O que quer que aconteça em todas as mentes, realmente acontece.

Ele não teve dificuldade em se desfazer da falácia e não corria o risco de sucumbir a ela. Ele percebeu, no entanto, que isso nunca deveria ter ocorrido com ele. A mente deveria desenvolver um ponto cego sempre que um pensamento perigoso se apresentasse. O processo deveria ser automático, instintivo. Paracrime, eles o chamavam em Novalíngua.

Ele começou a trabalhar para se exercitar em paracrime. Ele se apresentou com propostas – **“o Partido diz que a Terra é plana”**, **“o Partido diz que o gelo é mais pesado que a água”** – e treinou-se para não ver ou não entender os argumentos que

[voltar para o índice](#)

os contradiziam. Não foi fácil. Era preciso grandes poderes de raciocínio e improvisação. Os problemas aritméticos levantados, por exemplo, por uma afirmação como **“dois e dois fazem cinco”** estavam além de sua compreensão intelectual. Era preciso também uma espécie de atletismo mental, uma capacidade de, num momento, fazer o uso mais delicado da lógica e, no outro, ficar inconsciente dos erros lógicos mais grosseiros. A estupidéz era tão necessária quanto a inteligência, e tão difícil quanto de ser alcançada.

Durante todo o tempo, com uma parte de sua mente, ele se perguntava como eles iriam atirar nele. **“Tudo depende de você mesmo”**, havia dito O’Brien; mas ele sabia que não havia nenhum ato consciente pelo qual ele pudesse aproximá-lo mais. Poderia ser daqui a dez minutos, ou dez anos. Eles poderiam mantê-lo por anos em solitária, poderiam mandá-lo para um campo de trabalho, poderiam libertá-lo por algum tempo, como às vezes faziam. Era perfeitamente possível que, antes que ele fosse baleado, todo o drama de sua

[voltar para o índice](#)

prisão e interrogatório fosse novamente decretado. A única coisa certa é que a morte nunca veio em um momento esperado. A tradição – a tradição não falada: de alguma forma você sabia, embora nunca tivesse ouvido dizer – era que eles atiravam por trás; sempre na parte de trás da cabeça, sem aviso, enquanto você caminhava por um corredor de cela em cela.

Um dia – mas **“um dia”** não era a expressão correta; era tão provável quanto que fosse no meio da noite; uma vez – ele caiu em um estranho e feliz devaneio. Ele estava andando pelo corredor, esperando pela bala. Ele sabia que ela viria em outro momento. Tudo estava resolvido, suavizado, reconciliado. Não havia mais dúvidas, não havia mais argumentos, não havia mais dor, não havia mais medo. Seu corpo era saudável e forte. Ele andava com facilidade, com alegria de movimento e com uma sensação de caminhar sob a luz do sol. Ele não estava mais nos estreitos corredores brancos do Ministério do Amor, estava na enorme passagem iluminada pelo sol, um quilômetro de largura, abaixo do qual ele

[voltar para o índice](#)

parecia caminhar no delírio induzido pelas drogas. Ele estava no Condado Dourado, seguindo a pegada do velho pasto cultivado de coelhos. Ele podia sentir o curto relvado abeto sob seus pés e a suave luz do sol em seu rosto. À beira do campo estavam os olmos, levemente agitados, e em algum lugar além disso estava o riacho onde peixes jaziam nas piscinas verdes sob os salgueiros.

De repente, ele começou com um choque de horror. O suor irrompeu em sua espinha dorsal. Ele tinha se ouvido chorar em voz alta:

***“Julia! Julia! Julia, meu amor! Julia”!***

Por um momento ele tinha tido uma alucinação esmagadora de sua presença. Ela parecia não estar apenas com ele, mas dentro dele. Era como se ela tivesse entrado na textura da pele dele. Naquele momento ele a havia amado muito mais do que jamais havia feito quando estavam juntos e livres. Ele também sabia que em algum lugar ela ainda estava viva e precisava de sua ajuda.

[voltar para o índice](#)

Ele se deitou na cama e tentou se compor. O que ele havia feito? Quantos anos ele havia acrescentado à sua servidão até aquele momento de fraqueza?

Em um momento, ele ouviria o bater das botas lá fora. Eles não deixariam uma atitude dessas impune. Eles saberiam agora, se já não soubessem antes, que ele estava quebrando o acordo que havia feito com eles. Ele obedecia ao Partido, mas ainda assim odiava o Partido. Antigamente ele tinha escondido uma mente herética sob uma aparência de conformidade. Agora ele havia recuado mais um passo: em sua mente ele havia se rendido, mas esperava manter o coração interior inviolado. Ele sabia que estava errado, mas preferia estar errado. Eles iriam entender isso – O'Brien iria entender isso. Tudo era confessado naquele único grito tolo.

Ele teria que começar tudo de novo. Poderia levar anos. Ele passou uma mão sobre o rosto, tentando se familiarizar com a nova forma. Havia sulcos profundos nas bochechas, as maçãs do rosto

[voltar para o índice](#)

pareciam pontudas, o nariz achatado. Além disso, desde a última vez que se viu no espelho, ele recebeu um novo conjunto completo de dentes. Não era fácil preservar a inescrutabilidade quando não se sabia como era seu rosto. Em todo caso, o mero controle das características não era suficiente. Pela primeira vez ele percebeu que, se você quer manter um segredo, você também deve escondê-lo de si mesmo. Você deve saber o tempo todo que ele está lá, mas até que seja necessário, você nunca deve deixá-lo emergir em sua consciência de qualquer forma que possa ser dado um nome. A partir de agora, ele não deve apenas pensar bem; ele deve sentir-se bem, sonhar bem. E durante todo o tempo ele deve manter seu ódio preso dentro dele como uma bola de matéria que fazia parte de si mesmo e, no entanto, sem ligação com o resto dele, uma espécie de cisto.

Um dia, eles decidiriam atirar nele. Não se podia dizer quando isso aconteceria, mas com alguns segundos de antecedência deveria ser possível adivinhar. Era sempre por trás, andando por um

[voltar para o índice](#)

corredor. Dez segundos seriam suficientes. Nesse tempo, o mundo dentro dele poderia se virar. E de repente, sem uma palavra pronunciada, sem nenhuma mudança em seus passos, sem a mudança de uma linha em seu rosto – de repente a camuflagem iria por água abaixo e bang! iria o acúmulo do seu ódio. O ódio o encheria como uma enorme chama crepitante. E quase no mesmo instante bang! iria a bala, tarde demais, ou cedo demais. Eles teriam estourado seu cérebro em pedaços antes que pudessem recuperá-lo. O pensamento herético ficaria impune, sem arrependimento, fora do alcance deles para sempre. Eles teriam feito um buraco em sua própria perfeição. Morrer odiando-os, isso era liberdade.

Ele fechou seus olhos. Era mais difícil do que aceitar uma disciplina intelectual. Era uma questão de se degradar, de se mutilar. Ele tinha que mergulhar na mais imunda das imundícies. Qual era a coisa mais horrível e repugnante de todas? Ele pensou no Grande Irmão. O rosto enorme (de tanto vê-lo em cartazes ele sempre pensava que tinha um

[voltar para o índice](#)

metro de largura), com seu pesado bigode preto e os olhos que o seguiam de um lado para o outro, parecia flutuar em sua mente por sua própria vontade. Quais eram seus verdadeiros sentimentos em relação ao Grande Irmão?

Havia um barulho pesado de botas marchando pela porta. A porta de aço foi aberta com um murro. O'Brien entrou na cela. Atrás dele estavam o oficial com cara de cera e os guardas de uniforme negro.

***“Levante-se”, disse O'Brien. “Venha aqui”.***

Winston estava de frente para ele. O'Brien pegou os ombros de Winston entre suas mãos fortes e o olhou de perto.

***“Você pensou em me enganar”, disse ele. “Isso foi estúpido. Levante-se direito. Olhe-me na cara”.***

Ele fez uma pausa, e continuou num tom mais gentil:

[voltar para o índice](#)

*“Você está melhorando. Intellectualmente, há muito pouco de errado com você. É apenas emocionalmente que você falhou em progredir. Diga-me, Winston – e lembre-se, sem mentiras: você sabe que sou sempre capaz de detectar uma mentira – diga-me, quais são seus verdadeiros sentimentos em relação ao Grande Irmão”?*

*“Eu o odeio”.*

*“Você o odeia. Ótimo. Então chegou a hora de você dar o último passo. Você deve amar o Grande Irmão. Não basta obedecê-lo: você deve amá-lo”.*

Ele soltou Winston com um pequeno empurrão em direção aos guardas.

*“Quarto 101”*, disse ele.

[voltar para o índice](#)

# capítulo 5



Em cada etapa de sua prisão ele sabia, ou parecia saber, onde estava no prédio sem janelas. Possivelmente, havia pequenas diferenças na pressão do ar. As celas onde os guardas o haviam espancado estavam abaixo do nível do solo. A sala onde ele havia sido interrogado por O'Brien estava no alto, perto do telhado. Este lugar ficava a muitos metros abaixo do nível do solo, tão fundo quanto era possível ir.

Era maior do que a maioria das celas em que ele havia estado. Mas ele mal notou seu entorno. Tudo o que ele notou foi que havia duas pequenas mesas bem na sua frente, cada uma coberta com uma baeta verde. Uma estava apenas a um metro ou dois dele, a outra estava mais distante, perto da porta. Ele estava amarrado em uma cadeira, tão apertado que não conseguia mover nada, nem mesmo sua cabeça. Uma espécie de almofada prendia sua cabeça por trás, forçando-o a olhar diretamente para a frente.

Por um momento ele estava sozinho, então a porta foi aberta e O'Brien entrou.

[voltar para o índice](#)

*“Você me perguntou uma vez”, disse O’Brien, “o que estava no quarto 101. Eu lhe disse que você já sabia a resposta. Todos sabem. A coisa que está no Quarto 101 é a pior coisa do mundo”.*

A porta se abriu novamente. Um guarda entrou, carregando algo feito de arame, uma caixa ou uma cesta de algum tipo. Ele a pôs na mesa seguinte. Por causa da posição em que O’Brien estava, Winston não conseguia ver o que era.

*“A pior coisa do mundo”, disse O’Brien, “varia de indivíduo para indivíduo. Pode ser enterrado com vida, ou queimado até a morte, ou afogado, empalado ou outras cinquenta mortes diferentes. Há casos em que é uma coisa bastante trivial, nem mesmo fatal”.*

Ele havia se movido um pouco para um lado, de modo que Winston tinha uma visão melhor da coisa sobre a mesa. Era uma gaiola de arame longa com uma alça no topo para transportá-la. Fixado à frente dele, era algo que parecia uma máscara

[voltar para o índice](#)

de esgrima, com o lado côncavo para fora. Embora estivesse a três ou quatro metros dele, ele podia ver que a gaiola estava dividida longitudinalmente em dois compartimentos, e que havia algum tipo de criatura em cada um deles. Eram ratos.

**“No seu caso”, disse O’Brien, “a pior coisa do mundo são ratos”.**

Uma espécie de tremor premonitório, um medo que ele não sabia do quê, passou por Winston assim que teve seu primeiro vislumbre da jaula. Mas, neste momento, ele percebeu subitamente o significado do acessório que se parecia com uma máscara em sua frente. Suas entranhas pareciam ter se transformado em água.

**“Você não pode fazer isso”, ele gritou com a voz fina e falhando. “Você não conseguiria, você não conseguiria! É impossível”.**

**“Você se lembra”, disse O’Brien, “do momento de pânico que costumava ocorrer em seus sonhos? Ha-**

[voltar para o índice](#)

*via um muro de escuridão à sua frente e um som estridente em seus ouvidos. Havia algo terrível no outro lado do muro. Você sabia que sabia o que era, mas não ousava tirar para o espaço aberto. Eram os ratos que estavam do outro lado do muro”.*

*“O’Brien!”, disse Winston, fazendo um esforço para controlar sua voz. “Você sabe que isso não é necessário. O que você quer que eu faça”?*

O’Brien não deu uma resposta direta. Quando ele falou, foi daquele jeito de mestre de escola que ele às vezes fingia ter. Ele olhou pensativamente para a distância, como se estivesse se dirigindo a um público em algum lugar atrás das costas de Winston.

*“Por si só”, ele disse, “a dor nem sempre é suficiente. Há ocasiões em que um ser humano se destaca contra a dor, até mesmo até a morte. Mas para todos há algo insuportável – algo que não pode ser contemplado. A coragem e a covardia não estão envolvidas. Se você está caindo de uma altura, não é covardia agarrar uma corda. Se você veio de águas*

[voltar para o índice](#)

*profundas, não é covardia encher seus pulmões de ar. É apenas um instinto que não pode ser destruído. É o mesmo com os ratos. Para você, eles são insuportáveis. Eles são uma forma de pressão que você não pode suportar, mesmo que desejasse. Você fará o que é exigido de você”.*

*“Mas o que é, o que é que é exigido? Como posso fazê-lo se não sei o que é”?*

O'Brien pegou a gaiola e a levou para a mesa mais próxima. Ele a colocou cuidadosamente sobre o pano de baeta. Winston podia ouvir o sangue cantando em seus ouvidos. Ele tinha a sensação de estar sentado em total solidão. Ele estava no meio de uma grande planície vazia, um deserto plano encharcado de luz solar, através do qual todos os sons vinham para ele a partir de distâncias imensas. Mas a jaula com os ratos não estava a dois metros de distância dele. Eram ratazanas enormes. Eles estavam na idade em que o focinho de um rato cresce brusco e feroz e seu pelo é marrom em vez de cinza.

[voltar para o índice](#)

*“O rato”, disse O’Brien, ainda se dirigindo ao seu público invisível, “embora seja um roedor, é carnívoro. Você está ciente disso. Você terá ouvido falar das coisas que acontecem nos bairros pobres desta cidade. Em algumas ruas, uma mulher não ousa deixar seu bebê sozinho em casa, nem mesmo por cinco minutos. Os ratos certamente irão atacá-lo. Dentro de pouco tempo, eles o desnudarão até os ossos. Eles também atacam pessoas doentes ou moribundas. Eles demonstram uma inteligência surpreendente em saber quando um ser humano está desamparado”.*

Houve uma explosão de guinchos a partir da jaula que pareciam chegar a Winston de longe. Os ratos estavam lutando; eles estavam tentando se atirar uns aos outros através da divisória. Ele ouviu também um profundo gemido de desespero. Isso também parecia vir de fora dele mesmo.

O’Brien pegou a gaiola e, ao fazê-lo, pressionou algo dentro dela. Houve um clique afiado. Winston fez um esforço frenético para se soltar da cadeira.

[voltar para o índice](#)

Era inútil; cada parte dele, até mesmo sua cabeça, era mantida imóvel. O'Brien moveu a gaiola para mais perto. Estava a menos de um metro do rosto de Winston.

*“Pressionei a primeira alavanca”, disse O'Brien. “Você entende a construção desta jaula. A máscara vai encaixar sobre sua cabeça, não deixando nenhuma saída. Quando eu apertar esta outra alavanca, a porta da gaiola deslizará para cima. Estes brutos famintos se atirarão para fora dela como balas. Você já viu um rato saltando pelo ar? Eles saltarão para o seu rosto e vão diretamente para dentro dele. Às vezes eles atacam os olhos primeiro. Às vezes, eles escavam através das bochechas e devoram a língua”.*

A gaiola estava mais próxima; estava o encurralando. Winston ouviu uma sucessão de gritos estridentes que pareciam estar ocorrendo o ar acima de sua cabeça. Mas ele lutou furiosamente contra seu pânico. Pensar, pensar, mesmo com apenas uma fração de segundo sobrando – pensar era sua única esperança. De repente o mau cheiro de mofo

[voltar para o índice](#)

dos animais atingiu suas narinas. Havia uma violenta convulsão de náusea dentro dele, e ele quase perdeu a consciência. Tudo tinha ficado negro. Por um instante ele ficou louco, um animal gritando. No entanto, ele saiu da escuridão agarrado a uma ideia. Havia uma e apenas uma maneira de se salvar. Ele deve interpor outro ser humano, o corpo de outro ser humano, entre ele e os ratos.

O círculo da máscara era agora suficientemente grande para fechar a visão de qualquer outra coisa. A porta de arame estava à distância de um palmo do seu rosto. Os ratos sabiam o que estava por vir agora. Um deles estava pulando para cima e para baixo, o outro, um velho avô escamoso dos esgotos, levantou-se, com suas mãos rosadas contra as barras, e farejou ferozmente o ar. Winston podia ver os bigodes e os dentes amarelos. Novamente o pânico negro tomou conta dele. Ele era cego, desamparado, descuidado.

***“Era um castigo comum na China Imperial”***, disse O’Brien, didaticamente como sempre.

[voltar para o índice](#)

A máscara estava se fechando em seu rosto. O arame escovava sua bochecha. E então – não, não era alívio, apenas uma esperança, um pequeno fragmento de esperança. Tarde demais, talvez tarde demais. Mas de repente ele havia compreendido que no mundo inteiro havia apenas uma pessoa para quem ele podia transferir seu castigo – um corpo que ele podia empurrar entre si e os ratos. E ele gritava freneticamente, de novo e de novo.

***“Faça isso com a Julia! Faça com a Julia! Não em mim! Na Julia! Não me importa o que você faça com ela. Arranque-lhe o rosto, até os ossos. Eu não! A Julia! Eu não”!***

Ele estava caindo para trás, em direção a uma grande profundidade, longe dos ratos. Ele ainda estava amarrado na cadeira, mas havia caído pelo chão, pelas paredes do edifício, pela terra, pelos oceanos, pela atmosfera, pelo espaço exterior, pelos abismos entre as estrelas – sempre longe, longe, longe dos ratos. Ele estava a anos-luz de distância, mas O’Brien ainda estava ao seu lado.

[voltar para o índice](#)

Havia ainda o toque frio do arame contra sua face. Mas através da escuridão que o envolvia, ele ouviu outro clique metálico, e sabia que a porta da gaiola havia se fechado e não se aberto.

[voltar para o índice](#)

# capítulo 6



O Café Chestnut Tree estava quase vazio. Um raio de sol entrava por uma janela e caía nas mesas empoeiradas. Era a hora solitária das 15h. Uma música leve saía das teletelas.

Winston sentou-se em seu canto habitual, olhando para um copo vazio. De vez em quando ele olhava de relance para uma vasta face que o olhava da parede oposta. O GRANDE IRMÃO ESTÁ VENDENDO VOCÊ, dizia a legenda. Sem ser chamado, um garçom veio e encheu seu copo com Gin da Vitória, sacudindo para dentro dele algumas gotas de outra garrafa com uma pena através da rolha. Era sacarina com cravo-da-índia, a especialidade do café.

Winston estava escutando a teletela. Atualmente só tocava música, mas havia a possibilidade de que a qualquer momento houvesse um boletim especial do Ministério da Paz. As notícias da frente africana eram extremamente inquietantes. Ele se ocupara com isso o dia todo. Um exército eurasiático (a Oceania estava em guerra com a Eurásia: A Oceania sempre esteve em guerra com a Eurásia)

[voltar para o índice](#)

estava se movendo para o sul em velocidade assustadora. O boletim do meio-dia não havia mencionado nenhuma área definida, mas era provável que a foz do Congo já fosse um campo de batalha. Brazzaville e Leopoldville estavam em perigo. Não era preciso olhar para o mapa para ver o que isso significava. Não se tratava apenas de perder a África Central: pela primeira vez em toda a guerra, o próprio território da Oceania estava ameaçado.

Uma emoção violenta, não exatamente o medo, mas uma espécie de excitação indiferenciada, que se incendiava nele e depois se desvanecia novamente. Ele parou de pensar sobre a guerra. Nesses dias, ele nunca poderia fixar sua mente em nenhum assunto por mais do que alguns momentos de cada vez. Ele pegou seu copo e o esvaziou em um gole. Como sempre, o gin o fez estremecer e até recuar um pouco. As coisas eram horríveis. Os cravos e a sacarina, eles mesmos nojentos o suficiente de um jeito doentio, não conseguiam disfarçar o cheiro oleoso; e o pior de tudo era que o cheiro do gin, que habitava com ele noite e dia, es-

[voltar para o índice](#)

tava inextricavelmente misturado em sua mente com o cheiro daqueles...

Ele nunca os nomeou, mesmo em seus pensamentos, e na medida do possível ele nunca os visualizou. Eles eram algo de que ele estava meio consciente, pairando perto de seu rosto, um cheiro que se agarrava a suas narinas. Enquanto o gin subia nele, ele arrotava através dos lábios roxos. Ele tinha engordado mais desde que eles o soltaram, e tinha recuperado sua cor antiga – de fato, mais do que recuperado. Suas feições tinham engrossado, a pele do nariz e das maçãs do rosto era grosseiramente vermelha, até mesmo o couro cabeludo calvo era rosado em excesso. Um garçom, mais uma vez sem ser chamado, trouxe o tabuleiro de xadrez e a edição atual do The Times, com a página com um desafio de xadrez virada para cima. Então, vendo que o copo de Winston estava vazio, ele trouxe a garrafa de gin e o encheu. Não havia necessidade de dar ordens. Eles conheciam seus hábitos. O tabuleiro de xadrez estava sempre esperando por ele, sua mesa de canto estava sempre

[voltar para o índice](#)

reservada; mesmo quando o lugar estava cheio ele a tinha para si mesmo, já que ninguém queria ser visto sentado muito perto dele. Ele nunca sequer se preocupava em contar suas bebidas. Em intervalos irregulares eles o apresentavam com um papel sujo que diziam ser a conta, mas ele tinha a impressão de que eles sempre o cobravam mal. Não teria feito diferença se tivesse sido ao contrário. Ele sempre tinha muito dinheiro hoje em dia. Ele tinha até mesmo um emprego, uma sinecura, que lhe pagava melhor do que seu antigo emprego.

A música da teletela parou e uma voz tomou conta do cômodo. Winston levantou a cabeça para ouvir. No entanto, não se tratava de nenhum boletim do front. Foi apenas um breve anúncio do Ministério da Abundância. No trimestre anterior, parecia que a cota do Décimo Plano de Três Anos para atacadores havia sido superada em 98%.

Ele examinou o desafio de xadrez e arranjou as peças. Foi um final complicado, envolvendo um par de cavalos. ***“Próxima jogada dos brancos e mate***

[voltar para o índice](#)

*em duas jogadas*”. Winston olhou para o retrato do Grande Irmão. Branco sempre dá mate, ele pensou com uma espécie de misticismo nebuloso. Sempre, sem exceção, é tão arranjado. Em nenhum problema de xadrez, desde o início do mundo, as peças pretas jamais venceram. Não simbolizava o eterno e invariável triunfo do Bem sobre o Mal? O rosto enorme o olhava de volta, cheio de poder calmo. O branco sempre faz mate.

A voz da teletela pausou e acrescentou num tom diferente e muito mais grave: **“Aviso: Um anúncio importante será feito às quinze e trinta. Quinze e trinta! Esta é uma notícia da maior importância. Cuidem para não perdê-la. Quinze e trinta”**! A música tilintante voltou a tocar.

O coração de Winston se agitou. Era o boletim do front; o instinto lhe disse que uma má notícia estava por vir. Durante todo o dia, com pequenos surtos de excitação, a ideia de uma derrota esmagadora na África havia estado dentro e fora de sua mente. Ele parecia realmente ver o exército eura-

[voltar para o índice](#)

siático se aglomerando através da fronteira nunca quebrada e desabando na ponta da África como uma coluna de formigas. Por que não tinha sido possível flanqueá-los de alguma forma? Os contornos da costa da África Ocidental se destacaram vividamente em sua mente. Ele pegou o cavaleiro branco e o moveu para o outro lado da fronteira. Havia o lugar certo. Mesmo enquanto via a horda negra correndo para o sul, ele viu outra força, misteriosamente montada, de repente plantada em sua retaguarda, cortando suas comunicações por terra e mar. Ele sentiu que, se quisesse, estava trazendo essa outra força à existência. Mas era necessário agir rapidamente. Se eles pudessem controlar toda a África, se tivessem aeródromos e bases submarinas no Cabo, isso cortaria a Oceania em dois. Poderia significar qualquer coisa: derrota, colapso, a redivisão do mundo, a destruição do Partido! Ele respirou fundo. Uma mistura extraordinária de sentimentos – mas não era exatamente uma mistura; ao contrário, eram camadas sucessivas de sentimento, nas quais não se podia dizer qual era a camada mais minada – lutava dentro dele.

[voltar para o índice](#)

O espasmo passou. Ele colocou o cavalo branco de volta em seu lugar, mas no momento ele não conseguiu se acomodar ao estudo sério do desafio de xadrez. Seus pensamentos vagueavam novamente. Quase inconscientemente, ele traçou com o dedo na poeira sobre a mesa:

**2+2=5**

**“Eles não podem entrar em você”**, disse ela. Mas eles podem entrar dentro de você. **“O que acontece com você aqui é para sempre”**, disse O’Brien. Essa era uma palavra verdadeira. Havia coisas, seus próprios atos, dos quais você nunca poderia se recuperar. Algo foi morto em seu peito: queimado, cauterizado.

Ele a havia visto; ele havia até falado com ela. Não havia perigo nisso. Ele sabia, quase instintivamente, que eles agora quase não se interessavam por seus atos. Ele poderia ter combinado de encontrá-la uma segunda vez se qualquer um deles quisesse. Na verdade, foi por acaso que eles se

[voltar para o índice](#)

encontraram. Foi no parque, em um dia vil, em março, quando a terra era como ferro e toda a grama parecia morta e não havia um broto em lugar algum, exceto alguns crocus que florescia apenas para serem desmembrados pelo vento. Ele se apressou com as mãos geladas e os olhos lacrimajantes quando a viu a menos de dez metros de distância dele. Ele percebeu imediatamente que ela havia mudado de alguma forma mal definida. Eles quase passaram um pelo outro sem um sinal, então ele se virou e a seguiu, não muito avidamente. Ele sabia que não havia perigo, que ninguém se interessaria por ele. Ela não falava. Ela caminhou obliquamente através da grama como se tentasse se livrar dele, depois parecia resignar-se a tê-lo ao seu lado. Atualmente, eles estavam em meio a um tufo de arbustos sem folhas, inúteis para esconder-se ou como proteção contra o vento. Eles pararam. Estava um frio terrível. O vento assobiava através dos galhos e inquietava os ocasionais crocus de aparência suja. Ele colocou seu braço em volta da cintura dela.

[voltar para o índice](#)

Não havia uma teletela, mas devem existir microfones escondidos: além disso, eles podiam ser vistos. Não importava, nada importava. Eles poderiam ter se deitado no chão e terem feito o que quisessem. Sua carne congelou de horror só de pensar nisso. Ela não deu qualquer resposta ao toque de seu braço; ela nem mesmo tentou se desprender. Agora ele sabia o que havia mudado nela. O rosto dela estava mais solto, e havia uma longa cicatriz, em parte escondida pelos cabelos, na testa e na têmpora; mas essa não era a mudança. Era que sua cintura havia se tornado mais grossa e, de uma maneira surpreendente, havia endurecido. Ele se lembrou de como uma vez, após a explosão de um foguete-bomba, ajudou a arrastar um cadáver de algumas ruínas, e ficou surpreso não só pelo incrível peso da coisa, mas por sua rigidez e dificuldade de manuseio, o que fez com que parecesse mais pedra do que carne. O corpo dela passava a mesma sensação. Ocorreu-lhe que a textura de sua pele seria bem diferente do que já havia sido.

[voltar para o índice](#)

Ele não tentou beijá-la, nem eles falaram. Ao caminharem de volta pela grama, ela olhou diretamente para ele pela primeira vez. Foi apenas um olhar momentâneo, cheio de desprezo e antipatia. Ele se perguntava se era uma aversão que surgiu puramente do passado ou se foi inspirada também por seu rosto inchado e pela água que o vento continuava espremendo de seus olhos. Eles se sentaram em duas cadeiras de ferro, lado a lado, mas não muito perto um do outro. Ele viu que ela estava prestes a falar. Ela moveu seu sapato desajeitado alguns centímetros e esmagou deliberadamente um galho. Seus pés pareciam ter ficado mais largos, ele notou.

**“Eu te traí”**, disse ela categoricamente.

**“Eu te traí”**, disse ele.

Ela deu-lhe outro olhar rápido de aversão.

**“Às vezes”**, ela disse, **“eles ameaçam você com algo – algo que você não consegue enfrentar, nem mes-**

[voltar para o índice](#)

*mo pensar em enfrentar. E então você diz: ‘Não faça isso comigo, faça com outra pessoa, faça com Fulano e tal’. E talvez você possa fingir, depois, que foi apenas um truque e que você apenas o disse para fazê-los parar e não o fez com intenção. Mas isso não é verdade. Na hora em que isso acontece, você está falando sério. Você acha que não há outra maneira de se salvar, e você está pronto para se salvar dessa maneira. Você quer que isso aconteça com a outra pessoa. Não importa que você vai fazê-los sofrer. Você só se preocupa consigo mesmo”.*

*“Tudo que você se importa é consigo mesmo”,  
ele ecoou.*

*“E depois disso, você não sente mais o mesmo em relação à outra pessoa”.*

*“Não”, ele disse, “você não sente o mesmo”.*

Não parecia haver mais nada a dizer. O vento fez com que seus macacões finos se grudassem aos seus corpos. Quase de imediato, tornou-se emba-

[voltar para o índice](#)

raçoso sentar-se ali em silêncio: além disso, estava muito frio para ficar parado. Ela disse algo sobre pegar seu metrô e se levantou para ir.

**“Temos que nos encontrar de novo”**, disse ele.

**“Claro”**, disse ela, **“temos que nos encontrar de novo”**.

Ele a seguiu sem convicção por uma distância curta, a meio passo atrás dela. Eles não voltaram a se falar. Ela não tentou afastá-lo, mas caminhou em um ritmo que o impedia de ficar próximo dela. Ele havia decidido que a acompanharia até a estação, mas de repente este processo de a seguir no frio parecia inútil e insuportável. Ele estava sobrecarregado por um desejo não tanto de fugir de Julia, mas de voltar para o Café Chestnut Tree, que nunca havia parecido tão atraente como neste momento. Ele teve uma visão nostálgica de sua mesa de canto, com o jornal e o tabuleiro de xadrez e o gin sempre a fluir. Acima de tudo, estaria quente lá dentro. No momento seguinte, não totalmente

[voltar para o índice](#)

por acaso, ele se deixou separar dela por um pequeno nó de pessoas. Ele fez uma tentativa sem convicção de alcançá-la, depois abrandou, virou-se e saiu na direção oposta. Depois de cinquenta metros, olhou para trás. A rua não estava lotada, mas ele já não conseguia distingui-la. Qualquer uma de uma dúzia de figuras apressadas poderia ter sido dela. Talvez o seu corpo espesso e rígido não fosse mais reconhecível por trás.

**“Na hora em que isso acontece”,** ela disse, **“você está falando sério”**. Ele tinha falado sério. Ele não tinha dito por dizer, ele tinha desejado que fosse com ela. Ele queria que ela, e não ele, fosse entregue aos....

Alguma coisa mudou na música emitida pela teleretela. Uma nota rachada e zombeteira, uma nota amarela, entrou nela. E então – talvez não estivesse acontecendo, talvez fosse apenas uma memória tomando a semblante do som – uma voz estava cantando:

[voltar para o índice](#)

Debaixo da castanheira espalhada

Eu vendi você e você me vendeu...

As lágrimas brotaram em seus olhos. Um garçom que passava notou que seu copo estava vazio e voltou com a garrafa de gin.

Ele pegou seu copo e farejou-o. A substância não melhorava enquanto bebia, ela piorava. Mas havia se tornado o elemento em que ele nadava. Era a sua vida, sua morte e sua ressurreição. Era o gin que o afundava em estupor a cada noite, e o gin que o reavivava a cada manhã. Quando ele acordou, raramente antes de onze centenas, com as pálpebras coladas e a boca inflamada e as costas que pareciam estar quebradas, teria sido impossível até mesmo sair da posição horizontal se não tivesse sido pela garrafa e pela xícara de chá colocada ao lado da cama durante a noite. Durante o meio-dia, ele se sentava com o rosto vidrado, a garrafa à mão, ouvindo a teletela. Das quinze até a hora de fechar, ele era um cliente regular do Chestnut

[voltar para o índice](#)

Tree. Ninguém mais se importava com o que ele fazia, nenhum apito o acordava, nenhum telescópio o advertia. Ocasionalmente, talvez duas vezes por semana, ele ia a um escritório empoeirado e de aparência esquecida no Ministério da Verdade e fazia um pequeno trabalho, ou algo que chamavam de trabalho. Ele havia sido nomeado para um sub-comitê de um sub-comitê que brotou de um dos inúmeros comitês que lidavam com pequenas dificuldades que surgiram na compilação da Décima Primeira Edição do Dicionário da Novalíngua. Eles estavam empenhados em produzir algo chamado Relatório Provisório, mas o que eles estavam relatando era que ele nunca havia descoberto definitivamente. Tinha algo a ver com a questão de se as vírgulas deveriam ser colocadas dentro de parênteses, ou fora. Havia outros quatro membros no comitê, todos eles pessoas semelhantes a ele. Houve dias em que eles se reuniram e logo se dispersaram novamente, admitindo francamente uns aos outros que não havia realmente nada a ser feito. Mas houve outros dias em que eles se acomodaram ao seu trabalho quase avidamente, fa-

[voltar para o índice](#)

zendo um tremendo espetáculo de entrar em suas atas e redigindo longos memorandos que nunca foram terminados – quando a discussão sobre o que eles supostamente estavam discutindo se tornou extraordinariamente envolvida e obscura, com regateios sutis sobre definições, enormes digressões, brigas, ameaças, até mesmo, para apelar para uma autoridade superior. E de repente a vida saía deles e eles se sentavam à mesa olhando uns para os outros com olhos extintos, como fantasmas desvanecendo-se no galo do galo.

A teletela ficara em silêncio por um momento. Winston levantou a cabeça novamente. O boletim! Mas não, eles estavam apenas mudando a música. Ele tinha o mapa da África atrás de suas pálpebras. O movimento dos exércitos era um diagrama: uma flecha preta rasgando verticalmente para o sul, e uma flecha branca horizontalmente para o leste, através da cauda da primeira. Como que para tranquilizar, ele olhou para a face imperturbável no retrato. Era concebível que a segunda flecha nem sequer existisse?

[voltar para o índice](#)

Seu interesse voltou a sinalizar. Ele bebeu outra boca cheia de gim, pegou o cavalo branco e fez um movimento provisório. Confira. Mas evidentemente não foi a jogada certa, porque...

Sem ser chamada, uma memória flutuava em sua mente. Ele viu um quarto iluminado por velas com uma vasta cama branca, e ele mesmo, um garoto de nove ou dez anos, sentado no chão, sacudindo uma caixa de dados, e rindo com entusiasmo. Sua mãe estava sentada em frente a ele e também ria.

Deve ter sido cerca de um mês antes de ela desaparecer. Foi um momento de reconciliação, em que a fome incômoda em sua barriga foi esquecida e seu afeto anterior por ela havia se reavivado temporariamente. Ele se lembrou bem do dia, um dia de chuva, um dia de encharcamento, quando a água corria pelo vidro da janela e a luz dentro de casa era muito baixa para se ler. O tédio das duas crianças no quarto escuro e apertado tornou-se insuportável. Winston chorou e urinou, fez exigências fúteis por comida, se ocupando com ba-

[voltar para o índice](#)

gunçar o quarto, puxando tudo para fora do lugar e chutando o rodapé até os vizinhos baterem na parede, enquanto a irmã mais nova chorava intermitentemente. No final, sua mãe disse: “Se você se comportar, vou comprar um brinquedo para você. Um brinquedo lindo, você vai adorar”; e então ela saiu debaixo da chuva, para uma pequena loja geral que ainda estava aberta esporadicamente por perto, e voltou com uma caixa de papelão contendo um conjunto de Serpentes e Escadas. Ainda conseguia se lembrar do cheiro do papelão úmido. Era um conjunto miserável. A tábua estava rachada e os minúsculos dados de madeira estavam tão mal cortados que dificilmente ficariam deitados de lado. Winston olhou para a coisa de forma amuada e sem interesse. Mas então sua mãe acendeu um pedaço de vela e eles se sentaram no chão para jogar. Logo ele ficou muito animado e gritou com gargalhadas enquanto os bonecos subiam, esperançosos, pelas escadas e depois desciam novamente por causa das serpentes, quase até o ponto de partida. Eles jogaram oito vezes, ganhando quatro cada um. Sua irmãzinha, muito jovem para

[voltar para o índice](#)

entender o que era o jogo, havia se sentado contra um reforço, rindo porque os outros estavam rindo. Durante uma tarde inteira eles tinham sido todos felizes juntos, como em sua infância anterior.

Ele tirou o quadro de sua mente. Era uma memória falsa. Ocasionalmente, ele ficava perturbado com lembranças falsas. Elas não importavam, desde que se as conhecesse pelo que eram. Algumas coisas tinham acontecido, outras não tinham acontecido. Ele voltou-se para o tabuleiro de xadrez e pegou o cavaleiro branco novamente. Quase no mesmo instante, ele caiu sobre o tabuleiro com um ruído. Ele tinha começado como se um pino tivesse se cruzado com ele.

Uma estridente chamada de trombeta tinha perfurado o ar. Era o boletim! A vitória! Sempre significava vitória quando uma chamada de trombeta precedia a notícia. Uma espécie de furadeira elétrica percorreu o café. Até os garçons tinham parado e ficado atentos.

[voltar para o índice](#)

A chamada de trombeta havia soltado um enorme volume de barulho. Já uma voz excitada estava tagarelando da teletela, mas mesmo quando começou, estava quase afogada por um rugido de aplausos do exterior. A notícia tinha corrido pelas ruas como mágica. Ele podia ouvir o suficiente do que era emitido pelo telescópio para perceber que tudo havia acontecido como ele havia previsto; uma vasta armada marítima havia montado secretamente um golpe repentino na traseira do inimigo, a flecha branca rasgando a cauda do preto. Fragmentos de frases triunfantes empurraram-se através do barulho: ***“Vasta manobra estratégica – coordenação perfeita – rota total – meio milhão de prisioneiros – desmoralização completa – controle de toda a África – trazem a guerra a uma distância mensurável de sua vitória final – a maior vitória da história humana – vitória, vitória, vitória”!***

Sob a mesa os pés de Winston fizeram movimentos convulsivos. Ele não havia se mexido de seu assento, mas em sua mente estava correndo, correndo rapidamente, estava com as multidões do

[voltar para o índice](#)

lado de fora, aplaudindo a si mesmo surdo. Ele olhou novamente para o retrato do Grande Irmão. O colosso que transpunha o mundo! A rocha contra a qual as hordas da Ásia se atiraram em vão! Ele pensou como há dez minutos – sim, apenas dez minutos – ainda havia equívocos em seu coração enquanto se perguntava se as notícias da frente seriam de vitória ou de derrota. Ah, era mais do que um exército eurasiático que havia perecido! Muito havia mudado nele desde aquele primeiro dia no Ministério do Amor, mas a mudança final, indispensável, curativa, nunca havia acontecido, até este momento.

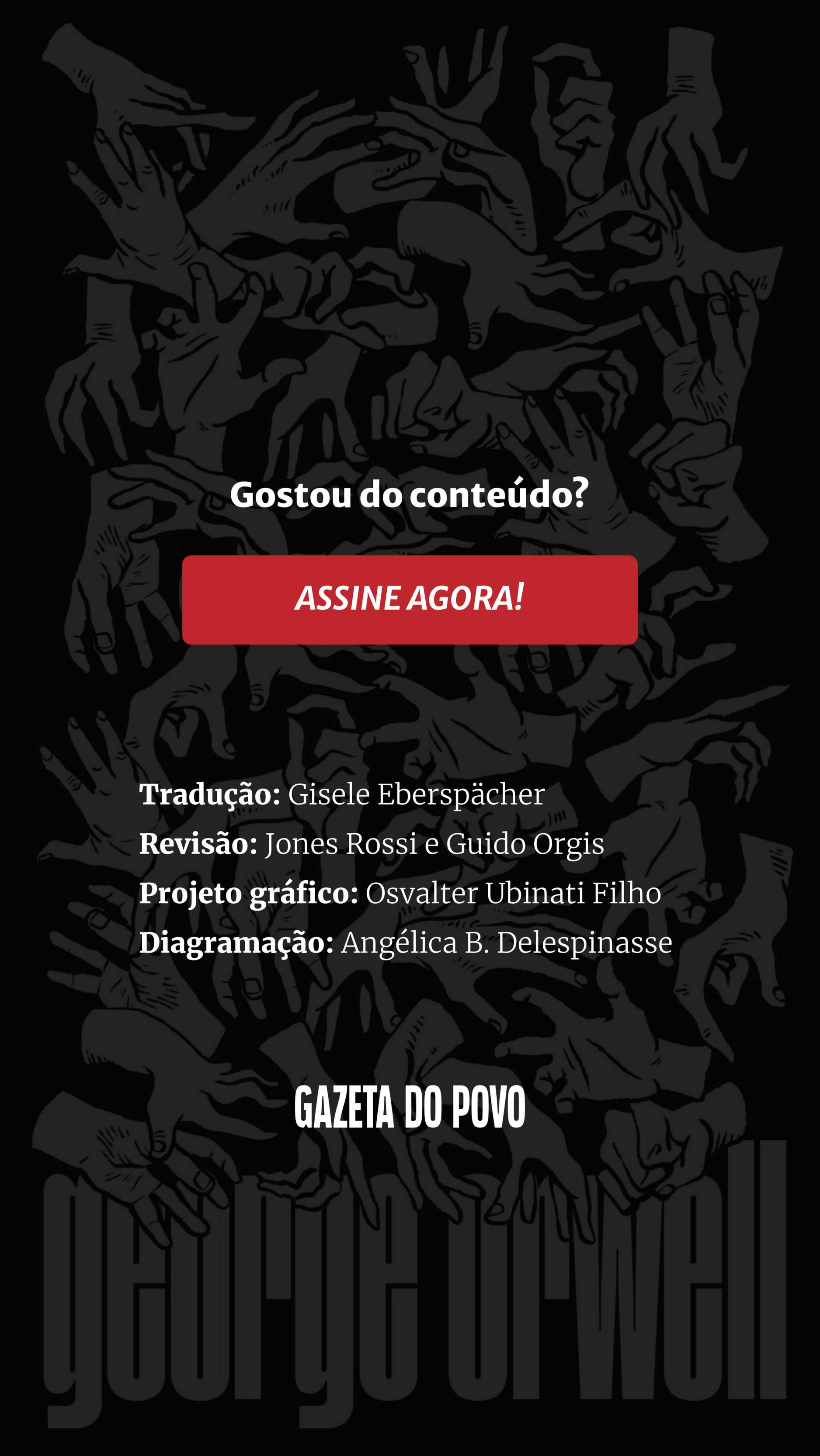
A voz da teletela ainda estava derramando sua história de prisioneiros e saque e massacre, mas os gritos do lado de fora haviam diminuído um pouco. Os garçons estavam voltando ao seu trabalho. Um deles se aproximou com a garrafa de gin. Winston, sentado em um sonho feliz, não prestou atenção enquanto enchiam seu copo. Ele não estava mais correndo ou torcendo. Ele estava de volta ao Ministério do Amor, com tudo perdoado, sua alma

[voltar para o índice](#)

branca como a neve. Ele estava na doca pública, confessando tudo, implicando a todos. Estava andando pelo corredor branco, com a sensação de caminhar sob a luz do sol, e um guarda armado às costas. A bala, há muito esperada, estava entrando em seu cérebro.

Ele olhou para o enorme rosto. Quarenta anos haviam sido necessários para ele aprender que tipo de sorriso estava escondido sob o bigode escuro. Ó mal-entendido cruel e desnecessário! Ó teimoso, exilado obstinado do peito amoroso! Duas lágrimas perfumadas de gin corriam pelo seu nariz. Mas estava tudo bem, tudo estava bem, a luta estava terminada. Ele havia conquistado a vitória sobre si mesmo. Ele amava o Grande Irmão.

[voltar para o índice](#)



**Gostou do conteúdo?**

***ASSINE AGORA!***

**Tradução:** Gisele Eberspächer

**Revisão:** Jones Rossi e Guido Orgis

**Projeto gráfico:** Osvalter Ubinati Filho

**Diagramação:** Angélica B. Delespinasse

**GAZETA DO POVO**

**gostou do conteúdo?**